J. M. S. Daurignac

SANTO INÁCIO DE LOYOLA

Fundador da Companhia de Jesus

- VIDA DE SANTO INÁCIO DE LOYOLA

J. M. S. Daurignac

SANTO INÁCIO DE LOYOLA

Fundador da Companhia de Jesus

Índice Geral

- PRIMEIRA PARTE: CORTESÃO E GUERREIRO, 1491 - 1522
- SEGUNDA PARTE: MENDIGO E PEREGRINO, 1522-1524
- TERCEIRA PARTE: MESTRE E DISCÍPULO, 1524-1534
- QUARTA PARTE: FUNDADOR DA COMPANHIA DE JESUS, 1534-1541
- QUINTA PARTE: GERAL DA COMPANHIA DE JESUS, 1541 - 1556
- NOTAS

- Índice Anterior

PRIMEIRA PARTE

CORTESÃO E GUERREIRO

1491 - 1522

Índice

I. INFÂNCIA E JUVENTUDE

II. NO CAMPO DE BATALHA

III. CONVALESCENÇA DOLOROSA

IV. A CONVERSÃO

TERCEIRA PARTE

MESTRE E DISCÍPULO

1524-1534

Índice

I. OS PRIMEIROS ESTUDOS

II. EM ALCALÁ DE HENARES

III. NOVAS CONTRADIÇÕES

IV. EM SALAMANCA

V. PRIMEIROS TEMPOS EM PARIS

VI. MAIS CONTRADIÇÕES

VII. NO COLÉGIO DE SANTA BÁRBARA

VIII. EM BUSCA DE PECADORES

IX. OS PRIMEIROS DISCÍPULOS

X. NOVOS DISCÍPULOS

XI. VOTOS EM MONTMARTRE

- Índice Anterior

QUARTA PARTE

FUNDADOR DA COMPANHIA DE JESUS

1534-1541

Índice

I. UMA ASSOCIAÇÃO SECRETA

II. A CAMINHO DA TERRA NATAL

III. PREGAÇÕES E CONVERSÕES

IV. NO CASTELO DOS SEUS ANTEPASSADOS

V. VIAGEM TEMPESTUOSA

VI. VIAGEM TEMPESTUOSA

VII. A CAMINHO DE ITÁLIA

VIII. REUNIÃO DE MESTRE E DISCÍPULOS

IX. O DISCÍPULO TENTADO

X. NA CIDADE ETERNA

XI. UMA NOVA ORDEM

XII. ADVERSÁRIOS VENCIDOS

XIII. SOCORRO DOS CORPOS E DAS ALMAS

XIV. PLANO DAS CONSTITUIÇÕES

QUINTA PARTE

GERAL DA COMPANHIA DE JESUS

1541 - 1556

Índice

I. INÍCIOS DA ATIVIDADE GENERALÍCIA

II. FRAGMENTOS DO DIÁRIO ESPIRITUAL DE SANTO INÁCIO [/52]

III. EXPANSÃO MARAVILHOSA E INCIDENTES DOMÉSTICOS

IV. OBRAS DE CATEQUESE E REGENERAÇÃO

V. CRITÉRIO SINGULAR DE GOVERNO

VI. OS DISCÍPULOS PELO MUNDO

VII. DESENVOLVIMENTO DA COMPANHIA

VIII. O CORAÇÃO DO SANTO

IX. RENÚNCIA AO GENERALATO

X. RENÚNCIA AS DIGNIDADES E INCIDENTES DOMÉSTICOS

XI. O DOMÍNIO DE SI MESMO

XII. CONFIANÇA NA PROVIDENCIA

J. M. S. Daurignac

SANTO INÁCIO DE LOYOLA

Fundador da Companhia de Jesus

PRIMEIRA PARTE

CORTESÃO E GUERREIRO

(1491 - 1522)

I. INFÂNCIA E JUVENTUDE

D. Beltrão Yánez de Onaz y Loyola, descendente duma das mais ilustres e das mais antigas famílias da Biscaia, havia esposado D. Marina Sáenz de Licona y Balda, que pertencia à mesma província e cujo nascimento e virtudes a tornavam digna desta nobre aliança.

Deus havia-lhe dado já sete filhos e três filhas quando Inácio veio ao mundo, pelos anos de 1491[1], no castelo de Loiola, artigo solar da família [2]. Sabendo que era mãe dum oitavo filho, D. Marina ergueu os olhos ao céu, e lançando-os em seguida para seu marido, disse-lhe:

- Deus queira que este querido filho tenha disposições menos belicosas que seus irmãos, e que possamos educa-lo e conserva-o a nosso lado.

- Oxalá, - respondeu Beltrão - que este tenha gosto pelo estudo.

- Deus o queira ! - repetiu a nobre castelã - mas não me acostumarei a essa idéia, porque tenho muitas vezes espetado em vão.

O filho predestinado foi baptizado na igreja de S. Sebastião, sua freguesia [3], em Azpeitia, e não levou muito tempo a demonstrar que sua mãe tivera razão em não confiar nas pacificas inclinações,

que tanto desejava nele.

Desde os primeiros anos, Inácio mostrou-se mais vivo, mais turbulento, mais arrebatado ainda que seus irmãos; e, apesar das suas ratas qualidades de espirito e de coração, foi impossível acadimá-lo ao estudo. Não ouvindo falar senão de cercos e de assaltos, de batalhas e de vitórias, de altos feitos e de brilhantes renomes, cresceu com o desejo de cingir um dia uma espada e de se distinguir por sua vez em proezas guerreiras.

O duque de Nájera, que gozava de grande favor na corte e era próximo parente de D. Beltrão, tinha afeto paternal a Inácio. A natureza franca, o coração leal, a alma ardente e generosa deste menino tinham para ele os maiores encantos; até os seus arrebatamentos e a sua altivez precoce lhe não desagradavam.

- Bravo! rapaz, - lhe dizia algumas vezes - a historia militar de Espanha há-de registar um dia o teu nome.

- Ah! - murmurava docemente D. Marina - não repara, senhor duque, no coração da pobre mãe De todos os meus filhos, não terei a consolação de conservar nenhum junto de mim. O mais velho já está exposto a todos os perigos da guerra` - e os outros seguir-lhe-ão brevemente o exemplo.

- Compreendo a sua dor e solicitude - lhe dizia o duque; mas, em Espanha como em França, nobreza obriga.

D. Marina não chegou a experimentar a dor que tanto temia. Deus não tardou a chamá-la a Si, e Inácio foi confiado a sua tia, D. Maria de Guevara, que habitava Arévalo, perto de Avila, e que o educou como se fora seu filho. Alguns anos mais tarde, o duque de Najera, seu tio, grande de Espanha, fê-lo admitir na escola dos pajens do rei [4].

Fernando, o Católico, encantado com a sua graça, inteligência e beleza, testemunhou-lhe desde logo uma preferência, que le atraiu a dos cortesãos. A vaidade do belo pajem cresceu um pouco, mas dominando esta fraqueza a nobreza do meu coração e a delicadeza dos seus sentimentos, soube fazer-se amar de todos, até daqueles que o invejavam.

Terminada a sua educação, Inácio de Loiola não abandonou a corte. Ausentava-se de tempos a tempos para fazer os seus primeiros ensaios na carreira das armas sob a direção do duque de Najera, mas voltava após cada campanha e fixava a sua residência na corte. Um interesse do coração o atraía no palácio dos soberanos: Inácio rendia homenagens a uma princesa, de que a história nos oculta o nome, e não era repelido [5]. Mas a distância não podia ser transposta: Inácio não podia esperar uma aliança com uma princesa de sangue; limitava-se, por isso, a usar as suas cores e dar por vezes uma cutilada àqueles que ousavam falar da sua temeridade ou recusar à princesa a palma da formosura.

Entretanto Carlos V tinha sucedido a Fernando, o Católico; a guerra havia rebentado no exterior em alguns pontos ao mesmo tempo; e, no interior, as principais províncias de Espanha, ciosas da sua antiga independência, tentavam reconquistá-la com as armas na mão. Este estado de rebelião contínua exigia, em diversos lugares, a presença dum exército forte e aguerrido, dirigido por oficiais distintos e de experimentada fidelidade. O Duque de Nájera, D. António Manrique, comandava um desses corpos de exército.

Inácio continuava na corte, e, se se batia, era em duelo, todas as vezes que se lhe oferecia ocasião.

Um dia recebem-se no palácio notícias do exército de Nápoles e sabe-se que os filhos de Beltrão de Oñaz se distinguem com igual valor. Inácio envergonha-se da sua inação e pede ao duque de Nájera uma companhia de homens de armas, que ele se propõe conduzir à vitória. A sua ardente e poética, imaginação sonha com a glória de se assinalar também com esplendor e de voltar em seguida a depor aos pés da princesa, de que se constituiu cavaleiro, os louros colhidos no campo da honra. D. Antônio acede com alegria ao desejo do seu sobrinho, dá-lhe uma companhia no corpo que está sob suas ordens, e D. Inácio abandona a corte, prometendo não entrar lá de novo senão como vencedor. Tinha então vinte e seis anos.

Neste momento os castelhanos caiam sobre a Biscaia e acabavam de se apoderar de Nájera. D. Antônio Manrique marcha sobre aquela cidade e põe-lhe cerco; Inácio acompanha-o. Os sitiados defendem-se tão vigorosamente como são atacados; têm provisões consideráveis e receia-se que o cerco seja assaz longo. Inácio, que

já tinha mostrado prodígios de coragem, de inteligência e de habilidade, fala aos seus soldados, excita-lhes o ardor, é o primeiro a subir ao assalto e toma a praça no meio dos aplausos do exército. Esta glória não lhe basta: a cidade é entregue à pilhagem, a mais rica parte do saque é para o jovem capitão, cuja valentia decidiu da vitória; o nosso herói recusa-a e abandona-a à sua companhia. Este duplo rasgo de desinteresse e de generosidade é acolhido por aclamações entusiásticas dos oficiais e dos soldados.

Inácio de Loiola era certamente sensível aos testemunhos de estima e admiração que recebia; mas somos forçados a confessar que, no meio deste triunfo, um pensamento o preocupava singularmente. Era compor uns versos destinados a oferecer aquela gloriosa vitória à princesa, cujas cores usava: assim o pediam os costumes da época e o uso da corte onde Inácio fora educado.

Depois da pacificação de Castela, Inácio voltou a Valência e achou a mais bela recompensa nos elogios que lhe fizeram nas felicitações que recebeu. Depois de longa permanência na sorte, abandonou-a de novo para se dirigir aonde a honra o chamava

Sendo D. Antônio Manrique, vice-rei de Navarra, obrigado a Ir tomar posse do seu governo, Inácio seguiu-o com uma parte dos seus homens de armas. Não levou muito tempo que um correio não viesse anunciar a D. Antônio que o Conde de España, André de Foix, marchava sobre a Espanha, à frente dum corpo de exército considerável.

O vice-rei dirigiu-se a toda a pressa à província de Castela pata procurar ali um reforço de tropas navarras, e deixou o comando das tropas de Pamplona a seu sobrinho, no momento em que os franceses desciam os Pirenéus para reconquistar a Navarra espanhola em nome de Henrique de Albret.

-

- Posterior

II. NO CAMPO DE BATALHA

Aceitando o cargo que o vice-rei impusera à sua honra, o nobre Inácio de Loiola praticou um ato heróico de dedicação à Espanha e ao seu soberano.

A Navarra, sempre independente, e governada pelos seus reis hereditários havia setecentos anos, tinha sido conquistada por Fernando, o Católico, em 1512, e era então uma província espanhola. Os navarros, sofrendo com pesar a humilhante posição em que se achavam, lançavam frequentes vezes os olhos para além dos Pirenéus, e chamavam com todos os seus votos Henrique de Albret, filho e herdeiro de D. João III, que Fernando tinha destronado e espoliado pelo direito da força. Além disso, o restabelecimento da monarquia navarra e a restituição deste reino ao seu legítimo soberano tinham-lhes sido solenemente garantidos pelo tratado de Noyorl, e Carlos V havia faltado à promessa. Nestas condições o nosso herói poderia esperar que a guarnição, quase inteiramente composta de soldados e oficiais navarros, o secundaria um só instante ao primeiro ataque dos franceses? Poderia contar também com as tropas que D. Antônio Manrique fora buscai? E não seria para recear que todas as populações fossem com alegria ao encontro dos franceses e os acolhessem como libertadores?

Inácio de Loiola, via, com um só volvei de olhos, todas as dificuldades, todos os perigos da situação. Sabia que em caso de ataque antes da chegada do vice-rei, seria impossível vencer; mas sabia também que lhe seria possível morrer combatendo, e tinha aceitado a morte, prometendo vender caro a vida.

Os navarros receberam efetivamente com satisfação 0 exército que se apresentava em nome de Henrique de Albret; em todo o caminho, a marcha dos franceses não encontrou obstáculos e parecia um triunfo. No dia z 8 de Maio, véspera Pentecostes, cercaram Pamplona, que não tinha ainda recebido nenhum reforço e o não podia esperar antes de alguns dias.

As autoridades civis pediram ao comandante da praça que se rendesse e não tentasse nenhuma resistência, porque não tinha força suficiente para defender a cidade contra um exército tão numeroso. Os oficiais da guarnição uniram-se aos habitantes da

cidade e todos a uma voz pediram a rendição da praça nas condições impostas pelo chefe do exército francês [6]:

- O vice-rei não pode estar de volta antes da tonada da praça, - diziam os antigos capitães; para que servirá o sangue espalhado numa defesa impossível?

- Henrique de Albret é nosso rei legítimo, - exclamava o povo. Não queremos defesa! Abramos as portas ao conde de Esparra!

- Viva Henrique de Albret! - exclamavam os soldados gavarros. Viva o rei de Navarra! Viva o exército francês!

O governador da cidadela propõe também a evacuação imediata. Inácio de Loiola é o único de opinião contrária; só ele se opõe, em nome da honra, em nome do soberano, a entregar a praça ao inimigo. Fala ao povo e aos soldados; censura aos oficiais a sua fraqueza e quer fazer-lhes compreender que podem esperar da severidade do vice-rei e da indignação de Carlos V. Vãos esforços! Aquela voz amada parece desconhecida de todos; glacial silêncio responde ao seu entusiástico apelo; ninguém se quer opor à entrada dos franceses, a o nobre Inácio tem a dor de ver abrirem-se para os soldados franceses as portas da praça, que ele se comprometera a defender ate á morte.

Retira-se então para a cidadela; é ali que esperará o inimigo e lhe provará que há, pelo menos, um homem de coração na guarnição desta fortaleza. Mas o governador quer parlamentar e vai descer à cidade com os seus mais antigos oficiais. Inácio teme as condições do vencedor; quer conhecê-las e acompanha os oficiais. André de Foix propõe uma capitulação vergonhosa, que o governador está disposto a assinar. Inácio encara altivamente os dois, e, dirigindo-se aos oficiais que estavam a distância

- Senhores,- disse - se me deixarem só na defesa da cidadela, defendê-la-ei até à última gota do meu sangue! A história não dirá à posteridade que entrego a minha espada artes de a tirar da bainha. Quem de vós me seguirá neste caminho da honra?

- Eu ! eu ! meu valente comandante! - exclamaram ao mesmo tempo alguns valorosos oficiais.

- Pois bem! - replicou o nosso herói -não capitulemos! Subamos à cidadela e saibamos morrer como valentes! Viva o imperador Carlos V!

- Viva o imperador! - repetiram os oficiais e soldados de Inácio. Viva o nosso valente comandante!

D. Inácio de Loiola, seguido dos seus poucos companheiros, encerrou-se na fortaleza e esperou o inimigo. Não tem ali sacerdote algum: pede a um fidalgo, seu irmão de armas, que ouça a sua confissão, e confessa os seus pecados àquele guerreiro com verdadeiro sentimento de humildade, porque sabe que pode estar morto daí a algumas horas [7].

No dia seguinte, 20 de Maio, segunda-feira de Pentecostes, ao romper do dia, os franceses começam o ataque.

O valente Inácio está nas trincheiras, e, com a palavra e com o exemplo, anima os seus, que se defendem com igual ardor. Os inimigos sobem ao assalto; Inácio repele-os à medida que se apresentam. A artilharia francesa troa formidavelmente, mas a coragem de Inácio não se quebranta; os inimigos continuam a cair sob os seus golpes e enchem o fosso com os seus cadáveres.

Os chefes do exército francês admiram a valentia e habilidade do jovem oficial, que só por si vale uma companhia de velhos guerreiros, e sentem que ele não seja dos seus.

Entretanto, a artilharia redobra as suas espantosas descargas contra o bastião defendido pelo nosso herói. É abatido um lanço da muralha, uma lasca de pedra fere Inácio na perna esquerda a, e ao mesmo tempo uma bala de canhão, lançada contra a muralha oposta, ricocheteia e quebra-lhe a perna direita. O valente Inácio cai gloriosamente no meio dos seus soldados. Estes, desanimados com a perda do seu chefe, depõem as armas e entregam a fortaleza aos vencedores [8].

Inácio transportado ao quartel general dos franceses, é ali tratado como herói, prodigalizando-lhe todos os maiores cuidados. O conde de Esparra manda pedir-lhe a honra de lhe apertar a mão e de o felicitar pelo seu nobre procedimento e altos feitos; D. Inácio recebe-o. Mas vendo-o, diz-lhe:

Senhor, deixaram-me a espada e contudo eu sou vosso prisioneiro.

- Um oficial do merecimento de V. Ex.a nunca é vencido - lhe respondeu André de Foix; V. Ex.a é livre e não ficará junto de nós senão o tempo indispensável para curar as suas gloriosas feridas. Entretanto, aceite a minha amizade e honre-me com a sua.

- Da melhor vontade, senhor, - lhe disse o nobre ferido apertando-lhe a mão; - e visto que a sua generosidade me trata como irmão de armas e não como prisioneiro, permita-me que lhe exprima um desejo.

- Fale, senhor; dou-lhe a minha palavra de honra de que o que eu puder fazer para ser-lhe agradável, o farei.

- O vice-rei de Navarra é meu parente e meu segundo pai, - disse Inácio. Ele marcha sobre Pamplona com o exército destinado a repelir-vos; peço-vos que lhe envieis um dos seus oficiais a informá-lo de que o serdes vós senhor da praça e da fortaleza é sinal de que eu caí como homem de honra.

- Como herói! - acrescentou o conde abraçando cordialmente o seu novo amigo.

Alguns dias depois, tendo os cirurgiões declarado que Inácio podia ser transportado sem perigo, André de Foix disse-lhe

- Chegou o momento de nos separarmos, com grande pesar meu; mas V. Ex.a será melhor e mais agradavelmente tratado no seio da família. Mandei preparar uma boa liteira; os soldados de V. Ex.a o conduzirão e escoltarão; a sua gente segue-o; todos aqueles que lhe pertencem são livres. Confesso que esta separação me é penosa e faço votos para que as nossas espadas não mais tenham que cruzar-se.

- Desejo-o tanto como vós, - lhe respondeu o nosso herói; mas se os nossos soberanos, a quem Deus guarde, se puseram em frente um do outro, não ouvirei, juro-vo-lo, outra voz senão a da honra e do dever!

- E isso é digno de V. Ex:a! E eu também espero ser fiel à divisa do

rei de França: "Faze o que deves, suceda o que suceder".

- Salvo a honra, , caro conde, para a vida e para a morte !

Os dois cavaleiros abraçaram-se, e Inácio foi colocado alguns instantes depois numa liteira e levado ao castelo de Loiola, pouco distante de Pamplona.

- Anterior
-

- Posterior

III. CONVALESCENÇA DOLOROSA

A morte tinha passado pela casa de Loiola: D. Beltrão de Yáñez deixara de existir. D. Martim Garcia, seu primogênito tornara-se chefe da família, abandonara a corte e o serviço no exército, casara-se e vivia retirado no lato do Loiola. Desde a tomada de Pamplona, enviava todos dias um mensageiro a informai-se de Inácio, sabia que o jovem herói lhe seria entregue logo que os homens da ciência julgassem em estado de ser transportado e contava impacientemente os dias.

Inácio chegou enfim. Os médicos, que o esperavam no castelo declararam, depois de lhe terem examinado cuidadosamente a perna direita, da qual sofria muito, que ela fora mal curada.

- Deixando-a assim, - acrescentaram eles - o Sr. comandante sofrerá sempre dela e ficará defeituoso.. . - E que é necessário fazer para evitar essa desgraça? - perguntou Inácio.

- É necessário quebrar o calo já formado, quebrar a perna de novo, unir as partes do osso e depois aplicar o aparelho.

- Pois bem, - respondeu o valente guerreiro - quebrem-na já; não quero ficar disforme.

Meteram mãos à obra. Inácio suportou esta longa e dolorosa operação sem deixar escapar uma só queixa; mas no dia seguinte sobrevieram-lhe uma febre ardente e sofrimentos do estômago que nada pôde acalmar. A doença fez progressos alarmantes; Inácio compreendeu-o.

- Doutor, - disse ele ao médico - sinto-me muito mal, quero morrer como fidalgo cristão; que pensa do meu estado?

- Senhor... Penso que na idade de V. Ex.a deve sempre esperar-se a cura.

O doente não interrogou mais o doutor e preparou-se para a morte. No dia 28 de junho, D. Garcia, aterrado com o enfraquecimento de seu irmão, comunicou ao médico as suas apreensões

- Ah! senhor, - lhe respondeu o doutor - é infelizmente verdade que não tenho esperança alguma!... A não sobrevir uma crise favorável, o que não espero, o Sr. comandante não passará da noite próxima.

- Hoje é a véspera dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, - replicou D. Garcia enxugando as lágrimas, que, a seu pesar, lhe banhavam as faces; - oremos para que no-lo conservem I D. Ínigo compôs, no ano passado, um poema em honra de S: Pedro. Quem sabe se o príncipe dos Apóstolos lhe será propício em recordação desta homenagem?

Inácio também sentia a morte aproximar-se; pediu e recebeu os últimos sacramentos na tarde desse mesmo dia, no meio das lágrimas e dos soluços de sua família e das pessoas que o estimavam. Pela meia-noite, adormeceu placidamente, com grande admiração daqueles que esperavam o seu derradeiro suspiro, e viu em sonho o Apóstolo S. Pedro colocar a sua mão sobre ele e curá-lo. Quando despertou, todo o perigo tinha desaparecido; poucos dias depois, a saúde e as forças voltaram-lhe. Levantou-se o aparelho da perna esquerda... Viu-se então que as partes do osso partido se tinham deslocado, estavam disjuntas, uma sobre a outra, formavam uma saliência, os nervos se tinham estendido a todo o comprimento do membro, e, enfim, essa perna ficara mais curta que a outra. Tal descoberta consternou todos os corações.

O belo Inácio de Loiola, um dos senhores da corte considerados como mais elegantes, aquele cujas homenagens eram mais graciosamente acolhidas pelas damas da rainha e pelas próprias princesas; esse brilhante cortesão, tão elogiado e tão procurado, era, agora apenas um homem disforme e coxo.

Inácio, depois de tantos triunfos, não pôde aceitar esta disformidade antes de tentar todos os meios para a fazer desaparecer:

- Não quero esta saliência acima do joelho, disse aos cirugiões. Que espécie de bota poderia eu calçar assim? Não quero. Façam uma abertura suficiente para pôr o osso a descoberto e arranquem toda a protuberância.

- Senhor, - responderam os cirurgiões - V. Ex.a não pode suportar tais sofrimentos. Seria necessário serrar o osso!

-Pois bem, serre-se!

Mas, senhor, todos os sofrimentos que V. Ex.a sofreu nas operações precedentes, não são nada em comparação desses.

- Isso é comigo; convosco é tirar-me este aleijão.

Inácio pronunciou estas últimas palavras num tom tão imperativo que os médicos não ousaram replicar. E acrescentou:

- Mandem fazer uma máquina que possa forçar este membro encolhido a retomar o seu comprimento natural; não quero ficar coxo.

- Senhor, admiro a coragem de V. Ex.a - disse-lhe o seu médico ; - porque o que me pede é um instrumento de martírio, é um suplicio real! Por Deus, reflita V. Ex.a...

- Custe o que custar, não quero ficar disforme nem enfermo. Tome as suas medidas; quanto a mim, estou pronto.

D. Garcia advertido pelos cirurgiões da resolução de Inácio, procurou, mas em vão, fazê-lo mudar de parecer:

- Meu senhor e irmão, - lhe respondeu energicamente o jovem cortesão - permita-me que lhe diga, com todo o respeito devido ao chefe da casa, que não é aos trinta anos que se renuncia facilmente à corte, à guerra, a tudo o que constitui o prazer e a glória da vida.

- Podeis viver feliz conosco, meu caro Ínigo.

- Na minha idade? Não, senhor; tenho apego aos hábitos que tomei. Ainda que as torturas com que me ameaçam fossem mil vezes mais dolorosas, não hesitaria em submeter-me a elas. Que é a dor comparada com todas estas desvantagens?

Foram forçados a ceder. Estando feitos todos os preparativos, quiseram ligar o paciente para operar aquela perna, cuja saliência devia desaparecer.

- Ligar-me? - exclamou o corajoso guerreiro - ligar-me como um louco ou uma criança? Não, não, fiquem tranqüilos; não me mexerei.

No momento de fazer a primeira incisão, o operador empalideceu, porque sabia o que Inácio ia sofrer.

- Coragem, doutor! - lhe disse o nosso herói; faça de conta que está a operar um cadáver.

A operação foi longa e é fácil compreender quanto seria dolorosa. Inácio não soltou um só grito, não se queixou, não empalideceu!

- Que admirável coragem! - disse-lhe seu irmão quando tudo estava terminado; - vistes serrar esse osso como se ele fosse de outra pessoa. Pergunto a mim mesmo se eu não sofri mais que vós.

- Tenho tanto empenho em não ficar defeituoso! respondeu-lhe. Como poderia, sem fazer a operação, trazer as botas que são de uso na corte? Era necessário fazer este sacrifício à elegância.

Curado desta operação, e tendo a chaga cicatrizada, entregou-se ao suplício da máquina de ferro, destinada a distender-lhe a perna; devia ser torturado daquele modo durante alguns meses, sem outra ocupação que a dos seus sofrimentos e sem outra distração que as conversas da família. Inácio pensava rios prazeres da corte e sonhava com a sua princesa, pela qual, sobretudo, ele se impunha dores tão cruéis; ao menos queria persuadir-se disso, e pensava em descrever-lhe em versos pomposos tudo o que tinha sofrido para evitar a desgraça de lhe desagradar. Todavia, devemos confessá-lo, Inácio temia mais ainda a desgraça de não tornar a ser um objecto de preferência na corte, e de deixar de ser apontado pela sua elegância e porte, bem como pela sua beleza.

O tempo corria e o aborrecimento apoderava-se dele apesar dos sonhos da sua imaginação. Os romances de cavalaria, então muito em voga em Espanha, pareceram-lhe dever preencher o vácuo que se fazia sentir nas suas longas horas de isolamento e de reclusão. Divertiam-no as imaginárias aventuras de cavaleiros andantes e as suas impossíveis proezas. Esta idéia agrada-lhe; ordena que lhe tragam um desses romances. Depois de alguns instantes, o seu criado de quarto volta: -Senhor aqui está tudo o que pude encontrar. Como! Peço-te um romance e trazes-me livros de devoção? Estás doido?

- Senhor, não há outros.

- Vai do meu mando pedir a D. Garcia romances de cavalaria.

-Já fui, Senhor; D. Garcia não tem romances; S. Ex.a não tem outros livros senão estes.

Estes livros eram: a Vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, pelo frade Ludolfo, e a Flor dos Santos, ambos em língua castelhana.

- Pois bem, - disse o jovem mundano - deixa-me esses livros.

Sobrevém-lhe o tédio e o espirito de Inácio tem necessidade de alimento; à falta de melhor, aceita a leitura que, por certo, não teria escolhido.

- Ah!- dizia ele muitas vezes desde que estava de cama -, S. Pedro curou-me miraculosamente, não me resta a menor dúvida, a ele devo a vida; mas porque me deixaria coxo? Porque me obrigaria a sofrer um tratamento que me retém tanto tempo nesta imobilidade? Não compreendo! De que serviria a vida, se eu não encontrasse de novo as minhas regalias pessoais?... Antes a morte...

Assim raciocinava o homem da corte, vaidoso da sua pessoa, soberbo dos seus triunfos na sociedade, orgulhoso por natureza, ardente e generoso pelo coração, dotado das mais brilhantes faculdades, e pregado, pela vontade divina, no leito de dor, onde julgava não estar preso senão pela vontade própria, com o único fim de satisfazer a vaidade.

-

-

- Posterior

IV. A CONVERSÃO

D. Garcia não entrava no quarto do seu jovem irmão que o não encontrasse ocupado a ler ou a escrever.

- Achais interesse na vida dos Santos, caro Ínigo? - lhe disse um seu irmão.

- Sim, senhor, acho nela coisas surpreendentes, que ultrapassam tudo o que os cavaleiros imaginários têm empreendido para conquistar um nome glorioso. No primeiro momento, ou fosse por ser privado dos romances que eu desejava, ou por outra razão, este livro pareceu-me insípido. Mas forçando-me o aborrecimento a lê-lo, terminei por achar-lhe. muito interesse.

- Tanto melhor, caro Ínigo, porque esta longa reclusão é dolorosa para uma natureza tão viva como a vossa.

- Sofro menos, meu caro irmão, desde que leio este livro. Contudo, vede: condeno-me a este suplício para não perder a minha influência junto das damas da corte, ao passo que todos estes Santos teriam sofrido tudo isto, e mais ainda, só para agradarem a Deus. Eles ganharam uma eternidade de felicidade em recompensa da sua vida penitente ou do martírio que aceitaram; e eu apenas terei sorrisos de mulheres ou louvores cortesãos como única recompensa! Pergunto a mim mesmo o que me ficará de tudo isso, quando eles e eu tenhamos envelhecido?

- Sempre assim foi o mundo, meu bom Ínigo; o importante, para um fidalgo do vosso nascimento e do vosso valor, não é ser um Santo, como aqueles cuja vida estais lendo, mas portar-vos sempre com honra, e aumentar a glória que já vos mereceu a vossa valente espada.

É precisamente o que eu penso, meu caro irmão. Demais estou na idade dos triunfos, desejo-os, e ser-me-ia impossível sacrificá-los. O meu destino não é imitar estes heróis evangélicos incontestavelmente nunca serei um Santo!

Inácio não acrescentou,-só o confessou mais tarde -que tinha perguntado muitas vezes a si mesmo, ao ler a vida dos Santos,

porque não procuraria imitá-los; por que não podia fazer o que os Santos puderam; por que não procuraria, como eles glorificar a Deus na terra, com a esperança de ser um dia participante da sua glória no céu. É verdade que esses bons sentimentos eram imediatamente abafados pelos sonhos de ambição e de vaidade, e que, indo-se-lhe pouco a pouco distendendo a perna, a esperança de não ficar coxo quando saísse do seu quarto o preocupava mais que tudo. Entretanto, lia relia as grandes ações dos Santos, e, querendo conservar a recordação delas, escrevia aquelas que mais o impressionavam. Passado pouco tempo, sentiu-se muito comovido ao entregar-se a esta ocupação, e perguntou de novo a si mesmo:

- Por que não hei-de ter a coragem que tiveram os Santos? Vejo entre eles alguns que eram de estirpe tão boa como a minha; vejo-os até que se sentaram em tronos ou foram oriundos de sangue real... Por que não hei-de eu procurar a única glória que eles ambicionaram? Hoje estão eles em posse duma felicidade que os prazeres e a glória desta vida não podem dar, e têm esta felicidade garantida por toda a eternidade! Esta felicidade eterna conquistaram-na renunciando às grandezas, aos prazeres, às vaidades deste mundo, e calcando-as aos pés, para só viverem da renúncia, da oração e da mortificação... Por que me parece tão estimável o que eles tanto desprezaram?... De que lado está a razão? Onde está a verdade? Eles só procuraram a glória da eternidade; eu ambiciono a do tempo... De que lado está a sabedoria? Onde o verdadeiro e solido interesse? Tenho trinta anos, sou de nobre raça adornado de todos os dotes que agradam ao mundo. Se a minha perna ficar de novo curta quando a tirar desta máquina, eis-me forçado a afastar-me da corte e dos prazeres. da minha idade! Os meus triunfos estão, pois, dependentes dum movimento de nervos, duma ferida, duma doença, dum incidente que a coisa mais insignificante pode provocar! Eis o que vale a felicidade que o mundo pode oferecer!... Não será uma loucura procurá-la e viver para ela?"

Todas estas reflexões surgiam no espírito de D. Inácio assaltavam-no de dia e de noite e o fatigavam tanto mais quanto mais energicamente eram combatidas pelo respeito humano e pelo atrativo dos prazeres entre os quais tinha vivido até então...

- "Que se dirá na corte - perguntava ele a si mesmo - se eu não reaparecer? Crer-se-á que fiquei defeituoso até ao ridículo e que tenho vergonha de me deixar ver... Ou pensar-se-á que perdi Pamplona por culpa minha... Acusar-me-ão de inabilidade, dirão que

me envergonho daquela, derrota e que fugi por cobardia... Se se escrevesse assim a história!..."

A este pensamento, todo o orgulho do nobre Inácio se revoltava; lançava a vista para a sua gloriosa espada suspensa perto do leito, com a qual quisera atravessar no mesmo instante o corpo do historiador desleal ou mal informado.

Prolongando-se esta luta na alma do nosso herói, perguntou um dia a si mesmo se não seria já tempo de pôr termo a ela, tomando uma resolução definitiva.

- "Há evidentemente em mim, - dizia ele - duas vontades opostas; uma, que me impele para o bem, e por ele à felicidade eterna; a outra, que me impele para o mal, e por ele à eterna infelicidade. Quando reflito largamente sobre as vantagens duma vida penitente, como a dos Santos, experimento uma tranquilidade, uma paz de espírito, uma doçura. interior, que são desconhecidas e que o mundo não pode dar-me. Quando, ao contrário, me deixo arrastar pelo pesar e pelo desejo dos prazeres e da glória desta vida, fico com uma perturbação, uma inquietação, uma agitação que se assemelham ao remorso, e me tornam desgraçado. É, pois, loucura hesitar no partido que devo tomar... Farei o que fizeram os Santos!"

Esta importante resolução estava tomada e, com uma natureza de Inácio de Loiola, devia ser executada. Aproxima-se o momento em que ele podia tirar o aparelho da perna e experimentar as suas forças; mas a estação era pouco favorável, o inverno começava a fazer-se sentir e a prudência recomendava que esta resolução fosse adiada por alguns meses.. Entretanto o nosso recluso ocupava-se em ler e reler a vida Nosso Senhor e a dos Santos, e escrevia sempre, mas com muito mais cuidado, os traços que mais o impressionavam. Fez este modo um livro de trezentas páginas, escritas no gosto época, em diversas cores. Empregava a cor de ouro para Nosso Senhor, a vermelha para a Santíssima Virgem e as outras cores para os Santos [9].

Entretanto, Inácio tornara-se um homem novo. Ocupado de Deus e do desejo de lhe agradar, dividia o seu tempo entre santas leituras, a oração, a meditação e a escrita. Procurava trazer à memória todas as faltas da sua vida passada, suspirando pelo momento em que lhe fosse permitido expiá-las pelos jejuns, vigílias, macerações e

solidão. A sua família estranhava-o a linguagem, maneiras, assuntos de conversação, Mudara nele, e D. Garcia preocupava-se seriamente com isso, Sabia que com um caráter enérgico e perseverante como o de Inácio, tudo o que se tentasse para o afastar do caminho em que ele entrara, encontraria a invencível barreira da sua firmeza. Além disso, Inácio não lhe falava dos seus projetos, nem lhe comunicava as suas impressões, e limitava-se deixar adivinhar que agora era todo de Deus e que o mundo não valia nada para ele.

Aguardando a cura completa, formava planos de vida que acolhia e rejeitava; mas não abandonava a idéia de ir em peregrinação à Palestina. Teve, um momento, o pensamento de se retirar a um mosteiro dos Cartuxos. Chegou a enviar um dos seus servos à Cartuxa de Burgos a pedir informações sobre a regra de S. Bruno, ordenando-lhe que guardasse segredo acerca da missão de que o encarregara. Guardá-lo-ia? É provável que não, e que fosse este servo de Inácio que despertasse as suspeitas de D. Garcia.

Por fim, o nosso ferido readquiriu a liberdade dos movimentos; pôde levantar-se e andar, mas tão longa inação e tão doloroso tratamento haviam-lhe enfraquecido a perna direita. Foi necessário fortificá-la com o ar puro e um exercício moderado. Inácio submeteu-se a este regime, cujo resultado devia secundar os projetos que lhe alimentavam o espirito. Todos os dias dava um pequeno passeio, sem perder o recolhimento; todas as noites se levantava para se entregar à oração por mais tempo e com mais tranquilidade que durante o dia. Gozava consolações tais neste exercício, que o desejo de retiro, de solidão e de mortificação, tornara-se para a sua alma um verdadeiro sofrimento.

Uma noite, sofrendo mais ainda que de ordinário. pela necessidade imperiosa de abandonar tudo por Deus, e estando a sua perna assaz fortificada para lhe permitir a execução dos seus projetos, prostrou-se diante duma imagem da Santíssima Virgem, pediu-lhe que aceitasse o compromisso, que ele tomava a seus pés, de só viver para a glória do seu divino Filho, e jurou-lhe, na sua linguagem de guerreiro, ser sempre fiel à sua bandeira, não servir senão na sua milícia e sob suas ordens, e ser do Filho e da Mãe, na vida e na morte. No mesmo instante, um estrondo, semelhante a uma forte detonação, faz-se ouvir no interior do castelo e o abala até aos alicerces. O abalo foi sentido em todos os cantos da casa, mas não deixou sinais senão no quarto de D. Inácio, mais violentamente atingido, e cujos muros, dalguns pés de espessura, sofreram um

abalo tão forte que produziu uma larga fenda, que ainda existe.

Não foi um tremor de terra, porque só o castelo sofreu o abalo; as dependências nada sofreram. Qual a causa deste fenômeno? Procurou-se, mas não se encontrou. Preveria o demônio os temíveis e incessantes golpes que lhe viria a dar a santa Companhia de Jesus, e quereria manifestar a sua raiva impotente contra aquele que Deus tinha escolhido para ser o fundador da mesma? Os historiadores do Santo são dessa opinião.

D. Garcia continuava a preocupar-se com a transformação de Inácio e procurava ocasião de comunicar-lhe os receios que o agitava; esta apresentou-se breve. Inácio, sentindo-se mais forte, deu um passeio a cavalo sem prevenir o irmão, e, quando regressou, encontrou D. Garcia que o esperava na escadaria

- Julgastes, meu irmão, que fosse nosso tio Manrique? - perguntou.

- Não, meu irmão, - respondeu gravemente o chefe da família - sabia que vos tínheis ausentado a cavalo, e quando ouvi o som da busina corri para ver se os vossos criados entravam sós ou se vos seguiam.

- Fui experimentar as forças, meu caro irmão. É conveniente readquirir o exercício de cavalgar.

À noite os dois conversavam sem testemunhas no quarto de Inácio.

- Confesso, - dizia D. Garcia - que a vossa saída a cavalo me inquietou bastante, em conseqüência do silêncio, que guardais sobre os vossos projetos. Por que me não prevenistes ?

- É verdade que vo-lo podia ter dito, mas que receais?

- Meu caro Înigo com toda a franqueza vo-lo digo porque tenho necessidade de expandir. o coração. A vossa mudança é tal que receio tudo. A vossa. imaginação está exaltada com a leitura da vida de Jesus Cristo e dos Santos; renunciastes à corte, à guerra, às honras, à glória, a tudo o que amáveis.

Só viveis para Deus, não comunicais a ninguém os vossos projetos, e, na vossa idade, deveis tê-los certamente. É, pois, de temer que,

deixando-vos levar por indiscreto fervor, faiais mais do que deveis.

- Espero, caro irmão, não ir mais longe do que devo, - respondeu Inácio; - peço-vos que fiqueis tranqüilo a esse respeito.

D. Garcia prolongou a conversa mais alguns momentos, e, vendo que não podia esperar confidência alguma sobre os projetos do irmão, deixou-o, recomendando-lhe que reflectisse.

Na noite seguinte, quando Inácio estava em oração, a Santíssima Virgem apareceu-lhe rodeada de brilhante luz, trazendo Jesus Menino nos braços. Não lhe falou; mas a sua celestial presença inundou-lhe a alma de inefável consolação, e pareceu-lhe que a graça o purificava inteiramente, que tudo nele fora renovado. A partir daquele momento, ficou livre de toda a tentação, de todo o pensamento contrário à virtude da pureza.

O nosso Santo tinha experimentado as forças: prolongando a sua estada sob o tecto da família, expunha-se a novas observações, a novas tentativas da parte do irmão para o afastar de seguir a voz que o chamava. Era, pois, urgente apressar a partida. Dois dias depois deu as necessárias ordens, e, entrando nos aposentos de D. Garcia, disse-lhe:

- Meu querido irmão, o tempo é favorável e vou aproveitá-lo para ir ver meu tio Manrique; estarei ausente alguns dias...

- Ínigo, - exclamou D. Garcia - enganais-me!

- Não, senhor, digo-vos a verdade, vou a Navarrete.

-Sim, mas de lá aonde ireis? Conheço-vos, Ínigo, e estou certo que há muito tempo alimentais um projecto de futuro, que não pode ser agradável à vossa família. Não posso afastar-vos dele, porque sei como sois firme nas resoluções tomadas. Mas, por Deus! não me direis nada? Afastais-vos dum irmão que vos ama sem lhe dizer aonde ides e o que fareis? Receio que a imaginação vos tenha iludido. Quereis viver longe do mundo, bem o sei. Mas não podeis estar aqui só e tão retirado como um solitário, ficando conosco? Deus não estará em toda a parte? Não consultastes ninguém; cedeis a um impulso de fervor inspirado pelo exemplo dos Santos; bem está. Todavia deveis ter em consideração também a honra da vossa

família. Ides abraçar a pobreza evangélica e estender a mão aos viandantes?

Inácio não respondeu.

- Se me engano, - acrescentou D. Garcia - por que me não desenganais e tranqüilizais?

O mesmo silêncio da parte de Inácio. Seu irmão continuou:

- Nada posso para vos fazer mudar de resolução, mas ao menos, meu irmão, meu caro irmão, se não voltardes de Navarrete, se vos afastardes de nós, como receio, prometei-me, a mim vosso irmão mais velho, que nunca desonrareis o nobre nome que usais! Prometei-me que em qualquer lugar em que vos acheis, não esquecereis o sangue que corre nas vossas veias, e que nunca adoptareis um modo de viver que nos faça corar! Enfim, prometei-me que nunca vos tornareis indigno dos nossos gloriosos antepassados.

Prometo-vo-lo, meu irmão; não tenho e espero nunca ter a intenção de faltar à honra. Disse-vos a verdade. vou a Navarrete fazer uma visita dalguns dias a meu tio Duque de Nájera que veio ver-me durante a doença, e a quem devo este testemunho de reconhecimento e de afeição.

- Estais assaz vigoroso para empreender tão longa viagem através das montanhas?

- Sim, senhor, estou certo que posso efetuá-la, a não ser que um incidente, que ninguém pode prever, mo impeça e pararei em Biscate para ver minha irmã.

- Pois bem, acompanhar-vos-ei até casa dela e em seguida deixar-vos-ei para irdes com os vossos criados a casa do tio Manrique.

No dia seguinte, os dois irmãos partiram a cavalo, seguidos dos seus escudeiros e criados, e só se separaram em Onate, como fora combinado. As despedidas fizeram-se à noite porque Inácio devia partir de madrugada. Mas quando todos estavam deitados o nosso herói, que tinha tomado todas as precauções, dirigiu-se à igreja de Nossa Senhora de Arancuza e ali passou a noite. Ao romper do dia

montou a cavalo, e, seguido de dois criados, dirigiu-se para Navarrete.

Abandonando para sempre a opulenta casa dos pais, não levara mais nada que os seus manuscritos; não tomara sequer a bolsa. Chegado a casa de seu tio, recorda-se que tem algumas dividas e quer solvê-las; em casa de seu tio Manrique devem-lhe uma certa quantia, que ele reclama, encarrega o seu escudeiro de pagai as dívidas, e, julgando-se rico com o que lhe resta, manda fazer uma imagem da Santíssima Virgem, que trará sempre consigo; porque ela será agora a sua única Senhora.

-

-

- Posterior

SEGUNDA PARTE

MENDIGO E PEREGRINO

(1522-1524)

I. CAVALEIRO DE CRISTO

Um dia do mês de Março do ano de 1522, ao pôr do sol, um jovem e belo cavaleiro, montado num cavalo andaluz, saía da cidade de Cervera, na. província de Catalunha, e tomava a estrada que conduzia a Barcelona. Não levava escudeiro nem criado, mas na sua pessoa tudo anunciava um dos primeiros fidalgos da Espanha, um dos grandes senhores da corte. Usava o saio curto de veludo encarnado[10]; a sua calça, tufada desde o alto terminava pela bota mole adornada duma glande de oiro e duma brilhante espora; pendia-lhe do cinto rica espada e do lado oposto via-se-lhe um punhal de muito valor; no gorro, cheio de rodados e pendido sobre a orelha direita, flutuava graciosamente a longa e bela pluma que só a nobreza tinha direito a usar [11].

Vendo-o cavalgar tão tranqüilamente; ao passo regular sua cavalgadura, ninguém explicava a ausência dos criados todos a comentavam a seu modo. Estava pouco distante lugar de Igualada, quando um cavaleiro, saindo dum caminho à direita, se lhe aproximou saudando-o e dizendo-lhe:

- Senhor cavaleiro, teria grande prazer em viajar convosco, se me permitísseis acompanhar-vos.

- Da melhor vontade, - lhe respondeu o nosso fidalgo. - Sois Mouro, não é verdade? Conheço-o pelo vosso vestuário ...

-Sim, senhor, mas vivemos tranqüilos agora no reino de Aragão e no de Valência, aonde me retirei com minha família. Estava previsto ! Era essa a vontade de Alá 1

- Ides longe, senhor?

- A Igualada e de lá a Nossa Senhora de Monserrate.

- Ah ! Ides em peregrinação à capela da Mãe de Jesus, senhor cavaleiro?

-Vou em peregrinação à capela da Santíssima Virgem, - respondeu com vivacidade o fidalgo cristão.

Então travou-se controvérsia entre os dois viajantes. O muçulmano sustenta que Maria não era virgem depois do parto; o cristão, forte na sua fé e na verdade que defende, sustenta a virgindade de Maria, antes, durante e depois do nascimento do Salvador. A discussão acalora-se; o muçulmano esgota em vão todas as razões, e não encontrando nada que opor ao seu adversário, exclama cheio de ódio:

- Não! por Maomé! a Mãe de Jesus não conservou a virgindade!

E, esporeando a mula, toma a dianteira e parte a galope.

Ouvindo esta última blasfêmia, o nobre cristão fez o sinal da cruz, recolheu-se, orou um instante e disse:

"- Aquele desgraçado ousou insultar horrorosamente a divina Mãe do meu Soberano Senhor! E eu, fidalgo, eu, cavaleiro da nossa soberana Senhora e Mestra, sofrerei este ultraje feito à sua honra sem procurar vingá-lo?! Não passarei a minha espada através do corpo desse maldito muçulmano?! Não, não será assim! Ínigo de Loiola não pode tornar-se culpado de semelhante felonia! Corramos após esse infiel, e, pondo-lhe o pé no pescoço, forcemo-lo a confessar que ele é um miserável blasfemador e que a puríssima Senhora e Rainha do Mundo, que eu tenho a honra de servir, conservou sempre a sua santíssima virgindade!..."

Lançou a toda a brida o cavalo e ia transpor a distância que o separava do muçulmano... De repente, pára; a sua consciência perturba-se, e pergunta a si mesmo:

"- Ser-me-á permitido matar um homem para a glória e honra da minha Soberana? Ignoro-o completamente

Na dúvida, entreguemos o negócio ao juízo de Deus[12]. Vou abandonar o meu cavalo a si mesmo; se ele avançar para além do caminho que devo tomar e seguir a estrada de Barcelona, lançar-me-ei sobre esse miserável infiel e atravessá-lo-ei de lado a lado sem compaixão. Se ele voltar à esquerda, perdoarei a esse miserável".

Tomada esta resolução, o nosso herói seguiu a distância o muçulmano; chegado ao caminho que devia tomar para se dirigir a Monserrate, o seu andaluz abandonou a estrada real, voltou à esquerda e dirigiu-se a Igualada. Inácio aceitou o Juízo de Deus, mas compreendeu-o muito pouco. Mais instruído nas ciências que faziam os grandes capitães e cortesãos cavaleiros, do que na que fazia os grandes Santos ou somente os verdadeiros cristãos, aplicava à sua - nova vida todas as idéias de guerra e de antiga cavalaria, de que sempre se alimentara.

Abandonando o tecto paterno com a resolução de não habitar mais a feudal morada de seus pais, Inácio não tinha outro fim senão fugir do mundo e consagrar-se inteiramente à maior glória de Deus. Quanto à maneira como devia chegar a este fim, ignorava-a: tudo o que sabia era que queria viver de pobreza, de penitência, de humilhação, de imolação contínua de si mesmo, como os Santos cujo heroísmo era para ele objecto de tão grande admiração.

- Estivera poucos dias em Navarrete, e, abandonando esta cidade, tinha dado ordem aos seus criados de voltarem ao castelo de Loiola, e acrescentara, dirigindo-se ao seu escudeiro:

- Dirás ao sr. D. Garcia que vou fazer uma viagem, durante a qual os teus serviços me são desnecessários.

Dirigiu-se em seguida para a Catalunha, querendo ir a Monserrate pôr sob a proteção da Santíssima Virgem a sua resolução de viver doravante a vida dos Santos. Ao iniciar esta peregrinação, tinha feito voto de castidade perpétua, e chegara sem incidente a Cervera, onde o encontramos.

Depois de ter renunciado a matar o muçulmano, cuja vida tinha submetido ao juízo de Deus, o nosso cavaleiro parou em Igualada e comprou alguns objetos, que ligou ao seu cavalo, entrando em seguida no caminho tortuoso que conduz à santa montanha.

Chegado ao convento dos religiosos beneditinos, aos quais está confiada a guarda da miraculosa imagem, pediu para fazer uma confissão geral a um deles; designaram-lhe o Padre João Chanones [13], encarregado especialmente de ouvir os peregrinos.

Inácio escreveu a sua confissão com tão escrupuloso cuidado e tão viva contrição, que a sua acusação, freqüentemente, interrompida pela abundância das. lágrimas, só pôde ser acabada no terceiro dia. Feliz de poder abrir a sua alma a um homem de tão eminente virtude, fez-lhe conhecer as graças com que tinha sido favorecido, e pediu-lhe conselhos sobre a maneira como devia executar a sua inabalável resolução de não mais viver senão para serviço e glória de Deus. Essas conferências foram longas e frequentes vezes renovadas. Inácio, evidentemente chamado à mais alta santidade, mas ignorando os meios de lá chegar, estava persuadido de que os mais enérgicos deviam ser os mais eficazes.

Disciplinava-se todos os dias e trazia o mais rude cilicio sob o seu elegante vestuário; privava-se do alimento e do sono e só esperava pelo momento em que pudesse, desconhecido de todo o mundo, sofrer os mais humilhantes desprezos dos homens. Quanto a consultar a vontade de Deus para conhecer o que dele exigia, não pensava nisso, e não pensava até que pudesse haver vocações especiais. Não compreendia e não queria senão uma coisa: uma vida de imolação incessante para glória de Deus. Jesus Cristo fez-se vítima pelos homens, ele queria fazer-se vítima por Jesus Cristo. A sua dor de ter vivido até então para o prazer e para a glória ilusória deste mundo era das mais amargas, e, todavia, o fim principal das, suas espantosas mortificações não era a expiação dos seus pecados, mas a glória de Deus. Para ele tudo consistia nisto.

Depois de ter recebido a absolvição, o nosso santo penitente, pediu e obteve o favor de passar a noite no santuário privilegiado, aos pés de Jesus e Maria. Era no dia 24 de Março.

À tarde, apresenta-se no átrio da igreja, passeia a vista sobre os mendigos que ali se encontram, vê um mais miserável, mais pobre que os outros, aproxima-se dele, saúda-o respeitosamente, pede-lhe que o siga, e leva-o para um lugar onde possa falar-lhe sem testemunhas:

- Meu amigo, - lhe diz - tenho um favor a pedir-lhe: Quer dar-me a

sua roupa e aceitar em troca a minha?

O mendigo seguira da melhor vontade o belo peregrino esperança de receber uma boa. esmola; mas estava longe esperar tal proposta, e pensando ter ouvido mal, ou julgando que o jovem fidalgo tinha perdido o juízo, olhou-o admirado e não sabia o que responder

- Falo-vos seriamente, - acrescentou Inácio. - Fiz um voto

No tempo em que sucedeu esta história, esta palavra explicava tudo.

- Oh ! então, da melhor vontade, meu nobre senhor, - respondeu o pobre catalão, contente por lhe aparecer tão de fortuna.

E, imediatamente, o valente capitão, o herói de Navarra e de Pamplona, o elegante cortesão tão cortejado, tão aplaudido, tão amado na corte do seu soberano, o brilhante Inácio de Loiola despoja-se dos seus ricos vestidos e cobre-se com os andrajos de um mendigo! E, tomando a mão negra e calosa do pobre montanhês:

- Obrigado, meu amigo, - lhe disse - prestou-me um serviço que jamais esquecerei!

Entrou no seu quarto, abriu o embrulho que continha os objetos que comprou em Igualada, tirou dele uma longa túnica de grosso tecido, que vestiu, uma corda de cânhamo que atravessou à cinta, sandálias de junco entrançado [14] e uma cabaça que atou na ponta dum grande bordão. O seu desejo era ir de pés descalços, mas a sua perna esquerda, de que ainda sofre, está fraca, incha todos os dias e é até obrigado a conservá-la ligada [15]; limita-se, pois, a deixar só um pé descalço e põe uma sandália no outro.

Leu, nos romances de cavalaria, que na véspera do dia em que os eleitos deviam, ser armados cavaleiros, isto é, receber solenemente a espada e espora, [16] passavam a noite de pé cobertos com a sua espessa armadura e meditavam assim sobre o compromisso que iam tomar [17]. A isto chamava-se a vigília das armas.

Recordando-se disto, Inácio de Loiola, que devia ter a felicidade de comungar no dia seguinte, perguntou a si mesmo se não devia considerar-se como candidato à ordem da cavalaria mais eminente

que jamais houve.

"- Que sou eu, - disse ele - senão um cavaleiro do soberano Senhor e da soberana Senhora do mundo ? Não vou receber amanhã as mais poderosas armas para combater os seus inimigos? Sim ! como esforçado e valente cavaleiro, no momento de ser alistado na nobre milícia de Cristo e de Nossa Senhora, devo meditar sobre os compromissos que vou tomar... Devo fazer a vigília de armas".

E cingiu a sua espada por cima da corda, tomou o punhal, que pôs à cinta e dirigiu-se à igreja. Passou a noite a orar e a meditar, chorando abundantemente sobre a sua vida passada e renovando a Jesus e a Maria a promessa de ser para sempre o seu mais fiel vassalo e de morrer ao serviço de Suas Majestades.

Antes do dia, desafivelou o cinturão, fez homenagem à Rainha do céu da sua espada e do seu punhal, que deixou apensos a um pilar da capela [18], assistiu à primeira missa e comungou com fervor celeste.

Era o dia 25 de Março, festa da Anunciação.

O concurso dos peregrinos devia ser considerável. Inácio de Loiola, receando ser reconhecido, abreviou a ação de graças e abandonou Monserrate.

Despedindo-se dos bons Padres, fez-lhes presente do seu cavalo e partiu a pé, de cabeça descoberta, bastão na mão e vestido como acabamos de ver.

"Não é já o belo cavaleiro cujas recordações de infância se perdiam no meio das prodigalidades e dos prazeres da corte do rei católico. Nada há nele do jovem senhor que, há pouco ainda através da licença das armas, sabia espalhar o perfume da maior urbanidade e da mais poética galanteria... Este fidalgo tão cheio de si mesmo, tão ardente, tão generoso, tão susceptível sobre todas as coisas que se prendiam com pontos de honra, corre à conquista da humilhação, como se a humilhação se tornasse para ele uma nova fonte de glória" [19].

Inácio de Loiola desejava ardentemente ir em peregrinação à Terra Santa. Aos sentimentos piedosos que lhe inspiravam esta devoção,

juntaram-se as suas idéias cavaleirescas. Recordava-se das cruzadas e dizia que um fiel cavaleiro de Jesus e de Maria não podia dispensar-se de visitar os Santos Lugares para a libertação dos quais o mais nobre sangue da Europa havia sido tão generosamente espalhado. Mas o porto de Barcelona estava fechado por causa da peste; nenhum navio podia ali entrar nem sair, e, esperando que a navegação fosse livre, o nosso Santo tinha determinado, por conselhos do Padre Chanones, retirar-se a Manresa, pequena cidade distante de Monserrate apenas doze quilômetros. Naquela época, tinha poucos habitantes, mas possuía um Convento de Dominicanos e um hospital, 'o que asseguraria a Inácio todos os recursos desejáveis para satisfazer a sua piedade e a sua mortificação. Estando o hospital situado fora da cidade, preenchia melhor o seu fixe: ali, podia permanecer desconhecido e exercer ao mesmo tempo a humildade, a caridade, o zelo, todas as virtudes que tinha necessidade de praticar no mais perfeito grau.

II. O REPÚDIO DO MUNDO

D. Inês Pascoal, a quem a peste tinha momentaneamente afastado de Barcelona, refugiara-se em Manresa, e fazia frequentes peregrinações ao santuário de Monserrate. Tendo-se dirigido ah na madrugada do dia da festa da Anunciação, voltava a Manresa, acompanhada de três senhoras e dois jovens, quando pelo meio-dia, chegando ao sopé da montanha, peito da igreja dos Santos Apóstolos, viu um jovem peregrino cuja beleza e distinção lhe atraíram a atenção, principalmente porque ia vestido com uma túnica de grosso tecido è de corda à corta. Parecia fatigado e mancava ligeiramente; tildo nele denuncia o fidalgo. D. Inês contemplava o peregrino com interesse, e este lançando-lhe um olhar modesto e doce, perguntou-lhe

- Estou longe dum hospital, senhora?

- Senhor peregrino, - lhe respondeu ela - o hospital mais próximo é o de Manresa, onde nós moramos; se quereis vir conosco, receber-vos-erros e vos trataremos da melhor 'vontade. Não temos pressa e caminharemos coze o vagar que quiserdes.

Tendo o peregrino aceitado, D. Inês acrescentou:

- Senhor peregrino, nós temos boas pernas e vós pareceis fatigado; servi-vos do nosso macho, que nos é desnecessário.

- Agradeço-vos senhora; desejo ir a pé.

Tendo o peregrino recusado o macho, que de tão boa vontade lhe foi oferecido, os seis viajantes, mui respeitosos para com ele, afrouxaram o passo e caminharam mais devagar, porque se via que ele andava com dificuldade.

A pequena caravana ia já longe no vale de Llobregat, quando um enviado do alcaide de Monserrate, correndo a toda a brida, chama o jovem peregrino c pergunta-lhe:

- É verdade, senhor, que V. Ex.a deu um rico vestuário de fidalgo a um mendigo de Monserrate?

- É verdade, - disse o nobre peregrino, corando.

- O alcaide não quis acreditar esse homem e prendeu-o esperando o meu regresso.

- Ah! -disse o nosso Santo deixando escapar algumas lágrimas -não me foi dado fazer algum bem a esse pobre homem sem lhe causar ao mesmo tempo um grande mal!

- Fique tranqüilo, senhor, - replicou o enviado do alcaide - em algumas horas será posto em liberdade.

E, puxando a rédea ao cavalo, voltou para Monserrate [20].

Uma das três senhoras que acompanhavam D. Inês, da qual era amiga íntima, dirigia o hospital de Manresa, que se chamava de Santa Lúcia, em razão da sua proximidade da igreja deste nome. D. Inês, profundamente comovida com o que acabava de passar-se, e não podendo duvidar de que Inácio fosse um grande senhor e um grande Santo, recomendou-o calorosamente à sua amiga quando se separou dela, antes de chegar a Manresa, e convidou Inácio a segui-la na direção do hospital, anunciando-lhe que ia enviar-lhe comida da sua mesa, o que se apressou a fazer.

Em presença da miséria que encontrou naquele asilo da dor, Inácio receou que não fosse assaz pobre. A lembrança de quanto o buscavam e da sua elegância, do seu orgulho e da sua ambição, do seu desejo de agradar e de ser citado pelo atrativo da graça e do espírito, não o abandonava. Ele queria expiar toda essa vida de prazeres e de honras, de vanglória e de falsa grandeza. Queria tratar a sua natureza como sempre tinha tratado o inimigo do seu soberano: como herói. Determinado a combatê-la, por assim dizer, corpo-a-corpo, e a sustentar contra ela uma luta de morte, sem tréguas, julgava, apesar disso, nada ter feito.

Permitam-nos as minudências em que vamos entrar. Poderão parecer pueris, muito vulgares, repulsivas até a certos leitores delicados; mas se se colocarem somente sob o ponto cie vista da fé, e se se considerar o princípio que produz as ações que vamos referir, ser-se-á forçado a admirar-lhe o heroísmo e a confessar-se vencido.

D. Inácio de Loiola está num hospital onde a piedade lhe concede um asilo; está coberto com uma grosseira túnica e cingido duma corda; mas é jovem e belo, e nada perdeu desse cunho de nobreza e de distinção que imprime respeito e indica o homem de coração. Ele sabe-o, vê-o, e é necessário que tudo isso desapareça. Todo o seu passado deve ser esmagado, calcado aos pés, destruído... E mete mãos à obra.

Os seus cabelos são belos e ele tem-nos sempre tratado...: deixa-os crescer numa desordem só comparável à dos mendigos de que está rodeado. A sua barba andava sempre escanhoada negligencia-a como os cabelos. A sua mão é um modelo de forma e de limpeza: deixa crescer as unhas e não se ocupa delas... A sua linguagem é a da corte: estuda o idioma catalão e esforça-se por falá-lo tão naturalmente como se tivesse nascido na última classe popular da catalunha.

D. Inácio de Loiola teve sempre, mesmo nos campos, alguns criados às ordens: faz-se agora servo dos pobres doentes, e os mais repelentes são os seus preferidos. Presta-lhes os serviços mais baixos, os mais repulsivos, e se a natureza delicada tenta revoltar-se, força-a a tratar as mais asquerosas chagas, a lavá-las, a beijá-las de joelhos!

Tais mortificações, porém, não lhe bastam: são-lhe necessárias ainda, e sempre, as macerações mais espantosas. A roupa branca era sempre fina: um rude cilício a substitui. Tece por suas próprias mãos uma erva comprida e com espinhos, colhida no campo, e faz dela um cinto, que traz sobre a pele; disciplina-se três vezes por dia; come o pão mais grosseiro; bebe água que ele mesmo vai buscar à fonte e recusa qualquer outro alimento, exceto ao domingo. O pão grosseiro, coxas que se alimenta, vai mendigá-lo de porta em porta, a fim de se humilhar. Assiste todos os dias ao santo sacrifício da missa e aos ofícios, de manhã e de tarde, na igreja dos Dominicanos; ora de joelhos sete horas inteiras. Dorme na terra nua, a cabeça apoiada numa pedra ou num pedaço de pau, e só concede ao sono os primeiros momentos da noite; o resto é para a oração. Ao domingo confessa-se a um dos Padres Dominicanos e comunga; sendo aquele dia para ele de felicidade, permite-se acrescentar algumas ervas cosidas em água à sua refeição de pão negro; mas espalha nelas cinza para lhe alterar o sabor.

Tal era a vida do nosso Santo no hospital de Santa Lúcia, na

pequena. cidade de Manresa.

Esforçava-se por imitar as maneiras dos homens do povo, assim como a sua linguagem, a fim de não trair a sua nobre origem; mas, como de ordinário sucede, essa afetação fá-lo cair no exagero a ponto de passar por um miserável vagabundo que todos podiam insultar impunemente. Quando saía, os rapazes cornam atrás dele, apontavam-no a dedo e chamavam-lhe o Pai Saco, alusão ao saco de grosso tecido que o cobria. Aqueles a quem pedia a esmola dum pedaço de pão, riam-se dele, da sua comprida barba, dos seus grandes cabelos, de todo o conjunto da sua pessoa. Que provação humilhante para o orgulhoso fidalgo! Mas Inácio dizia imediatamente

"- O soberano, a quem tenho a honra de servir não usou, por meu amor, a túnica reservada entre os judeus aos insensatos? Não consentiu em cobrir-se com o manto da irrisão? Não foi perseguido pelos gritos dum povo ébrio de furor e cego pelo ódio? Esta gente ri-se de mim, é verdade; mas não me tem ódio nem me quer mal. Longe disso, auxilia-me muito a expiar o meu orgulho e a minha ambição de vanglória. Coragem, pois ! Ainda não sofri por amor do Rei do céu e da terra, tantas humilhações como sua divina Majestade se dignou sofrer por amor de mim, miserável pecador!"

De tempos a tempos, ia a Monserrate, passava muito tempo aos pés da Santíssima Virgem, conversava acerca dos seus interesses espirituais como Padre Chanones, que pressentiu grandes desígnios divinos sobre o seu heróico penitente. D. Inácio ia também com frequência em peregrinação a um santuário vizinho de Manresa chamado de Nossa Senhora de Viladorsis, quando o cuidado dos doentes e o serviço dos pobres lhe deixavam tempo.

Entretanto o inimigo dos homens não podia ver sem furor os progressos daquele que o combatia sem tréguas com tais armas. A paciência, a humildade, a abnegação, a mortificação, a renúncia não faltavam, um só instante ao nobre cavaleiro de Jesus e de Maria, apesar do desprezo com que não cessavam de o perseguir, e por isso o demônio usou de outro meio.

Algumas pessoas souberam, em Monserrate, pelo mendigo a quem o nosso Santo dera os seus ricos vestidos, que, sob os andrajos da miséria e da mendicidade, se ocultava, por espirito de penitência, um nobre fidalgo, o qual não podia habitar longe de Monserrate,

porque ia ali muitas vezes.

O boato chegou até Manresa, onde foi confirmado, apesar do segredo prometido por aqueles que tinham acompanhado Inácio no dia da sua chegada. Já censuravam o ter sido humilhado o pobre estrangeiro do hospital, que não era outro senão esse fidalgo. Desde então, começaram a testemunhar-lhe toda a benevolência e respeito; vinham até consultá-lo, e ele falava de Deus com tanto amor, que alguns pecadores, sensibilizados com as suas virtudes e palavras, converteram-se sinceramente.

- Visto que Deus se digna servir-se de mim para operar tais conversões, - disse ele um dia a si mesmo - que grande bom não poderia eu fazer se, em vez de me tornar desprezível por um exterior ignóbil, tivesse continuado a ser o que era, =-um fidalgo! Porque, enfim, eu ultrapasso todos os limites. Não seria Deus mais honrado, mais glorificado, se se visse brilhar no seu servo a ilustração do nascimento e a glória das puas próprias ações? Se eu tivesse continuado na corte, e ali vivesse como um Santo, teria mais mérito; houvera convertido alguns jovens fidalgos... Para que, pois, permanecer num hospital, onde todo o brilho do meu nascimento e dos meus talentos não pode ganhar uma só alma? Demais, tantas austeridades não podem deixar de afastar da santidade... E com que direito exporei aos sarcasmos e insultos dos vagabundos a honra da minha família, que os meus antepassados conquistaram ao preço do seu sangue?..."

Neste momento a tentação foi tão forte, que tudo se revoltou na natureza impetuosa do nosso herói. Houve nele um abalo espantoso! A sua túnica, os farrapos que o cobriam, os seus cabelos, a sua barba, as suas mãos causavam-lhe horror; o pão da caridade revoltava-lhe o coração, o serviço dos doentes desgostava-o, a tempestade tornava-se terrível...

Inácio reconheceu as sugestões do inferno: correu aos seus doentes mais repulsivos, abraçou-os, tratou-os mais afetuosamente que nunca e permaneceu junto deles até que a tentação se afastasse.

Este assalto pode, porém, renovar-se; além disso, o nosso Santo é já bastante conhecido e vêm de muito longe vê-lo a Manresa; há perigo para ele em continuar no hospital de Santa Lúcia. Inácio quer

um retiro onde os homens não possam ir perturbar a sua união com Deus, e vai procurar esse retiro com a confiança de que Deus lho fará encontrar.

- Anterior
- Índice
- Posterior

III. MANRESA : ENFERMIDADES E PROVAS

Estava-se no fim de julho[21]; o calor era sufocante e tinha soado a hora da sesta para todos, exceto para o nosso jovem penitente, que percorria os campos, inteiramente desertos naquele momento.

A seiscentos passos aproximadamente da pequena cidade de Manresa, não longe do confluente do Cardoner e do Llobregat, no lindo vale que os habitantes do país chamavam Vale do Paraíso, Inácio ajoelhava-se junto duma cruz de pedra, plantada à beira do caminho, chamada a Cruz de Tort. Por detrás, do outro lado do caminho, corria o Cardoner; na frente, do outro lado da cruz, elevava-se uma montanha rochosa cujas saliências lhe atraíram a atenção. Levanta-se, dirige-se para a montanha, parece interrogar cada uma das escabrosidades, e, parando alguns instantes diante dum montão de silvados e de grandes pedras, afasta as silvas e rola algumas pedras. Fere as mãos; está banhado de suor; suspende por vezes o seu rude trabalho, descansa alguns momentos e retoma-o depois com novo ardor. Por fim abaixa-se, curva-se, entra por uma abertura que acaba de desentulhar e alargar, e penetra no interior da montanha. Encontra-se então numa gruta de trinta passos de comprido sobre dez de largo e outros tantos de altura. Do lado de Monserrate, uma larga fenda deixa penetrar um frouxo raio de luz e permite ver a igreja que coroa o monte bendito; o solo e as paredes são cobertos de saliências duras e pedregosas. Inácio, contentíssimo com esta descoberta, estabeleceu ali a sua morada, e, só, sob o olhar de Deus, passava noites inteiras em oração, prescindia de todo o alimento durante dias seguidos, disciplinava-se até derramar sangue e feria o peito com uma pedra. Estas austeridades alteravam-lhe a saúde e enfraqueciam a -sua forte constituição. Tinha violentas dores de estômago, sustentava-se a custo e muitas vezes caía em longos delíquios.

Voltando um dia da capela de Nossa Senhora de Viladorsis, as forças traíram-no à entrada da gruta; quando recobrou os sentidos pelos cuidados das pessoas que o haviam descoberto, foi levado ao hospital de Santa Lúcia, onde se apoderou dele uma forte febre, que lhe pôs a vida em grande perigo. Durante esta doença, Inácio julgou ouvir, um dia, uma voz interior dizer-lhe:

"- Como poderás sustentar tantas austeridades durante cinquenta

anos, que ainda tens que viver?"

Inácio, reconhecendo nesta linguagem o espirito do mal, respondeu-lhe logo:

"- Tu, que assim falas, podes assegurar-me uma só hora de vida? Não é Deus o único senhor dos nossos dias? E, ainda que eu vivesse mais cinquenta anos, que é isso comparado com a eternidade?"

Entretanto a doença fazia rápidos progressos sobre aquele corpo gasto pela mais rigorosa penitência; chegou a desesperar-se da sua vida, e, não tendo podido o inimigo de todo o bem fazê-lo cair no desalento, procurou vencê-lo pelo orgulho. Persuadiu-o de que, depois duma penitência como aquela que acabava de fazer durante meses, não devia temer a justiça divina.

"- Por que hei-de chorar a vida? - pensava o nosso herói. Tenho. vivido como um Santo anacoreta desde que estou em Manresa; estou coberto com um cilicio, tenho trazido uma rude cinta, tenho jejuado, orado, feito vigílias, tenho chorado a minha vida passada... Não é isto o que fizeram os Santos, e não devo ver o céu aberto e os anjos prontos a receber-me ?"

Mas conheceu esta nova tentação e esforçou-se por combatê-la com a lembrança dos seus pecados.

"- Infeliz de mim! - dizia ele. Que proporção pode haver entre uma vida inteira de pecado e alguns meses de penitência ?"

E, chamando em seu auxílio a misericórdia divina, pediu-lhe que lhe concedesse o perdão das suas culpas e não a recompensa das suas virtudes. Depois instou com as pessoas que o rodeavam que lhe repetissem:

"- Inácio, recorda-te dos pecados que cometeste e das penas que eles merecem; pensa que mereceste o inferno e nunca o paraíso!"

A doença cedeu enfim; mas recobrando a saúde, Inácio ficou exposto a uma provação mil vezes mais cruel que todos aos sofrimentos que tinha padecido até então, e que só pode ser compreendida e apreciada pelas almas a quem à Deus apraz fazer

passar por tão dolorosa tribulação.

O nosso santo penitente, aterrado por ter tido o pensamento de que chegara à santidade pelo excesso dos rigores exercidos sobre o seu corpo, não cessava de recordar-se da sua vida passada, a fim de vencer o orgulho e de humilhar a vaidade. Deus permitiu que esta vista contínua de culpas tão amargamente deploradas, trouxesse a perturbação à sua alma e lhe fizesse sofrer todas as incertezas, todas as dúvidas, todos os terrores, todas as torturas do escrúpulo. Inácio receava ter feito mal a sua confissão geral em Monserrate; não ter sufi-cientemente explicado as circunstâncias, ter diminuído a gravidade dos seus pecados pelo modo de os confessar; persuadia-se principalmente de ter esquecido; lembrando-se de coisas que não eram de modo algum pecados, julgava ver nelas uma. ofensa à Majestade divina. Os escrúpulos estendiam-se mesmo A sua vida atual; tudo lhe parecia pecado: os pensamentos, as palavras, as ações, até os menores movimentos. Se era forçado a confessar que o facto em si mesmo não era mal, imaginava falta de pureza da intenção, a qual pensava não podia deixar de ser má, pelo facto de vir dele. A graça parecia tê-lo abandonado: nem sentimentos, nem confiança, nem atrativos, Ausência completa -de consolações, que o haviam sustentado até então. O céu parecia fechado para ele, Deus mostrava-se surdo às suas orações, e sucedia que o último raio de esperança se obscurecia totalmente na sua alma desolada. E, contudo, nunca ele amara tanto a Deus! Nunca experimentara tão ardente sede da sua graça, tão fervoroso desejo de lhe agradar!...

Os religiosos dominicanos do convento de Manresa, compadecendo-se do seu estado, tiraram-no do hospital, deram-lhe uma cela no convento e prodigalizaram-lhe os cuidados. da mais terna caridade.

Inácio comungava todos os domingos; mas por vezes sucedia que o- sentimento da sua indignidade, na perturbação em que o lançavam os seus escrúpulos, o afastava da Sagrada Eucaristia no mesmo momento em que se ia aproximar dela. Receava cometer um sacrilégio; o Deus do amor era para ele um juiz irritado, pronto a exercer as suas vinganças. O nosso Santo caiu numa melancolia que nada podia dissipar, e, num momento em que as trevas do seu espírito lhe pareciam mais espessas que nunca, desesperou da misericórdia infinita a ponta de querer pôr termo à vida: olhava para a janela da sua cela, media com a vista a altura que o separava do solo e dizia que era preferível todo o suplício àquele que torturava a sua alma... Um pensamento o deteve: Deus seria ofendido, e ele

amava-o com todas as potências da sua alma! Então o desolado penitente cai de joelhos, chora copiosamente e exclama:

"- Meu Deus! soberano senhor de todas as coisas, eu vos peço que socorrais o vosso indigno servo! Vede o meu triste estado, tende piedade de mim!..."

Naquele momento, recordando-se de que um santo ermita, cuja vida lera, recusou toda a alimentação até que lhe fosse concedida uma graça há muito solicitada: - "Pois bem, - disse o nosso Santo - usarei o mesmo processo, e talvez Deus se apiade de mim".

E jejuou rigorosamente, sem comer nem beber, durante oito dias. Sabendo-o seu confessor, ordenou-lhe que quebrasse esse jejum, que não pudera, sem milagre, sustentar tanto tempo. Inácio, dócil como uma criancinha, obedeceu imediatamente; e Deus, agradado sem dúvida mais da sua obediência do que do jejum, restituiu-lhe a tranquilidade e inundou-o, durante três dias, das mais deliciosas consolações; mas, depois de lhe ter renovado deste modo as forças, pareceu que o abandonava de novo. Todos os terrores, dúvidas, desesperos o assaltavam novamente com maior ímpeto. O religioso que dirigia a sua consciência proibiu-lhe formalmente que detivesse de então por diante o pensamento nas faltas da sua vida passada; o Santo obedeceu e reconquistou então uma doce paz, que não tornou a perder.

Nos desígnios de Deus a experiência era suficiente.

Em alguns meses, Inácio de Loiola tinha experimentado todas as alegrias e todas as dores, todas as consolações e todas as amarguras da vida espiritual; tinha percorrido todas as vias, conhecia os diversos atalhos em que havia de dirigir um dia numerosos discípulos, destinados a tornar-se mestres.

Entretanto a saúde, fortemente abalada por tão violentas provas, inquietava todos os numerosos corações que o estimavam, porque toda a cidade e arredores o olhavam como um Santo e como tal o veneravam. D. André Ferreira de Ami suplicando aos Dominicanos que deixassem ir Inácio para sua casa, a fim, de lhe prodigalizar os cuidados necessários a tanto esgotamento de forças, obteve este favor. Inácio recebeu ordem de ir para casa do seu amigo até ao completo restabelecimento, e desde então, D. André de Amigante foi

chamado Simão e sua mulher Marta.

- Não se lhes deve dar outros nomes, - diziam os habitantes de Manresa - porque tiveram a felicidade de ter em sua casa a mais viva imagem do divino Salvador.

IV. MANRESA: COMUNICAÇÕES DIVINAS

Inácio de Loiola retomara a sua habitação no hospital D. de Santa Lúcia. Teria preferido a vida solitária na gruta onde recebera tantas graças e fruíra tão doces consolações; mas tendo-lhe a obediência imposto o sacrifício de habitar no hospital, teve que renunciar à gruta e não voltar lá senão para orar e meditar. Deus, porém, compensou-o superabundantemente não só desse sacrifício, mas das tribulações interiores com que lhe experimentava a fidelidade.

Ao abandonar o inundo, Inácio era ignorante como todos os fidalgos da sua época.. Ninguém entendia melhor que ele da arte da caça, conhecia perfeitamente a ciência do bem viver e da alta cortesia; à frente dos seus homens de armas, teria desafiado o melhor capitão; no campo de batalha era um herói; mas, doutras coisas, nada sabia. Fazia versos, é verdade, e a sua rica e poética imaginação produzia-os com tanta facilidade como elegância. Mas escrevia-os... sem ortografia, de que fazia pouco caso, o. que então se deixava aos sacerdotes e aos letrados. O nosso herói não sabia mais que ler e escrever, e sabemos o uso, que tinha até então feito duma coisa e doutra.

Era contudo necessário no plano da sabedoria e da misericórdia infinitas, que o nobre penitente de Manresa possuísse no grau mais eminente o gênio, que faz os grandes homens, as virtudes que fazem os maiores Santos, a ciência que faz os maiores doutores.

Do gênio tem ele o gérmen: o desenvolvimento será pronto e completo; às virtudes praticou-as todas na perfeição antes de as conhecer; a ciência vai possui-la, antes de ter estudado.

Estava um dia Inácio na escadaria da igreja dos Dominicanos, onde, durante uma procissão, recitava o ofício da Santíssima Virgem. De repente, o seu espirito é arrebatado até ao seio de Deus, e é-lhe dado compreender e contemplar o Incompreensível mistério dum Deus, único em três pessoas distintas! Depois desta visão, fica muito tempo em presença do Santíssimo Sacramento e não pode testemunhar senão pela abundância das lágrimas o reconhecimento que lhe enche o coração.

Ao sair da igreja a sua alma expande-se junto dos religiosos em

termos magníficos; fala-lhes do adorável mistério da Santíssima Trindade com palavras de fogo e numa linguagem sublime,. evidentemente inspirada; os mais sábios escutam-no com admiração, ninguém duvida de que ele haja recebido luzes sobrenaturais, e todos exclamam, quando Inácio te, afasta:

"- Nunca nenhum doutor da Igreja falou tão eloqüentemente e com tanta clareza sobre este mistério! Nunca este Mistério foi apresentado sob tais imagens!"

A notícia desta maravilha espalha-se na cidade, correm para junto de Inácio e pedem-lhe para que fale da Santíssima Trindade. O Santo causa admiração àqueles que o escutam. Esquece a linguagem popular que afetava de ordinário e exprime-se com notável elegância; a sua eloqüência arrasta algumas almas e ganha-as. para Deus. Não se cansam de o ouvir, ele não se cansa de falar, seguem-no nas ruas, acompanham-no nas suas diversas peregrinações; em toda a parte, aonde vai, lhe pedem que fale de Deus, e por toda a parte e sempre corresponde à expectativa geral com igual Fala sobretudo da Santíssima Trindade; sobre este assunto, Inácio é inesgotável, porque tem sempre presente a sua visão.

Um dia, quando orava na igreja de Nossa Senhora de Manresa [22], foi de novo arrebatado, e vê e compreende todo o plano da divina sabedoria na criação.

Outro dia, assistia à santa missa na igreja de Monserrate[23], o seu olhar fixa-se com amor sobre a divina Hóstia exposta à adoração pública naquele dia, e vê e compreende a presença real de Jesus Cristo na adorável Eucaristia. Num dos seus passeios contemplativos, senta-se numa pedra perto da cruz do Tort, e o seu rosto volta-se para o Cardoner, que corre diante dele; de repente, perde todo o sentimento das coisas da terra, Deus dá-lhe um conhecimento claro e distinto de todos os mistérios da nossa fé e faz-lhe ver e compreender o encadeamento e o conjunto deles. Voltando a si, Inácio vai prostrar-se aos pés da cruz do Tort e demora-se ali bastante tempo em ações de graças

"- Se, por impossível, - dizia ele algumas vezes - as Sagradas Escrituras desaparecessem da terra, com isso eu nada perderia".

"- As verdades da fé parecem-me tão claras, - dizia também - que,

ainda que não estivessem contidas no santo Evangelho, não hesitaria em defendê-las e sustentá-las à custa do meu sangue!"

No hospital de Santa Lúcia, Inácio habitava um quarto que tinha uma tribuna para a capela [24].

Um sábado, depois de completas, entrou em êxtase, na sua tribuna, e ali esteve até ao sábado seguinte, à mesma hora. Durante estes oito dias, não tomou alimento algum e não mudou um só instante de posição; julgaram-no morto; auscultaram-lhe o peito, sentiram um ligeiro movimento de coração, e pensando que ele estava desmaiado, começaram a prodigalizar-lhe cuidados. Nada, porém, conseguiu chamá-lo à realidade da vida; compreenderam então que o seu espírito estava abismado em Deus, e ergueram-no para o despertar. Quando o puseram em terra, o Santo pareceu despertar dum doce sono, e, abrindo os olhos, disse, vertendo lágrimas:

"-Ó Jesus! ó Jesus!" E mais nada.

Que se passou, durante estes oito dias, entre a alma de Inácio de Loiola e o Deus de amor que se dignava comunicar-se-lhe? Nunca ninguém o soube; mas há razões para pensar que o livro dos Exercícios Espirituais e o plano da santa Companhia de Jesus são os frutos desse longo êxtase, e que foi então que o próprio Deus o traçou na alma do nosso Santo. A todas as perguntas que lhe foram dirigidas a este respeito, Inácio respondia estas simples palavras

"- Nada mais posso dizer senão que todos os favores de que a divina Majestade se dignou cumular-me são inexprimíveis !"

Fossem quais fossem as luzes sobrenaturais com que fora esclarecido, Inácio de Loiola, sempre humilde, não cessara de seguir a direção do Padre João Chanones, a quem ia regularmente pedir conselhos. Este santo velho dizia muitas vezes aos seus religiosos:

"- O meu discípulo de Manresa é um grande mestre! Será um dia o defensor, o sustentáculo, o ornamento da Igreja; será reformador do mundo, verdadeiro sucessor de S. Paulo, e, por ele, a luz do Evangelho será levada às mais longínquas nações idólatras".

Uma santa jovem, conhecida em toda a Espanha pela beata de Manresa, só falava de Inácio com toda a veneração, e assegurava

que via nele um dos maiores Santos da igreja.

Não havia mais. que uma voz para o proclamar homem de Deus, e todos repetiam que só a sua humildade lhe fazia ocultar o brilho do seu nascimento sob as aparências da maior pobreza.

Entretanto, o nosso herói sabia agora que a maior glória e Deus, para a qual ele, só queria viver e morrer, consiste na santificação das almas, e ardia no desejo de trabalhar para esse fim.

"- Não basta, - dizia ele - que eu sirva o Senhor soberano do céu e da terra; é necessário que Ele seja amado por todos os corações; é necessário que todas as vozes o bendigam e cantem os seus louvores! Não basta que eu trabalhe para a minha própria perfeição; é necessário, para a maior glória da sua divina Majestade, que eu trabalhe para a dos outros!" Cheio deste pensamento, redobra as suas exortações, e a sua palavra, sempre ouvida com prazer, opera prodígios. De todas as circunvizinhanças correm para escutar aquele que pratica tão escrupulosamente o que aconselha, e é obrigado a subir a uma pedra, à porta do hospital, para se fazer ouvir de todos.

Já não é uma corda de cânhamo que lhe cinge o corpo é uma longa cadeia de ferro, pesada e áspera; o seu jejum é continuo, as suas disciplinas sangrentas, o seu rosto cavado pela austeridade da vida; o seu olhar não é da terra. É, o homem evangélico na. mais alta perfeição; só o seu aspecto arrasta ao arrependimento e à penitência.

Alguns meses antes, a cidade de Manresa oferecia um doloroso espetáculo; os costumes eram relaxados; os sacramentos desprezados, a fé parecia quase extinta. Agora, é uma cidade exemplar. Inácio reformou-a completamente e restituiu-a a Deus.

Foi no próprio seio de Deus que ele hauriu o poderoso método que empregava para fazer vibrar mais profunda e eficazmente nas almas a palavra evangélica. Ele vê as vocações religiosas que desperta, os sacrifícios que obtém, a reforma de costumes que opera, e quer facilitar o meio de o espalhar e de multiplicar os seus frutos. Escreve o livro imortal dos Exercícios Espirituais,

Deus continuava a prodigalizar os seus favores ao nosso Santo;

algumas vezes foi-lhe dado ver e contemplar Nosso Senhor e sua divina Mãe, não duma maneira sensível, mas por uma espécie de vista interior, como ele-mesmo explicou mais tarde ao Padre Gonçalves.

O demônio quis aproveitar-se da disposição em que tão frequentes visões mantinham o seu espírito.

Algumas vezes uma serpente, de brilhantes e luminosas cores, se apresentara à sua vista, no campo. Inácio admirara-a; mas, não vendo nisso nenhuma significação e experimentando apenas uma espécie de perturbação depois do seu desaparecimento, tinha pensado que isso não podia ser senão uma ilusão do inimigo de Deus e dos homens. Representando-se-lhe a serpente um dia ao cimo da cruz do Tort, logo após um dos êxtases que tão maravilhosamente o esclareciam, notou que as cores da serpente tinham perdido o seu brilho. Desde este Momento, não havia dúvida para ele: reconheceu a presença do demônio. Desde esse dia, todas as vezes que a visão se renovava, bastava ao Santo fazer um movimento com o bastão para se ver livre desta imagem importuna.

Entretanto, Inácio tinha perdido o sono; as suas austeridades tinham-lhe deteriorado o estômago, que não suportava alimentos. Não pôde resistir mais tempo a tantas fadigas, privações e sofrimentos e caiu perigosamente doente. Foi um luto para Manresa. Os magistrados e os principais habitantes da cidade quiseram quinhoar da consolação de o tratar as suas expensas, em casa de D. André Ferreira de Amigante, para onde foi de novo conduzido. Os Dominicanos e os Beneditinos combinaram-se para lhe imporem o dever de Moderar as suas austeridades, e, apenas recobrou a saúde submeteu-se a tudo o que lhe impuseram. Abandonou as pobres roupas de Monserrate, aceitou as que lhe deram em troca e vestiu por cima delas uma longa batina de algodão cinzento tendo a forma da dos clérigos; consentiu também em cobrir-se com um manto de pano azul e com um boné do mesmo pano [25] para se preservar do frio, que começava a fazer-se sentir.

O valente cavaleiro de Jesus e de Maria acabava de fazer o seu primeiro ensaio de armas em Manresa. A espada da Palavra, com a qual tinha alcançado brilhantes e magníficas vitórias sobre as paixões humanas, havia-lhe sido dada pelo próprio céu, e a sua maravilhosa virtude não podia ser posta em dúvida, porque a

reforma duma cidade inteira e dos seus arredores o atestavam evidentemente.

Nos romances de cavalaria, que Inácio bem conhecia, aos mais valorosos paladinos e àqueles cujas proezas haviam conquistado maior nomeada, é que eram concedidas as armas encantadas que asseguravam a vitória. Havia também armaduras que tinham a virtude de tornar invulneráveis aqueles que as usavam; mas sucedia por vezes que um malvado ou um traidor se apoderava delas por astúcia, e então o cavaleiro espoliado tornava-se vulnerável como um simples mortal.

"- Nada tenho feito, - dizia o nosso Santo - para merecer a espada maravilhosa que o meu Senhor e Mestre se dignou de confiar-me para sua glória. Recebendo-a, comprometi-me a, defender a sua honra em toda a parte e sempre; não posso nem devo deixá-la ociosa! Irei à Palestina atacar as falanges inimigas do meu soberano Senhor e da soberana Senhora e Rainha do mundo. A minha armadura encantada será composta da Fé, da Esperança, da Caridade, e da Oração. A graça sustentar-me-á e ajudar-me-á! Se eu conservar preciosamente esta santa armadura, serei invulnerável; se, ao contrário, não desconfiar constantemente do malvado e do traidor, a sua infernal astúcia poderá roubar-ma. Avante pois, contra a infidelidade que cobre a Terra Santa e guerra ao traidor maldito ! "

Inácio estava resolvido a partir. A peste diminuía de intensidade em Barcelona, os navios não podiam demorar-se a fazer-se ao mar, e o nosso Santo queria encontrar-se lá para embarcar no primeiro que se fizesse à vela para Itália.

A notícia da sua próxima partida causou intensa dor aos seus amigos. Orações, lágrimas, súplicas, tudo foi empregado em vão para o afastar de uma viagem que então se julgava das mais perigosas. Algumas pessoas inutilmente solicitaram o favor de o acompanhar, acrescentando

- O senhor não sabe nem latim nem italiano; leve em sua companhia alguém que fale um ou outro idioma, para lhe servir de intérprete e evitar os inconvenientes, que resultam da ignorância da língua desses países.

- Ainda que me dessem o filho do duque de Córdova, - respondeu

enèrgicamente o nosso herói-não o aceitaria. Se eu levasse companheiro de viagem, contaria com ele para me alimentar quando tivesse fome, para me levantar quando caísse... Não! Poria nele a confiança que só devo pôr em Deus; unir-me-ia a ele, em vez de só amar a Deus... Não! não quero ninguém..., ou, antes, parto acompanhado da Fé, da Esperança e da Caridade; a Fé me guiará, a Esperança será a minha despenseira e a Caridade não me abandonará nunca.

Inácio tinha como inimigos, naquela cidade, alguns homens, em pequeno número, é certo, cujo endurecimento no pecado havia resistido às suas constantes exortações. D. Inês Pascoal, temendo que ele fosse perseguido com as suas injúrias, e que a sua própria vida fosse ameaçada, chamou seu irmão D. Antônio Pujole, que era um dos familiares do Arcebispo de Tarragona, e pediu-lhe que acompanhasse a Barcelona o santo penitente. Não podendo recusar esta companhia, submeteu-se humildemente.

Inácio não tinha dinheiro; mas todas as bolsas se lhe abriram; queriam que levasse ao menos uma soma suficiente para as despesas da viagem.

- A Providência, - respondeu ele - encarregar-se-á de fazer as despesas da viagem e do regresso.

E, tomando os manuscritos e o bordão de peregrino, partiu a pé, não querendo outras provisões senão o pão da esmola, que lhe fosse dado no caminho, a água que a sua cabaça levava, e, principalmente, a confiança em Deus. Um sacerdote, chamado Caváglia, tinha-lhe sempre dado esmola com terno respeito. No momento de o abandonar, Inácio quis deixar-lhe uma lembrança do seu reconhecimento, mas não possuía nada: tem apenas o seu livro de oficio da Santíssima Virgem e faz o sacrifício de lho dar.

Não pode conter as lágrimas à vista da desolação daqueles que o amam; promete a todos as suas recordações e lembranças e arrancando-se enfim aos seus pesares e à sua ternura, encaminha-se para Barcelona com D. Antônio Pujole, que cavalgava perto dele numa mula.

V. PEREGRINAR...

Um pregador célebre atraía o povo à catedral de Barcelona durante a quaresma de 1523, e D. Isabel de Roseli, uma das mais distintas senhoras da cidade, não faltava a nenhum dos sermões. D. Isabel tinha-se retirado completamente do mundo e vivia só para Deus e para seu marido, que, tendo perdido a vista, reclamava todos os seus cuidados.

Um dia, escutava ela o pregador de que falamos, quando o seu olhar se volta maquinalmente para o santuário. Os degraus do altar estavam cobertos de crianças, como de ordinário, e, entre elas, distingue um homem que lhe atrai a atenção. É um estrangeiro. Os seus vestidos são comuns, mas a fisionomia é celeste e os traços duma extrema distinção; o rosto pálido, magro, alongado, e parecia extenuado pela fadiga, pelo sofrimento ou pela mortificação; o seu manto é o dos peregrinos. Virá ele de longe e terá necessidade de socorros e de cuidados ?...

Enquanto a boa senhora se entrega a estas observações, uma auréola luminosa rodeia a cabeça do estrangeiro, e D. Isabel crê ouvir uma voz interior que lhe ordena que não saia da igreja sem falar àquele peregrino. Mas atribui esta voz a uma ilusão da fantasia, e entra em casa muito apressada depois do sermão para contar a seu marido o que viu e as impressões que recebeu

- Deve ser um Santo, - acrescentou ela - e, se aprovas, mandarei um dos nossos criados convidá-lo, em teu nome, a fazer-nos a honra de jantar conosco.

- Da melhor vontade; - lhe respondeu o marido - será para mim uma felicidade ouvi-lo falar de Deus. Manda depressa o criado para que o encontre ainda na igreja.

Estava terminado o ofício quando o criado de D. Isabel se apresentou na catedral; mas o peregrino ainda ali estava e reconheceu-o facilmente pelo retrato que dele lhe tinham feito. Aproximou-se, pediu-lhe que saísse, e disse-lhe:

- Senhor peregrino, meus amos, que são verdadeiros servos de Deus, enviam-me a dizer-vos, que faríeis uma obra agradável a Deus

e à Santíssima Virgem, se quisésseis, a titulo de peregrino, fazer-lhes a honra de vos sentardes à sua mesa para jantai com eles.

- Benvindo seja, meu irmão; - respondeu simplesmente o estrangeiro - sou servo dos seus amos; conduza-me, que eu o seguirei.

O santo peregrino encheu de consolação os seus hospedeiros pela maneira como falava de Deus. Pela elevação dos seus pensamentos, pureza de expressões, distinção de linguagem, não puderam duvidar da sua origem fidalga; mas, :não ousando interrogá-lo sobre este ponto, D. Isabel perguntou-lhe somente qual o fim da peregrinação.

Roma, - respondeu.

Não ousava confessar o fim principal, os Lugares Santos, com receio de dar largas à vaidade, pois que naquele tempo aquela peregrinação era rara e atraía a estima sobre os que tinham a coragem de a empreender.

- E quando partireis?

- Embarcarei no bergantim que vai fazer-se à vela para a Itália.

- No bergantim! - exclamou D. Isabel - peço-vos que tal não façais, senhor peregrino, porque a vossa vida correrá risco Tomai passagem num navio mercante que partirá daqui a oito dias; o nosso Bispo dirige-se a Roma nesse navio e podeis fazer a travessia com ele.

- Esse santo Prelado é meu tio, - acrescentou o Sr. Rosell - e estou certo que lhe será agradável viajar convosco.

- Já entrei em relações com o capitão do bergantim; - disse Inácio de Loiola - mas retardarei a minha partida e irei no navio mercante, visto que assim, o desejais.

- Por felizes nos daríamos,-acrescentou o Sr. Rosell - se aceitásseis hospitalidade em nossa casa durante os dias que tendes de espera.

- Não posso ceder a esse desejo, senhor; - respondeu Inácio - impus-me a lei de não ter outra morada senão o hospital, onde encontro grandes misérias a consolar e a aliviar.

- Pois bem, - disse Isabel - permiti ao menos que façamos as despesas da viagem.

- Senhora, - respondeu o Santo - comove-me a sua caridade e muito a agradeço; Deus lhe pagará o bem que deseja fazer-me e que não posso aceitar; uma condição da minha passagem a bordo do navio, é que o capitão ma concederá por amor de Deus.

Os novos amigos do nosso peregrino não puderam obter outras concessões e separaram-se dele com pesar.

Inácio, persuadido de que Deus se tinha servido de D. Isabel para o preservar dum grande perigo, foi buscar os seus manuscritos, que já tinha no bergantim. Apressemo-nos a dizer que tendo-se este navio feito à vela no dia imediato, foi assaltado por uma violenta tempestade e no mesmo dia submergiu-se, perdendo-se a carga e a tripulação.

O capitão do navio mercante consentiu em conceder passagem gratuita ao santo peregrino, mas com a condição de que ele se proveria de víveres e não pediria esmola aos passageiros. Inácio prometera não comer outro pão senão o que mendigasse; a condição imposta pelo capitão perturba a sua consciência e consulta o seu confessor; tendo-lhe este ordenado que se submetesse, o nosso herói encontrou meios de conciliar tudo. Percorreu todas as ruas da cidade estendendo a mão aos transeuntes, aceitando restos de pão, moedas de cobre, tudo o que lhe davam. Metia o pão duro num alforje, o dinheiro no bolso e a todos testemunhava um sincero reconhecimento.

Era assim que o brilhante Inácio de Loiola preparava as suas provisões para tão longa viagem!

Quando ele assim mendigava numa das maiores ruas de Barcelona, viu uma senhora de nobre e rica aparência à porta de uma casa; essa senhora ia a entrar; Inácio aproxima-se e pede-lhe uma esmola por amor de Deus

- Miserável vagabundo!-lhe responde ela-não tens vergonha do modo de vida que segues? Crês que não é fácil ver que não nasceste para mendigar? Não é a mim que tu enganas! Adivinho-te:

dissipaste a tua fortuna como o filho pródigo, e agora estás reduzido a estender a mão para desonra e ignomínia da tua família.

Inácio escutou sem responder; com os olhos baixos e atitude respeitosa; parecia um criminoso na presença do juiz. A Sr.a D. Zepila, assim se chamava, continuou:

- Aonde vais, desgraçado?

- A Roma, senhora.

- Aqueles que lá vão não vêm melhores. Onde moras?

- No hospital.

- Como te chamas?

- Não posso responder a essa pergunta.

- Já o sabia! Vai-te, és um miserável! Não te darei esmola, que a não mereces !

- Diz V. Ex.a a verdade, senhora; eu não mereço esmola de ninguém, e sou o maior de todos os pecadores! Agradeço a V. Ex.a por me ter julgado e tratado como eu devia ser sempre tratado. Muito obrigado, senhora, muito obrigado!

E o nosso Santo retirou, depois de se ter profundamente inclinado diante da senhora que assim o acabava de humilhar.

D. Zepila era mãe de um filho que, com suas desordens, lhe arruinara a fortuna, fugira alguns anos antes e de quem não tinha notícias... A aparência de nobreza de Inácio, a distinção dos seus traços e da sua pessoa tinham-lhe lembrado o filho cujos desvairamentos deplorava, e, julgando-o também culpado, tratara-o sem piedade. A doçura e a humildade do nobre mendigo esclareceram-na e deram-lhe um grande pesar de o ter repelido com tanta dureza. Naquela mesma tarde, enviou-lhe uma esmola importante ao hospital, com recomendação de que orasse por ela e pelo filho cuja recordação lhe causara a irritação que lamentava com amargura.

VI. POR TERRAS E MARES DISTANTES

Chega o momento da partida. o navio vai levantar ferro e Inácio dirige-se a bordo. As suas provisões são suficientes: o seu alforje leva o pão e a sua cabaça vai cheia de água.

Não será bastante? Tem algumas moedas de cobre. Guardá-las como propriedade sua seria contrário ao espirito de pobreza; dá-las aos marinheiros seria dispô-los em seu favor; reservá-las para comprar pão no desembarque seria falta de confiança em Deus. Deixa-as na margem para o primeiro pobre que as encontre.

Cinco dias depois, uma violenta borrasca lançava o navio no porto de Gaeta, e o nosso peregrino, sem perder um instante, segue a pé, a estrada de Roma.

No fim do primeiro dia, encontra-se numa vila, onde algumas pessoas reunidas junto dum grande fogo, peito da hospedaria, o convidam a aquecer-se. Inácio estende-lhes a mão e pede à sua caridade uma esmola e um abrigo por amor de Deus. Dão-lhe de comer e mandam-no para a estrebaria! O nobre Inácio de Loiola dirige-se para ali, bendizendo a Deus por esta humilhação; porque o orgulho de raça não está ainda extinto na sua alma e ele tem sede de tudo o que possa contribuir para o esmagar sem piedade. No meio da noite, ouve gritos de socorro sobre a estrebaria; sobe o mais depressa possível para levar socorro à pessoa que parece chamá-lo, e encontra uma mulher lutando com um homem que quer ultrajá-la. Inácio fala espanhol a esse desgraçado italiano, mas fala-lhe em nome de Deus, ameaça-o com a sua cólera, é compreendido e a mulher é salva.

Antes do pôr do sol o Santo põe-se a caminho. Chegando à noite muito tarde a uma pequena cidade, encontrou a porta fechada; retira-se a uma pequena capela fora dos muros c aí passa a noite. Ao abrirem-se as portas, apresenta-se para entrar na cidade; perguntam-lhe pelo passaporte, porque a peste assola uma parte da Itália e ninguém penetra nas cidades se não for munido dum certificado de saúde. O nosso herói ruão tem por si senão a sua confiança em Deus e tem contra si um rosto extenuado, uma magreza excessiva... É-lhe recusada a entrada. Resigna-se a seguir outro caminho, ladeando a cidade; mas chegando à primeira vila, é forçado a parar.

Exausto de fadiga, reduzido à extrema fraqueza pelos jejuns e austeridades, sofrendo da perna direita, à qual não deixou o tempo necessário para se fortificar e restabelecer-se do violento tratamento que lhe fez sofrer, experimentando vivas dores de estômago, não podia dar mais um passo.

Enquanto o santo peregrino descansava das suas grandes fadigas numa vila desconhecida, ignorando a língua dos habitantes e sofrendo com este gênero de isolamento, vê o povo subitamente agitado, e todos correm a vestir os seus hábitos de festa com a agitação do prazer e da alegria. Daí a pouco compreende que a princesa suserana da cidade, em que lhe foi recusada a entrada, vai atravessar a vila para se dirigir àquela cidade. Junta-se aos habitantes que a vão esperar e aproveita a ocasião para lhe pedir autorização de passar pela sua boa cidade a fim de se dirigir a Roma, acrescentando

"- Afirmo a Vossa Alteza que não tenho a peste e que a minha doença é apenas fraqueza".

Tendo-lhe sido concedida esta autorização, descansou dois dias naquela cidade e retomou em seguida o caminho de Roma, onde chegou no domingo de Ramos do ano de 1523.

Passou ali a Semana Santa, visitou todas as igrejas, recebeu a bênção do Soberano Pontífice Adriano VI, assim como a permissão de fazer a peregrinação à Terra Santa, e dispôs-se para a partida.

Não tendo podido dissuadi-lo de empreender esta perigosa viagem alguns espanhóis que encontrara na Cidade Eterna, forçaram-no a aceitar ao menos sete peças de ouro para a travessia. Inácio de Loiola censurou-se logo desta falta contra a santa pobreza. Saindo de Roma, distribuiu aos pobres tudo o que acabava de receber e dirigiu-se para Veneza, sempre a pé, pedindo a esmola do tecto que o devia abrigar e do pão que o devia alimentar.

As dificuldades da viagem tornavam-secada vez maiores. A doentia palidez do seu rosto aterrava a todos; afastavam-se dele com terror, tomando-o por um pestífero.. Não podendo atravessar as cidades cuja entrada lhe era recusada, nem achar nas vilas e aldeias um abrigo para a noite, via-se obrigado a tornar ao ar livre os curtos momentos de descanso que concedia à sua fraqueza. Entre

Chioggia e Pádua tinha conseguido juntar-se a alguns viajantes que iam a pé como ele e esperava poder entrar coxas eles na cidade. Chegados à porta, pediram-lhes o passaporte; ninguém o apresentou e foram repelidos. Os companheiros do nosso Santo voltam atrás para arranjar o atestado de bom estado de saúde, mas não querem ir com o pobre mendigo, que se dispunha a segui-los, porque estão persuadidos que só o seu aspecto seria um obstáculo para obterem o atestado. Além disso, Inácio está fraco e anda a custo. Parece-lhes bom este pretexto para se desembaraçarem dum pobre mendigo, cuja companhia é uma humilhação para eles. Declaram-lhe pois que, não podendo acompanhá-lo na sua marcha vagarosa, lhe tomam a dianteira.

Inácio, exausto de fadiga, abandonado num lugar desconhecido, não sabendo o caminho que devia seguir, põe-se em oração, mais confiado que nunca na Providência, porque lhe falta todo o socorro humano.

Aquele por quem ele se expunha a tantas privações e sofrimentos vem, com efeito, em seu auxílio: Nosso Senhor aparece-lhe, consola-o, promete fazê-lo entrar em Pádua e em Veneza, e deixa-o inundado duma alegria inexprimível.

O nosso peregrino põe-se a caminho, cheio de força e de coragem. Junta-se aos viajantes que o tinham abandonado e sabe deles que, apesar de irem munidos do atestado de saúde, os não deixaram entrar em Pádua. Inácio não desanima.

Chegado à porta daquela cidade, passa por meio dos guardas, que lhe não dirigem nenhuma pergunta e parece não o verem. Continua a sua peregrinação, transpõe a entrada de Veneza como se fora invisível, e isto sob as vistas dos seus companheiros de viagem, que encontrou naquele momento, e que, menos felizes que o mendigo desprezado, sofreram um exame minucioso das suas pessoas e dos seus papéis antes de lhes consentirem que entrassem na cidade.

Era avançada a hora quando chegou a Veneza. Ignorando onde estavam situados os diversos hospitais, refugiou-se num pórtico para lá passar a noite.

Este pórtico era o do palácio Trevisano, pertencente ao senador deste nome, Marco Antônio, venerado pelas suas grandes virtudes e

eminente piedade [26]. Este senhor, que acabava de pegar no sono, despertou de repente ouvindo estas palavras:

"- O meu servo está deitado na pedra à porta do teu palácio e tu dormes molemente num leito adornado de ricos bordados!"

O senador levantou-se logo, correu à porta do seu palácio; dá com os pés num corpo que faz um ligeiro movimento vê que é um pobre peregrino sem asilo e condu-lo a casa, onde o trata com o maior respeito.

O nosso herói não podia permanecer numa casa onde era tão estimado, e saiu para ir para casa dum negociante espanhol, biscainho, que o tinha reconhecido, mas não aceitou seus oferecimentos. O senador e o negociante queriam fazer-lhe as despesas da viagem, mas ele recusou e pediu-lhes apenas que lhe obtivessem uma audiência do doge André Gitti. O navio que levava os peregrinos para a Terra Santa, tinha abandonado as águas de Veneza e devia arribar à ilha de Chipre; ora, naquele momento, a república enviava um novo governador àquela ilha, e estando pronta a pôr-se à vela a nau do Estado que devia transportá-lo, Inácio desejava obter o favor de ir nessa nau:

- Pense, - diziam-lhe - que, desde a tomada de Rodes pelos Turcos, os seus piratas cruzam sem cessar o mar da Síria e que o menor perigo a que o senhor se pode expor é o da escravatura.

- Nada disso, - respondia ele - pode abalar a minha confiança; se os navios faltassem, eu faria, com o auxilio do céu, a atravessia numa prancha.

Pediram-lhe que não abandonasse Veneza sem ver o embaixador de Carlos V; mas Inácio recusou

- Nada tenho que fazer com os grandes deste mundo, - respondeu ele - e nada tenho que pedir-lhes: estou sob a proteção do Rei do céu e da terra, a quem tenho a honra de servir; esta me basta e não me faltará nunca.

Concederam-lhe passagem na nau do Estado; mas, na véspera da partida, assaltou-o uma ardente febre. Foi-lhe receitado um medicamento que exigia descanso e medidas de prudência; Inácio

não pode resolver-se a seguir os conselhos da sabedoria humana. O médico proíbe-lhe que embarque, dizendo-lhe que a sua vida perigava; a sua inspiração impele-o, porém, a partir e a não perder esta ocasião de ir à Palestina, e obedece à sua inspiração. Embarcou no dia 14 de julho e o enjoo curou-o completamente.

A equipagem da nau compunha-se de marinheiros e de passageiros, cujo proceder e palavras eram objecto de escândalo para o nosso peregrino. Inácio fez ouvir a esses desgraçados pecadores a linguagem da fé e lembrou-lhes as verdades que eles pareciam ter esquecido. A sua palavra não é compreendida, os seus conselhos são desprezados; filham-no como censor importuno, cuja temeridade querem punir, desembaraçando-se da sua presença. Naquelas paragens há uma ilha deserta; manobram de maneira a parar ali apenas o tempo necessário para lá deixarem o peregrino espanhol. Um dos passageiros sabendo da infernal combinação, adverte dela o nosso Santo, que redobra as suas exortações com mui pouco êxito. Os marinheiros persistem no seu projecto homicida, manobram com este fim e aproximam-se da ilha desabitada; mais alguns instantes e o crime será consumado... Uma espantosa rajada de vento, que nada pressagiava, e que ninguém podia prever, repeliu a nau, arrebatou-a e levou-a até à ilha de Chipre!

Não tinha Inácio de Loiola dito antes de embarcar: "Estou sob a proteção do Rei do céu e da terra, a quem tenho a honra de servir; ela me basta e não me faltará nunca"?

- Anterior
- Índice
- Posterior

VII. NA TERRA SANTA

O navio que partia para a Terra Santa ia fazer-se à vela no momento em que o nosso Santo o abordou: apenas teve tempo de passar de bordo de um para outro. No dia 31 de Agosto, depois da mais feliz travessia, desembarcava em Jafa e no dia 4 de Setembro estava em Jerusalém.

Não falaremos das suas impressões à vista dos lugares santificados pela presença do divino Salvador e daqueles onde se realizaram os inefáveis mistérios do seu amor; que favores não deve receber, naqueles sagrados lugares, aquele a quem Deus se tinha comunicado tão freqüentemente e tão maravilhosamente em Manresa?

Nesta última cidade, Deus tinha-lhe feito conhecer que o destinava a trabalhar na salvação das almas, e que seria ajudado nesta missão por alguns discípulos. Mas em que época? Em que lugar? Quem seriam os seus discípulos? Inácio ignorava-o. O desejo que tinha experimentado, desde o primeiro momento da sua conversão, de fazei a peregrinação à Terra Santa, pareceu-lhe ser uma indicação dos lugares nos quais devia exercer o seu zelo e formar a Companhia de discípulos destinados a tomar parte no seu apostolado. Resolveu, pois, fixar-se em Jerusalém e dirigir-se ao Padre Guardião dos Franciscanos, a quem entregou uma carta de recomendação que trouxera da Europa, acrescentando:

- Tenho o maior desejo de permanecer em Jerusalém e peço a vossa Reverência autorização para aqui residir sempre.

- Só o Reverendo Padre Provincial lhe pode dar essa licencia, meu irmão; - lhe respondeu o religioso - ele está presentemente em Belém, esperamo-lo em breve, o senhor vê-lo-á e talvez ele lhe conceda o que pede.

- Apesar de viver de esmolas, meu Padre, - continuou o nosso peregrino - não serei pesado à casa e só pedirei à caridade de Vossas Reverências os socorros espirituais do seu ministério.

- Espero pelo Padre Provincial, - repetiu o Padre Guardião - falar-lhe-ei em seu favor e espero que ele o atenderá.

Cheio de esperança, Inácio escreveu logo a alguns de seus amigos, dos quais contava fazer apóstolos, e convidou-os a irem juntar-se-lhe a Jerusalém. As suas cartas deviam partir quando regressasse o navio que trouxera os peregrinos.

Havia perto de dois meses que a piedosa caravana estava em Jerusalém, quando, chegado enfim o Padre Provincial dos Franciscanos, Inácio se lhe apresentou e lhe fez o pedido, sem todavia lhe dizer o motivo que o fazia desejar estar na Palestina [27].

- Compreendo e aprovo a sua devoção - lhe respondeu-mas sinto não poder satisfazer o seu pedido, porque prejudicaria os interesses da nossa casa, já tão pobre. A muito custo encontramos os suficientes recursos, o senhor não tem outros meios senão a caridade pública, e assim privar-nos-ia em proporção do que lhe fosse dado... Sou até obrigado a reenviar para a Europa alguns dos nossos irmãos que não podemos alimentar. Amanhã partirão com os peregrinos.

- Meu Reverendo Padre - disse o, nosso Santo - prometo não tirar as esmolas que são destinadas à vossa casa e só pedir a Vossa Reverência os socorros espirituais.

- Meu caro irmão, - replicou o Padre Provincial - o interesse da nossa casa não é o único motivo da minha recusa; vai nisso também o seu interesse pessoal. Muitas vezes os peregrinos são mortos pelos Turcos; algumas vezes fazem deles escravos; e, neste último caso, o nosso convento é obrigado a resgatá-los. O mais seguro para o senhor é voltar - à Europa.

- Meu Padre, o receio da morte ou da escravatura não me afastará dos Lugares Santos. Só o temor de ofender a. Deus terá poder de me determinar a esse sacrifício.

- Então parta imediatamente, - acrescentou o Provincial - porque o senhor o ofenderia permanecendo aqui contra, minha vontade. Tenho uma bula do Santo Padre que nos. autoriza a excomungar quem continue na Terra Santa depois. da nossa proibição.

- Vou partir, meu Reverendo Padre, - respondeu o nosso Santo inclinando-se profundamente.

- E retirou-se a fim de preparar a sua partida. Não podendo todavia resignar-se a embarcar sem tornar a ver e venerar pela última vez os vestígios dos sagrados pés do Salvador no monte da Ascensão, e querendo ir só a esta última. peregrinação, dirigiu-se furtivamente ali, apesar do perigo que corria de ser maltratado ou roubado pelos Turcos. Não tinha dinheiro, e deu ao guarda o seu estilete de escrever, e o guarda deixou-o passar. Ao voltar, queria ir fazer uma estação à montanha de Betfagé; mas recordando-se de que não observara a orientação dos vestígios sagrados, volta, atrás, dá ao guarda a única coisa que lhe restava, as suas tesouras, e satisfaz a sua devoção.

Entretanto dá-se pela ausência de Inácio e em vão o procuram. Os Franciscanos desconfiam da sua imprudência e mandam um Armênio ao monte das Oliveiras com ordem de trazer o peregrino. O Armênio encontra o nosso herói na parte inferior da montanha, insulta-o, maltrata-o, ameaça-o com o pau, e fá-lo caminhar adiante de si como um criminoso Inácio de Loiola mal ouve as injúrias com que o honram Nosso Senhor, por amor de quem se expôs a esta humilhação, aparece-lhe no mesmo momento, em que o Armênio se apresentou, e caminhava junto dele, espalhando-lhe na alma indizíveis consolações.

No dia seguinte, o nosso Santo embarcava com os peregrinos, levando a doce esperança de poder voltar um dia àquela terra bendita, onde deixava o coração.

Chegado ao porto da ilha de Chipre [28], donde partira, encontrou três navios prontos a fazer-se à vela para Itália: um era um galeão turco, que recusou o novo peregrino; o segundo era um navio veneziano bem armado, em que todos os italianos tomaram passagem, pedindo ao capitão que recebesse Inácio por amor de Deus

É um verdadeiro Santo, - lhe disseram - e fará descer, as bênçãos do céu sobre a vossa travessia.

- Pois - respondeu o capitão - se é Santo, que faça o milagre de andar sobre as águas e que atravesse o mar a pé.

O terceiro navio estava em mau estado e receava-se que não pudesse resistir ao menor golpe de vento; mas, tendo-o o capitão

recebido gratuitamente, Inácio subiu para bordo, e no a dia seguinte, ao romper da aurora, os três navios levantaram ferro. Durante todo o dia foram açoitados pelo vento mais favorável; ao pôr do sol, separou-os uma imprevista tempestade.

O galeão turco desaparece em pleno mar com toda a equipagem; o navio veneziano, lançado violentamente sobre as margens da ilha de Chipre, bate num escolho e faz-se pedaços conseguindo a equipagem salvar-se nas canoas; o navio que conduz o nosso Santo recebe algumas avarias, repara-as num porto napolitano e chega felizmente a Veneza, nos fins de Janeiro de 1524, depois de mais de dois meses de travessia.

O frio era intenso; Inácio de Loiola trazia vestidas umas calças de algodão, um colete e uma túnica do mesmo tecido, que não tinha abandonado desde a sua partida de Manresa e que estavam a cair a pedaços. Que tinha feito do seu manto de pano? Sabia-o a sua caridade. Em Veneza encontrou o rico negociante espanhol que o conhecia e que não conseguiu fazer-lhe aceitar outra coisa, para o preservar do frio, senão um pedaço de pano, que colocou, dobrado, no estômago, de que continuava a sofrer muito. Todavia, as instâncias do bom negociante foram tais, que o nosso peregrino, temendo afligi-lo se persistisse na recusa, consentiu em aceitar uma esmola de quinze peças de ouro, e, instado para voltar a Espanha, pôs-se imediatamente a caminho.

A Franca e a Espanha estavam em guerra, as suas tropas cobriam a Lombardia, e convidaram o nosso Santo a seguir pelo mar em Veneza para evitar as terras de ocupação, através das quais podia correr grandes perigos; mas sendo o itinerário mais simples ir embarcar em Génova, julgou que seria falta de confiança na Providência se tomasse outro caminho. Partiu pois, a pé, vestido como dissemos, pedindo esmola, tiritando de frio e enterrando-se nas neves que cobriam as montanhas. Em Ferrara entrou na catedral para orar; apesar da sua pobre aparência, um mendigo aproxima-se-lhe e implora a sua caridade por amor de Deus. Inácio recorda-se que possui quinze peças de ouro e dá-lhe uma. O mendigo, surpreendido com tanta generosidade, corre ao átrio, anuncia aos seus companheiros a sua boa fortuna e convida-os a irem estender a mão ao generoso peregrino. Os pobres sucedem-se junto de Inácio, que dá uma peça a cada um, até que, não tendo nenhuma, sai da igreja e diz-lhes com a mais terna compaixão

- Meus bons amigos, não tenho mais nada, nem para mim, nem para vós; dei-vos tudo quanto tinha !

Vendo passar pessoas ricas, vai estender-lhes a mão e pedir a sua parte à caridade delas. Os mendigos exclamam então: - É um Santo! É um Santo!

Inácio, ouvindo isto, desaparece com a prontidão do relâmpago. Continua a sua viagem pela Lombardia, passando a noite ao ar livre ou abrigado num telheiro, e algumas vezes num pardieiro em ruínas.

Atravessando uma viela, ocupada pelo exército de Carlos V, é tomado como um espião e preso como tal. Pode ser reconhecido por oficiais ou soldados, pois que todos são espanhóis; toma então uma resolução: afetará as maneiras e a linguagem do povo, porque o amor próprio não está morto nele e sente vivamente o seu aguilhão naquele momento. Sabe que bastará dizer: Sou Inácio de Loiola, para se ver rodeado de honras e de respeito. Mas não dirá! Talvez sofra um rude castigo... Teme-o, sente-se fraco em face deste receio, que não lhe pode vir senão do demônio, reconhece-o e não cederá. A todas as perguntas que lhe dirigem os soldados espanhóis, responde com silêncio. Despem-no para ver se lhe encontram papéis comprometedores, de que supõem que é portador. Não encontrando nada e não sabendo o que fazer dele conduzem-no, assim despido, ao oficial que comanda o corpo.

-Quem és? Donde vens?

Inácio guardou silêncio.

- Onde vais?

- A Génova.

-És um espião?

- Não.

- De que país és? Com que fim viajas?

Inácio não respondeu.

- Este homem é idiota, - disse o comandante àqueles que lho trouxeram. Como tomaram este imbecil por um espião? Deixem-no ir em paz.

Levando-o, os soldados maltratam-no, riem-se dele e do seu idiotismo, enchem-no de humilhações. Inácio agradece a Deus interiormente este favor de que se reconhece indigno. Um oficial, impelido pela compaixão, tira-o das mãos dos soldados, dá-lhe alguma coisa que comer e alberga-o durante aquela noite.

Mais adiante atravessa o quartel dos franceses; as sentinelas prendem-no, conduzem-no ao general e Inácio espera colher um novo tesouro de sofrimentos e humilhações; mas a Providência ordenou o contrário. Estando entre franceses, Inácio não receia ser reconhecido.

- Donde vens? -lhe pergunta o general.

- Da Terra Santa.

- Aonde vais?

- A Génova, embarcar para Espanha.

- Donde és?

- Da Província de Biscaia, em Espanha.

- Pois bem, meu amigo, serás bem tratado no campo, porque eu sou Biscainho de origem e quero proteger um compatriota.

Inácio recebeu, com efeito, cuidados e esmolas no campo francês; descansou ali alguns dias das suas grandes fadigas e dirigiu-se em seguida a Génova, onde foi reconhecido por D. Rodrigo de Porteado, general das galeras de Espanha, que o vira na corte dos reis católicos e que era também da província de Biscaia. D. Rodrigo fez-lhe tomar passagem num navio que se fazia à vela para Espanha, e que, apesar da perseguição dos piratas genoveses e das galeras de André Dória ao serviço da França, chegou poucos dias depois, sem incidente, às águas de Barcelona.

TERCEIRA PARTE

MESTRE E DISCÍPULO

(1524-1534)

I. OS PRIMEIROS ESTUDOS

Inácio de Loiola sabia que Deus o destinava a fundar uma Companhia de Apóstolos, e sentia necessidade de recrutar os seus discípulos entre os jovens que se davam ao estudo das ciências ou das letras.

Mas perguntava a si se a sua ignorância pessoal não comprometeria os seus esforços junto deles. Os homens não tinham nada que ensinar-lhe nas ciências divinas, porque Deus, como vimos, o tinha instruído e maravilhosamente esclarecido; mas não sucedia o mesmo com as ciências humanas. Impelido por outra parte para o estudo, por uma inspiração secreta assaz imperiosa para que pensasse em resistir-lhe, a sua resolução estava tomada. ia sentar-se nos bancos da escola, aos trinta e três anos de idade, e, para maior glória de Deus, misturar-se com os rapazinhos estudantes, a fim de aprender com eles os primeiros elementos da língua latina. Era necessário uma virtude como a de Inácio para não recuar diante de tal empresa, porque ele tinha aversão ao estudo; mas pedia-o a glória de Deus, e, embora tivesse que dedicar metade da sua vida a esse rude labor, não hesitava!

Chegando a Barcelona, foi ver D. Isabel Rosell e D. Inês Pascoal e comunicou-lhes o seu projecto. Isabel prometeu-lhe fazer as despesas dos livros e doutros objetos necessários e assegurou-lhe que encontraria sempre em sua casa as esmolas de que tivesse necessidade. D. Inês ofereceu-lhe um quarto numa casa sua, ao fim da rua de los Cotoneros, a última à esquerda de quem sai para o mar. Como os hospitais eram aos arrabaldes, se para lá fosse ficaria muito afastado das aulas.

O professor Jerónimo Ardebalo recebeu-o gratuitamente no seu curso de gramática e o nosso Santo meteu ombros à empresa , sem

demora.

Aqui esperava-o uma nova artimanha do demônio.

Apenas entrava na aula, o seu espírito só se ocupava de Deus; as coisas espirituais absorviam-no completamente, não compreendia o que lia, não ouvia as explicações do professor e as consolações espirituais que experimentava iam até ao êxtase; todos os seus esforços para vencer este estado extraordinário não davam resultado algum.

"- É notável! - dizia ele a si mesmo por fim. Quando oro, me confesso, tenho a felicidade de comungar, me disciplino, ou me entrego a qualquer exercício espiritual, os êxtases não vêm tão frequentes nem tão completos; e apenas me quero entregar ao estudo, não para satisfazer uma vã curiosidade, mas unicamente para maior glória de Deus, sou obrigado a renunciar a ele pela abundância das consolações espirituais que o céu parece espalhar sobre mim. Reconheço nisto o espírito das trevas transformado em anjo de luz; apressemo-nos a frustrar os seus manejos infernais".

No dia seguinte, Inácio pediu ao seu professor que o acompanhasse à igreja de Nossa Senhora do Mar. Ali, pôs-se diante dele de joelhos e disse-lhe:

"- Mestre, sou culpado, muito culpado! Até agora negligenciei o trabalho, fui preguiçoso no estudo, não correspondi aos seus cuidados; suplico-lhe que me perdoe. Fui iludido pelos manejos do demônio, que Deus me fez a graça de poder reconhecer, manejos que quero frustrar custe o que custar. Comprometo-me neste momento, na presença do Rei e da Rainha do céu e da terra, a quem tenho a honra de servir, a trabalhar sob a sua direção durante dois anos. Comprometo-me solenemente a isto, e peço-lhe, mestre que me considere doravante como uma criança, me trate como tal e me castigue severamente, sendo preciso, para me tornar mais atento e mais estudioso!"

O professor não disse palavra, mas verteu lágrimas de enternecimento e apertou as mãos ao sublime discípulo; e, ao sair da igreja, abraçou-o com admiração, não tendo nunca visto virtude semelhante.

Desde este dia, Inácio pôde estudar com aplicação e bom resultado: os êxtases não voltaram.

Alguns sábios aconselharam-lhe, para lhe formar o gosto, a leitura das obras de Erasmo, entre outras a do Soldado Cristão.

Inácio leu-a; a princípio gostou e chegou a anotá-la; mas, percebendo que aquela leitura lhe esfriava o coração e prejudicava o seu espirito interior, repeliu para longe de si um livro que só era bom para enfraquecer o amor de Deus na sua alma. Leu então a Imitação de Jesus Cristo, que era as suas delícias.

Forçando-o a sua vida de estudo a diminuir uma parte do tempo que tinha por costume dar à oração, quis compensar esta privação, a fim de que não pudesse prejudicar o seu progresso espiritual. O estômago estava bom desde que chegou a Barcelona e Inácio aproveitou estas melhoras para voltar às austeridades, mas não sem ser autorizado pelo seu confessor, o Padre Diogo de Alcântara, religioso Franciscano. Não tornou a usar nem a túnica, nem a cadeia de ferro; querendo trabalhar na santificação das almas, sentia que não devia apresentar nada de austero no exterior. Usava uma espécie de sotaina cinzenta e chapéu de abas largas, que os espanhóis chamam sombrero. Trazia um cilício, aplicava rudes e frequentes disciplinas e tinha imaginado uma nova mortificação: cortara o meio da sola dos sapatos, de modo que, parecendo que andava calçado, andava descalço sem que ninguém o suspeitasse.

Inácio ocupava um pequeno quarto, no centro do último andar, e muitas vezes o filho de D. Isabel, João Pascoal, cometia a piedosa indiscrição de subir silenciosamente até lá no meio da noite e de espiar o nosso Santo por uma pequena abertura da porta. Via-o sempre em oração, ora prostrado, ora com os olhos elevados e os braços em cruz. Algumas vezes viu-o elevado acima do solo e rodeado de luz. Ouvia-o freqüentemente repetir

"- Ó meu Deus! ó meu amor! ó delicias da minha alma! Se os homens vos conhecessem, não vos ofenderiam nunca! Meu Deus! como sois bom em suportar um pecador como eu!"

D. Isabel e João Pascoal pediram-lhe baldadamente que comesse à sua mesa: quis sempre mendigar o pão necessário à sua subsistência de cada dia. A veneração que inspirava atraía-lhe

bastantes esmolas em roupas e dinheiro; tudo distribuía aos pobres que lhe assediavam a casa ou que lhe embargavam a passagem nas ruas. Sabia-se que dava tudo o que recebia; mas não deixavam de lhe dar, porque também se sabia que o tornavam feliz dando-lhe meios para satisfazer a sua caridade. D. Isabel queixou-se um dia por ele dar sempre aos pobres o que tinha de melhor.

- Ah! senhora, - lhe replicou o nosso Santo - se Nosso Senhor Jesus Cristo lhe pedisse esmola, guardaria o melhor para si?

Deus continuava a favorecê-lo freqüentemente com as suas mais íntimas comunicações e por vezes sucedeu que elas o surpreenderam fora de casa com irresistível força.

Um dia, ficara de joelhos durante mais de duas horas, e na. mais completa imobilidade, diante do altar de S. Mateus, na igreja do convento de S. Jerónimo, quando as religiosas, que o observavam com santa curiosidade, viram-no elevar-se da terra, sempre ajoelhado; o seu rosto tinha uma expressão seráfica, o seu olhar era celeste!

Inácio ia por muitas vezes à igreja do convento dos Santos Anjos, situado fora da cidade, entre a porta Nova e a porta S. Daniel. Renovou-se ali o mesmo prodígio algumas vezes. As religiosas, que foram testemunhas disso, tiveram um grande desejo de ver e falar com aquele a quem chamavam Santo. Inácio, prevenido deste desejo, apressou-se a satisfazê-lo com o pensamento de que Deus faria que fosse para sua maior glória a conferência que lhe pediam.

O convento dos Santos Anjos, havia muito tempo decaído do seu primitivo fervor, terminara por cair no mais deplorável relaxamento de costumes. As religiosas desejavam ver Inácio de Loiola, não para se edificarem, mas para satisfazerem uma curiosidade puramente humana. Tinham ouvido falar da sua nobre origem; dos seus brilhantes triunfos na corte e nas armas, dos sacrifícios de glória, de fortuna, de posição e de coração que ele tinha feito, na idade em que de ordinário o homem se entrega cegamente às esperanças ambiciosas do futuro, e queriam conhecer esta celebridade do momento.

O nosso Santo foi-lhes apresentado por um santo Padre, Martinho Puyalto, que o havia instruído das desordens daquele convento.

Inácio logo na primeira visita se exprimiu enèrgicamente contra o escândalo dado por algumas religiosas; lembrou-lhes o espirito do seu instituto e instou com elas para que reformassem a sua vida, e chegou, depois de mais algumas conferências, a conseguir que fizessem os Exercícios Espirituais. O resultado foi maravilhoso. Foi restabelecida a mais perfeita regularidade, adoptou-se a clausura em todo o rigor e a mais completa reforma reparou os mais escandalosos relaxamentos.

Alguns homens mundanos, aqueles que mais ativamente haviam contribuído para afastar as religiosas do espirito da sua vocação, irritaram-se contra o reformador e juraram vingar-se.

Voltando um dia Inácio de Loiola e o Padre Martinho Puyalto ao convento dos Santos Anjos, foram atacados, perto da porta S. Daniel, por dois escravos negros, que os feriram violentamente com um pau; o Padre Martinho morreu; Inácio caiu sem sentidos, e, julgando-o morto, os assassinos abandonaram-no e fugiram. Inácio não lhes tinha oposto nenhuma resistência; longe disso, tinha agradecido a Deus por assim ser tratado por sua glória e implorara a sua misericórdia em favor dos culpados até ao momento em que perdeu os sentidos. Voltava a si quando um moleiro, vendo-o estendido por terra, se aproxima, o interroga, coloca-o sobre o cavalo e o conduz a casa de D. Inês Pascoal: estava moribundo. Poucos dias depois tinham perdido as esperanças de o salvar, e as pessoas mais consideráveis da cidade enchiam-lhe a casa para o ver e admirar. D. Estefânia de Requesens vertia, junto dele, abundantes lágrimas:

- Por que chora, senhora? - lhe disse o nosso herói não deve lamentar-se, mas antes regozijar-se comigo.

D. Diogo de Alcântara, seu confessor, ordenou-lhe que tirasse o cilício que trazia; João Pascoal apoderou-se dele e não quis jamais entregar-lho: será esta, - dizia ele - a mais preciosa herança que deixarei aos meus filhos [29]. Enfim, depois de cinquenta e três dias de doença, Inácio voltou à sua. vida habitual. Uma das suas primeiras visitas foi ao convento dos Santos Anjos.

- Comete uma imprudência; - disse D. Inês - expõe-se a um novo ataque dos seus inimigos.

- A minha maior felicidade seria morrer por tão bela causa, - respondeu ele.

Mas o arrependimento havia entrado na alma do desgraçado que tinha mandado dois dos seus escravos executar as suas ordens. Um dia, um homem lançou-se de joelhos diante do santo apóstolo em plena rua:

Chamo-me Ribeira, - disse-lhe ele - e fui eu que mandei atacar o senhor pelos meus escravos; perdoe-me, por amor de Deus, esse crime! Eu queria a sua vida! Estava cego pelo ódio e furor, perdoe-me! A sua bondade, senhor, e a sua caridade abriram-me os olhos! O senhor podia ter-me perdido e não o fez !

Inácio consolou-o, assegurou-lhe que lhe tinha perdoado apenas recebeu os primeiros golpes e que desde esse momento não cessara de orar por ele. E fez de Ribeira um fervoroso cristão, que lhe foi sempre dedicado.

Outro dia, voltando do convento dos Santos Anjos, ouviu gritos de desespero no interior duma casa da rua Belloco. Entra, informa-se da causa e respondem-lhe:

" - O jovem Lizano, que andava em processo com seu irmão, como o perdesse, enforcou-se numa trave da casa".

Inácio, movido de compaixão por esta alma, mandou cortar a corda que suspendia o cadáver. Empregaram inútil todos os meios para chamar à vida o jovem e verifica-se que está morto. Inácio põe-se de joelhos, implora em voz alta a misericórdia infinita e pede que aquela alma readquira assaz vida para ter tempo de se confessar e de receber a absolvição dos seus pecados. No mesmo instante, o jovem Lizano abre os olhos e pede um Padre; confessa-se, recebe a absolvição e morre !

Havia dois anos que o nosso Santo estudava em Barcelona. O seu professor, julgando-o bastante adiantado para começar a filosofia, convidou-o a dirigir-se à Universidade de Alcalá. Tendo-se Inácio feito examinar por um doutor, que foi da mesma opinião, preparou-se para a partida. D. João Pascoal lançou-se-lhe aos pés.

- Permita-me, - lhe disse - que o acompanhe; segui-lo-ei por toda a

parte e quero ser seu discípulo.

- Não, meu caro João, - lhe respondeu o nosso Santo. Deus não quer que o senhor me siga; Ele quere-o no mundo. O João esposará uma senhora de eminente virtude, e terá alguns filhos, que lhe causarão grandes desgostos, cruciantes dores, até que um dia ficará reduzido a grande miséria!... Mas tenha coragem, porque todas essas tribulações serão para maior glória de Deus e santificação da sua alma.

E, tirando o pequeno crucifixo que trazia ao peito, deu-lho, acrescentando:

- O senhor encheu-me de testemunhos de afeto, assim como D. Inês; não o esquecerei nunca! Nada possuo, e desejo contudo deixar-lhe uma lembrança do meu reconhecimento; aceite este pequeno crucifixo, que me tem acompanhado em todas as minhas peregrinações, consolado em todas as minhas aflições, sustentado em todas as minhas provações.

João beijou o crucifixo, pô-lo sobre o coração -e não se separou dele até à morte. Veremos mais tarde se a predição que o nosso Santo lhe fez se realizou.

Um jovem catalão de Girona, Miguel Rodez, pediu-lhe igualmente para o seguir e tornar-se seu discípulo:

- Não, meu bom Miguel, - lhe respondeu - não é essa a sua vocação; o senhor deve ficar no mundo, fazer parte da magistratura, onde obterá belos triunfos [30].

Alguns outros jovens propuseram-se também acompanhar Inácio, mas ele aceitou apenas três: Calisto, Artiaga e Cazeros.

No dia da sua partida toda a cidade Barcelona estava em lágrimas.

II. EM ALCALÁ DE HENARES

Inácio de Loiola chegou só a Alcalá num dos primeiros dias do mês de Agosto de 1526. Ao entrar na cidade, pede esmola ao primeiro viandante que encontra: é um jovem estudante de filosofia, D. Martinho Olavo, que lhe dá da melhor vontade uma moeda qualquer. Deus recebeu esta esmola pela mão de Inácio e saberá recompensar um dia aquele que a deu, chamando-o à santa Companhia, da qual o pobre mendigo será fundador.

O nosso Santo foi alojar-se no hospital de Antezuma, é, como as aulas se não abriam antes de dois meses, entregou-se completamente à santificação das almas e a cuidar dos pobres e dos doentes. Vê no hospital, onde está, um jovem que lhe respira interesse tão vivo quanto era grave a doença da sua alma. Trata-o com terna caridade, faz-se amar por ele e pergunta-lhe qual a sua família e posição.

- Sou francês, - lhe respondeu o doente - mas fui educado em Espanha e sou pajem de D. Martinho de Córdova, novo vice-rei da Navarra. Acompanhava-o ao seu governo, quando ao passar em Alcalá, tive uma pendência de honra, na qual recebi a ferida que aqui me obriga a estar.

- Tenha coragem, senhor, - lhe disse o nosso Santo. Espero que Deus, na sua misericórdia infinita, se dignará servir-se desta ferida para curar todas as chagas da sua alma.

Este voto do apóstolo mendigo foi completamente ouvido; e tendo-se João, o jovem pajem convertido, declarado seu discípulo após a cura, partilhou a sua santa vida e as suas boas obras com Calista, Artiaga e Diogo Cazeros, chegados a Alcalá havia poucos dias. Inácio continuava só no hospital, onde lhe davam um pequeno quarto; os seus quatro discípulos tinham aceitado o asilo que a caridade lhes oferecera por consideração ao santo mestre: D. Fernando de Para alojava dois, D. André de Arce [31] outros dois.

Na sua extrema ansiedade de trabalhar exclusivamente para a conversão dos pecadores, Inácio de Loiola teria querido devorar as ciências humanas que devia aprender. Disseram-lhe que na Universidade de Alcalá se ensinava a lógica de Soto, a física de

Alberto Magno, a teologia do mestre das sentenças; Inácio deseja estudar tudo ao mesmo tempo, persuadido de que, penetrando estas três ciências na sua inteligência, ganhará um tempo precioso, que melhor poderá aproveitar.

Mas apenas consegue sobrecarregar o seu espírito, fatigá-lo sem proveito para a instrução e aumentar mais o desgosto do estudo.

Estabeleceu-se-lhe uma terrível confusão nas idéias, a coragem enfraqueceu, e, cedendo à inspiração que o impelia a abandonar o estudo por então, só se ocupou da salvação das almas, do cuidado dos pobres e dos doentes e dos seus progressos espirituais. Via por outra parte com clareza, pelas luzes sobrenaturais que o esclareciam, que Deus o tinha conduzido a Alcalá para este fim e não para continuar os estudos, que devia retomar mais tarde.

Empregou, pois, o tempo que não dedicava à oração, ao serviço dos doentes, à visita dos pobres envergonhados, à explicação do catecismo às crianças e às conferências espirituais. O catecismo e as conferências efectuavam-se numa sala do hospital. Dedicou-se principalmente à conversão dos numerosos estudantes da Universidade; os resultados ultrapassaram as esperanças. Em breve, a maior parte desses estudantes davam edificação geral. Reuniam-se nas conferências do nosso Santo, aproximavam-se dos sacramentos todos os domingos e todos os dias de festa e viviam exemplarmente.

Os amigos do santo apóstolo falam-lhe dum dignitário eclesiástico cujas desordens são conhecidas e cujos perniciosos exemplos já fizeram perder muitas almas. Tem uma fortuna considerável, e pertence a família ilustre; vive como nobre e é difícil aproximarem-se dele; nada disto, porém, pode ser obstáculo para o nosso herói. Sente que a conversão desta alma arrastará a de muitas outras. Cheio de confiança em Deus, tentá-la-á. Não foi para salvar almas que a Providência o enviou a Alcalá?

Inácio apresenta-se resolutamente à porta desse importante personagem e manda-lhe dizer que deseja falar-lhe para um negócio dos mais importantes e do maior interesse para ele. Inácio era conhecido, dizem ao dono da casa quem ele é, e este consente em recebê-lo, persuadido de que este mendigo, de quem se proclama a santidade, nada mais deseja do que uma boa esmola:

- É de assunto do maior interesse que eu tenho de ocupar V. Ex.a, e sei que, de todos os seus amigos, nenhum lhe seria assaz dedicado para o advertir dos perigos que V. Ex.a corre.

- De que se trata? Fale?

- Senhor, trata-se da reputação de V. Ex.a, perdida, em Alcalá, e da sua alma, perdida para a eternidade, se V. Ex.a. for neste momento ferido de morte pela justiça divina.

- Com que direito me vens insultar assim, miserável mendigo?

- Com o direito que dá a caridade, que me impele, para perguntar a V. Ex.a se Deus o colocou no mundo para perder a própria alma e perverter aqueles a quem já arrastou ao mal, e de quem dará contas ao soberano juiz, no dia e hora em que citar V. Ex.a. a comparecer no seu temível tribunal.

-És louco! Sai, ou mando-te expulsar pelos meus criados.

-Não ! V. Ex.a. não fará isso; porque empalideceu e a consciência já lhe disse que eu vim aqui da parte de Deus. Ela deve dizer-lhe também que me não retirarei sem ter obtido de V. Ex.a uma promessa de emenda de vida.

O culpado estava pálido, com efeito, e profundamente comovido; as últimas palavras de Inácio fizeram-no entrar em si, a cólera extinguiu-se-lhe subitamente, as lágrimas correram, escutou as palavras de exortação do santo mendigo, pediu-lhe perdão de o ter insultado, confessou a sua má vida, prometeu renunciar aos seus hábitos de pecado e terminou por lhe pedir que ceasse com ele. Inácio julgou dever aceitar esse convite que lhe dava meio fácil de prolongar a conversa. Mas isto não bastou ao pecador arrependido. No auge da cólera, elevara a voz de modo a ser ouvido pelos seus criados, e queria fazer uma reparação completa ao enviado de Deus. Abre a porta e diz aos criados que ali se achavam prontos a receber as suas ordens:

- O mendigo que tenho a dor de ter acolhido mal, é um Santo que acaba de prestar-me o maior e o mais importante serviço que podia prestar-me. Ponham-lhe um talher à minha mesa, porque ele quer fazer-me a honra de cear comigo.

Esta conversão tão pronta produziu muita sensação, porque o personagem ocupava uma posição elevada. Como o nosso Santo previra, essa conversão produziu frutos maravilhosos em algumas almas, a quem tão bom exemplo arrastou facilmente.

Era difícil explicar como um pobre desconhecido, vestido miseravelmente, vivendo de esmolas, estendendo a mão publicamente nas ruas e não tendo por asilo senão o hospital, atraia tão grande número de jovens às suas conferências espirituais operava tantas conversões, tinha tão grande influência sobre todos os que dele se aproximavam:

- Não será um feiticeiro? - dizia um.

- Talvez; - respondia outro - porque é impossível obter sem magia tal ascendente sobre os espíritos.

- Deve desconfiar-se de tantos triunfos; - dizia um terceiro - é talvez um herege que atrai a juventude das escolas para lhe inocular o veneno do erro. Não será um discípulo secreto de Lutero, cujas doutrinas infestam a Alemanha?

- Ou não será um dos iluminados que escaparam ultimamente às investigações da Inquisição? -acrescentava um quarto.

Os espíritos perdiam-se deste modo numa multidão de suposições. Perguntavam o que significava essa sotaina cinzenta com a forma da dos sacerdotes e o chapéu cinzento que usavam este homem e os seus quatro companheiros. Não compreendiam que, vindo para estudar, o que provava a sua ignorância, Inácio se permitisse ensinar. Estas dúvidas iam aumentando de dia para dia, e o santo apóstolo perdia o favor popular a tal ponto que um dia D. Alonzo Lanchez, cônego de Santa justa, recusou-lhe publicamente a sagrada comunhão, assim como aos seus discípulos, dizendo-lhes:

-É escandaloso abusar assim das coisas santas!

Apenas o cônego acabara de pronunciar estas palavras, sentiu uma perturbação tão inexprimível que se apressou a dar a comunhão a todos cinco. Naquele momento experimentou tão doce consolação, que lhe assomaram aos olhos lágrimas de felicidade.

Entretanto as dúvidas a que tinham dado ocasião os triunfos do apóstolo, chegaram até ao tribunal da Inquisição de Toledo. O Inquisidor assustado, enviou secretamente a Alcalá o cônego D. Alonzo de Mexia, e encarregou-o de entender-se com D. Miguel Carrasco, doutor e cônego de Santa justa, a fim de tirar informações e esclarecer o tribunal. D. Alonzo, depois do mais severo inquérito sobre os atos e a doutrina do nosso Santo, entregou a questão a D. João Rodrigues de Figueiroa, substituto do Inquisidor em Alcalá e vigário geral do Bispo, dizendo-lhe

- O inquérito é dos mais favoráveis, a doutrina daquele homem é perfeitamente ortodoxa, a sua vida é a dum Santo; não tenho necessidade de o ver para o julgar. Se a opinião se exaltar de novo contra ele, pode V. Ex.a protegê-lo com toda a segurança de consciência. Volto a Toledo a dar conta da minha missão ao tribunal.

O substituto não se importa com a opinião do doutor Mexia, quer mostrar o seu zelo e fazer-se valer depois junto do Inquisidor, e chama Inácio.

- A opinião pública está alarmada a seu respeito; - lhe disse ele - o senhor é ignorante e permite-se ensinar o catecismo às crianças; é leigo e arroga-se o direito de pregar. Este procedimento foi denunciado ao Inquisidor, fez-se um inquérito, que lhe é favorável, e o senhor não será inquietado. Mas há uma coisa que se estranha e envolve mistério: por que usam todos os cinco roupas da mesma forma e da mesma cor, se não são religiosos? Não pode tolerar-se esta singularidade; não podem continuar a viver como até agora, senão com a condição de abandonarem essas roupas e de não andarem descalços.

Inácio obedeceu; deu roupa castanha a Calisto e Cazeros, João conservou a cinzenta, o nosso Santo e Artiaga vestiram-se de preto e todos se calçaram.

-

-

- Posterior

III. NOVAS CONTRADIÇÕES

Um fidalgo, de porte elegante e muito bem vestido, passeava um dia dum lado para outro na colegiada de Santa Justa, e parecia esperar alguém com certa impaciência. Um homem saiu da igreja, estendeu a mão a alguns fiéis que ali entravam, recebeu maravedis, fez o sinal da cruz e continuou o seu caminho, orando. O fidalgo acabou o passeio diante da fachada da colegial e seguiu após o mendigo. Chegado diante duma pobre casa, cuja aparência denunciava a miséria dos que a habitavam, o mendigo entrou; o fidalgo seguiu-o de perto e esteve em observação na rua estreita e suja onde era situada esta casa. Esperou bastante tempo. Enfim o mendigo tornou a aparecer; desta vez o fidalgo não o seguiu; deixou-o afastar-se e entrou por sua vez na casa. Subiu até ao último andar, abriu uma porta fechada com uma simples aldrava, e achou-se em face duma mulher a quem a doença tinha pregada no leito:

- Minha boa senhora, - lhe disse ele - desejava saber o nome do homem que acaba de sair de sua casa.

- Ignoro-o, senhor.

- Pois não o conhece?

- Não, senhor; não conheço senão a sua caridade e a sua santidade. Ele soube que grandes infortúnios me reduziram à situação em que V. Ex.a me vê, e teve a bondade de vir ver-me, trazer-me socorros e dar-me consolações. Não é um homem, é um Santo, é um anjo! Não posso dizer mais nada; não sei o seu nome de família; sei apenas que se chama Ínigo.

- Muito bem, minha boa senhora, quando ele voltar, faça favor de entregar-lhe o meu nome e o da rua onde moro, que aqui deixo, e dizer-lhe que conte comigo para acudir às necessidades de todos os seus pobres.

Dois dias depois, o mendigo foi visitar a pobre doente

- Senhor, - lhe disse ela - um fidalgo veio anteontem e pediu-me que lhe entregasse este papel e lhe dissesse que ele lhe daria tantas esmolas quantas o senhor quisesse para os seus pobres.

O mendigo pegou no papel e leu: " D. Martinho de Saenz, de Azpeitia..."

- Minha boa irmã, - disse ele à doente - a Providência encarregar-se-á de a socorrer doravante, porque nada mais posso fazer em seu favor.

Inácio de Loiola acabava de ler o nome dum dos seus mais próximos parentes do lado materno, via-se reconhecido e não queria expor-se a encontrar D. Martinho que, tendo ouvido falar dele e da sua santidade, quisera vê-lo, reconhecera-o e havia-o esperado à saída da Igreja, como vimos. D. Martinho respeitava o segredo de Inácio e não queria dar a entender que o descobrira, mas desejava fazer-lhe saber que Inácio podia contar com um amigo dedicado, e que, se quisesse reconhecer um parente, que agora se encontrava em Alcalá, podia estar certo de ser recebido de braços abertos. O nosso Santo viu grandes inconvenientes numa aproximação que poderia revelar nele sentimentos humanos, e recusou-a.

Alguns meses depois, Inácio não vivia no hospital; distante, como estava, obrigava-o a perder muito tempo. O Santo alojou-se na cidade em casa dum impressor, Estêvão de Eguia, cujo irmão, Diogo, era seu amigo e o ajudava nas suas boas obras com um zelo e uma generosidade que lhe mereceram mais tarde a graça de ser chamado à santa Companhia de Jesus.

Tendo Inácio um dia necessidade duma certa quantia para a obra de caridade, pediu-a ao seu amigo.

- É impossível agora, sr. Ínigo, - lhe respondeu Diogo - porque estou sem dinheiro, mas se quer roupas brancas ou de cor para os seus pobres, pegue no que encontrar.

E ao mesmo tempo Diogo abria os seus armários ao nosso Santo. Inácio pegou logo em cobertas, lençóis, roupas e até velas, meteu tudo num pano, pôs este pesado fardo aos ombros, foi vender uma parte da sua carga em proveito dos seus pobres e distribuiu-lhes o resto.

Entretanto Calisto, a quem um negócio levara a Segóvia, caiu ali gravemente doente; e Inácio, sabendo esta noticia, partiu

imediatamente para lhe prodigalizar os cuidados e consolações da sua terna caridade; apenas o discípulo se restabeleceu, voltou a Alcalá.

Poucos dias depois do seu regresso, a 19 de Abril de 1527 [32], de madrugada, alguns aguazis apresentaram-se-lhe em casa e apoderaram-se dele:

- Mandaram-nos aqui, - lhe disse aquele que os comandava - a prendê-lo; aqui está a ordem do substituto da Inquisição.

Inácio de Loiola não se informou do crime de que o acusavam, não opôs resistência e deixou-se levar como um malfeitor. No caminho que ele percorria, os agentes fizeram-no parar durante alguns instantes, porque o filho do duque de Gandia passava naquele momento, rodeado de brilhante cortejo. Tem dezessete anos e chama-se D. Francisco de Bórgia; o respeito devido à sua pessoa exige que todos parem quando ele passa. O nosso prisioneiro descobre-se respeitosamente diante dessa criança... e essa criança, depois homem e vice-rei, prostra-se aos seus pés e não tem outra vontade senão a sua.

Soube-se logo a prisão do apóstolo de Alcalá. Todos os seus discípulos e admiradores correm em multidão a vê-lo e ouvi-lo, e voltam profundamente comovidos da sua alegre resignação, do seu ardente amor de Deus, da sua doce caridade para com aqueles a quem devia o seu cativeiro

- Amar a Deus ! - dizia ele sem cessar - amar a Deus é a única felicidade desta vida! Sofrer por Ele é o maior testemunho do nosso amor; sofrer pela sua glória é a verdadeira alegria, a mais insigne felicidade!

D. Jorge Navera, primeiro professor de Escritura Sagrada na Universidade, vinha freqüentemente ver o nosso Santo à prisão para o ouvir falar de Deus. Um dia esqueceu-se e faltou à hora da sua aula. Quando se apercebeu do tempo que tinha decorrido, dirigiu-se apressadamente à aula, e, chegando, disse aos seus alunos, reunidos:

- Demorei-me, mas venho de ver Paulo entre ferros!

E falou-lhes da admiração que lhe inspirava tão eminente santidade, de maneira a fazer-lhes partilhar aquele sentimento.

Algumas pessoas de distinção advertiram Inácio que se estava fazendo um novo inquérito sobre a sua doutrina e as suas obras, que ele fora caluniado, que era conveniente que aquele negócio fosse abafado; e ofereceram-se-lhe para empregar os necessários meios para isso. Entre essas pessoas, D. Teresa Henriques de Mercada [33] e D. Leonor de Mascarenhas, dama da imperatriz, e depois governante de Filipe II, eram as mais zelosas

- A minha causa é a de Deus, - lhes respondeu - e Ele a defenderá; entreguei-a nas suas mãos. Perdoem-me se não aceito o oferecimento que me fazem.

Mas o substituto da Inquisição, D. Rodrigues de Figueiroa, acompanhado de um escrivão, veio ver o nosso Santo, e, depois de algumas perguntas, disse-lhe:

- O senhor observa o sabbat?

- Sem dúvida; - respondeu ele - mas o sábado que eu observo é em honra de Nossa Senhora. Demais, ignoro completamente os usos e costumes hebraicos, porque não há judeus no pais onde eu nasci.

D. Rodrigues acrescentou:

- Tomei novas e sérias informações a seu respeito, como o senhor deve saber, e todas elas lhe são favoráveis; mas há um ponto que eu desejo esclarecer, e é da sua própria boca que quero saber a verdade.

- Queira interrogar-me.

- Conhece duas mulheres viúvas, mãe e filha, chamadas Maria del Vado e Luísa Velasques ?

- Sim, senhor.

- Essas mulheres assistiam às suas conferências espirituais?

- Sim, senhor.

- Foi o senhor que as converteu?

- A graça tocou-as, quando ouviam as minhas explicações sobre as verdades cristãs.

- E foi o senhor que as aconselhou a vestirem-se de peregrinas e irem fazer peregrinações a lugares muito distantes, a pé e pedindo esmola, em expiação dos seus pecados?

- Oh! não, senhor. Opus-me formalmente a isso, quando elas me consultaram e expuseram o seu projecto. Esforcei-me por mostrar-lhes os perigos a que podia expô-las a beleza de D. Luísa, e disse-lhes que os hospitais de Alcalá ofereciam um exercício que devia bastar ao seu zelo e à sua caridade, e que era isso o que Deus delas exigia. Pareceu-me que cederam; mais tarde, porém, nos primeiros dias da Quaresma, soube que haviam partido sem sequer terem consultado D. Pedro Cirvelho, que as dirigia.

O substituto da Inquisição sorriu, pôs a mão no ombro de Inácio e disse-lhe:

-Muito bem ! tenha coragem, senhor, porque a causa única da sua prisão é esta: acusaram-no de ter aconselhado a essas senhoras a extravagância que elas praticaram. Todavia, confesso que seria preferível que os seus discursos não tivessem o cunho de novidade que o senhor lhes dá.

- Senhor vigário geral, - disse Inácio coze uma santa dignidade - nunca pensei que falar de Jesus Cristo a cristãos pudesse ser uma novidade!

Há dezessete dias que o nosso herói estava na prisão, era a primeira vez que ouvia falar do motivo que ali o levara. Tendo sabido do seu cativeiro o seu discípulo Calisto, então em Segóvia, veio partilhá-lo com ele.

Inácio enviou-o ao substituto do Inquisidor para ser interrogado acerca do negócio das peregrinas; mas D. Rodrigues de Figueiroa não tinha necessidade daquele testemunho; esperava apenas o tempo necessário para fazer conhecer os factos ao tribunal, a fim de

poder mandar pôr em liberdade o santo apóstolo. Ainda não estavam terminadas essas formalidades, quando, a 18 de Maio, D. Maria del Vado e D. Luísa Velasques apareceram de novo em Alcalá, depois de terem ido em peregrinação a Nossa Senhora de Guadalupe e ao Santo Sudário de Jaen. O seu regresso demorou o negócio, rasas contribuiu para o esclarecer. Interrogaram-nas e elas não hesitaram em certificar que tinham procedido contra o conselho do nosso Santo e haviam partido sem ele saber. Enfim, no 1 de Junho, Inácio de Loiola viu entrar-lhe na prisão D. Rodrigues de Figueiroa, que lhe vinha ler uma sentença assim concebida:

1º. Está reconhecida a inocência de Ínigo e dos seus companheiros;

2º. Deverão no futuro, e dentro do prazo de dez dias, começar a usar o trajo dos estudantes;

3º. Sendo ainda noviços nas Sagradas Escrituras, abster-se-ão de ensinar a religião ao povo, até que hajam estudado teologia durante quatro anos.

Depois desta leitura, Inácio respondeu a D. Rodrigues

- Quando V.Ex.a nos ordenou que nos vestíssemos de modo diferente do que andávamos, e que não usássemos todos a mesma cor, apressamo-nos a obedecer; hoje exige que nos vistamos como os estudantes, e não o podemos fazer, porque nada possuímos e estamos resolvidos a nada dever senão à caridade pública.

- Muito bem,-disse o vigário geral-arranjar-se-á tudo.

A sua maneira de arranjar foi pedir a um fidalgo, Luzerna de nome, cuja vida era inteiramente consagrada às obras de caridade, que acompanhasse Inácio pelas principais ruas da cidade e pedisse esmola para o vestir como se lhe exigia.

O heróico guerreiro, o elegante cortesão, o ilustre fidalgo que tinha calcado aos pés todas as grandezas terrestres e abraçado a pobreza evangélica, quando pedia esmola para si ou para os pobres operava por sua própria vontade. Mas este mesmo fidalgo, submetendo-se a caminhar após aquele que pede para ele publicamente, sofre voluntariamente a humilhação mais completa que pode ser infligida a uma natureza como a sua ! É a mais sublime virtude, é a

humilhação levada até á santa loucura da cruz !

Foi o que fez Inácio de Loiola.

Durante este humilhante peditório passando Inácio e Luzena diante da casa de Lopes de Mendonça, viram este último a jogar a péla, no seu jardim, com alguns de seus amigos.

Luzena aproximou-se e pediu-lhe esmola para vestir o nosso Santo. Lopes lançou-lhe um olhar terrível, porque o santo apóstolo permitira-se dar-lhe alguns conselhos, que ele lhe não perdoara:

- Como é que um homem de honra, um fidalgo, -disse ele a Luzena- pode pedir para tal hipócrita? Morra eu queimado se esse miserável não merece ser condenado.

Deus ouviu esta imprecação. Os amigos de Lopes ficaram perturbados, como se tivessem assistido a um grande crime. A noticia circulou imediatamente de boca em boca, percorreu em poucos instantes toda a vila e produziu em toda a parte o efeito dum escândalo público.

Algumas horas depois, um arauto de armas percorria as ruas de Alcalá anunciando o nascimento de um infante (Filipe II). À noite, Lopes de Mendonça subiu à plataforma da sua casa, acompanhado de um pajem e de um escravo, para dar tiros de arcabuz, em sinal de regozijo... Uma centelha, lançada pela justiça divina, caiu num vaso que continha uma grande quantidade pólvora; ouviu-se uma espantosa explosão. Lopes é o único ferido; incendeiam-se-lhe as roupas, o desgraçado solta gritos dilacerantes, vai precipitar-se na cisterna da casa e expira antes que cheguem os socorros da Igreja!...

Não podendo Inácio de Loiola exercer mais o seu zelo apostólico na cidade de Alcalá, consultou a vontade divina para saber o partido que devia tomar, e alguns dias depois partia para Valhadolid, onde se encontrava D. Alonzo da Fonseca, Arcebispo de Toledo, a quem desejava consultar.

IV. EM SALAMANCA

Antes de abandonar Alcalá, o nosso santo apóstolo despiu o vestuário dos estudantes, que lhe tinham imposto, e retomou a sua pobre túnica cinzenta, o chapéu da mesma cor e o bordão de peregrino; conservou, porém, calçado.

Foi assim que ele se apresentou diante do Arcebispo de Toledo. O Prelado acolheu-o com uma bondade paternal, animou o seu zelo, prometeu-lhe proteção e aconselhou-o a que não voltasse a Alcalá, onde os seus inimigos podiam renovar as perseguições, mas se dirigisse a Salamanca, onde poderia continuar os estudos e ocupar-se das suas costumadas obras. Dado este conselho, o Arcebispo entregou-lhe uma esmola considerável para a viagem de Valhadolid a Salamanca.

Chegado a esta última cidade, Inácio experimentou tanto desprazer pelo estudo como em Alcalá; sentia que Deus o chamava a outra parte; mas aonde? Ignorava-o ainda. Esperando conhecer a vontade divina, pôs-se sob a direção de um religioso dominicano, e empreendeu a conversão dos estudantes e dos pecadores que encontrava. Falava em público e em particular todas as vezes que achava ocasião, e, quinze dias depois da sua chegada, tinha operado tão numerosas conversões, que a opinião pública alarmou-se.

"- Será conveniente, - dizia-se - que um leigo, um mendigo, se permita pregar, dirigir as almas, como se fora um doutor em teologia? Será possível que as suas pregações não sejam cheias de erros? Deve prevenir-se a autoridade eclesiástica".

Um dia, o confessor do nosso herói convida-o para jantar no domingo seguinte, em nome do subprior da sua comunidade, e previne-o de que o desejam interrogar sobre a sua doutrina; porque os Dominicanos foram advertidos do bom resultado das suas pregações e querem assegurar-se da sua ortodoxia. Inácio aceita o convite. Depois de jantar, conduzem-no a uma capela, onde se encontra o substituto da Inquisição e o subprior que ocupava o lugar do prior ausente. O religioso que conduzia o apóstolo era o seu confessor; este último, encarregado de usar da palavra, submeteu-o a um interrogatório, que terminou deste modo

-Num tempo em que a heresia causa tantos males, o senhor recusa dar a conhecer a sua doutrina àqueles que têm direito de a julgar? Se ela é pura, por que se cala? Se não é, por que a ensina?

Inácio guardou silêncio.

- E que significa o estranho vestido que usa o seu companheiro?

Isto dirigia-se a Calisto, que tinha acompanhado Inácio, e que trazia uma espécie de saia curta, tanto mais ridícula quanto era elevada a estatura de Calisto. Este último respondeu:

- Meu Padre, bem sei que este vestido é ridículo; mas encontrei um desgraçado tão pouco coberto, que lhe dei parte da minha roupa.

O subprior, olhando Calisto com uma espécie de desprezo, acompanha o seu olhar com um sorriso de incredulidade, e dirigindo-se a Inácio

- Como recusa dar a conhecer a sua doutrina, saberemos forçá-lo a isso.

Depois destas palavras, pronunciadas no tom da mais viva indignação, retira-se com os seus irmãos e deixa Inácio e Calisto a sós na capela; fecham as portas do convento, em seguida vêm procurar Inácio e conduzem-no a uma cela. O nosso herói passa três dias no convento comendo com a comunidade, recebendo na sua cela os religiosos que vêm vê-lo e ouvi-lo falar de Deus e esperando que à Providência aprouvesse decidir da sua sorte.

No quarto dia, o substituto da Inquisição apresenta-se e manda levar Inácio e Calisto para uma prisão. São encerrados com os maiores criminosos, num lugar onde se exala um cheiro fétido e cujos muros ressumam humidade por toda a parte. Acorrentam-nos um ao outro com uma cadeia tão curta que os pés de ambos se tocam e não podem fazer movimento algum sem incômodo e dor e sem que um arraste o outro. É uma verdadeira tortura! Passam a noite em oração e bendizem a Deus do fundo do coração. Sabendo-se no dia seguinte que foram presos, apressam-se pessoas amigas a visitá-los e levando-lhes camas, alimentos, tudo, enfim, que pudesse dulcificar a sua intolerável posição.

O bacharel Frias, vigário geral do Bispo, vem interrogar Inácio e Calisto na prisão, cada um separadamente. Depois de ter respondido a todas as perguntas que lhe foram dirigidas, o nosso herói entregou ao vigário geral o seu livro dos Exercícios Espirituais e pediu-lhe que o examinasse. Alguns dias depois, fizeram comparecer Inácio diante de um conselho composto de quatro doutores em teologia: Isidro, Paravinha, Frias e o vigário geral, que também se chamava Frias. Cada um por sua vez o interrogou sobre as mais delicadas e difíceis questões: sobre a Santíssima Trindade, a Encarnação, a Eucaristia e até sobre o direito canônico. Inácio pediu indulgência, por humildade. Bem sabia que nenhum homem sem estudos possuía a ciência que o próprio Deus lhe dera; mas, forçado a obedecer, enche de admiração os doutores que o escutam. Fazem-lhe perguntas sobre o primeiro mandamento... Inácio não é senhor de si, deixa falar o seu coração, a sua alma, e parece ter esquecido tudo, exceto Deus e o ardente amor que o inspira. Os seus examinadores estavam admiradíssimos e também julgavam amar a Deus naquele momento tanto como Inácio o amava.

Havia ainda uma dificuldade relativa aos Exercícios Espirituais. Como é que um homem sem estudos pode distinguir claramente. o pecado venial do pecado mortal?

- Não o acusamos de incorrer em erro; mas censuramos-lhe a temeridade.

- A vós cumpre julgar e não a mim; - respondeu Inácio - se os princípios postos são ortodoxos, absolvei-nos; se são errôneos, condenai-nos.

Ninguém ousou condená-los.

Por negligência inexplicável, e que a Providência permitiu sem dúvida em favor do santo apóstolo, a porta da prisão ficou aberta uma noite inteira. Todos os prisioneiros se aproveitaram disso para se evadirem. Inácio e Calisto foram os únicos que se recusaram a aproveitar-se disso para readquirir a liberdade. Este facto provava suficientemente a sua inocência; assim o compreenderam, mas o processo eclesiástico devia fazer-se com todas as formalidades exigidas, e o cativeiro teve que prolongar-se alguns dias ainda; todavia, foi suavizado. Tiraram-lhe a cadeia que o ligava a Calisto e deram-lhe um quarto por cima das enxovias destinadas aos

malfeitores. Uma coluna, colocada no centro, sustentava o tecto do quarto. A esta coluna estava presa uma cadeia que terminava por duas pontas, a cada uma das quais prenderam um dos pés dos nossos prisioneiros. Um deles não podia mover-se sem arrastar o seu companheiro; mas, ao menos, estavam sós.

Este quarto, assaz espaçoso, tornou-se logo uma espécie de lugar público; tudo ali ia para ver e ouvir o Santo. D. Francisco de Mendonça [34], que o visitava freqüentemente, disse-lhe um dia

- Como deve ser dolorosa esta prisão! Como esta cadeia deve ser pesada!

Não, senhor, - lhe respondeu o nosso herói - não há cativeiro, por duro que seja, que me não agrade sofrer por Jesus Cristo; não há pesadas cadeias que não esteja disposto a arrastar com prazer para lhe testemunhar o meu amor!

Uma piedosa e nobre senhora escreveu-lhe para exprimir a parte que tomava nos seus sofrimentos imerecidos; Inácio respondeu-lhe imediatamente

- "V. Ex.a parece ignorar que a cruz encerra um tesouro de glória. Não me pranteie, felicite-me antes, porque estou alegre. O meu mais ardente desejo é sofrer ainda mais se, com isso, eu for mais agradável ao soberano Senhor, que tenho a honra de servir".

Vinte e três dias depois da sua prisão, Inácio e Calisto compareceram de novo diante dos juízes e ouviram pronunciar a sua sentencia nestes termos:

"A vida de Ínigo é pura, a sua doutrina é ortodoxa. Ele e seus discípulos podem instruir o povo. É-lhes proibido, todavia, explicar a diferença entre pecado mortal e pecado venial antes de terem estudado teologia durante quatro anos. Sob esta condição, serão postos em liberdade".

Inácio de Loiola inclinou-se e disse aos seus juízes:

- Conformar-me-ei com a condição que me é imposta durante o tempo que esteja sob a vossa jurisdição.

Esta proibição de definir a natureza dos pecados, de que ele falava, pareceu ao zelo do nosso Santo um obstáculo invencível. Julgou ver nisso uma manifestação da Providência e preparou a sua partida. Os seus discípulos, pouco dispostos a segui-lo doravante numa vida tão aventurosa, fizeram inúteis esforços para o convencerem a ficar:

- A vontade de Deus chama-me a outra parte, - lhes disse - mas vós não sois obrigados a seguir-me; sou forçado a partir, separemo-nos pois, mas permaneçamos unidos de espírito e de coração, e que Deus nos conduza a todos aonde nos chama.

Os seus amigos censuram-no por aquela resolução, que os privava da sua presença e da edificação que lhes dava. Nada, porém, o pôde abalar. Pôs os livros e os manuscritos sobre um jumento e dirigiu-se para Barcelona.

Foi enorme a alegria à sua chegada àquela cidade, onde contava numerosos amigos; mas a esta alegria sucedeu logo uma profunda tristeza, porque Inácio declarou que apenas se demoraria alguns dias e desejava abandonar a Espanha o mais breve possível. Empregaram-se todos os esforços para o deter, mas em vão; a sua firmeza triunfou de todas as instâncias e de toda as lágrimas da amizade.

- Anterior
- Índice
- Posterior

V. PRIMEIROS TEMPOS EM PARIS

Numa casa de assaz pobre aparência, situada no bairro Latino, alguns jovens estrangeiros ocupavam o mesmo quarto e viviam em perfeita harmonia. Atraídos pela celebridade dos professores da Universidade de Paris, tinham vindo seguir os seus cursos e haviam-se reunido para fazer as despesas em comum, a fim de tirar da modesta pensão que recebiam de suas famílias, a parte necessária para satisfazer alguns prazeres.

Um dia dos fins de Fevereiro de 1528, enquanto os estudantes estavam no colégio, um daqueles jovens entra no quarto comum, faz à pressa um embrulho,, introduz nele, com mão trêmula, uma bolsa, lança mão do embrulho, sai e desaparece.

Depois da aula, tendo os seus amigos entrado em casa, admiram-se de o não encontrar:

- Há alguns dias, - disse um deles - que Diogo não vai regularmente às aulas; desconfio que ele se tenha deixado arrastar por maus conselhos.

- E é isso tanto mais para temer, - disse outro que recusa explicar-se quando se lhe fala nisso. Operou-se nele uma mudança evidente nos seus hábitos e disposição.

- Não julguemos se não queremos ser julgados, meus bons amigos, - disse o terceiro.

A noite, Diogo não regressou; no dia seguinte e no outro ninguém o viu, no quarto dia soube-se que tinha abandonado Paris. Então, o estudante que tinha pedido que se não julgasse o fugitivo, disse aos amigos

- Vejo-me forçado a separar-me de vós; não tenho dinheiro, e recorrer à caridade pública para ocorrer às minhas -despesas de alojamento, absorver-me-ia uma grande parte do tempo.

- E onde quereis ir?

- Para o hospital Saint-Jacques [35], onde encontrarei asilo gratuito.

- Então renunciais aos estudos?

-Não; virei todos os dias a Montaigu [36].

- Mas não podeis sair do hospital antes do nascer do sol e deveis entrar antes do ocaso; calculai, pois, todo o tempo que perdeis a percorrer essa imensa distância. Ficai conosco sem receio de nos ser pesado; tudo se há-de arranjar.

- Não, meus bons amigos; chamai antes um Espanhol que possa tomar a sua parte nas despesas; eu vou para o hospital.

- Não nos aflijais, Ínigo. Ficai conosco.

Todas as instâncias não conseguiram abalar a firmeza de Ínigo.

Em Barcelona, os amigos do nosso Santo tinham-no prevenido de que os estrangeiros, principalmente os Espanhóis apesar da paz de Cambrai, dificilmente encontravam quem lhes desse esmola em Paris, e haviam instado com ele que aceitasse uma quantia assaz considerável para acudir às primeiras necessidades durante um ano ou mais. Inácio, sabendo por experiência que a mendicidade roubava um tempo precioso ao estudo, não teve escrúpulo de ceder às suas instâncias e de receber as diversas esmolas que lhe deram. Todavia, por espírito de pobreza, fez a viagem a pé, por um frio glacial, através das neves, arcando com os perigos dos Pirineus e implorando a caridade pública em todo o caminho, de Barcelona a Paris, onde chegara a 2 de Fevereiro de 1528. Foi viver, como vimos, com alguns estudantes espanhóis; pedira a um deles que lhe guardasse a bolsa, e este, depois de ter gasto loucamente uma parte, fugiu com o resto.

Muito delicado para se queixar deste roubo e para permanecer mais tempo com aqueles com quem não podia continuara partilhar das despesas, Inácio de Loiola tomou a resolução de se refugiar no hospital Saint-Jacques, logo depois das festas da Páscoa. A sua caridade levou-o até a calar absolutamente o roubo aos seus amigos, que podiam indenizá-lo facilmente. Assim, escrevendo a D. Inês Pascoal, não disse uma só palavra acerca dum acontecimento que dificultava os seus planos e o reduzia a uma posição tão difícil e

dolorosa.

O nosso Santo, estabelecido no hospital de Saint-Jacques, continuava, apesar da distância, a ir todos os dias ao colégio de Montaigu, onde tinha recomeçado as suas humanidades. Ao ir e vir, pedia esmola no caminho, não deixando nunca de dar a esmola espiritual, quando se lhe oferecia ocasião.

Esta mendicidade absorvia uma grande parte do seu tempo, e Inácio mal recolhia o pão suficiente para se alimentar. Um santo religioso, que dirigia a sua consciência, aconselhou-lhe que aproveitasse o tempo das férias em fazer uma viagem aos Países Baixos, onde encontraria ricos negociantes espanhóis, cuja caridade o proveria para o ano seguinte. Inácio obedeceu; quando vieram as férias, partiu, de bordão na mão e a cabaça às costas, confiado em Deus.

Em Anvers procurou Pedro Quadrado, jovem negociante de Medina del Campo, província de Valhadolid, que o acolheu com entusiasmo e generosidade. O nosso Santo recebeu a importante esmola que ele lhe deu, olhou-o fixamente e agradeceu reconhecido [37].

Em Bruges, Luís Vivés, homem distinto pela sua ciência e virtudes, deseja admitir à sua mesa um pobre peregrino que acaba de lhe estender a mão, e cuja expressão de santidade o sensibilizou. Fê-lo jantar com ele, falou-lhe de Deus, e, admirado da maneira como lhe respondeu, continuou a conversa sobre este assunto. Acabado o jantar, demora-o, desejoso de que os seus amigos também o ouçam. O peregrino comove, encanta a todos, e, quando partiu, Luís Vivés disse aos seus amigos:

- Este homem é um verdadeiro Santo!

Nesta viagem, reconhecido Inácio de Loiola por alguns negociantes espanhóis a quem se dirigiu, recebeu as mais penhorantes ofertas:

-Não procure mais esmolas, senhor; -lhe dizia cada um deles - é para mim uma felicidade fazer-lhe chegar às mãos em Paris todo o dinheiro de que tenha necessidade, e não esperarei que mo peça.

Regressando, tendo ido o nosso santo estudante para, o hospital Saint-Jacques, continuou também os seus estudos no colégio de Montaigu; mas, provido agora para a vida, material, consagrou mais

tempo ao trabalho e ao apostolado que havia empreendido para a conversão dos estudantes.

Inácio conhecera, ao chegar a Paris, que estava enfim no lugar marcado pela Providência para o cumprimento dum grande desígnio de misericórdia e de amor. Devia pois entregar-se a formar discípulos para este fim; o momento chegara e era necessário meter ombros à empresa.

Entre os jovens a quem a palavra do nosso Santo mais profundamente havia impressionado, D. Peralto e D. Amatore, pareceram-lhe reunir as qualidades desejáveis, e por isso convidou-os a fazerem os Exercícios Espirituais. O resultado foi o que sempre era: a vontade determinada de não mais viverem senão para Deus e para a sua glória. D. João de Castro, doutor da Sorbona e que pertencia também a uma das mais nobres famílias de Espanha, fez igualmente os Exercícios Espirituais sob a direção de Inácio e tirou o mesmo fruto.

Pouco depois, D. Peralto, D. Amatore e D. João de Castro, vendiam tudo o que possuíam, davam o produto aos pobres, declaravam-se discípulos do estudante mendigo que ninguém conhecia, abraçavam a pobreza voluntária, o desprendimento evangélico em todo o seu rigor, cobriam-se de roupas miseráveis e iam partilhar com o seu santo mestre o alojamento dos pobres no hospital dos peregrinos.

Os seus amigos e parentes que se achavam em Paris empregaram, para os afastar deste caminho, todos os meios sugeridos pela amizade, pela cólera ou pelo orgulho; os jovens convertidos resistiram às suas ameaças, como tinham resistido já às instâncias da sua ternura; nada conseguiu abalar a sua resolução.

- Anterior
- Índice
- Posterior

VI. MAIS CONTRADIÇÕES

Um jovem de porte nobre, elegante e rico, apresentou-se um dia no hospital Saint-Jacques, antes do pôr do sol:

- Desejo falar a um homem que acaba de entrar - disse ele - e que é fácil reconhecer, não só pela sua túnica cinzenta, mas também pelos seus compridos e desalinhados cabelos.

- Ah! sim, senhor, é o Santo, como todos lhe chamamos aqui; venha comigo.

O jovem elegante foi apresentado ao nosso herói, que pensou ver nele um desconhecido:

- Não me conhece, D, Ínigo?

- João de Madeva ! Sim meu amigo, reconheço-o muito bem!

- O senhor aflige viva e profundamente sua família, D. Ínigo. Desonra-a com a sua vida aventureira e com a sua obstinação em pedir esmola. É indigno do seu nascimento proceder assim! Que quer que se pense de sua família? Supor-se-á, ou que ela não tem meios para acudir às suas necessidades, ou que não quer. Num ou noutro caso enganam-se, e a censura recairá sobre ela, por que os seus bens são consideráveis e todo o espanhol de raça nobre sabe quem são os ilustres Oñaz de Loiola. Direi mais: um fidalgo do seu nascimento, que tem a fortuna que o senhor tem, não pode viver á custa da caridade pública, como o senhor vive, sem se tornar culpado para com a própria família, que desonra, para com Deus, que ofende, e para com os pobres, que espolia em proporção do que recebe.

- Talvez o sr. D. João tenha razão; vou esclarecer este ponto e agradeço-lhe o interesse, que toma pela minha família.

No dia seguinte, Inácio de Loiola fez esta pergunta, por escrito, à Sorbona:

" Um fidalgo que, por amor de Deus, renunciou ao mundo e abraçou

a pobreza voluntária, ofende a Deus vivendo de esmolas nos diversos países que percorre?"

Todos os teólogos responderam por escrito:

"Não há pecado, nem sequer sombra de pecado".

Inácio apressou-se a comunicar esta decisão a D. João de Madeva, acrescentando

- Foi menos para minha justificação que procurei esclarecer a V. Ex. a, do que pelo respeito que se deve ter pela pobreza voluntária, de que o nosso soberano Senhor Jesus Cristo nos deu exemplo.

Não encontrando João de Madeva nada que opor, não mais o inquietou e prometeu-lhe não revelar o seu nome.

Entretanto, os parentes e amigos dos discípulos do nosso Santo renovavam, sempre sem resultado, as suas tentativas, para os afastarem do caminho em que tinham entrado. A inutilidade dos seus esforços determinou-os a adoptarem de combinação o meio mais eficaz.

Uma manhã, ao romper da aurora, apresenta-se a força armada, leva os três jovens e entrega-os a suas famílias. Submetem-nos a um interrogatório na esperança de que as suas respostas dêem motivo para acusar o seu mestre; mas os jovens falam de Inácio com a mais profunda veneração e a mais, viva ternura. Não importa! O inferno, que já treme só ao ouvir pronunciar o nome de Inácio, saberá inspirar aqueles de que se serviu para lhe arrebatar os seus discípulos.

Entrementes, o nosso herói recebe uma carta de Diogo, aquele que o espoliou das esmolas de que Inácio, o fizera depositário. Diogo acusa-se desta infidelidade, da desordem em que se lançou, da miséria que a isso se seguiu, e acrescenta que, achando-se detido em Rouen pela doença e mais completa miséria, pede a Inácio que o alude a voltar a Espanha, buscando-lhe alguns socorros.

O Santo não hesita. Diz a um amigo o motivo duma ausência cuja duração ignora. Vai pôr-se em oração na igreja dos Dominicanos; e depois de ter consultado com Deus, parte, a pé, pedindo sempre

esmola, esperando ao menos consolar e fortificar o seu inimigo, se não lhe for possível fazer-lhe mais. Parte em jejum; e convencido de que andará mais depressa se tirar o pesado calçado, caminha de pés descalços, oferecendo a Deus as fadigas e os seus sofrimentos pelo pobre pecador que vai socorrer. O seu coração bate, docemente comovido, ao pensamento de que talvez recolha suficientes esmolas no caminho para ser ainda mais útil a Diogo. E, contudo, apenas fora de Paris, experimenta uma espécie de apreensão das fadigas desta viagem; sente-se pesado, quase desanimado. Prometera nada tomar e estar em jejum até Rouen; agora, perguntava a si se poderia sustentar aquele longo jejum, e temia-o. Todavia, renova esta resolução como se estivesse certo de a cumprir, porque conta com o auxílio de Deus.

Está perto de Argenteuil quando, de repente, se sente cheio duma força e de um vigor que só lhe podia vir do céu. Caminhou com tanta ligeireza e vivacidade que andou dez léguas durante o dia, parando apenas de longe a longe para louvar e agradecer a Deus, que o cumulava dos seus favores.

A noite, parou numa pequena cidade, pediu um leito no hospital somente para a noite, e aceitou com alegria metade de uma cama que lhe ofereceram; a outra metade era ocupada por um pobre mendigo, cujo aspecto causava repulsa. Inácio de Loiola agradeceu a Deus mais este favor, que terminava, tão bem para ele, aquele belo dia. Como poderia testemunhar a Deus o seu reconhecimento e o seu amor, se não tivesse tido tão bela ocasião de vencer a natureza?

A segunda noite foi menos meritória, na sua opinião: passou-a numa meda de palha, onde esteve só. Era quase luxo, comparativamente.

Na terceira noite estava em Rouen, tratava Diogo, abraçava-o, animava-o, prometia procurar-lhe socorro no dia imediato, e sobretudo mostrava-lhe a sua amizade e assegurava-o do completo esquecimento da falta cometida para com ele. Apenas raiou o dia, foi mendigar para Diogo, obteve-lhe passagem gratuita num navio mercante e deu-lhe cartas de recomendação para Espanha.

Foi esta a vingança que Inácio tirou.

Enquanto ele se ocupava desta obra, o inferno trabalhava.

As pessoas que lhe tinham arrancado os seus três discípulos, fizeram uma queixa em forma ao Inquisidor mor, Mateus Ori, prior dos jacobinos. Acusavam Inácio de perverter a juventude das escolas e exercer sobre ela uma influência que só podia ter origem na magia. Mateus Ori chamou o culpado ao seu tribunal; mas Inácio não se achava em Paris naquele momento, e, daí, uma multidão de suposições, que, por absurdas, não convenciam ninguém.

- Inácio estava ralado de remorsos, - diziam uns e fugiu para se subtrair à fogueira.

- Toda aquela aparência de santidade, - diziam outros se esvaiu como fumo; vendo-se prestes a ser desmascarado, fugiu para não ser enforcado.

- Isso prova, - acrescentavam aqueles que se tinham na conta de prudentes e moderados - que se deve sempre desconfiar da exageração e tê-la par muito perigosa.

O amigo a quem o nosso Santo confiara as razões porque partia, escreveu-lhe imediatamente e enviou-lhe um mensageiro. Este encontrou o Santo numa praça pública em Rouen e entregou-lhe a carta.

Inácio leu-a, manda dizer a Diogo que o não pode abraçar porque tem pressa de voltar, a Paris, e entra em casa de um tabelião, acompanhado das pessoas que com ele se achavam. Apresenta ao tabelião a carta que acaba de receber, pedindo-lhe para a ler às suas testemunhas; e declara que, sem voltar à hospedaria onde está o amigo que veio visitar, e sem comunicar com ninguém, vai pôr-se a caminho de Paris. Pede ao tabelião um documento deste facto, insta com ele para que o acompanhe, com as testemunhas, até fora dos muros da cidade e parte.

Chegando a Paris, não pára em parte alguma; coberto da poeira do caminho, apresenta-se diante de Mateus Ori; diz onde e como recebeu a notícia das acusações que lhe fazem, e acrescenta:

- Aqui estou à disposição de Vossa Reverência, pronto a responder a tudo que julgue dever perguntar-me, pronto a submeter-me a tudo o que quiser. Peço a Vossa Reverência apenas uma coisa; é que me permita seguir o curso de filosofia, que começa no dia de S.

Remígio.

Foi fácil ao Inquisidor reconhecer a inocência do pretendido culpado e apreciai a sua santidade. Inácio inspirou-lhe a mais completa confiança e uma verdadeira veneração; foi este o resultado da agitação e da perseguição dos seus inimigos. Mas a pureza reconhecida da sua doutrina e a eminente perfeição da sua vida não conseguiram mudar os sentimentos dos seus inimigos, e os discípulos não lhe foram restituídos. Rodearam-nos de vigilância e de perseguições até ao fim dos estudos, depois levaram-nos para a sua pátria, e, mais tarde João de Castro, sacerdote e grande pregador, entrou na ordem, de S. Bruno; Peralto quis empreender a viagem à Terra Santa, mas, não podendo obter autorização do Papa, voltou à Espanha. Ignora-se o que foi feito de Amatore.

As férias aproximavam-se; Inácio formara o projecto de empreender uma viagem à Inglaterra para recolher esmolas necessárias à sua subsistência durante o ano escolar, que ia seguir-se.

O Santo deplorava sempre o tempo que a distância do hospital Saint-Jacques ao bairro Latino roubava todos os dias aos seus estudos e perguntava a si mesmo muitas vezes o que deveria fazer para se aproximar das aulas, sem aumentar ar as despesas. Uma idéia, que só a sua admirável virtude lhe podia sugerir, se lhe apresentou ao espirito: "Todos os professores da Universidade têm criados; - disse ele - se um deles :me aceitasse como tal, sem outra retribuição mais que as lições que me desse, com a condição, todavia, de me: permitir que seguisse o curso de filosofia!... Servi-lo-ia o melhor possível, acostumando-me a ver Nosso Senhor Jesus Cristo na sua pessoa e os apóstolos na pessoa dos seus alunos... Sim, vou procurar obter isto"!

E o heróico Inácio procura e pede, com efeito, o lugar de criado! Tinha já feito a Deus o maior de todos. os sacrifícios, roubando algumas horas à oração para as dar ao estudo, sem o qual sabia não poder chegar nunca ao livre exercício do apostolado. Apresenta-se-lhe agora ao pensamento outro sacrifício, que pode acelerar os seus desejos e fazer-lhe atingir com segurança e prontidão o fim tão desejado para glória de Deus: fá-lo-á sem hesitar. Ele, o temido guerreiro, o nobre cortesão, o rico e magnifico Loiola far-se-á criado dum professor, de quem teria feito muito pouco caso alguns anos antes! Só a humildade o podia arrastar a isso.

Deus não permitiu que Inácio encontrasse o lugar ambicionado.

Durante as férias fez à Inglaterra a viagem projectada. Quando regressou, encontrou no hospital cartas de crédito que alguns negociantes espanhóis, estabelecidos nos Países Baixos, lhe enviaram, renovando-lhe a promessa de que enviariam todos os anos igual quantia, e até que a aumentariam tanto quanto ele desejasse para as suas boas obras ou para si mesmo. Alguns dias depois, recebia também consideráveis esmolas de Barcelona.

Assim provido do necessário, e mais que do necessário, pôde permitir-se o luxo dum pobre aposento no bairro Latino junto do colégio Santa Bárbara, onde ia começar o curso de filosofia. Tinha então trinta e oito anos.

VII. NO COLÉGIO DE SANTA BÁRBARA

Era de uso, no colégio de Santa Bárbara, reunir os estudantes de filosofia todos os domingos e dias santificados. Faziam-nos argumentar, na presença de alguns professores, juízes competentes dos seus progressos, e dessas reuniões frequentes e cheias de interesse resultava uma viva emulação, um zelo ardente pelo estudo e pelo trabalho. Inácio de Loiola não comparecia a estas reuniões.

Começando a estudar filosofia, prometeu trabalhar de maneira que pudesse conseguir rápidos progressos. Para isso teve de recalcar no fundo do seu coração o zelo que o devorava pela santificação das almas. Em Alcalá e Salamanca viu que a ciência infusa é tida em pouca consideração pelos homens, e que, sem a ciência adquirida, não poderia nunca exercer o apostolado com a liberdade, autoridade e garantias exigidas pelos teólogos encarregados de velar pela ortodoxia dos ensinos cristãos. Inácio dissera a si mesmo: - "Saibamos sacrificar tudo, até a glória de Deus, para maior glória de Deus!"

E tinha sacrificado tudo para atingir este fim que foi o de toda a sua vida depois da estada em Manresa.

Entretanto, quando encontrava ocasião, sem a procurar, aproveitava-a para fazer amar esse Deus, cuja glória era a mais ardente paixão da sua alma. Conseguia assim levar alguns dos seus condiscípulos à reforma dos costumes, à prática das virtudes cristãs e à frequência dos sacramentos.

O dr. João Penha, professor de filosofia, notou dai a pouco nos seus alunos uma mudança que lhe desagradou.

Vigia, interroga, informa-se e descobre a causa. Chama Inácio em particular e diz-lhe com ira, que não pode dissimular

- Tenho duas censuras a fazer-lhe: a primeira é que não aparece às nossas reuniões de domingo; a segunda é que impede alguns dos seus condiscípulos de comparecer nelas. A estas censuras ajuntarei uma advertência: trate dos seus negócios e não se intrometa nos dos outros, se não quiser ser vítima do seu zelo ridículo e exagerado.

- Se não venho às reuniões, mestre Penha, é unicamente porque me julgo obrigado a obedecer à Igreja, que me ordena que santifique os dias mais especialmente consagrados a Deus; penso que o mesmo motivo afasta aqueles dos meus condiscípulos que se gloriam igualmente de ser cristãos.

- Eles não pensavam nisso antes que o senhor os viesse afastar daquilo que deviam considerar um dever. Tenha, pois, cautela !

O dr. Penha renovou sem resultado, por três vezes, esta advertência. Inácio não deixou, porém, de aproveitar todas as ocasiões que a Providência lhe proporcionava para ganhar para Deus mais uma alma.

Um dia, o dr. Penha, abrasado em cólera, apresentou-se ao reitor do colégio, dr. Diogo de Gouveia

- Mestre, - lhe disse - as nossas reuniões dos estudantes de filosofia estão a tal ponto reduzidas em número que seremos obrigados a suprimi-las se não tomar providências enérgicas. E a culpa é desse Ínigo, desse mendigo desconhecido, que se apresenta como inspirado e que parece pago para recrutar jovens para os conventos!

- Foi esse miserável que perdeu Amatore e Peralto no ano passado, - exclamou o reitor furioso. Eu empreguei todos os esforços junto do Inquisidor para o prender; mas o hipócrita teve artes de persuadi-lo de que era um Santo...

- Alguns dos meus alunos - disse João Penha - desapareceram do mundo, há alguns meses para cá, e tomaram o hábito ! Ao domingo, alguns outros deixam de vir argumentar para irem ao sermão, e, de lá, entreter-se acerca de espiritualidades com o seu Ínigo. Não será indigno, da parte desse homem, trazer uma tal desordem ao colégio?

O reitor pareceu reflectir um momento, e depois disse ao professor, com certa satisfação:

- Muito bem, mestre Penha; tem razão; é necessário acabar com este ridículo personagem. Tome providências para que tudo esteja pronto, a fim de o fazer passar pela sala amanhã de manhã, quando

chegue do colégio.

Durante o dia houve frequentes segredinhos entre o mestre Penha e seus alunos privilegiados, assim como entre os professores; era evidente que um grave negócio preocupava todos os espíritos, e a curiosidade daqueles que não estavam iniciados na conspiração achava-se muito excitada. Durante as horas de estudo houve muitas distrações; os ouvidos estavam mais atentos às palavras trocadas em voz baixa do que às explicações do Aristóteles.

Ao sair do colégio, Inácio de Loiola foi abordado por um dos jovens estudantes a quem tinha convertido e que ternamente o amava

- Ínigo, - lhe disse - está-se tramando uma horrível conspiração, acerca da qual ouvi algumas palavras, poucas mas suficientes para me esclarecerem... Peço-lhe que não venha amanhã a Santa Bárbara.

- Porquê, meu amigo?

- Porque querem fazê-lo passar pela sala. Oh! é uma infâmia !

- Que quer dizer isso?

- Que quer dizer? Quer dizer que aquele que sofre este castigo fica desonrado para sempre I

- Explique-se meu amigo; em que consiste esse castigo?

- Consiste no seguinte: - Quando aquele que o deve sofrer se apresenta na aula, fecham-se todas as portas, toca o sino e todos os alunos se colocam em volta da sala; os regentes chegam armados de varas, batem no culpado um após outro, e o infeliz é declarado infame, depois do que os pais de família não permitem aos seus filhos que lhe dirijam a palavra.

- E qual é o crime por que me condenam? - perguntou o nosso Santo.

- Pelo bem que nos tem feito, Ínigo.

- É então pela glória de Deus! Reflectirei nisso, e agradeço-lhe ter-me prevenido.

- Não volte mais, peço-lhe! Vá continuar os seus estudos no colégio de Beauvais. Quem ensina lá é D. Francisco Xavier, e o senhor nada perde, porque ele é um dos talentos mais brilhantes.

- Vou consultar a Deus e Ele me inspirará o que devo fazer.

O mestre e o discípulo separaram-se, depois de se terem apertado cordialmente a mão.

O primeiro movimento do nosso herói, quando soube da infame conspiração tramada contra ele, foi o da indignação. Toda a sua orgulhosa natureza se revoltou ao pensamento dum tal castigo; mas o motivo por que lho queriam infligir bastava para o acalmar. Foi mais longe: agradeceu a Deus ter-lhe permitido sofrer esta amarga humilhação e pediu-lhe que o esclarecesse num assunto em que a Sua glória estava tão interessada. No dia seguinte, depois de ter aceitado o sacrifício com a generosidade que lhe conhecemos, encaminhou-se para o colégio de Santa Bárbara. No momento em que entrava, perturba-se, empalidece, sente que ainda é Inácio de Loiola! A sua natureza recusa-se ao ignóbil suplício que o espera; mas olha para o alto... Todos os seus sentimentos humanos são esmagados no mesmo instante e vai transpor o limiar... Uma luz divina o esclarece de repente... Deus está contente com a sua aceitação, e não lhe pede mais; ao contrário, fá-lo parar, porque a salvação de algumas almas está dependente da justificação do seu heróico apóstolo. Inácio sabe o que deve fazer: a vontade divina é-lhe conhecida.

Entra e todas as portas se fecham atrás dele; não se comove e pede para falar ao reitor sobre um negócio importante. Vai ao encontro do dr. Diogo de Gouveia e diz-lhe com nobre e modesta firmeza

- Senhor reitor, um suplício infamante está preparado em punição da bênção que Deus se dignou de espalhar sobre os fracos esforços do seu indigno servo. V. Ex.a deve compreender que, depois de ter sido posto a ferros na prisão de Salamanca e confundido com os últimos malfeitores, por ter cometido o mesmo crime que em Santa Bárbara e por ter ganho algumas almas para Deus, eu sofreria da melhor vontade este castigo, se Deus tivesse nisso alguma glória. Fui prevenido do que me espera aqui esta manhã, e não procurei fugir; vim; mas não sou o único interessado neste negócio; dele depende

a salvação de algumas almas; é por isso que apelo para o julgamento de V. Ex.a e tomo a liberdade de perguntar se a justiça cristã ordena que se puna como perturbador aquele que não cometeu outro crime senão trabalhar para fazer conhecer e amar o Mestre de todos nós, o Soberano Senhor Jesus Cristo! Será permitido fazer-me sofrer um castigo ignominioso, com o único fim de afastar de mim as almas que Jesus Cristo me entregou pela sua graça?

O reitor derramava lágrimas. Não respondeu. Depois de alguns instantes, tomou Inácio pela mão, e conduziu-o à, sala onde os regentes, de varas na mão, o esperavam, bem como os alunos. Ao dar o sinal, pôs-se de joelhos diante do apóstolo do colégio e disse, banhado em lágrimas

- Peço-lhe me perdoe o ter acreditado tão levianamente todas as calúnias que espalharam contra si. Perdoe-me a injúria que lhe quis fazer, e que teria feito a Deus na sua pessoa. Com profunda dor o reconheço!

E, deixando-se erguer por Inácio, a quem a comoção impedia de falar, disse a todos os presentes:

- O estudante Ínigo deve ser doravante respeitado por todos como se fora um Santo; tenho-o nessa conta. Ouso dizê-lo na sua presença, apesar da sua humildade, porque a reparação deve ser pública.

Esta cena produziu imenso efeito no colégio. O dr. João Penha exprimiu também o seu pesar ao nosso herói, e desde então teve para com ele a mais alta consideração e afeiçoou-se-lhe sinceramente. Os professores Moseralo e Valho tornaram-se os seus mais calorosos partidários. Na Universidade só se falava da alta santidade do estudante Ínigo; e tendo o dr. Marcial pedido para o ver e conversado com ele algumas vezes, declarou-o mais sábio em teologia do que todos os doutores da Sorbona:

- Na minha qualidade de doutor em teologia, -disse um dia ao nosso Santo - ser-me-ia fácil fazer com que o senhor recebesse este grau antes do fim dos seus estudos. Peço-lhe que o aceite, porque é evidente que o senhor é mais esclarecido que nenhum de nós e que o próprio Deus foi seu mestre.

- Não, senhor doutor, -lhe respondeu a apóstolo todos os obstáculos que tenho encontrado no meu caminho apostólico, provam-me que aos olhos do maior número são indispensáveis os conhecimentos humanos, e eu quero poder afirmar que trabalhei para os adquirir. Com a graça de Deus espero que o conseguirei.

VIII. EM BUSCA DE PECADORES

Inácio de Loiola começava a falar bem o francês, que ignorava ao chegar a Paris, e sentia alegria por isso, porque lhe facilitava os seus trabalhos apostólicos, limitados até então só aos espanhóis e portugueses. É verdade que eles eram numerosos nas escolas da Universidade; mas não bastavam ao ardor do seu zelo. Prometera não aconselhar ninguém a fazer os Exercícios Espirituais antes de terminar os estudos; todavia aproveitava as férias para procurar a Deus esta glória e trabalhar mais ativamente na conversão dos pecadores.

Um dia levou-o um negócio a casa dum sábio doutor, dignitário eclesiástico, mais ocupado dos interesses do tempo que dos da eternidade, e encontrou-o absorvido numa partida de bilhar. Esperou que ele acabasse. Ao dar a última carambola, o doutor apresenta um taco ao nosso Santo e propõe-lhe uma partida

- Ignoro as regras do jogo, -lhe respondeu Inácio V. Ex.a ganhará com certeza.

- Não importa! - acrescentou o doutor. Dou-lhe uma lição e poderei dizer a todo o tempo que o vi jogar o bilhar.

Um raio de luz esclareceu de repente o espírito do apóstolo; aproveita a brincadeira do doutor e diz-lhe:

- Pois bem, estou pronto; mas jogando, quero ganhar. Sou muito pobre para jogar com o único fim de me divertir, e como só possuo a minha pessoa, é a ela que eu jogo. Se perder, pôr-me-ei às ordens de V. Ex.a e obedecer-lhe-ei humildemente em tudo o que lhe aprouver ordenar-me, durante um mês, com a condição de não ofender a Deus. Se ganhar, V. Ex.a fará uma coisa que eu lhe pedir e que lhe será com toda a certeza vantajosa.

Deus permitiu que esta proposta divertisse o doutor, o qual a aceitou com entusiasmo. Começa a partida, ou antes, o nosso herói começa a jogar, e as suas tacadas são tão firmes, o seu olhar tão seguro que acaba a partida dum jacto, sem perder uma tacada.

O doutor ficou pensativo; não era natural que, não tendo nunca

jogado, Inácio fosse um jogador de primeira força. O dedo de Deus estava ali, e servia-se daquela circunstância para o levar a reformar a sua vida assaz mundana e assaz agitada...

O doutor tinha razão. Tendo o santo apóstolo ganhado o jogo, reclamou o preço: o doutor submeteu-se e perguntou-lhe o que devia fazer. Inácio impôs-lhe os Exercícios Espirituais durante um mês. Obedeceu, saiu deste retiro completamente mudado e tornou-se modelo de todas as virtudes sacerdotais.

Um amigo do nosso Santo tinha-se deixado arrastar a uma ligação condenável: todas as instâncias de amizade de Inácio, todas as suas exortações não conseguiram obter dele a ruptura daquelas relações pecaminosas. Inácio orou ainda mais ardentemente pela conversão deste pecador; às mortificações acrescentou as austeridades. Deus parecia surdo às suas orações, invencível à sua dor. Todas as noites o culpado sai da cidade e vai a Gentilly, onde tomou o funesto hábito de se dirigir regularmente. Inácio de Loiola não tinha esgotado ainda todos os recursos do seu zelo e da sua caridade. Segue a distância aquele que já não quer chamar-lhe amigo a fim de ofender a Deus mais livremente, e, sabendo o caminho que ele segue todos os dias, vê o que lhe resta fazer para triunfar da obstinação do culpado.

Era no inverno; o frio tinha gelado alguns regatos, e, entre outros, a Bièvre, que o amigo do nosso Santo atravessava sobre uma pequena ponte para se dirigir ao seu destino. Uma noite, Inácio, cuja palavra havia sido infrutífera, foi lançar-se seminu na Bièvre, perto da ponte sobre a qual o seu amigo devia passar. Mete-se por entre o gelo que cobre a superfície do rio, e ali permanece, mergulhado até aos ombros,. pedindo, lacrimoso, a Deus que aceite este sofrimento para salvação dum pecador a quem tanto ama. A hora costumada o amigo chega; vai a entrar na ponte... Pára! Inácio lá está! ouve a sua voz e o remorso faz-se sentir:

- Caminha ! - exclamou o heróico apóstolo - caminha,, com perigo da tua alma, aonde o inferno te conduz ! Eu, teu amigo, aqui fico para expiar pelo sofrimento o condenável prazer que não receias ir gozar comprometendo a tua alma! Vai; esperarei que voltes; aqui me encontrarás; e encontrar-me-ás também amanhã e todos os dias até que apraza a Deus restituir-te a vida à alma ou dar a morte ao meu corpo.

- Não, - disse o infeliz pecador banhado em lágrimas não, meu amigo ! Não irei mais longe e não voltarei mais aqui. Tudo está terminado!

E assim foi, realmente. Converteu-se sinceramente,, seguiu a direção do Santo e viveu como perfeito cristão.

Tinham falado a Inácio dos escândalos dados por um sacerdote, que lhe indicaram. Inácio orou muito tempo por aquele pecador sem ser ouvido, e, não vendo pretexto algum para ir ao seu encontro e mostrar-lhe o mau caminho que seguia, consultou Deus e pediu-lhe que o inspirasse. Um domingo de manhã, foi pedir a este Padre que o ouvisse de confissão e narrou-lhe todos os pecados da sua vida, vertendo amaríssimas lágrimas, porque o nosso herói não cessava de prantear os seus pecados passados. Deus, que lhe sugeriu este pensamento, serviu-se disto para tocar o coração do sacerdote, ralado pelo remorso à medida que o penitente se acusava. Apenas a confissão acabou; os papéis trocaram-se; o Padre abre a sua alma ao Santo e pede-lhe que o ajude no caminho de que nunca se devera ter afastado. Inácio lembra-lhe que faça os Exercícios Espirituais. O conselho é seguido, o fruto maravilhoso; e o Padre repara, por uma dia de penitência exemplar, os escândalos que antes dera.

Um dos estudantes, que o santo apóstolo chamara para Deus, tinha recaído nos seus hábitos de pecado. Depois de ter esgotado em vão a linguagem da fé e da amizade para lhe fazer tomar de novo o caminho da virtude; depois de ter inutilmente orado por ele durante alguns meses, Inácio quis fazer ao céu uma santa violência, e, havendo-se imposto um jejum de três dias, passou-os todos junto do altar, sem comer e sem dormir, não cessando de pedir a Deus a alma, que o inferno lhe roubara. E Deus, amerceando-se de tantas lágrimas e orações, de tantas privações e sofrimentos, restituiu esta conquista à sua ardente caridade. Desta vez foi para sempre: o discípulo do nosso Santo não mais se desviou do caminho que lhe traçou o seu mestre e deu até ao fim o exemplo de todas as virtudes.

Inácio exercia também as obras de misericórdia nos hospitais. Cuidava dos doentes, convertia os pecadores, amortalhava os mortos e trabalhava heròicamente para extinguir tudo o que nele ainda havia de inclinações naturais.

Ínigo de Loiola devia morrer inteiramente. A sua delicada natureza já

não se revoltava com os serviços humilhantes que prestava aos doentes dos hospitais; mas tinha uma repulsão instintiva por certas doenças e queria triunfar, custasse o que custasse, com o auxílio do céu, dessa repulsão.

Soube um dia que tinha dado entrada no hospital dos Espanhóis, o de Saint-Jacques, um pobre mendigo com uma doença contagiosa; vai vê-lo e prodigalizar-lhe os seus cuidados. O doente diz-lhe que está sendo devorado por uma úlcera. O nosso Santo limpa e cura esta chaga, procurando consolar e fortificar o doente... De repente apresenta-se um pensamento ao seu espírito, e o herói de Pamplona sente um arrepio de medo percorrer-lhe todo o corpo! "Se a doença se me comunicasse"! disse ele. Mas reconheceu logo a tentação: o brilhante fidalgo da corte queria afastar-se desse pobre doente, e assim de Jesus Cristo presente naquele de seus membros que estava diante dos seus olhos. Mas não será assim: o Santo vencerá o fidalgo. Ao mesmo tempo, Inácio inclina-se para o doente, abraça-o e levanta-se vencedor!

O inimigo, porém, não se atemorizou, e o nosso herói quer que ele seja esmagado, pulverizado. Todos os dias volta ao hospital, procura os doentes que sofrem moléstias contagiosas, trata deles com preferência e chega a triunfar completamente dos seus receios e repulsões.

Entretanto o estudo, o apostolado, o serviço dos hospitais, as austeridades, as longas orações não lhe bastam: o seu ardor não está satisfeito; tem necessidade de mais do que isso. Deus fez-lhe conhecer a sua vontade; sabe que chega o momento de recrutar os primeiros soldados do grande exército de que Jesus Cristo deve ser chefe. Este exército está destinado a fazer prodígios de valor no campo de batalha da Santa Igreja; Inácio sabe-o e suspira pelo momento em que lhe seja dado formar-lhe o núcleo e vê-lo em seguida aumentar e desenvolver jura maior glória de Deus.

Até esse dia Inácio não terá descanso.

-

-

- Posterior

IX. OS PRIMEIROS DISCÍPULOS

Entre os professores de nomeada da Universidade de Paris, distinguia-se um jovem fidalgo da Navarra espanhola, do qual muitas vezes tinham falado a Inácio de Loiola. Ocupava a cadeira de filosofia no colégio de Beauvais [38]. O nosso Santo quis vê-lo, foi ouvi-lo, e, conhecendo todas as qualidades que brilhavam no jovem professor, esclarecido além disso por uma luz sobrenatural, viu logo tudo o que a Igreja podia esperar de tal engenho reunido a tão belos dotes, às mais atraentes qualidades externas, a tudo o que pode seduzir, arrastar e encantar. Desde aquele dia, contou com a Providência para o ajudar a entrar em relações com o elegante navarro, cuja família conhecia, mas a quem queria ocultar o nome da sua.

Até então, todos os discípulos do nosso Santo lhe tinham sido arrebatados pela Providência ou pelo mundo, e não tinha encontrado em alguns outros as qualidades próprias para desempenharem o fim que se propunha. Vendo D. Francisco Xavier, Inácio não teve a menor dúvida sobre os desígnios de Deus a seu respeito; mas era necessário aproximar-se dele e ganhá-lo para a causa evangélica, o que não era fácil.

Francisco Xavier, último filho de D. João Jasso, senhor de Idocin, e de D. Maria de Azpilcueta de Aznar y Xavier nasceu no castelo de Xavier, perto de Sanguesa, na Navarra, no dia 7 de Abril de 1506. Esta casa feudal, com as terras dependentes, que devia formar o apanágio de D. Francisco, tinha o seu nome[39].

Apaixonado pelo estudo desde a sua infância, o que anunciava uma inteligência superior, seus pais quiseram secundar o seu ardente desejo de saber, e tinham-no enviado à Universidade de Paris para aprender filosofia. Tinha então dezoito anos. Alojara-se no colégio de Santa Bárbara a fim de seguir mais facilmente o curso do doutor João Penha e encontrou ali um estudante cujo espírito, caráter e gosto pela ciência o havia encantado. Era Pedro Fabro, da mesma idade que ele, mas de nascimento diferente.

Filho dum pobre agricultor da vila de Vilaret, na diocese de Genebra, Pedro foi guardador de rebanhos nos primeiros anos; mas a sua terna piedade e o seu desejo de aprender tinham decidido seus pais

a - colocá-lo na casa de um professor das vizinhanças. O menino fez rápidos progressos; um de seus tios, religioso cartuxo, entendeu que deviam ensinar-lhe latim, e Pedro, depois de ter feito os seus estudos em Sabóia, veio seguir o curso de filosofia no colégio de Santa Bárbara.

Chegado a Paris ao mesmo tempo que D. Francisco, tinha-se sentido inclinado para ele, e, sendo reciproco este atrativo, ambos se ligaram pela mais estreita amizade. Ocupava o mesmo quarto, tinham seguido juntos os mesmos cursos, tomado os graus ao mesmo tempo, e, depois, apesar de D. Francisco ser professor no colégio de Beauvais e de Pedro repetir a sua filosofia em Santa Bárbara, os dois amigos, sempre ternamente unidos, nada tinham mudado à sua vida de intimidade.

Inácio ganhara facilmente a confiança de Pedro Fabro; mas encontrava em D. Francisco Xavier uma resistência contra a qual qualquer outro teria desanimado. A natureza orgulhosa do jovem professor sentia tanto menos gosto pelas máximas evangélicas, quanto aquele que as apresentava às suas meditações tinha uma aparência muito humilde e pobre. Quanto mais o zelo de Inácio voltava à carga, tanto mais o orgulho e a vaidade de Xavier se revoltavam contra a sua perseverança. Quanto mais o nosso Santo procurava aproximar-se de Xavier, tanto mais este buscava fugir-lhe.

Mas o santo apóstolo não desanimou, e, apesar dos epigramas e dos sarcasmos de D. Francisco, persistiu em testemunhar-lhe os sentimentos da mais terna caridade.

Pedro Fabro, profundamente magoado com a antipatia que Xavier manifestava ao nosso Santo, aproveitava todas as ocasiões para lhe encarecer o mérito. Havia já alguns meses que ele repetia a Inácio as lições do doutor Penha, a pedido este último, quando lhe veio a feliz inspiração de propor a Francisco que o deixasse entrar como terceiro companheiro no seu quarto comum. D. Francisco, que nada sabia recusar a Pedro, consentiu.

Mais perto de Xavier, o santo apóstolo fez-se conhecer melhor; mas o seu exterior humilhava sempre o elegante navarro e parecia um intransponível obstáculo a qualquer aproximação mais intima.

Inácio empregava todos os meios sem resultado: prestava-lhe

serviços, admirava-lhe o talento, aplaudia os seus triunfos, e enviava-lhe espectadores e alunos capazes de lhe apreciarem as brilhantes faculdades. Xavier era-lhe reconhecido; mas quando o nosso Santo lhe repetia: "De que serve ao homem ganhar o universo, se perde a sua alma?" o jovem mundano respondia ou com uma ironia ou com o silêncio da indiferença.

Humanamente, levava um modo de viver irrepreensível: o seu nobre caráter, o seu generoso coração, os seus elevados sentimentos protegiam-no contra as más paixões. Recebera uma educação cristã, cumpria fielmente os mais importantes deveres do cristianismo; não queria, porém, de modo algum seguir a perfeição evangélica, para a qual Inácio o desejava arrastar. Era jovem, belo, de boa estirpe, lisonjeado no mundo pelas suas excelentes qualidades, e sobretudo estimado; tinha apego aos seus triunfos e não queria sacrificá-los. Via diante de si um belo futuro e renunciar a ele no começo da carreira parecia-lhe uma impossibilidade, uma loucura. Mas Deus permitiu que um dia João de Madeva lhe falasse de Inácio, lhe descobrisse a sua nobre origem, o nome de família e os grandes sacrifícios que fizera por Deus. Xavier, compreendendo então todo o heroísmo do pobre voluntário de que tanto zombava, testemunhou-lhe mais respeito e afeição, mas resistiu muito tempo ainda às suas exortações.

Pedro Fabro, ao contrário, tinha posto toda a sua alma nas mãos do santo apóstolo, e seguia cegamente a sua direção. Depois de dois anos de perseverança, julgando Inácio chegado o momento de se certificar da vontade de Deus sobre o seu discípulo, disse-lhe um dia:

- Pedro, logo que eu haja terminado os estudos teológicos, desejo ir à Palestina trabalhar com todas as minhas forças na conversão dos judeus e dos muçulmanos que vivem naquela santa estância.

Pedro Fabro lançou-se-lhe logo nos braços e disse-lhe muito comovido

- Mestre e pai da minha alma, leve-me consigo, pois quero segui-lo por toda a parte!

Alguns meses depois, Fabro, sempre resolvido a compartilhar a vida humilde e pobre do seu santo mestre, partia para a Sabóia a fim de

regular os seus negócios de família e dizer o derradeiro adeus aos parentes.

Durante os oito meses que durou a sua ausência, Inácio redobrou de cuidados e de esforços junto de Xavier, a quem amava ternamente, cujas qualidades raras admirava e que ele sentia ser chamado à mais alta santidade. O jovem e belo navarro resistia já mui fracamente. A sua alma, tão pura como nobre, tinha compreendido o nada das grandezas humanas e da glória, que ambicionava; lutava havia muito tempo já contra a graça, quando enfim, no verão desse mesmo ano, 1533, se confessou vencido. Abandonando-se Xavier desde esse: momento à direção do Santo, deu-se inteiramente a Deus, e correu a passos de gigante no caminho dos conselhos evangélicos.

Esta brilhante conquista, que devia ser tão gloriosa para a Igreja, custara mais de três anos de cuidados, de paciência e de esforços de todo o gênero a Inácio de Loiola.

- Anterior
- Índice
- Posterior

X. NOVOS DISCÍPULOS

Durante as férias que seguiram a conversão, Xavier fez os Exercícios Espirituais sob a direção daquele a quem tinha - abandonado o cuidado da sua grande alma, e retirou-se para isso a uma pequena casa da rua Saint-Jacques, onde Pedro Fabro fez pouco depois o mesmo retiro, casa que o nosso Santo alugara, para esse fim.

O inferno havia disputado por longo tempo esta conquista ao nosso herói para lhe deixar gozarem paz os frutos da vitória.

Miguel Navarro, estudante espanhol, estimava o jovem senhor Xavier, como o estimavam todos aqueles que o conheciam, e a este sentimento muito real, ajuntava-se um interesse pessoal: Miguel era pobre e D. Francisco pagava todas as suas dividas e acudia-lhe às necessidades. Tendo Miguel conhecido desde alguns meses o ascendente que Inácio tomou sobre o jovem professor, assestou todas as suas baterias para perder o nosso Santo no espirito de Francisco Xavier; mas este, conhecendo-lhe os fins, repeliu com energia os tramas da calúnia e impôs silêncio a Miguel, o qual, vendo aproximar-se o momento em que Xavier terminaria por abraçar a pobreza voluntária, tomou uma resolução violenta e desesperada.

Inácio de Loiola habitava só o quarto dos três amigos durante a ausência de Fabro e o retiro de Xavier. Miguel, julgando favorável o momento, dirigiu-se no meio da noite ao colégio Santa Bárbara; lançou uma escada de corda ao muro, pegado ao aposento onde estava situado o quarto do santo apóstolo, e, subindo pela corda, com uma navalha aberta na mão, ia entrar pela janela, quando ouviu uma voz formidável, terrível como um juízo divino, exclamar no meio do silêncio e da obscuridade da noite:

- Onde vais, desgraçado? Que queres fazer?

Trêmulo, espantado, respirando a custo, o culpado precipita-se sobre a janela, empurra-a, abre-a, entra no quarto e vai lançar-se aos pés de Inácio de Loiola, que naquele momento estava em oração, e confessa-lhe o seu crime, para o qual solicita e obtém perdão.

Miguel, que não tinha cúmplice nem confidente, não duvidou um instante da intervenção divina em favor do apóstolo: o seu arrependimento era, pois, sincero. Veremos se foi duradoiro.

Ao sair do retiro, D. Francisco era já um santo e só aspirava à felicidade de dedicar toda a sua vida à maior glória de Deus. Quando Pedro Fabro voltou, experimentou a mais doce consolação por esta maravilhosa e tão desejada mudança, porque Francisco continuava a ser o mais querido afeto do seu coração.

Querendo Inácio experimentar a vocação de Xavier, como experimentara a de Fabro, comunicou-lhe os seus projetos apostólicos acerca da Terra Santa.

- Pai da minha alma e caro mestre; - disse-lhe Xavier abraçando-o efusivamente - segui-lo-ei por toda a parte!

- Anterior
- Índice
- Posterior

XI. VOTOS EM MONTMARTRE

Dois jovens cavaleiros, cobertos de poeira, que não pareciam ter mais de vinte a vinte e dois anos de idade, entraram em Paris pela porta de Saint-Michel, e pareciam procurar uma hospedaria. Era no verão de 1533: o calor era sufocante naquele dia e as ruas estavam quase desertas naquele momento, no bairro Latino. Tendo os dois viajantes chegado ao local desejado, descem do cavalo, e, no mesmo instante, o mais velho exclama:

- Cá está ele!

E corre ao encontro dum homem mal vestido, que era a primeira pessoa que tinha encontrado desde que haviam transposto a porta da cidade. O jovem cavaleiro aproximou-se daquele homem e disse-lhe:

- É, sem dúvida, ao senhor que eu desejo falar. Não se chama D,. Inácio de Loiola?

- Sim, senhor.

-Apesar de nunca ter tido a honra de o ver, estava certo de que era o senhor a quem eu procurava. Tenho ouvido falar tanto do senhor em Alcalá e em Salamanca, e tenho tão ardente desejo de servir a Deus sob a sua direção, assim como o meu amigo Afonso Salmeron, que viemos expressamente para lhe pedir o favor de nos receber no número dos seus discípulos.

Aquele que assim falava era Diogo Laynez, de Almazan, em Castela; e o seu companheiro de viagem era dos arredores de Toledo; o primeiro tinha vinte e um anos, o segundo dezanove. Ambos se distinguiam por uma grande superioridade de inteligência e tinham feito os seus estudos com brilhantismo na Universidade de Alcalá.

Inácio viu logo neles à primeira vista dois apóstolos destinados a ajudá-lo na grande obra que meditava. Abraçou-os efusivamente, aceitou-os para discípulos, obrigou-os a fazer os Exercícios Espirituais e teve a alegria de os ver sair desse retiro prontos a tudo, a tudo sacrificarem, a tudo sofrerem pela maior glória de Deus e salvação das almas.

Durante os seus estudos em Santa Bárbara, o nosso Santo ligou-se por estreita amizade com Simão Rodrigues de Azevedo, da diocese de Viseu, em Portugal, que estudava teologia em Paris a expensas do seu soberano. Simão Rodrigues, eminentemente piedoso e dum grande talento, tinha apreciado de pronto Inácio de Loiola e ligara-se à sua pessoa e à sua direção. Muitas vezes lhe tinha exprimido o secreto desejo de partir para a Terra Santa logo que fosse elevado ao sacerdócio e de se consagrar completamente à conversão dos infiéis nesses venerandos lugares: Tendo Inácio reconhecido nestas disposições um dos apóstolos que procurava, admitiu-o no número dos seus discípulos, aconselhou-o a fazer os Exercícios Espirituais e vendo-o em seguida mais resolvido que nunca a não viver senão para a maior glória de Deus, associou-o a si.

Tinha igualmente alistado sob a sua bandeira Nicolau, conhecido por Bobadilha [40], que, tendo recorrido à sua caridade para acudir às despesas dos seus estudos, se deixara arrastar pelos conselhos do apóstolo, seguiu-os fielmente, fez mais tarde os Exercícios Espirituais e declarou que queria compartilhar a vida e os trabalhos daquele a quem devia, depois de Deus, a felicidade interior de que gozava.

Entre os estudantes de teologia, um havia que o nosso Santo desejava ardentemente; pedia-o a Deus há muito tempo, mas não o conseguia obter, apesar de não ter dúvida alguma sobre a sua vocação. Era Jerónimo Nadal, de Maiorca. Sentia-se chamado ao estado eclesiástico, mas não podia aceitar a idéia do apostolado tal como o nosso Santo o entendia. Pedro Fabro e Diogo Laynez não foram mais felizes nas suas tentativas para o convencer a partilhar aquela santa vida, que ele achava demasiado perfeita. Um santo religioso, Manuel Miona, diretor de Inácio, tentou também, mas baldadamente, persuadir Jerónimo que a vontade de Deus o chamava à vida apostólica entre os discípulos de Inácio de Loiola. Jerónimo respondeu-lhe

- Crê V. Rev.a realmente que é agradável a Deus tudo o que diz? Dê-me o exemplo, e verei então se o devo seguir. Una-se a Ínigo de Loiola, viva pobremente como ele, peça esmola, trate os leprosos, viva da sua vida, enfim, e depois reflectirei!

Um dia o nosso Santo, a quem nada desanimava quando se tratava

da glória de Deus, vai ver Jerónimo, leva-o consigo a uma igreja onde estava certo de não encontrar ninguém àquela hora, e, na presença de Nosso Senhor, renova-lhe todas as suas instâncias para o fazer abraçar a perfeição da vida evangélica. É repelido como de ordinário. Investe de novo, lê-lhe uma carta que acabara de escrever a um dos seus sobrinhos [41] para o convidar a entrar no mesmo caminho, põe-lhe em evidência os períodos que lhe parecem mais decisivos e pede a Nadal que reflita em tudo aquilo diante de Deus. Jerónimo sentia-se comovido; mas teve vergonha, calcou todos os seus sentimentos, e, tirando do bolso o livro dos santos Evangelhos, diz a Inácio, mostrando-lho:

- Este livro me basta; se me não pode oferecer nada melhor do que isso, por certo o não seguirei. Ignoro quem o senhor é; não conheço melhor os seus associados; não sei nem compreendo o que quer fazer e por isso não serei dos seus.

E, abandonando Inácio, saiu, prometendo fugir-lhe doravante com o maior cuidado.

Estava-se no fim de julho de 1534; Pedro Fabro acabava de ser ordenado sacerdote e celebrara a sua primeira missa a 22 do mesmo mês.

O nosso Santo não tinha feito conhecer a nenhum dos seus discípulos os nomes daqueles que esperava agregar-lhes. Cada um se julgou destinado a segui-lo só à Palestina. Mas, aproximando-se o momento de os reunir, convidou-os a consultarem a vontade de Deus com uma renovação de fervor e a disporem-se a conhecê-la por jejuns, mortificações e recolhimento. Esta nova prova parecia-lhe indispensável.

Quando terminou, tendo-lhe cada um, separadamente, dito que estava firmemente resolvido a segui-lo e a obedecer-lhe em todas as coisas, para maior glória de Deus, fixou-lhes reunião para o mesmo dia e à mesma hora, a fim de que se pudessem reconhecer e entender-se com ele. Todavia, deixou-lhes ignorar este projecto e o fim da reunião. No dia fixado, dirigiram-se junto do seu santo mestre, e não puderam subtrair-se à viva comoção que experimentaram ao ver-se. Todos, em número de sete, se conheciam e apreciavam. Sabendo que todos eram chamados a viver doravante a mesma vida, deixaram correr lágrimas de alegria.

Inácio de Loiola narrou-lhes a dor que se apoderara do seu coração à vista dos Lugares Santos, ao presente nas mãos da infidelidade, depois de terem sido inundados do sangue de um Deus, e deu-lhes parte da sua resolução de ir à Terra Santa empregar todo o seu zelo, todo o seu amor, todas as suas forças na conversão dos infiéis:

A alma de Inácio de Loiola parecia passar na dos seus discípulos à medida que lhes falava. Depois de um instante de silêncio, todos exclamaram ao mesmo tempo, e como impelidos por um mesmo movimento, por uma mesma inspiração

- À Terra Santa! à Terra Santa!

Todos tomaram o compromisso de seguir o seu santo mestre até à morte, e mestre e discípulos abraçaram-se com comoção e doce e terna caridade, prometendo amar-se mutuamente como irmãos. O seu bom mestre seria o chefe, o irmão mais velho.

Resolveram em seguida que, depois de terminarem os seus estudos teológicos, se dirigiriam a Veneza, de onde embarcariam para a Palestina, a não ser que esta viagem lhes fosse impossível durante um ano inteiro. Neste último caso, ficariam desligados do seu voto de ir à Terra Santa e iriam a Roma pôr-se -à disposição do Sumo Pontífice.

Inácio fixou o dia 15 de Agosto, festa da Assunção, para fazer o seu compromisso solene, que eles deporiam nas mãos da Rainha do céu, pedindo-lhe que o fizesse aceitar a seu divino Filho. Devia cada um deles preparar-se para isso pelo retiro, oração, jejum e mortificações corporais.

Havia então em Montmartre um convento, cuja igreja se elevava no ponto culminante do cabeço e pelos subterrâneos da qual se ia à capela subterrânea dos Santos Mártires, situada a pequena distância da igreja e assim chamada porque, sendo crença geral que S. Duns e seus companheiros foram martirizados naquele lugar, este santuário lhes era dedicado.

Foi esta capela que o nosso Santo escolheu para a sua consagração solene e para a dos seus queridos discípulos.

Deviam estar ali absolutamente sós e guardar segredo sobre este

projecto.

A 15 de Agosto de 1534, todos se dirigiram a este santuário, onde os primeiros apóstolos dos Gauleses tinham recebido a morte em testemunho da fé que ali vieram trazer. Pedro Fabro, o único que era sacerdote, celebrou a santa missa. Antes da comunhão voltou-se para os seus irmãos, tendo nas mãos o corpo de Nosso Senhor, e todos, um após outro pronunciaram, em face da Hóstia adorável, a fórmula dos seus votos de castidade perpétua, de pobreza voluntária, e de viagem apostólica à Terra Santa ou abandono à disposição do Sumo Pontífice para maior glória de Deus. Comprometeram-se, além disso, a não aceitar nenhuma dignidade eclesiástica, e a não receberem gratificação por nenhuma das funções do seu santo ministério.

Depois destas promessas, todos comungaram com -tanto fervor e tão doce consolação, que Simão Rodrigues, trinta anos depois, afirmava não ter nunca experimentado felicidade comparável àquela que se seguiu ao seu primeiro compromisso em Montmartre.

Os novos apóstolos sentiam-se tão felizes que não se podiam separar depois desta grande e solene ação; tinham necessidade de se verem, de se felicitarem mutuamente, de gozarem juntos da sua felicidade comum. Corria uma pequena fonte, límpida e fresca, ao sopé da colina; desceram, rodearam-na, tomaram uma pequena refeição e combinaram o que deviam fazer. Alguns deles não tinham terminado os seus estudos teológicos, era preciso terminá-los e resolveram que o seu voto de pobreza não seria obrigatório exteriormente senão depois destes estudos. Até então, continuaria a guardar-se segredo sobre a associação que acabava de formar-se.

Decidiu-se em seguida que, no dia 25 de janeiro de 1536, partiriam para Veneza, de onde embarcariam para a Palestina, a não ser que os corsários inimigos fossem um obstáculo invencível à viagem. Entretanto reunir-se-iam frequentes vezes, ora em casa duns, ora em casa doutros, tomariam juntos uma refeição muito frugal, conversariam sobre assuntos espirituais, e conservariam entre si uma terna caridade, que os uniria de maneira que não houvesse entre eles senão um só coração e uma só alma. Inácio recomendou-lhes que se aproximassem dos sacramentos todos os domingos e dias santificados, e que renovassem os seus votos todos os anos, em igual dia, no mesmo sítio:

Combinado tudo isto, os amigos abraçaram-se cordialmente e separaram-se.

Tinha nascido a Companhia de Jesus.

Naquele mesmo ano de 1534, Henrique VIII, rei de Inglaterra publicava um edito, declarando culpado de crime capital, e dignos de morte, os súditos que não riscassem o título de soberano pontífice de qualquer livro ou escrito em que o encontrassem.

Ao mesmo tempo, Calvino enviava os seus emissários a todas as universidades de França para inocular nelas o veneno da heresia.

No momento em que vemos aparecer os primeiros apóstolos, que deviam ser os mais temíveis adversários desta nova heresia, começava ela a fazer estragos, com um resultado deplorável, entre os estudantes dos colégios de Paris.

- Anterior
- Índice
- Posterior

QUARTA PARTE

FUNDADOR DA COMPANHIA DE JESUS

(1534-1541)

I. UMA ASSOCIAÇÃO SECRETA

Dois espanhóis apresentaram-se um dia em casa do Inquisidor-mor, prior dos Dominicanos da rua Saint-Jacques, Mateus Ori; era em Fevereiro de 1535.

- Reverendo Padre, - lhe disse um deles-cumprimos um dever de consciência advertindo Vossa Reverência de que se passam coisas graves entre os estudantes.

- Fale; de que se trata?

- Reverendo Padre, um estudante de teologia, que Vossa Reverência conhece bem, formou uma associação secreta que parece ser uma religião nova. Não sabemos se são as doutrinas de Calvino as que eles adoptaram, ou se é uma seita que começa a formar-se, porque os filiados guardam segredo absoluto; o que é certo, é que eles têm reuniões, nas quais não admitem toda a gente e aparentam uma santidade com a qual ninguém se deixa iludir. É numerosa essa associação?

- São sete, entrando no número o chefe, Ínigo de Loiola, que perverteu as mais belas inteligências, os mais robustos talentos, aqueles que maior honra faziam à Universidade de Paris. Quase todos são espanhóis, e não podemos ver com indiferença incutir aos nossos compatriotas o veneno da heresia, sem suplicar a Vossa Reverência que dê remédio a isto.

- Mas D. Ínigo não é herético, - disse o Inquisidor porque diariamente me traz jovens que os partidários de Lutero e de Calvino haviam seduzido e que ele converteu; a sua doutrina pareceu-me sempre ortodoxa; fiquem os senhores tranqüilos.

Esta resposta não agradou a Miguel Navarro, o mais ardente denunciante de Inácio.

Miguel, abatido por um momento pelo acontecimento sobrenatural que o tinha impedido de realizar o seu projecto criminoso contra a vida do santo apóstolo, sentiu reviver todo o seu ódio quando descobriu a existência dum laço secreto entro D. Francisco e Inácio de Loiola; e, quando teve conhecimento das frequentes reuniões, tão recomendadas aos seus discípulos pelo nosso Santo, prometeu a si mesmo empregar todos os esforços para perder aquele a quem o Céu o havia forçado a poupar a vida. Insistiu, pois, com o Inquisidor e acrescentou

- Meu Reverendo Padre, conhece o livrinho de que se serve Ínigo de Loiola para seduzir a juventude?

- Não; que livro é esse?

- Ah ! aí é que está o grande mistério! Ele não o comunica. senão àqueles que querem escutar os seus discursos. Para isso, faz desaparecer o seu homem, encerra-o -Deus sabe onde! - com esse pequeno livro, e ao cabo dum mês, pouco mais ou menos, o recluso reaparece. Mas está tão mudado que ninguém o reconhece, e algum tempo depois vai encerrar-se provavelmente num convento da nova seita. Meu Padre, Vossa Reverência deve compreender que este livro é para nós motivo de inquietação. Se é ortodoxo, porque - o oculta e só dá conhecimento dele aos iniciados? Se o não é, porque o deixa a Inquisição nas mãos daquele que o emprega para seduzir e perder as almas?

- Repito, - replicou o Inquisidor levantando-se - tenho a doutrina de D. Ínigo por muito conforme à da Igreja. Quanto à associação de que me fala e ao livro cujo perigo o preocupa; tomarei informações.

Miguel e o seu cúmplice retiraram-se descontentes das disposições de Mateus Ori. Tinham pouca confiança no resultado das informações e teriam preferido que o Inquisidor procedesse doutra maneira, e ordenasse provisoriamente a captura do nosso Santo.

Entretanto, as dores de estômago voltaram a apoquentar Inácio, o que não impedia de se entregar a austeridades espantosas, a longas orações, aos cuidados dos doentes nos hospitais, ao apostolado e

aos seus estudos teológicos. Ninguém compreendia como ele podia atender a tantas coisas. Passava longas horas na igreja de Nossa Senhora des Camps, mui pouco freqüentada, e onde estava sempre quase só. Muitas vezes retirava-se ao fundo dum caminho de Montmartre e abandonava-se ali à oração; certo de não ser incomodado, e aproveitava esta solidão para se disciplinar valentemente.

Agravando este regime os seus sofrimentos, Inácio cedeu às instâncias dos seus amados discípulos e consultou médicos, que lhe ordenaram como único remédio eficaz fosse tomar os ares pátrios. O nosso Santo hesitou em separar-se daqueles que acabava de dar a Deus e à sua Igreja havia tão pouco tempo; mas, depois de ter implorado as luzes do céu, decidiu empreender a viagem. Xavier, Laynez e Salmeron deviam fazer uma renúncia legal dos bens que possuíam em Espanha. Enviá-los pessoalmente a regular estes negócios, seria expô-los a todas as seduções de suas famílias, que não se poupariam a esforços para os afastar da sua vocação.

Inácio de Loiola encarregou-se, pois, da sua procuração, e ficou resolvido que, depois de ter regulado os seus próprios negócios, se dirigiria às famílias dos seus amigos para regular os deles.

Adoptado este plano, estava o nosso Santo chegado ao momento de o pôr em execução, quando soube que o Inquisidor mandou tirar informações sobre a sua pessoa, as suas ações e a sua doutrina; dizia-se que novas acusações feitas contra ele motivavam estas medidas.

Meus amigos, - disse ele logo aos seus discípulos - fui denunciado como herético, sectário, corruptor da juventude em matéria de fé... Se partir, não se deixará de dizer que quero subtrair-me pela fuga ao exame da minha doutrina e dos meus atos; prefiro, pois, antes de me afastar, adoptar todas as providências possíveis, não só para vós durante a minha ausência, mas para todos nós no futuro.

Dirigiu-se em seguida a casa do Inquisidor e disse-lhe com uma santa dignidade:

- Reverendo Padre, sei que me denunciaram como herético. Aqui estou para responder a todos os pontos de doutrina sobre que apraza a Vossa Reverência interrogar-me, e pronto a fazer uma

profissão de fé, como Vossa Reverência a quiser formular. Deixei-me acusar, prender, acorrentar em Alcalá e Salamanca, sem me dar ao cuidado de me justificar, porque era. eu o único comprometido e pouco me importava com a minha pessoa. Mas hoje não se trata só de mim; tenho amigos, associados, todos homens de grande valor e de eminente virtude, que se destinam, como eu, às funções apostólicas. Ora, importa que a reputação dos ministros do Evangelho seja pura de toda a mancha de heresia.

- Não fiz caso algum das acusações que lhe assacaram; - lhe respondeu Mateus Ori - sei o que devo pensar sobre a pureza da sua fé; tomam-se informações com o único fim de confundir os seus caluniadores. Peço-lhe apenas que me deixe ver um livrinho com que eles fazem muito barulho e que dizem que o senhor oculta a todas as pessoas, menos aos seus discípulos.

- Aqui está, Padre, - disse Inácio, apresentando-lhe o livro dos Exercícios Espirituais. Muito me obsequia se quiser ter o incômodo de o examinar.

Alguns dias depois, o Inquisidor pediu ao nosso herói que lhe concedesse licença para copiar o livro

- Peço-o, - acrescentou ele - para que me possa servir para meu bem espiritual e para o das almas que dirijo.

- Consinto nisso da melhor vontade, - lhe respondeu o Santo - satisfeito por poder provar a Vossa Reverência que estou longe de querer fazer segredo dele, como se afirma.

Mas esta aprovação era insuficiente para Inácio de Loiola; era-lhe necessário um documento formal, duma autenticidade irrecusável, que pudesse apresentar, no caso de necessidade. Depois do Inquisidor ter já o livro copiado, o Santo apresentou-se-lhe de novo, acompanhado dum escrivão e de três doutores da Sorbona:

- Reverendo Padre, - lhe disse ele - venho pedir-lhe que me dê um documento declarando formalmente que fui caluniado em todas as acusações de que fui objecto; que Vossa Reverência não encontrou nada de repreensível na minha fé e que o livro dos Exercícios Espirituais é perfeitamente ortodoxo. O tabelião que está presente escreverá esse documento, e peço a Vossa Reverência que o assine

e que também o assinem os doutores que fizeram o favor de vir comigo.

O Inquisidor fez o que desejava o santo apóstolo e. foi mais longe ainda; porque juntou à sua declaração o mais completo elogio daquele que venereva como Santo. A humildade de Inácio ficou humilhada; mas, apesar das suas instâncias, não pôde obter um testemunho menos favorável acerca da sua santa vida.

Estando a partir para Espanha, Inácio fez os preparativos, renovou as recomendações aos seus queridos discípulos e designou Pedro Fabro para os dirigir a todos na sua ausência, porque, sendo ele o único elevado ao sacerdócio, devia ter o respeito de todos. Quis partir a pé; mas os seus discípulos opuseram-se em razão da sua fraqueza e sofrimentos: compraram-lhe um pobre cavalo estropiado, que ele certamente montou sem escrúpulo, apesar do seu voto de pobreza.

Ignora-se a data precisa da partida, mas é provável que fosse a 26 de Março, porque levava uma carta de Xavier a seu irmão mais velho com data de 25 de Março de 1535

- Anterior
- Índice
- Posterior

II. A CAMINHO DA TERRA NATAL

Numa tarde do mês de Abril de 1535, no momento em que os últimos raios do sol acabavam de desaparecer por detrás dos cumes mais elevados dos montes Cantábricos, o ruído do galope dalguns cavalos fez-se ouvir à entrada da pequena cidade de Andoain, na província de Biscaia. Era um fidalgo seguido dalguns dos seus criados. Foi direito a uma hospedaria, que parecia conhecer bem e apeou-se. O hospedeiro estava à porta e esperava:

- Seja Vossa Excelência benvindo, sr. D. João de Equibar. A hospedaria e o dono estão às ordens de Vossa Excelência.

Enquanto o obsequioso hospedeiro refrescava os cavalos e se esforçava por justificar as palavras com que recebeu o fidalgo, D. João de Equibar dirigiu-lhe algumas palavras e perguntou-lhe com interesse:

- Tem passado aqui muita gente?

- Alguns fidalgos, de tempos a tempos, que vêm como, Vossa Excelência, dessedentar as cavalgaduras, ao passar.

- Tanto pior, meu bom Antônio; quisera que a tua casa estivesse cheia de hóspedes.

- Vossa Excelência é muito bondoso. Hoje, senhor, tive apenas um pobre homem, mal montado, vestido dum modo esquisito, falando biscainho como se fosse do país. Acaba de chegar. Francamente, senhor, suspeito algum mistério..

- Sim? E que suspeitas?

- Senhor, creio que há alguma coisa... Mas o quê?

- Ignoro.

- És interessante. E que razões tens para suspeitar desse pobre homem?

-Que razões? Porque Vossa Excelência, como devido respeito, não tem um porte mais nobre que ele, e, com esses ares de fidalgo, tem um cavalo que não vale dez réis. Parece que vem de longe e não diz o seu nome... Há mistério, senhor; tenho a certeza disso.

- Homem, estou com curiosidade. E esse homem demora-se muito tempo?

- Até amanhã.

- Tenho curiosidade de vê-lo.

- Queira Vossa Excelência ter o incômodo de subir. Ele está no quarto mais pobre, lá no alto; a porta fecha mal [42] e pode ver-se facilmente, sem a abrir, o que se passa no interior. Vossa Excelência compreende que nas montanhas todos os viajantes que se dizem pobres nem sempre são homens de confiança e é prudente estar de sobreaviso.

- Vejamos, - disse D. João - vem comigo; quero ver esse homem.

O hospedeiro obedeceu. D. João, examinando o viajante, conteve a custo uma exclamação de surpresa e de alegria. Desceu à pressa e disse a Antônio

- Reconheci o teu hóspede; é um grande fidalgo, com efeito, e um grande Santo; mas Deus te livre de lhe dizeres uma só palavra do que acaba de passar-se! Respeita-lhe o segredo, é o que te cumpre fazer, se não queres comprometer a tua casa.

O hospedeiro inclinou-se profundamente:

- Vossa Excelência pode contar com a minha discrição. Mas poderei falar quando o viajante haja partido?

- Poderás; mas, antes, não.

E D. João de Equibar, montando a cavalo, partiu a toda a brida, deixando Antônio entregue a mil conjecturas e suspirando pelo momento em que pudesse falar com toda a liberdade do misterioso viajante.

Duas horas depois, o som da buzina ecoava à entrada do castelo de Loiola, e a nobre família, reunida naquele momento à mesa comum, perguntava quem podia ser o visitante íntimo que vinha tomar parte na sua ceia, quando se anunciou D. João de Equibar.

- Grande novidade, meus bons amigos! Quero abraçá-los a todos e regozijar-me convosco. Feliz notícia! Acabo de ver D. Ínigo.

Ninguém correspondeu a estas exclamações de alegria; no primeiro momento, não o compreenderam, e todos interrogavam com o olhar o amigo D. João, esperando uma explicação

- Sim, meus bons amigos, - disse ele - acabo de ver D. Ínigo em Andoain.

- Em Andoain? Ínigo? Será verdade? Pois é possível?...

Todos falaram ao mesmo tempo, e a família era numerosa, porque, por uma coincidência notável e certamente providencial, todos os irmãos do nosso Santo e alguns de seus parentes estavam no castelo de seus pais no momento em que ele voltava, depois de treze anos de ausência.

João de Equibar contou como a sua curiosidade, excitada pela loquacidade do hospedeiro, o havia impelido a querer ver o viajante, de que falava; e acrescentou:

- Julguem da minha surpresa e da minha alegria ao reconhecer D. Ínigo! Ele estava de joelhos, orando com o recolhimento dum verdadeiro Santo e a expressão dum anjo! Se eu lhe visse fazer milagres, não me causaria admiração. Têm razão em dizer que ele é um Santo. Mas devo prevenir a todos que está muito mudado, muito pálido e extremamente magro. Quanto ao seu vestuário, sabem qual é, porque lhes têm falado muitas vezes dele: continua sendo a sotaina cinzenta e o chapéu cinzento de Barcelona.

Era imensa a alegria na ilustre família. Apressaram-se em preparar o programa da recepção que devia fazer-se ao humildade apóstolo, o que não foi coisa fácil de decidir.

Queriam a princípio vir-lhe ao encontro com brilhante cavalgada. Os irmãos, os sobrinhos, os parentes, alguns fidalgos da vizinhança

que se mandariam prevenir ele noite e o séquito de todos eles; teria sido uma escolta pomposa, capaz de fazer fugir o Santo.

- Pelo que sei dele, - disse D. Garcia - receio descontentá-lo com um tal aparato. Dêmos um ar de festa ao castelo, porque ele nos não pode estranhar este testemunho de alegria; mas nada no exterior. Apenas pedirei ao capelão que vá a Andoain cumprimentar Ínigo em nosso nome e dizer-lhe que o seu regresso é para toda a família objecto de alegria.

- Mas se Ínigo vier pela montanha, - disse D. Beltrão o capelão não o encontrará!

- Tens razão, meu irmão, - respondeu D. Garcia. O capelão vai partir imediatamente; dormirá em Andoain e não deixará de encontrar Ínigo. No caso que o nosso querido irmão queira tomar o caminho da montanha, vou mandar espalhar homens armados nas passagens, a fim de que possam defendê-lo em caso de ataque. Vou também expedir a Azpeitia um mensageiro a prevenir o clero e os magistrados da chegada de meu irmão; eles farão o que quiserem.

Esse plano não foi por diante, em consideração à humildade do nosso Santo.

No dia seguinte, Inácio de Loiola, acabando de ouvir a santa missa em Andoain, entrava na hospedaria para montar a cavalo, quando foi cumprimentado - á porta pelo capelão de Loiola, que o esperava:

- Sr. D. Ínigo, - lhe disse - sou enviado junto de Vossa Excelência para lhe dizer que é esperado com impaciência e alegria por D. Martinho Garcia, seus filhos e seus irmãos que estão no castelo, bem como toda a família e amigos; todos desejam cumprimentar Vossa Excelência, e eu peço-lhe me conceda a honra de o acompanhar até lá.

- Agradeço-lhe, sr. capelão; muito me obsequiaria, visto que a sua cavalgadura é melhor do que a minha, se quisesse ir na dianteira. Desejo ir só pelos caminhos da montanha, de que me recordo muito bem.

O capelão insistiu, mas Inácio não se deixou vencer e ele teve que ceder. Inácio receava que lhe saíssem à estrada para lhe prestar

honras que queria evitar, custasse o que custasse. Meteu-se, pois, na montanha, apesar dos perigos que o ameaçavam ali, e o capelão tonou o caminho freqüentador por todos os viajantes.

Daí a pouco o nosso herói viu dois homens armados, montados em duas mulas, que julgou reconhecer. Aproximou-se deles

- De quem sois, meus bons rapazes? - lhes perguntou.

- De D. Martinho Garcia de Loiola, senhor, que nos enviou para escoltar Vossa Excelência e defendê-lo, no caso que os ladrões da montanha o atacassem.

- Agradeço a meu irmão e peço-lhes que caminhem adiante de mim, meus bons amigos; não tenho necessidade de ninguém para me guiar pois não temo os ladrões. Partam !

O humilde apóstolo devia atravessar Azpeitia. Ao aproximar-se daquela pequena cidade, vê avançar processionalmente o clero, os religiosos, os magistrados e os principais habitantes que vinham cumprimentá-lo e testemunhar-lhe a consolação e alegria que com o seu regresso, todos experimentavam. No número das pessoas que mais pressa tiveram em rodeá-lo, viam-se seus irmãos e irmãs, que instaram com ele para ir a Loiola, não cessando de lhe repetir que o castelo era dele e que o devia olhar como propriedade sua:

Desde que abandonei a casa de meus pais, - lhes respondeu o Santo - não tenho outra habitação senão a dos pobres. Vou para o hospital da Madalena.

E, resistindo a todas as instâncias, dirigiu-se com efeito a esse asilo da miséria e do sofrimento, deixando sua família profundamente humilhada por vê-lo confundido com os doentes pobres da cidade e dos arredores.

III. PREGAÇÕES E CONVERSÕES

Apenas entrou no castelo, D. Martinho Garcia, magoado com a persistência de Inácio não querer outra morada senão a dos pobres, e isto no seu próprio país, a alguns passos da sua ilustre família e da sua rica habitação, disse aos irmãos:

- Visto que não podemos evitar esta dor de coração e esta humilhação de família quero ao menos que Ínigo seja melhor tratado do que os mendigos, a quem ele nos prefere. Vou dar ordem para que lhe levem um leito agora mesmo, e, duas vezes por dia, enviar-lhe-ei a melhor parte do que for servido à mesa da sua família.

Pouco depois os criados do castelo chegavam ao hospital da Madalena, colocavam no quarto do Santo o leito enviado por D. Garcia e punham sobre a mesa os mais delicados acepipes. O coração de Inácio bateu de alegria ao ver essa suculenta comida. O seu olhar fixou-se nos servos de seu irmão com uma comovente expressão de reconhecimento.

- Agradeço a D. Garcia, - lhes disse - e agradeço-lhes também, meus bons amigos; não me podiam dar maior prazer. Os meus queridos doentes vão ficar muito satisfeitos! A soberana bondade de Deus lhes pague tudo!

E imediatamente foi tudo distribuído aos pobres doentes; Inácio recebeu em troco o pão negro da caridade. A noite, depois de uma longa oração, rasgou o corpo com a disciplina e em seguida estendeu-se no chão para tomar um pouco de descanso. Quando se levantou, desfez a cama de que se não quis servir, e julgou enganar deste modo aqueles que podiam ter adivinhado a sua mortificação. Durante o dia, percorreu as ruas da cidade pedindo esmola, convidou as criancinhas a irem ouvir a explicação do catecismo e os pais a escutarem as prédicas que fazia na igreja do hospital.

D. Garcia, prevenido de que seu irmão implora a caridade pública nas ruas de Azpeitia, procura-o e pede-lhe que não desonre assim a família:

- Meu irmão e senhor, - lhe respondeu o nosso herói - Nosso Senhor Jesus Cristo, mestre divino de todos nós, deu-nos o exemplo da

pobreza voluntária. Creia que, praticando-a, não faço mal; permita-me, pois, que a honre e a respeite, se Deus me quiser fazer essa graça, até ao fim da minha vida.

- Diz-se que o meu querido irmão também quer pregar. Pense que, expondo-se à irrisão pública pela mendicidade, não terá autoridade alguma para ensinar o povo. Por outra parte, o mano não é Sacerdote e aqui não faltam Sacerdotes e Religiosos para a pregação.

- Meu bom irmão, por toda a parte vejo um grande relaxamento nos costumes e muita indiferença no cumprimento dos deveres do cristianismo. A causa desta desordem é a ignorância dos povos e estou firmemente resolvido a pregar em toda a parte onde me encontre, quando isso me for possível, para maior glória de Deus, nosso Mestre e Senhor.

-Mas não quererão ouvi-lo ! É uma tentativa inútil.

- Ainda que tivesse uma só criança, pregaria como se tivesse numeroso auditório; e, se lhe aproveitassem os meus ensinamentos, não pensaria ter perdido o tempo.

Vendo D. Martinho que não conseguia vencer a humilde firmeza de seu irmão, não insistiu mais.

Depois que o Santo abandonou Paris, o seu estômago funcionava regularmente; a saúde melhorou, em geral, e aproveitou-se disso para continuar as suas austeridades. A sua alimentação era o pão duro da caridade; dormia no chão do quarto e tomava apenas alguns momentos de sono; o cilício estava-lhe colado ao corpo por uma cadeia de ferro cheia de pontas e assaz comprida para lhe cair dos dois lados, depois de lhe atravessar a cinta; enfim, multiplicava as disciplinas e tratava-se com espantoso rigor. Tendo os criados do hospital conhecido que ele se não deitava, levaram o leito que D. Garcia lhe tinha enviado e substituíram-no por um dos pobres grabatos para uso dos indigentes.

Desde esse momento, Inácio serviu-se dele regularmente, feliz por não ter melhor cama do que os pobres de Jesus Cristo, do qual ele queria partilhar o roteiro desprendimento.

Pregava todos os domingos, todos os dias de festa e três vezes na semana, independentemente do catecismo que ensinava às crianças. A primeira vez que pregou, teve imensa gente a ouvi-lo. D. Garcia enganara-se nas suas previsões: Inácio, longe de excitar o desprezo do povo, inspira profunda veneração pela santidade da sua vida, e atraía a si todos os corações pela simplicidade das suas maneiras, pela doçura da sua palavra, pela benevolência do seu olhar e pela amável bondade que testemunhava a todos. Comovido pelo interesse que todos tomaram em dirigir-se à igreja do hospital para ouvirem a primeira instrução, Inácio lança o olhar sobre a imensa assembléia, reconhece aqueles que desejava ali ver, e apercebe alguns membros da sua família. D. Garcia era do número. Era excelente a ocasião para a deixar escapar; a humildade do nosso herói aproveita-a com uma espécie de avidez.

"Meus caríssimos irmãos, - disse o santo apóstolo um dos principais motivos que me determinaram a aparecer de novo neste país, que abandonei com intenção de não mais aqui voltar, foi o de ceder ao grito da minha consciência. Há muito tempo que uma voz interior me dizia que, onde eu tive a desgraça de dar outrora o mau exemplo duma juventude mundana, frívola e dissipada, devia dar a do arrependimento e da penitência. Todos os dias peço a Deus Nosso Senhor, e lho peço com lágrimas de viva dor, que me perdoe esse passado que deploro. Hoje venho pedir a todos, compatriotas e amigos meus, a quem ofendi ou escandalizei então, que me perdoem e não recusem o auxílio das suas orações a um miserável pecador, como eu, que tanta necessidade tem delas. E se alguns de vós, arrastados pelos meus funestos exemplos, tiveram a desgraça de me imitar nos meus desvarios, suplico-lhes que voltem para Deus e façam sincera penitência. de todos os seus pecados."

"Outro motivo me trouxe junto de vós. Tenho que pagar uma divida, tenho que confessar-me réu duma grande falta e de proclamar altamente a inocência daquele que foi acusado e punido publicamente. Tenho que indenizá-lo da perda que o fiz sofrer (e aponta com o dedo um dos seus ouvintes, a quem nomeia); foi ao senhor que eu causei prejuízo. Aquele homem honrado, condenado a pagar uma quantia assaz considerável e a sofrer a vergonha da prisão, por ter roubado frutos dum jardim, não era réu dessa falta. Fui eu que a cometi; fui eu que escalei o muro desse jardim, com alguns jovens da minha idade, fui eu que roubei os frutos. Para reparar esta falta, tanto quanto me é possível, dou àquele que sofreu as conseqüências do meu pecado, dois domínios situados nestes

arredores, e que são propriedade minha. Aceite-os em recordação da minha culpa (e nomeia de novo aquele a quem se dirige), e provar-me-á desse modo que me concede o perdão que lhe peço. Declaro publicamente que lhe dou um desses domínios a título de restituição, e o outro a titulo de reparação, suplicando-lhe de novo que me perdoe de todo o coração, porque do fundo da minha alma deploro a injustiça que lhe fiz"..

Todo o auditório vertia lágrimas. Aquele que assim falava, todos em Azpeitia o tinham conhecido belo, elegante, muito apreciado, muito pródigo! Hoje viam-no coberto com uma pobre sotaina cinzenta, cingido por uma corda da mesma cor, pálido, recolhido, orando sempre, humilhando-se até estender a mão para implorar a esmola dum bocado de pão, e, naquele momento, não temia confessar-se publicamente réu duma falta da sua juventude, de todos ignorada.

D. Garcia estava também comovido; começava a compreender que a profunda humildade de seu irmão podia pôr a seus pés todos os que o escutavam. E foi o que sucedeu.

Dai a pouco corriam de todas as vilas, de todos os castelos, de todas as cidades da província para consultar o Santo, para o ouvirem, para o verem e pedirem-lhe as suas orações. Não havendo igreja que pudesse conter a multidão que se acotovelava em volta dele, viu-se forçado a falar ao ar livre, e, conquanto a sua voz fosse bastante fraca, ouvia-se a grande distância. Chegaram até a subir a árvores para o ouvirem. O clero da província nunca tinha visto tão grande número de penitentes invadir os confessionários; porque todos, pressurosos de reformarem a sua vida e de porem em prática a santa palavra que tinham ouvido, queriam começar por pacificar a sua consciência. Mas o próprio clero tinha necessidade de reforma, assim como algumas comunidades religiosas; e Inácio, prevendo que estas conversões não seriam duradoiras se não fossem sustentadas pelo zelo dos pastores das almas, ocupou-se da reforma do clero. Leigo como era, tentou esta imensa empresa, e Deus, que lha tinha inspirado, abençoou-a abundantemente. Obteve então um sacrifício muito meritório para os espanhóis, o do jogo das cartas, que era uma verdadeira paixão em todo o país; os Padres e os religiosos não estavam isentos disso. Fez outro prodígio: atacou o luxo nas suas pregações com tal força, que as mulheres, comovidas até às lágrimas, fizeram ceder a sua vaidade à palavra do apóstolo, e esta reforma foi duradoira.

Durante os dez dias que precederam as festas do Pentecostes, explicou todas as tardes um dos mandamentos de Deus. O efeito foi maravilhoso. Algumas pessoas, que até então tinham vivido na desordem, deram exemplo da mais bela conversão e moveram muitas outras, que viveram depois na penitência, na mortificação e no afastamento do mundo.

Estabeleceu em Azpeitia uma confraria do Santíssimo Sacramento, encarregada de cuidar dos pobres envergonhados; deu-lhe para este fim um capital assaz considerável, confiando a sua administração a alguns dos magistrados da cidade.

Estabeleceu também o uso de rezar todos os dias ao meio dia pelas almas que estão em pecado mortal, e à noite pelos mortos; e, a fim de não deixar morrer esta devoção, pôs a render uma certa quantia para pagar àquele que tocasse o sino da paróquia para dar o sinal de rezar.

- Anterior
- Índice
- Posterior

IV. NO CASTELO DOS SEUS ANTEPASSADOS

Inácio de Loiola, como dissemos, ensinava o catecismo às crianças de Azpeitia; iam outras de muito longe, e das mais notáveis famílias, a fim de ouvir aquelas instruções. Os próprios pais ali se dirigiam.

Entre os jovens ouvintes do nosso Santo, Martinho de Alarzia tornava-se notado por disformidade no talhe, fealdade excepcional e gaguice que não lhe permitia pronunciar uma só palavra sem grande dificuldade. Interrogando-o um dia o apóstolo em presença de numerosa assembléia, Martinho perturba-se e responde de maneira a excitar a hilariedade de algumas pessoas. O Santo vê isto e diz aos gracejadores:

- Porque se riem desta criança? Não são justos. A sua alma é infinitamente mais bela diante de Deus do que as suas disformidades corporais podem ser ridículas aos olhos dos homens. Esta beleza interior crescerá um dia; Martinho será um santo sacerdote e prestará serviços eminentes à Igreja de Jesus Cristo no seu próprio país.

Martinho de Alarzia justificou literalmente a profecia do Santo.

Francisco de Almara, criança de 8 anos, foi apresentado por sua mãe ao santo apóstolo:

- Senhor, - lhe disse ela - abençoe meu filho e peça a Deus que o conserve, porque só o tenho a ele!

Inácio contemplou o menino e pareceu absorto nos seus pensamentos por um momento; depois, encarando a mãe, disse-lhe como que inspirado:

- Tranqüilize-se, senhora, Francisco terá muitos filhos e morrerá velho.

Francisco de Almara teve quinze filhos e morreu de oitenta anos.

Vieram dalgumas províncias para pedirem simplesmente milagres a Inácio de Loiola; ninguém acreditava que um tal Santo não tivesse o

poder de fazer tantos quantos fossem os doentes que lhe apresentassem.

Uma mulher possessa do demônio havia quatro anos tinha sido exorcismada algumas vezes sem resultado; levaram-na ao Santo:

- Bom senhor, - lhe disseram - tenha caridade para com esta desgraçada; cure-a!

- Eu não sou sacerdote, não tenho poder algum para. exorcismar, - respondeu humildemente o Santo.

- Não lhe pedimos isso; pedimos-lhe que a abençoe e que peça a Deus que a cure; a sua caridade nada, nos pode recusar!

Inácio não pôde resistir; orou um instante, fez o sinal da cruz sobre ela, e o demônio abandonou-a. A notícia desta cura espalha-se rapidamente; levam outra mulher ao santo apóstolo e dizem-lhe que ela é sujeita a convulsões que fazem crer na presença do demônio

- Esta mulher não é possessa; - respondeu ele - mas o espirito do mal apraz-se em mostrar-lhe imagens terríveis e é isso o que ocasiona as convulsões.

Orou por esta mulher, fez sobre ela o sinal da cruz e mandou-a embora curada.

Na vila de Gansara estava a morrer uma pobre mulher, vitimada por uma tísica pulmonar. Levaram-na a Azpeitia_ pediram ao Santo que a benzesse; responde que o não pode fazer antes de ser sacerdote; insistem, ele deixa-se vencer, abençoa a doente em presença de numerosas testemunhas, e a doente readquire as suas forças e a saúde a ponto de voltar a pé para a sua vila. Alguns dias depois volta a Azpeitia para agradecer àquele a quem devia a vida e a. saúde e oferecer-lhe frutos do seu jardim. Inácio, temendo afligi-la se recusasse, aceita-os e distribui-os aos pobres doentes.

Bastido, há muito tempo no hospital da Madalena, era sujeito a frequentes ataques de epilepsia. Um dia cai em presença de Inácio, que, movido de compaixão, pede a Deus que o cure e coloca-lhe a mão na fronte. Ao contacto desta mão, Bastido volta a si e fica curado.

Uma mulher que tinha um braço dissecado, testemunha deste prodígio, diz a uma pessoa que a acompanhava:

- Como ele faz milagres tão facilmente, e como me não atrevo a pedir-lhe que me cure o braço, pode ser que o bom Deus lhe dê a graça de curar sem que ele o saiba. Vou pedir o pano que ele acaba de tirar àquele doente.

E apontava um pobre ulcerado, a quem o Santo acabava de curar as feridas. Pede esse pano e lava-o com o único braço de que pode dispor depois de o ter passado sobre aquele que não tem vida; pois está persuadida de que o Santo deve deixar uma virtude poderosíssima em tudo o que toca: Deus abençoou a simplicidade da sua fé, manifestando de uma maneira brilhante a grande santidade do nosso herói. Enquanto aquela mulher lavava o pano cuja vista causava nojo, mas que para ela era precioso, o seu braço morto foi em auxilio do outro e readquiriu num momento uma força e um vigor que conservou sempre.

Deus permitiu que o nosso Santo, depois de ter curado tantas enfermidades, não pudesse resistir a todas as fadigas do seu apostolado e caísse doente. Sua família, a quem uma tão eminente santidade tinha esclarecido, instou com ele para conseguir que o transportasse a Loiola, onde todos desejavam ter a consolação de lhe prodigalizar cuidados. Inácio foi inflexível. Os seus parentes obtiveram apenas licença para virem tratá-lo naquele hospital de que o não podiam arrancar, e renovavam-se junto dele de modo a não o deixarem isolado durante dia e noite. Para o incomodarem o menos possível, ficavam num quarto vizinho que comunicava com o dele só o tempo que Inácio permitia.

Ia já muito melhor, quando uma noite as suas duas primas, D. Maria de Oriala e D. Simoa de Alzaga, que o velavam, o deixaram só no quarto vizinho.

Antes de o abandonarem, D. Maria colocou uma luz sobre um móvel a alguns passos de Inácio:

- Agradeço-lhe, Maria; - lhe disse ele - mas prefiro não ter luz e peço-lhe que a apague.

- E se o primo tiver necessidade dela?

- Se tiver necessidade dela, Deus Nosso Senhor fará com que me não falte.

D. Maria obedeceu, apagou a luz e retirou-se com sua irmã. Inácio entregou-se imediatamente à oração, apesar dos seus sofrimentos, e estava há mais de duas horas absorvido em Deus, quando suas primas, ouvindo-o soltar gemidos, que atribuíram a redobramento de febre, correram ao quarto dele, e o viram rodeado de luz e orando com a expressão da beatitude. O Santo voltou a si, testemunhou o maior pesar por ter sido surpreendido no momento de tanto fervor e pediu às suas parentas que nunca falassem nisso.

Deus não permitiu que a sua discrição correspondesse ao desejo do nosso Santo. Ao contrário, Deus queria justificar aos olhos de toda a família Loiola a vida de santa pobreza que Inácio tinha escolhido para lhe agradar. Era necessário que todos os membros dessa nobre família se vissem forçados a confessar que, longe de os humilhar, a santa vida do pobre mendigo os elevava e era a sua mais bela glória. E, para isso, a Providência nada tinha poupado. Tornara necessário a viagem de Inácio a Biscaia, reunira toda a sua família no castelo de Loiola no momento em que ele devia chegar, manifestara a santidade do apóstolo por numerosos milagres, abençoara a sua palavra, fazendo com que ela operasse importantes conversões; enfim levara a luz aos espíritos e aos corações. Os parentes do nosso herói viam nele um prodígio de virtude.

O nosso Santo estava restabelecido; falava da sua partida para a Itália e não tinha ainda posto os pés no castelo de seus pais. Os seus irmãos não ousavam renovar as suas instâncias, mas era vivo e profundo o seu pesar:

- Pois bem, - disse a castelã - irei eu ao encontro de meu cunhado Ínigo, lançar-me-ei a seus pés e ficarei diante dele de joelhos até que me conceda a graça de vir comigo.

- Deus queira que sejas mais feliz do que nós o temos sido até agora, - disse tristemente D. Garcia.

No dia seguinte, a cunhada de Inácio foi procurá-lo e pediu-lhe simplesmente que não partisse sem ter dado a sua família a

consolação de vir ver o castelo onde nascera, onde tinham decorrido os primeiros anos da sua infância, e onde haviam morrido seu pai e sua mãe que tanto o amaram:

- Entrar na casa de meus pais, querida irmã, - respondeu Inácio - seria entrar de novo num mundo que eu abandonei para sempre; não o farei.

Então a nobre senhora caiu de joelhos diante de seu cunhado e banhada em lágrimas

- Meu irmão, meu querido irmão, - disse-lhe ela não é por motivos humanos que eu lhe suplico que nos conceda este favor, mas pela caridade de Jesus Cristo, que enche o seu coração ! Peço-lhe pelo seu santo amor, pela sagrada Paixão! ...

- Sim, querida irmã, pela paixão de Nosso Senhor consinto; irei esta noite.

A noite, com efeito, foi a Loiola, viu toda a sua família reunida, deu-lhe conselhos espirituais, e disse a seus irmãos:

- Todas as ações da nossa vida devem ter por fim a glória de Deus nosso Mestre soberano. A fim de que a minha visita preencha este fim, peço-lhes, meus irmãos, uma graça que espero me não recusarão.

Todos acederam no mesmo instante. O Santo continuou:

- Peço-lhes que mandem dar doze pães todos os domingos a outros tantos pobres, em honra dos doze apóstolos.

O seu desejo será satisfeito, - disse D. Garcia - desde o próximo domingo.

Todos corroboraram a promessa do chefe da família.

O nosso Santo passou a noite em Loiola, mas não se deitou: estaria demasiado bem, teria encontrado o que havia abandonado para sempre. No dia seguinte, antes de romper o dia, estava no hospital.

O momento da sua partida aproximava-se. Espalhou-se esta notícia,

e o clero, os magistrados, o povo da cidade e dos arredores suplicaram em vão ao santo apóstolo que ficasse no seu próprio país, onde tinha feito um grande bem. Inácio não se deixou vencer nem pelas lágrimas nem pelas petições.

- Deus chama-me a outra parte, - respondeu a todas as súplicas-, e em caso algum ficaria em Azpeitia. Rodeado da minha família, estaria, de certo modo no meio do mundo e eu abandonei o mundo e tudo o que é do mundo, renunciando para sempre a ele.

D. Garcia não podia resignar-se a ver partir a pé, como um indigente, aquele que era objecto da veneração pública e que usava o nome de Loiola:

- Meu caro Ínigo, - lhe disse ele - cedi à sua humildade até agora, ou, antes, a sua humildade nada me concedeu durante os três meses que acaba de passar em Azpeitia. Hoje, é impossível que o meu querido irmão me não permita dar-lhe um cavalo e mandá-lo acompanhar e seguir como convém a um homem do seu nascimento.

- Como ainda não adquiri todas as forças - respondeu o Santo - aceito da melhor vontade um cavalo, porque aquele em que vim é incapaz de fazer uma nova viagem, e dei-o ao hospital, onde serve para o transporte das provisões. Quanto aos criados, agradeço, mas não tenho necessidade deles.

- Mas, meu caro Ínigo, em consideração à opinião pública, não deve viajar assim no seu país. Iremos todos acompanhá-lo até Pamplona, ou até Siguenza, porque o meu caro irmão vai primeiro a Obanos. Todos sabem que Ínigo é dali, e o mano não pode recusar aos seus irmãos a consolação de o acompanharem.

- Acedo meu irmão, - disse humildemente o nosso Santo.

Seus irmãos acompanharam-no, pois, até aos arredores de Pamplona, e lá Inácio despediu-se deles, pedindo-lhes que não fossem mais longe, e dirigiu-se sòzinho àquela cidade, onde vendeu o cavalo que D. Garcia lhe tinha dado. Dali, foi regular os negócios de D. Francisco Xavier a Obanos, onde habitava D. João de Aspilcueta, irmão mais velho de Francisco; depois subiu ao castelo de Xavier, onde passou alguns dias. Partiu em seguida para

Almazan, sempre a pé e pedindo esmola; ali regulou os negócios de Diogo Laynez, dirigindo-se depois a Toledo para tratar dos de Afonso Salmeron. Querendo embarcar em Valência, aí parou a fim de ver o seu antigo discípulo, João de Castro, que estava no noviciado dos Cartuxos de Val-de-Cristo.

Inácio apreciava o valor e as virtudes de João de Castro, provou-lho comunicando-lhe todos os seus planos para glória de Deus. Contou-lhe o compromisso que tinha tomado com os seus novos discípulos, todos conhecidos de João. Confiou-lhe o projecto de ir com eles à Palestina e deu-lhe a conhecer todo o seu pensamento relativamente à ordem apostólica, cujo fim e plano Deus lhe tinha indicado; enfim, pediu-lhe as suas orações e os seus conselhos.

João de Castro respondeu-lhe que reflectiria e passou a noite em oração; ao sair da cela, no dia seguinte, correu a abraçar Inácio com uma terna efusão, e disse-lhe:

- A sua santa empresa é obra de Deus; triunfará, apesar de todas as oposições humanas, e todo o mundo lucrará com ela. Parece-me uma obra tão excelente e tão perfeita, que se me quiser para cooperar nela, estou pronto a sair da Cartuxa para o seguir por toda a parte. Sou apenas noviço na ordem de S. Bruno; não tendo, pois, tomado nenhum compromisso, com toda a alegria serei seu discípulo.

- Não, meu caro João, - lhe respondeu Inácio. Recebo com o maior contentamento as palavras de animação que me dá, creio-as inspiradas pelo Espírito Santo, mas não devo aceitar a sua proposta. Creio que Deus o quer na solidão; o meu caro João deve corresponder à sua vocação. Deus esclareceu-o a meu respeito, a fim de que pudesse fortificar-me e animar-me na obra que Ele me encarregou de realizar, e, agora, estou convencido de que me esclarece a seu respeito a fim de que eu o anime a continuar no caminho em que a Ele aprouve conduzi-lo. Sigamos, pois a nossa vocação separadamente; por serem diferentes, não são menos santas.

Os dois amigos prometeram em seguida recordar-se um do outro diante de Deus, e separaram-se. Inácio dirigiu-se no mesmo dia para Valência, onde embarcou imediatamente, apesar dos perigos da navegação, naquele momento em que Barba-roxa tinha mais de cem

galeras a cruzar o Mediterrâneo. e quando se não falava senão das suas devastações naquelas margens e dos seus latrocínios em pleno mar.

- Anterior
-
- Posterior

V. VIAGEM TEMPESTUOSA

O navio em que o nosso Santo embarcou, escapou felizmente aos perigos da pirataria, mas sofreu violenta tempestade, que obrigou o capitão a lançar carga ao mar. No meio dos gritos de desespero dos passageiros e da triste desanimação dos marinheiros, Inácio de Loiola conservava a sua tranquilidade habitual, e procurava no fundo da sua consciência as faltas que podia ter que censurar-se. Julgou reconhecer então que não tinha correspondido suficientemente às graças e aos favores extraordinários com que havia sido cumulado. E mais nada; mas isto foi o bastante para o penetrar duma tão viva dor que ele nunca mais a esqueceu; muito tempo depois falava disso, vertendo lágrimas, aos seus mais íntimos confidentes. Entretanto Deus salvou o navio que levava o seu eleito, a tempestade cessou e foi possível abordar a Génova sem outro acidente.

O nosso peregrino dirigiu-se a Bolonha, sempre a pé, sempre mendigando, e meteu-se nas montanhas. Cheio de coragem e de confiança em Deus, ia e trepava sempre, sem saber onde iria dar, quando de repente se encontrou às bordas dum espantoso abismo, do fundo do qual sé fazia ouvir o ruído surdo duma torrente impetuosa.

O Santo não tinha outra resolução a tomar, e assim o compreendeu, senão a de arrepiar caminho. Orou durante alguns instantes e em seguida quis retomar o caminho por onde veio. Volta-se e vê-se numa grande elevação que causava vertigens. É certo que tinha chegado ali auxiliando-se das, mãos e dos joelhos, agarrando-se a tudo que podia; mas, completamente ocupado de Deus, cuja glória lhe fazia afrontar tantas dificuldades e arcar com tantos perigos, subiu, subiu, sempre, continuou a subir, não pensando que seria obrigado a descer a montanha que subia a tanto custo. Agora, só via abismos e precipícios em volta de si!

Pedia a Deus que viesse em seu auxílio, porque os socorros humanos não podiam chegar aonde ele se encontrava. Depois de ter orado um momento, abandonou-se à Providência e tentou a terrorífica e impossível descida, que devia levá-lo ao ponto de onde partira algum tempo antes. Arrasta-se, apoia-se nas saliências das rochas, às sarças, aos arbustos, a tudo o que encontra, fere as mãos

e os joelhos, fica com a roupa em pedaços e não cessa de ver o perigo iminente com que cada um dos seus movimentos lhe ameaçava a vida...

A sua coragem não enfraquece, a sua confiança mantém-se, é por Deus que ele sofre, é por Ele que vai por esse caminho impraticável, semeado de tantos escolhos, eriçado de tantas dificuldades, e que parecia a imagem daquele que teria a percorrer, através dos séculos, a santa Companhia, de que era fundador.

Enfim, encontra-se no fundo da montanha, agradece à divina Providência, que o preservou de todos os perigos, e pede-lhe que o guie nesses lugares desconhecidos. Deus ouve-o e ajudá-lo-á.

Lembrando-se depois dos perigos que correu naquela ocasião e das fadigas por que passou, Inácio dizia que nunca tinha experimentado ao mesmo tempo tantos sofrimentos de espírito e de corpo, e que nunca se vira em semelhantes perigos.

O Santo estava enfim na estrada de Bolonha, e sentiu necessidade de passar alguns dias nesta cidade para tomar um descanso indispensável depois de tantas fadigas. Mas esta viagem devia ser dolorosa até ao fim. Tendo as chuvas enxarcado os caminhos, o santo peregrino tinha constantemente os pés na água, enterrava-se na lama até aos tornozelos e andava muito vagarosamente.

- Anterior
- Índice
- Posterior

VI. VIAGEM TEMPESTUOSA

Antes de entrar em Bolonha, tinha de passar sobre umas pranchas lançadas através dum largo e profundo barranco que as neves e as chuvas haviam enchido de água lamacenta. Escorregou e caiu no barranco. Ninguém foi em seu auxílio, porque as suas roupas esfarrapadas, as suas mãos com as marcas das feridas, o seu rosto lívido, tudo nele anunciava a mais completa miséria. Mas ainda ficou pior, quando o viram sair do barranco, coberto de lama da cabeça aos pés. Então os apupos do povo perseguiram-no até às ruas de Bolonha, e, apesar de ir em jejum, não obteve em parte alguma a caridade de um pedaço de pão.

E este pobre mendigo era Inácio de Loiola !...

O nosso herói estava tão enfraquecido pela falta de alimentação, tão exausto pelo excesso de fadiga, e sofria tanto com a humidade das suas roupas, que lhe parecia que estava prestes a morrer. Foi-lhe mister um aumento de coragem para chegar à porta dum espanhol, que estudava na Universidade daquela cidade. Este estudante não reconheceu o nobre mendigo, mas ouvindo-o falar na sua língua nacional, apressou-se a socorrê-lo. Era tempo; o Santo já não podia dar mais um passo...

Tantas humilhações e sofrimentos pareciam não bastar ao nosso herói para testemunhar a Deus o seu reconhecimento; porque as notícias que recebia de Paris eram sempre para ele novo objecto de alegria e de ação de graças. Pedro Fabro, esperando que os seus irmãos terminassem os estudos de teologia, entregou-se aos trabalhos apostólicos com tal êxito, que estava tudo preparado para o determinar a fixar-se em Paris. Tinha feito inumeráveis conversões, tinha chamado à fé uma grande multidão de hereges e as suas pregações atraíram um concurso prodigioso de sábios e de pessoas distintas. Um dos mais célebres doutores da Sorbona disse-lhe um dia:

- Mestre Fabro, sei que tenciona abandonar a França para ir levar o seu zelo e talento a outra parte. Diz-se que quer associar-se a outros para exercer o apostolado entre os infiéis.

- Talvez, - responde Fabro.

- Pois, - respondeu o doutor - não deve fazer isso. Vossa Reverência não pode, sem pecar gravemente, abandonar o bem real que faz em Paris para ir tentar noutra parte um bem incerto. Quaisquer que sejam as obras que Vossa Reverência empreenda, serão sempre inferiores às que pode aqui fazer, onde tem uma influência decisiva e onde pode ser ouvido e compreendido por todos. Sabe Vossa Reverência a língua do país onde quer levar a palavra evangélica? Não. Então como será compreendido e apreciado? Vossa Reverência aprenderá a língua, creio-o; mas o tempo que dedica a esse estudo, tê-lo-ia aqui empregado com mais resultado para a glória de Deus. Estou certo de que Vossa Reverência cometerá uma falta grave, repito, se abandonar o ministério de Paris... Consultarei, se Vossa Reverência quer, todos os doutores da faculdade de teologia e verá qual a sua decisão.

Fabro ficara inabalável; sabia que Deus o chamava ao apostolado sob a direção de Inácio de Loiola, fizera voto de corresponder a esta vocação e a opinião de todos os teólogos de Paris não era bastante para o tornar infiel a essa vocação.

O coração do nosso Santo dilatava-se ao receber estas notícias; compreendia tudo o que a Igreja podia esperar de tais apóstolos, num tempo em que o demônio da heresia fazia tão grandes danos no seu seio e agradecia a Deus com todo o ardor da sua alma. Soube também, por cartas dos seus amados discípulos, que eles tinham feito em Paris a conquista de três homens escolhidos, tão distintos pela virtude como pelo talento, e que, depois de terem feito os Exercícios Espirituais sob a direção de Pedro Fabro, reconheceram clarissimamente que Deus os chamava à obra de Inácio. Eram Cláudio Lejay, presbítero da diocese de Genebra; Pascácio Broet, presbítero de Bretancourt, perto de Amiens; João Codure, de Embrun, no Delfinado. Este último era ainda leigo, e todos três doutores em teologia. No dia 15 de Agosto, festa da Assunção, tinham feito votos em Montmartre, na capela subterrânea dos Santos Mártires, e todos os outros, discípulos do nosso Santo haviam renovado os seus.

Inácio de Loiola julgava que todos os sofrimentos eram poucos para agradecer a Deus tantas e tão doces consolações.

O estudante espanhol que o tinha socorrido na miséria, em que o vimos reduzido quando chegou a Bolonha, depois de lhe ter feito

tomar algum alimento para o chamar à vida, dirigiu-lhe algumas perguntas, às quais o humilde peregrino julgou dever responder com toda a simplicidade.

O carinhoso espanhol apenas soube que tinha diante de si Ínigo de Loiola, cuja reputação de santidade se tornara universal, recolheu-o com toda a satisfação, não quis que ele procurasse outro asilo e prestou-lhe todos os cuidados reclamados pelo seu doloroso estado. Não pôde, contudo, impedir os resultados da doença.

No dia seguinte, o nosso herói, apoquentado por grandes sofrimentos de estômago, viu-se assaltado por uma febre ardente, que o pôs em perigo durante alguns dias. Mas, graças aos dedicados cuidados de que era objecto, restabeleceu-se breve e pôde retomar o seu bordão de peregrino para continuar a viagem.

VI. NA CIDADE DAS GÔNDOLAS

Dois espanhóis, chegados da Terra Santa, tinham parado em Veneza com tenção de esperarem a primavera para terem os caminhos mais fáceis e conseguirem tempo mais favorável para voltarem à pátria.

Estes espanhóis eram dois irmãos, ternamente unidos, Estêvão e Diogo de Eguia, que já vimos em Alcalá. Em sua casa tinha Ínigo de Loiola recebido fraternal hospitalidade quando abandonou o asilo dos indigentes daquela cidade, muito afastado da Universidade. Como dissemos, Diogo secundava o nosso Santo com uma generosidade inexaurível em todas as suas obras.

Os dois irmãos estavam em Veneza havia algumas semanas, quando um dia, passeando juntos, viram um peregrino cujo rosto pálido e desfalecido anunciava sofrimento, e cujas roupas indicavam profunda miséria. Diogo deixa escapar um grito de supresa e de contentamento:

- Estêvão, - disse a seu irmão - olha este pobre peregrino ! É o Santo de Alcalá !

- Sim, é ele ! - exclama Estêvão - é realmente D. Ínigo

E ambos, pondo de parte o respeito humano, correm a lançar-se nos braços do indigente e nobre peregrino.

Inácio de Loiola, apenas reposto da doença que o prendeu em Bolonha, partiu para Veneza. Muito fraco, e pressentindo que em breve tempo seria forçado a pôr termo a tão grandes fadigas; quisera fazer esta viagem duma maneira mais meritória ainda do que as precedentes. Estava-se nos últimos dias de Dezembro, o frio era intenso, os caminhos cobertos de neve, a marcha difícil, e o nosso Santo fez todo o caminho de pés descalços. No seu pensamento, esta viagem podia ser a última que lhe seria dado fazer como peregrino mendicante, e quisera efetuá-la em todo o rigor do desprendimento evangélico. Era assim que o nobre Loiola dava entrada na. opulenta Veneza.

A sua chegada a esta cidade, tinha recebido esmolas enviadas pelos seus amigos de Barcelona, que, evitando-lhe a mendicidade, lhe permitiam consagrar todo o tempo às boas obras e aos estudos teológicos, que ainda não terminara.

O encontro com Estêvão e Diogo de Eguia foi para ele uma agradável surpresa; abraçou-os com a efusão da amizade, contente por tornar a ver amigos a quem os seus queridos pobres tinham devido tão numerosos benefícios.

Os dois irmãos vinham de Jerusalém com fundas impressões e um desejo ardente de servir a Deus da maneira mais perfeita. Sentiam-se chamados à vida religiosa; mas qual a ordem em que Deus os queria? Era o que nenhum deles podia reconhecer assaz claramente para tomar uma decisão. O pensamento de que o santo apóstolo de Alcalá seria para eles um anjo condutor nesse labirinto, tornou neles ainda mais viva a alegria de o verem. Submeteram-lhe as suas incertezas; Inácio aconselhou-lhes que fizessem os Exercícios Espirituais; neles foram esclarecidos e ficaram mui resolvidos a associar-se aos trabalhos de Inácio de Loiola; mas ficou combinado com eles que esperassem e só entrassem na sua Companhia depois dela estar definitivamente constituída como Ordem religiosa.

Diogo de Hozez, duma das mais nobres famílias, de Málaga, natural de Córdova, atraído pela doçura, bondade e santidade do nosso herói, uniu-se a ele, consultava-o frequentes vezes, e seguia, com plena confiança, os conselhos espirituais que dele recebia. Um dia advertiram-no, muito em segredo, que devia desconfiar de Inácio, e da sua doutrina; que em Espanha e em França ele fora objecto de gravíssimas acusações; que fora condenado como herético e que

era prudente acautelar-se dum homem em quem todas as aparências davam a perceber uma santidade pouco comum.

Diogo de Hozez ia fazer os Exercícios Espirituais, sob a direção de Inácio, quando recebeu esta advertência confidencial. Espírito superior e versado na ciência teológica, pareceu-lhe favorável a ocasião para julgar por si mesmo da ortodoxia do nosso Santo. Encerra-se a pretexto de retiro, rodeia-se de livros de teologia, toma o dos Exercícios Espirituais e examina-lhe escrupulosamente as mais simples expressões. Pouco depois, e mesmo sem se aperceber, suspende o seu trabalho, começa a reflectir, reconhece a obra divina e confessa ao santo apóstolo toda a verdade. Fez então o retiro espiritual com toda a humildade, sob a direção de Inácio, e reconhece-se chamado à vida apostólica na Sociedade de Inácio Loiola. O santo fundador exige que ele tenha tempo de reflectir mais e de se assegurar da vontade de Deus e promete-lhe aceitá-lo se ele persistir no seu desejo.

Tais eram os prodigiosos efeitos dos Exercícios Espirituais. Os frutos que o Santo tirava deles para a glória de Deus eram tão abundantes e tão maravilhosos, que ele queria que os fizessem todos aqueles que lhe eram queridos, todos aqueles a quem era devedor de reconhecimento.

Sem negligenciar os seus estudos teológicos, dava os Exercícios a um grande número de pobres peregrinos, que lhe testemunhavam o desejo de reformar a vida ou abandonar o mundo. O administrador do hospital de S. João e S. Paulo, Pedro Contarini, que foi depois Bispo de Baffo, pôs-se inteiramente sob a sua direção, assim como algumas pessoas da sua família, depois de terem feito este retiro.

Tais vitórias não podiam deixar de irritar o inimigo de Deus e dos homens. A calúnia tinha começado a sua obra surdamente; mas, vendo-se muito mal acolhida numa cidade onde os principais personagens rodeavam Inácio dos seus respeitos e o olhavam como santo, levantou sobranceiramente a cabeça e acusou-o em alta voz de heresia, de sortilégio e de magia. Espalhou por toda a parte a notícia dos processos jurídicos de que ele foi objecto em Espanha e em França; nada desprezou para o perder na opinião, destruir na influência (que a sua santidade lhe tinha conquistado e deter as vitórias sempre crescentes do seu apostolado.

Quem eram os caluniadores de que o público se tornava eco? Ninguém o sabia. Só Inácio o não ignorava.

Era sempre o mesmo; diz-nos o Padre Bartoli, mas, "quando receava ser descoberto, sabia subtrair-se pela fuga às investigações da Inquisição e aos castigos que merecia. Alcalá, Salamanca e Paris tinham sido o teatro das suas façanhas; nesta última cidade, onde não podiam infligir-lhe outra punição, queimaram publicamente o seu retrato".

Inácio não se admira desta nova perseguição suscitada pelo inferno, mas tem necessidade para a sua obra duma reputação ao abrigo de qualquer censura, tanto no seu modo de proceder, como na sua fé. Procura o Núncio do Papa, Jerónimo Veralli, e pede-lhe que mande examinar juridicamente a sua causa. O Núncio anui aos seus desejos e dá unia sentença que proclama altamente a inocência de Inácio e declara os seus acusadores réus de calúnia. O nosso Santo vai :mais longe: manda pedir um atestado semelhante ao Inquisidor de Paris, que se apressa a enviar-lho.

Entretanto, o nosso herói esperava os seus muito amados discípulos. Sabia, por cartas deles, que estavam em caminho para se lhe juntarem, e que esta viagem não era para eles sem perigo. Tornando a guerra entre Francisco I e Carlos V quase impossível a passagem das fronteiras, os peregrinos, em número -de nove, andando sempre, podiam inspirar desconfiança e serem detidos pelas tropas dos dois exércitos. Tinham, pois, necessidade duma assistência contínua do céu.

Esta assistência não lhes faltar; Inácio não cessa de a pedir.

- Anterior
- Índice
- Posterior

VII. A CAMINHO DE ITÁLIA

Ficara decidido que os discípulos de Inácio partiriam no dia 25 de janeiro de 1537; mas tendo rebentado a guerra e estando já invadidas as fronteiras do Meio-Dia pelas tropas destinadas a defendê-las, foram forçados a entrar pela Lorena e a irem à Itália pela Alemanha. e Suíça, o que exigia mais tempo, e os obrigava a partir mais cedo. A partida foi, pois, fixada para 15 de Novembro de 1536; mas, não tendo alguns deles podido terminar os seus negócios a tempo, foi resolvido que os outros iriam na frente e que todos se reuniriam em Meaux poucos dias depois.

Simão Rodrigues era do número daqueles que primeiro partiram. Chegado a Meaux, caiu doente e receou não poder seguir os seus irmãos; porque o seu estado era inquietador, e, se curasse, o que era provável, a convalescença podia ser mais demorada do que a doença. Os seus irmãos preveniram-no de que não partiriam sem ele, embora tivessem que esperar muito tempo; mas Rodrigues não quer ser obstáculo à sua reunião com o seu santo mestre no dia tão desejado e propõe que se peça a sua cura a Deus. A proposta é acolhida como uma inspiração; ajoelham-se, oram com fervor, o doente adormece e acorda curado. Algumas horas depois, aqueles que estavam em Paris chegavam a Meaux, e a pequena caravana, completa, põe-se a caminho, a pé, de bordão na mão, com uma pequena mala aos ombros que continha livros e manuscritos e o terço ao pescoço caindo sobre o peito em testemunho da ortodoxia da sua fé. Marcham a três de frente, um Padre e dois leigos, santificando os seus passos com o salmodiar do seu breviário, cantando à meia voz, meditando ou orando. Todos os dias os Padres ofereciam o santo sacrifício e os leigos comungavam.

Entretanto, Simão Rodrigues tinha deixado em Paris um de seus irmãos, Diogo, a quem falara da sua partida, mas sem lhe dizer o fim da viagem e o tempo da ausência. Alguns dias depois, um amigo de Simão soube que ele partira para a Itália com os seus associados, que todos se foram juntar a Inácio de Loiola e que nenhum voltará. Corre a dar esta notícia a Diogo Rodrigues; ambos montam a cavalo, e vão a toda a brida, em perseguição do fugitivo, a quem encontram no dia seguinte. Diogo lança-se nos braços de Simão banhado em lágrimas e pede-lhe que não abandone a sua família;

- Como poderei voltar a Portugal - lhe disse - e confessar que tu renunciaste aos parentes, aos amigos, ao teu país, a tudo enfim para seguires Inácio de Loiola, a quem nos preferes? A nossa boa mãe não morrerá de dor por te ter perdido para sempre? Queres que eu a ouça todos os dias censurar-me por te ter deixado afastar dela para sempre?

- E vela também -acrescentou o seu amigo-que a fuga é prova duma grande ingratidão para com o seu soberano. O rei de Portugal fez todas as despesas com os seus estudos e o meu amigo quer levar o fruto dos benefícios do seu rei a outro país?

Simão Rodrigues escutou o irmão e o amigo sem os interromper. Quando acabaram de falar, disse-lhes simplesmente

- Deus chama-me e nenhum poder humano me impedirá de obedecer ao seu chamamento. Não é a Inácio de Loiola que eu obedeço afastando-me de vós, é a Deus; ser-me-ia mais fácil arrastar-vos para o caminho em que entrei pela graça de Nosso Senhor do que a vós reconduzir-me ao que eu abandonei para sempre.

Tendo esta firmeza feito perder toda a esperança ao irmão e ao amigo de Simão, separaram-se dele, e, deixando-o continuar o seu caminho para Lorena, retomaram o de Paris.

Tais eram os homens que Inácio atraíra a si para a obra divina que ele tinha a missão de cumprir.

Curando miraculosamente Simão Rodrigues no começo da viagem, parecia que Deus quisera provar aos nossos fervorosos peregrinos que a Providência os acompanharia até ao fim com a sua doce proteção. Eles, caminhavam, pois, cheios de confiança e ardor, quando um dia Francisco Xavier declara aos seus amigos que não pode dar mais um passo. Pedro Fabro, que já havia notado a mudança do seu querido Francisco, perguntou-lhe a causa do sofrimento que ele não pode dissimular por mais tempo, e soube então que era um excesso de mortificação.

Francisco Xavier, duma agilidade maravilhosa como todos os habitantes das províncias vascas, tinha sido muito admirado em Paris, quando se entregava a todos os jogos que mostravam a elasticidade dos seus membros, a elegância das suas formas e a

graça dos seus movimentos.

A sua vaidade foram agradáveis esses aplausos, e, no extremo desejo de expiar um passado que amargamente deplorava, tinha posto um cordão em volta das pernas e apertou-o com tal força que lhe resultou uma grande inflamação. O Santo, contente com o sofrimento que experimentava, tinha continuado a andar sem calcular o perigo a que se expunha; a inflamação fez rápidos progressos e agora não podia dar mais um passo e sentia-se devorado por uma febre ardente. Suplicava aos seus irmãos que o deixassem ficar e não interrompessem por sua causa a viagem; mas estes, longe de cederem ao seu desejo, transportaram-no à próxima vila e chamaram um cirurgião.

Descobriu-se então toda a extensão do mal, e todos perguntavam como, sem ser por milagre, Francisco Xavier pôde sofrer por tanto tempo, e andando sempre, um tal gênero de sofrimento e tão mofentas dores. O cordão que lhe apertava as pernas estava completamente coberto pela inflamação e não havia possibilidade de o tirar ! O cirurgião declarou que o estado , do doente era desesperado, que, dada a inflamação, era impossível qualquer operação e que só Deus o podia curar.

Imagine-se a aflição dos nossos peregrinos!

Meus bons irmãos, - disse Francisco - o doutor tem razão, só Deus me pode curar; e, visto como me não querem deixar aqui, e eu desejo ardentemente não ser causa da vossa demora, peçamos-lhe esta cura como mais uma prova da sua bênção à nossa associação.

- Oh ! sim, sim, peçamos-lhe esta graça! - exclamaram todos ao mesmo tempo.

E puseram-se em oração: o doente passou bem a noite, e ao despertar, no dia seguinte, os laços das pernas tinham caído em pequenos fragmentos; a inchação e a inflamação haviam desaparecido; não restava o menor traço da heróica mortificarão do Santo.

Os nossos peregrinos seguiram o seu caminho com mais ardor ainda, por terem recebido mais um testemunho da proteção divina.. Chegados às fronteiras da Alemanha, encontraram um troço de

soldados na sua passagem:

- Onde vão? - lhes perguntaram.

- É fácil vê-lo, - disse um homem que parara a olhá-los - vão converter algum país.

- Passem.

E passaram sem dificuldade. Este homem, profeta sem o saber, não seria instrumento da Providencia para facilitar aos seus apóstolos aquela perigosa passagem? Porque, como todos eram espanhóis, podia haver grandes inconvenientes em confessá-lo.

- Atravessando as cidades onde dominava a heresia de Lutero, os nossos viajantes eram assaltados pelos propagadores e pelos ministros dessa. religião nova. Não compreendendo que houvesse alguém que tivesse a temeridade de mostrar-se com um terço ao pescoço, primeiro insultavam-nos e depois atacavam a fé da Igreja Romana, convidando-os a defendê-la. Os discípulos de Inácio não deixavam nunca de responder ao desafio e sempre saiam vencedores da luta.

A pouca distância de Constança, entraram na hospedaria de um bairro completamente luterano, quando viram aproximar-se o ministro, seguido da maior parte dos habitantes.

O ministro, Padre apóstata, propôs-lhes uma controvérsia esperando que ele só venceria os nove adversários, e quis que todos aqueles que o acompanhavam fossem testemunhas da sua vitória.

- Não podemos todos responder-lhe ao mesmo tempo, - disse-lhe Diogo Laynez - vou eu começar, e, quando 0 senhor me houver reduzido ao silêncio, suceder-me-á um dos meus irmãos.

Travada a discussão, daí a pouco o luterano tinha esgotado o arsenal das razões e passou às injúrias. Laynez observou-lhe que as injúrias não convencem ninguém.

- Concordo, - disse ele - mas estou fatigado; jantemos juntos, e depois continuaremos a controvérsia.

O herege comeu sòzinho e comeu tão abundantemente e bebeu com tanto excesso, que escandalizou os seus devotos

- Pastor, - lhe disse um deles - cautela! O Senhor bebe demais.

- É necessário animar-me um pouco, - respondeu o ministro - para poder bater-me com esse papista caturra, sem falar dos outros.

Os nossos viajantes tomaram uma refeição frugal, mui pobre, depois do que, não querendo ser acusados de bater em retirada diante do inimigo, esperaram que o' luterano terminasse.

Tendo recomeçado a discussão, o ministro, mais que nunca em estado de se não sustentar, foi forçado a confessar-se vencido.

- Como o senhor reconhece que a verdade está do nosso lado, - disse um dos discípulos de Inácio -seja conseqüente, renuncie ao erro e torne a entrar no seio da Igreja.

Ouvindo estas palavras tão simples e tão justas, a cólera do ministro tornou-se em verdadeiro furor. Deixando de empregar a língua latina, profere em alemão todas as blasfêmias, todas as invectivas que o demônio lhe sugeriu e terminou por dizer que na manhã do dia seguinte se defenderá com outros argumentos, que mandará prender os ferrenhos papistas e que justiça será feita.

Traduziram esta ameaça aos nossos peregrinos, convidando-os a partir durante a noite, porque não tendo a pequena cidade onde eles estavam um só católico, corriam ali os maiores perigos. Mas os apóstolos, escolhidos pelo nosso Santo, não podiam aceitar essa proposta. Dignos discípulos do seu heróico mestre espiritual, decidiram que não podiam abandonar pela fuga a defesa da lei, pela qual estavam prontos a derramar o seu sangue. Esperarão, confiados na Providência, e dispor-se-ão durante a noite para sofrer os maus tratos que lhes queiram infligir.

No dia seguinte, de manhã, um jovem apresenta-se aos peregrinos; parece ter uns trinta anos; é de estatura elevada, porte nobre, traços distintos, olhar doce e benévolo, maneiras simples e graciosas.

Fala alemão e não é compreendido; mas faz sinal aos viajantes para

que o sigam, e estes, persuadidos de que os vêm buscar para os conduzir diante dos juízes não hesitam um instante. O jovem sai do bairro atravessando os campos, voltando-se de tempos a tempos para dar sinal aos peregrinos de que nada receiem, e, depois de os ter dirigido assim durante bastante tempo, põe-nos na estrada de Constança e deixa-os, testemunhando-lhes o maior interesse.

Quem era este misterioso condutor? Quem era este enviado da Providência? Ninguém pode responder a estas perguntas. Os discípulos de Inácio diziam:

- Se não é um anjo revestido da forma humana, é pelo menos um instrumento providencial que desempenha o ofício pium anjo a nosso respeito; somos-lhe devedores da liberdade e provavelmente da vida.

- Anterior
- Índice
- Posterior

VIII. REUNIÃO DE MESTRE E DISCÍPULOS

No dia 8 de janeiro de 1537, o nosso Santo via chegar a Veneza os seus queridos discípulos. As suas lágrimas correram doce e abundantemente, e apertou-os ao coração quando soube da solicitude de que a Providência os rodeara constantemente durante a sua longa e perigosa viagem.

Depois dos primeiros desalentos destas almas tão ternamente ligadas, tão santamente unidas, foi necessário separarem-se de novo para trabalharem na obra de Deus, ou antes, foi mister dividirem-se. Separaram-se sem se abandonarem-, estavam na mesma cidade, onde se juntariam no caso de necessidade, e onde poderiam efectuar frequentes reuniões. Não sendo favorável a estação para empreender a viagem a Roma, Inácio mandou-os tratar dos doentes nos hospitais. Tomou para si e para quatro dos seus discípulos o hospital de S. João e S. Paulo; Francisco Xavier e os outros quatro foram para o dos Incuráveis.

Não sabiam o italiano, mas a caridade é facilmente compreendida em todas as línguas. Desde logo foram muito estimados por todos os doentes e olhados por eles como anjos que o céu enviava à terra. Tudo o que vimos praticar de mais heróico pelo nosso Santo nos diversos hospitais de Espanha e de Paris, os seus filhos espirituais o imitaram em Veneza com a mesma energia, a mesma caridade, a mesma avidez de mortificação, principalmente Francisco Xavier. Este Santo renovava os mesmos prodígios, sem se enfastiar nunca de vencer as suas repugnâncias, de dominar a sua natureza e de a esmagar em todas as coisas.

O seu serviço no hospital não o fazia negligenciar o trabalho do apostolado na cidade. Ganhava todos os dias para. Deus novas almas e encaminhava outras pelo caminho mais perfeito. Os Exercícios Espirituais eram sempre o grande meio que ele empregava para determinar estas vocações.

No fim de Março, Inácio enviou os seus discípulos a Roma e julgou prudente ficar em Veneza para evitar as dificuldades que podia encontrar da parte do Cardeal Caraffa,, pouco favorável à sua obra.

Os nove peregrinos fizeram esta viagem a pé, jejuaram. todos os

dias, porque se estava na Quaresma, pedindo a esmola dum pedaço de pão, que lhes era muitas vezes recusado, suportando as mais duras privações, os mais humilhantes maus tratos, as mais dolorosas fadigas, não só sem se queixarem' mas agradecendo a Deus esses sofrimentos, a que chamavam favores.

Pedro Ortiz, enviado extraordinário de Carlos V em. Roma para sustentar junto da Santa Sé a causa de Catarina de Aragão, repudiada por Henrique VIII, encontrou os nossos peregrinos na Cidade Eterna e fez-lhes o mais amigável acolhimento. Sabendo que vinham pedir a bênção apostólica. ao Soberano Pontífice e autorização para irem evangelizar a Palestina, encarregou-se de lhes obter a audiência necessária e apressou-se a pedi-la, elogiando a muita virtude e ciência pouco comum dos novos apóstolos.

Este elogio tocou a corda sensível de Paulo III; porque o seu gosto pelas letras e pelas ciências ia até promover discussões entre os sábios durante as suas refeições para se dar a satisfação de os ouvir sem prejuízo das suas ocupações. O Papa. quis ver os jovens doutores da Universidade de Paris no dia seguinte, durante o jantar. Ali se dirigiram, com as roupas que tinham quando abandonaram Paris, e foram logo convidados a tomar parte na discussão começada. Trataram com tão grande superioridade de ciência e de talento as questões que lhes foram propostas, e sustentaram os seus argumentos com tanta modéstia e humildade, que Paulo III não pôde conter a admiração e abraçou-os, dizendo-lhes:

- Alegro-me de ver unida a tanta ciência tanta modéstia. Que vos posso fazer?

- Santíssimo Padre, solicitamos a permissão de ir à Terra Santa pregar Jesus Cristo, nos próprios lugares em que Ele deu todo o seu sangue pela salvação do mundo, e pedimos a Vossa Santidade que se digne conceder-nos a sua bênção, a fim de que ela nos garanta a de Jesus Cristo aos trabalhos que desejamos empreender;

- Parece-me, - replicou o Papa - que a viagem à Terra Santa não é possível: a guerra vai rebentar, as passagens serão interceptadas e estes obstáculos podem ser cie longa duração; o vosso zelo seria empregado com muita utilidade noutra parte.

O Soberano Pontífice abençoou-os em seguida com afeto muito

paternal, deu-lhes sessenta escudos e permitiu aos que ainda não eram presbíteros que recebessem as sagradas Ordens, a título de pobres voluntários, de qualquer Bispo e em qualquer lugar.

Alguns ricos espanhóis juntaram uma esmola de cento e quarenta escudos à que os peregrinos tinham recebido de Paulo III, a fim de que eles tomassem o caminho de Veneza em condições menos duras.

Os jovens apóstolos tinham, porém, feito voto de pobreza e quiseram ser fiéis a ele; queriam viajar como o nosso Santo, que se esforçavam por imitar em todas as coisas, e, dizendo que o discípulo não é mais que o mestre, puseram-se corajosamente a caminho, a pé, de bordão na mão e pedindo esmola. O seu pequeno tesouro, reservado para a viagem à Terra Santa, devia ser entregue intacto ao seu pai espiritual.

Chegados a Veneza, entraram de novo para o serviço dos hospitais, com grande alegria dos pobres doentes. No dia 24 de junho de 1537, festa de S. João Batista, Inácio de Loiola recebeu as sagradas Ordens, assim como os seus filhos espirituais, que para elas se prepararam, a seu exemplo, com um fervor celeste. Todos sete foram elevados ao Sacerdócio no mesmo dia[43], pelo ministério do Bispo de Alba, Vicente Nigusanti. O nosso Santo reservou-se um ano inteiro de preparação antes de celebrar os santos mistérios pela primeira vez. Talvez, na esperança de poder efectuar então a viagem à Palestina, quisesse ter a consolação de celebrar esta primeira missa no santuário de Belém. É o pensamento do Padre Genelli.

Os neopresbíteros dividiram-se em seguida para exercer o santo ministério em diversos lugares: Inácio, Fabro e Laynez foram para Vicência; Xavier e Salmeron para Montelice; Rodrigues e Lejay para Bassano; Codure e Hoces para Treviso; Broet e Bobadilha para Verona. Todos deviam preparar-se para o exercício das funções sacerdotais por um retiro de quarenta dias, depois do qual trabalhariam com todo, o zelo na santificação das almas, esperando o fim do ano.

Mas estava declarada a guerra entre a Turquia e os Estados ele Veneza, as frotas inimigas cobriam o Mediterrâneo, era impossível a passagem então, e era pouco provável que estes obstáculos desaparecessem antes de expirar o termo fixado pelo voto da

pequena Companhia.

Chegando a Vicência, o nosso Santo apoderou-se de um mosteiro em ruínas, situado nos arredores, chamado de S. Pietro in Vivarolo.

Este mosteiro tinha sofrido muito com a última guerra a ponto de não ter portas nem janelas; não se podia estar ali nem ao abrigo do sol, nem da chuva, nem do calor, nem do frio, e os ventos tinham entrada livre. Quanto à mobília, o nosso Santo completou-a logo, segundo os seus desejos. Pôs no chão uma pouca de palha para servir de leito, arranjou uma pedra para se sentar, uma tábua para escrever, e mais nada. Os seus companheiros imitaram-no. A alimentação correspondia à pobreza da sua morada. Iam todos os dias mendigar o necessário, e muitas vezes recebiam tão pouco que passavam fome.

Durante quarenta dias viveram em retiro no seu pobre asilo, saindo apenas para mendigar, e regressando logo que recebiam o pão suficiente para aquele dia. Durante este retiro,, ocuparam-se exclusivamente dos seus interesses espirituais afim de se prepararem para ó apostolado que iam empreender. Inácio de Loiola julgou por um momento ter reencontrado a sua querida gruta de Manresa, tantos foram os favores com que à divina Bondade aprouve cumulá-lo. Foi tão abundantemente inundado de graças e de consolações celestes como nos primeiros meses da sua conversão, e apenas tinha lágrimas para exprimir a Deus o seu reconhecimento. A sua oração era continua, não podia orar mais; a sua mortificação estendia-se a tudo, não podia levá-la mais longe; as macerações eram espantosas, excessivas, não podia aumentá-las; só lhe restavam as lágrimas e deixava-as correr docemente e quase sem interrupção.

Depois deste retiro, João Codure veio juntar-se a Inácio e aos seus companheiros, e todos cheios do espirito de Deus começaram a pregar na cidade de Vicência.

Inácio sabe que fala muito incorretamente o italiano; sabe que se expõe aos motejos do povo e que, por isso, pode ver diminuir as esmolas, já insuficientes... Nada o detém. A obra de Deus chama-o, e ele corre. Não se apresenta nas igrejas, porque lá não o quereriam ouvir; percorre as ruas e as praças públicas, pára nos lugares onde vê mais gente, e, subindo a um banco de pedra, chama o povo

agitando o chapéu e prega com um êxito que lhe causaria admiração, se ele não soubesse que é enviado de Deus. Os triunfos dos seus irmãos igualam os seus e provam-lhe mais uma vez que Deus faia por sua boca, e que a sua graça fecunda a sua palavra em todos os corações que a recebem. As conversões são numerosas, todos se apressam a reformar a vida e as esmolas abundam nas ruínas do mosteiro de S. Pietro in Vivarolo.

Até então, os nossos apóstolos só tinham tido por alimento restos de pão duro, algumas vezes mui duro, que coziam, em água para o poderem comer. Agora têm sempre sobejos, algum azeite, um pouco de manteiga, legumes, e dão-se por bem alimentados.

Diogo Laynez caiu doente e transportaram-no ao hospital; pouco depois, Inácio era assaltado por uma febre e viu-se obrigado a ir para junto de Diogo. Rodrigues também adoeceu. Tantas austeridades e fadigas ultrapassavam as forças humanas.

- Anterior
- Índice
- Posterior

IX. O DISCÍPULO TENTADO

A pouca distância da cidade de Bassano, numa pequena montanha fértil e mui arborizada, erguia-se uma igreja dedicada a S. Vito, à qual se dirigiam todos os anos numerosos peregrinos. A montanha, à qual o vulgo tinha dado o nome de S. Vito por causa da peregrinação, era desabitada na parte mais elevada e continha apenas um pequeno número de choupanas disseminadas no sopé virado para a cidade.

Um santo personagem, o Padre Antônio, - não o conheciam por outro nome - vivia solitário num eremitério situado não longe da igreja de S. Vito. Vinham consultá-lo muitas vezes, pedir-lhe a sua bênção, trazer-lhe esmolas, mas não descia nunca da sua querida montanha, não sala jamais do seu retiro e vivia na contemplação e nos exercícios da mais austera penitência. Todos o veneravam como um santo vivo. Algumas vezes os homens de grande virtude e de eminente piedade tinham-lhe pedido o favor de serem admitidos na sua companhia, e viverem, como ele, de orações e de penitências, sob a sua direção. O Padre Antônio tinha consentido; mas nenhum tinha ainda podido sustentar esse regime de macerações corporais, de oração contínua, de solidão absoluta, de silêncio não interrompido; depois de alguns dias de ensaio, todos renunciavam a imitar o Padre Antônio e o eremita venerado ficava só na montanha, onde havia envelhecido e queria morrer.

Quando chegaram a Bassano, Simão Rodrigues e Cláudio Lejay tinham ouvido falar do eremita de S. Vito, foram vê-lo, e, tendo-lhes o bom velho oferecido um asilo no seu eremitério, apressaram-se a aceitá-lo.

Foi ali que o Padre Rodrigues, sucumbindo às fadigas. do apostolado e ao excesso das mortificações, fora atacado duma doença violenta, que lhe pôs a vida em perigo.

Recebendo Inácio de Loiola esta notícia, esqueceu a febre que o devorava, deixou Diogo Laynez doente no hospital:. e João Codure bastante incomodado, chamou Pedro Fabro e partiu para Bassano, afastado de Viena sete léguas aproximadamente [44]. Andava com tal ligeireza, que Fabro o não pôde seguir; Inácio viu isto, parou, ajoelhou-se, orou, levantou-se logo que o Padre Fabro se aproximou

dele, e depois continuava a andar com a mesma rapidez, parando de novo e orando à espera do seu amigo. A sua caridade sobrepuja o seu valor. Depois duma dessas pausas, disse ao Padre Fabro, com a alegria a transluzir-lhe no rosto

- Pedro [45], o nosso querido Simão não morrerá.

Desde aquele momento, moderou o passo e não caminhou adiante do Padre Fabro. Chegando a S. Vito, encontraram o doente deitado numa tábua. Inácio abraça-o com toda a ternura do seu coração, e diz-lhe:

- Nada tema, meu querido Simão, porque será curado; mas quero que tenha melhor cama.

Mandou vir da cidade uma cama menos dura, na qual colocou o doente, que se achou melhor; poucos dias depois estava curado e ia ter com o nosso Santo a Bassano. Inácio estava alojado numa pobre hospedaria da cidade, com os Padres Fabro e Lejay, esperando que Simão Rodrigues se curasse.

O eremita Antônio, a quem os seus hóspedes tinham falado da grande santidade do seu Padre Inácio, deseja vê-lo, e aproveitando a sua visita ao Padre Rodrigues, havia conversado com ele sobre espiritualidade e ficara encantado. Apresentava-se, todavia, uma dificuldade ao seu espírito:

"- Como é - dizia ele - que um homem chamado por Deus a tão alta perfeição pode gastar toda a sua vida na santificação dos outros e privar-se assim das consolações que só se encontram na solidão, limitando-se à perfeição pessoal?"

Uma outra coisa lhe atraiu a atenção. Sendo Padres Inácio e os seus discípulos, usavam agora sotaina como todos os clérigos; nada, exteriormente, os distinguia dos outros, e o bom Padre Antônio não compreendia uma santidade excepcional sob aparência tão simples. Não é provável que ele tivesse comunicado estas reflexões a Rodrigues; mas é certo que este último teve por um instante o pensamento de se separar do seu mestre e de viver na solidão de S. Vito, ao lado do santo eremita.

Comparando as grandes fadigas, os grandes trabalhos a vida

agitada do seu Padre Inácio com a vida tranqüila, doce e contemplativa do Padre Antônio, Rodrigues dizia que o último tinha certamente escolhido a melhor parte, que a sua salvação era mais certa e que essa separação do mundo, essa solidão contínua o punham ao abrigo dos perigos a que se está exposto na vida apostólica como a entendia Inácio.

Nestas disposições é que ele chegou a Bassano. Não falou ao seu pai espiritual da tentação que agitava o seu espírito, e, vendo-se por outro lado ligado pelo seu voto, não pensava poder dar cumprimento ao seu desejo. Entretanto o espírito das trevas, procurando sempre dificultar a obra do nosso Santo, que reconhecia ser obra do próprio Deus, esforçava-se por lançar a ilusão no espírito de Rodrigues. No dia seguinte, este, não podendo resistir-lhe mais, sai da hospedaria, furtivamente como um criminoso, e dirige-se para o eremitério de S. Vito, a fim de consultar o Padre Antônio. Ao sair da cidade, vê vir direito a ele um homem de rosto severo, olhar terrível, com uma espada na mão direita e parecido resolvido a impedir-lhe que avance. Rodrigues perturba-se um momento; mas logo envergonhado da sua fraqueza, tenta arcar com o perigo e passar além. O mesmo personagem ameaça-v, corre para ele, quer feri-lo... O Padre Rodrigues retrocede, espantado, anda precipitadamente a ponto de causar admiração aos transeuntes, que, não tendo rosto nada, não compreendem a fuga, e estava já próximo da hospedaria quando vê Inácio vir-lhe ao encontro; o nosso Santo estende-lhe os braços e diz-lhe apenas estas palavras

- Simão, por que duvidaste?

Esclarecido por uma luz sobrenatural, o Padre Inácio tinha conhecido a tentação e a fuga do seu filho espiritual. Rodrigues confessou-lhe toda a verdade e ligou-se desde então, mais fortemente que nunca, à santa obra a que tinha a felicidade de ser chamado [46].

Enquanto isto se passava em Bassano, o Padre Antônio, em oração no seu querido eremitério, recebia também uma luz extraordinária. Deus revelava-lhe a alta santidade a que tinha chegado o humilde Padre Inácio; e o venerável eremita, muito contrito pelo juízo que tinha formado, humilhava-se todas as vezes que ouvia falar do santo apóstolo e dizia:

- O Padre Inácio é um grande Santo diante de Deus! Aprendi a não julgar da seiva duma árvore pela casca.

E contava a revelação que tinha tido a este respeito, lamentando a sua primeira opinião acerca do nosso Santo.

Regressando a Vicência Inácio de Loiola chamou todos os seus irmãos e reuniu-os nas ruínas do mosteiro de S. Pietro in Vivarolo, onde todos prepararam o seu acampamento à maneira do mestre. Todos, à exceção do nosso Santo, ofereceram o Santo Sacrifício em Vicência pela primeira vez e regaram em seguida na cidade com igual êxito. Francisco avier, já exausto pelas mortificações de todo o gênero que não cessava de fazer e pelas rudes austeridades que se tinha imposto durante o retiro, não pôde sustentar estas primeiras fadigas do apostolado e caiu doente. Os seus irmãos levaram-no, ao hospital, onde pouco depois também conduziram um dos outros Padres, que acabava de sucumbir igualmente à fadiga e ao excesso das rigorosas privações que tinha sofrido.

Quando ficaram curados, aproximando-se o momento fixado para a viagem à Palestina e havendo os mesmos obstáculos, Inácio de Loiola reuniu os seus irmãos e disse-lhes que, não sendo provável que a guerra, que lhes fechava a. entrada da Terra Santa, terminasse, convinha pensar no cumprimento do seu segundo voto, o de se porem à disposição do Sumo Pontífice para o serviço da Santa Igreja. Convidou-os a implorar as luzes do Espirito Santo, a fim de deliberarem em seguida acerca das medidas a tomar, para maior glória de Deus, antes de se separarem.

Alguns dias depois, os Padres, de novo reunidos decidiram que iriam trabalhar na salvação das almas nas principais cidades onde as universidades atraíam os jovens, e que o seu zelo se exerceria principalmente na obra da sua conversão.. Inácio designou Xavier e Bobadilha para Bolonha, Rodrigues e Lejay para Ferrara, Broet e Salmeron para Siena, Codure e Hoces para Pádua. O nosso Santo devia dirigir-se a Roma com Fabro e Laynez.

Ficou resolvido que, para conservar o espírito de humildade e de obediência, um seria o superior do outro durante uma semana, cada um por sua vez. Deviam viver de esmolas e habitar nos hospitais; pregar nas praças públicas e por toda a parte onde lhes fosse permitido fazê-lo; falar das virtudes de maneira que as fizessem

amar, dos vícios para lhes inspirar horror, mas não consultar senão o espírito de Deus e ter em pouca consideração a eloqüência humana; enfim, aproveitar as ocasiões de serem úteis ao próximo, mas não aceitar nunca honorários e ficarem satisfeitos por terem contribuído para a glória de Deus.

Sendo aprovadas todas estas resoluções, Inácio acrescentou que, tendo-se a sua companhia formado para glória de Deus, em nome de Jesus, devia chamar-se doravante Companhia de Jesus...

Aprovadas estas disposições, os primeiros Padres da Companhia de Jesus despediram-se ternamente, prometeram amar-se sempre, estarem unidos em Deus como irmãos, escreverem-se o mais possível e orarem uns pelos outros; depois, abraçaram-se e cada um dirigiu-se para o ponto que o bom Padre Inácio lhes designou.

O santo fundador partiu para Roma ao mesmo tempo, com os dois Padres que o deviam acompanhar [47].

- Anterior
- Índice
- Posterior

X. NA CIDADE ETERNA

O nosso Santo, sempre pobre e peregrino, partiu de Vicência para Roma, como costumava viajar havia desasseia anos: a pé, de bordão na mão orando e pedindo esmola, como os seus companheiros. Todas as manhãs, os Padres Fabro e Laynez ofereciam o Santo Sacrifício na mais próxima igreja do lugar, onde tinham passado a noite, e, todas as manhãs, o santo fundador comungava à missa de um e assistia à do outro.

Saindo de Pádua, encontraram um aldeão que conduzia o gado ao pasto, o qual, olhando para Inácio, se pôs a rir e a motejar dele. Laynez convidou o nosso Santo a apressar o passo para fugir ao malcriado aldeão; Inácio respondeu-lhe sem se perturbar:

- Para que havemos dê privar este jovem da recreação que a minha presença lhe fornece?

Esta viagem de tão alta importância para o presente e para o futuro da santa Companhia de Jesus, estava quase terminada, faltava apenas aos nossos peregrinos percorrerem meia légua para chegarem a Roma, quando o nosso Santo, atravessando a vila da Storta, se sentiu interiormente impelido a entrar na igreja dali, a fim de recomendar mais uma vez a Deus, com todo o ardor da sua alma, a completa realização da obra de que Ele tragara o plano e cuja difícil execução lhe havia confiado.

Entrou naquela igreja, ajoelhou e orou... A sua, oração deteve-se-lhe no coração e nos lábios. Ficou em êxtase e o rosto parecia reflectir um raio divino; estava com o céu...

Quando voltou a si, saiu da igreja, e os Padres Fabro e Laynez ficaram impressionados com o seu olhar inspirado, com os raios de felicidade que brilhavam no seu belo e nobre rosto, com a expressão celeste de todos os seus trados

- Meus amigos, meus irmãos, - disse-lhes - ignoro 0 que nos vai suceder em Roma; talvez ali sejamos perseguidos r maltratados; mas o que é certo, do que eu estou seguro, é cie que Nosso Senhor nos será favorável.

Contou então o que acabava de ver, o que acabava de ouvir, cujas minúcias, consignadas nas memórias do Padre Laynez, nos foram fielmente conservadas.

Como dissemos, Inácio havia entrado na igreja da Storta hora suplicar a Nosso Senhor que abençoasse os seus trabalhos em Roma. Pediu-lhe com lágrimas que fosse propicio à pequena Companhia que Ele lhe tinha encarregado de formar e disciplinar para o seu servido; essa Companhia que não devia ter outro chefe senão Jesus Cristo e não reconhecer outro estandarte senão a sua cruz; essa Companhia destinada a tornar-se um exército formidável contra o inferno e da qual cada soldado devia ser um herói [48].

Enquanto Santo Inácio assim orava, com todo o fervor da sua alma, uma luz brilhante o inundou de repente, deixando-lhe ver Deus Pai e Nosso Senhor Jesus Cristo levando a cruz. O Eterno Padre apresenta Inácio e os seus discípulos ao seu divino Filho, coloca-os sob a sua mão protetora e omnipotente, e, designando o santo fundador, diz-lhe: "Quero que ele seja teu servo". Nosso Senhor acolheu a Companhia nascente com expressão de inefável amor e disse-lhe: " Ser- vos-ei favorável em Roma".

Lançando em seguida sobre Inácio de Loiola um olhar ruja doçura infinita encheu a sua alma de indizível consolação, dirigiu-lhe; estas palavras: "Quero que me sirvas". Naquele momento, Santo Inácio viu-se associado, por Deus Pai, a Nosso Senhor Jesus Cristo, e não morreu de felicidade.

Falando desta associação, disse ao Padre Laynez, na sua língua materna: "Pôs-me com seu Filho". O Padre Ribadeneira, que colheu estas informações do Padre Laynez, acrescenta que, quando se pediam informações a Santo Inácio acerca deste assunto; ele respondia sempre:

- Interroguem Diogo Laynez, que conhece o facto narrei-lho na ocasião, tal como me sucedeu, e o que ele disser podem tê-lo por certo, porque eu só lhe disse a verdade.

Inácio de Loiola chegou à Cidade Eterna no fim de Novembro de 1537 [49] e pediu alojamento, com os dois Padres que o acompanhavam, numa pequena casa, no meio de um vinhedo situado perto do convento dos Mínimos da Santíssima Trindade do

Monte, pertencente a Quirino Garzónio.

D. Pedro Ortiz obteve logo para o nosso Santo uma audiência do Sumo Pontífice, que acolheu com alegria a proposta destes novos apóstolos, cujo zelo e ciência haviam adquirido tanta reputação, e quis pô-los em atividade sem demora. Confiou a cadeira de escolástica ao Padre Laynez e a da Escritura Sagrada ao Padre Fabro, ambas no Colégio da Sapiência; quanto a Inácio de Loiola, Paulo III encarregou-o do ministério apostólico na cidade de Roma, cujos costumes tinham grande necessidade de reforma.

Deus abençoou abundantemente o zelo de todos: Laynez e Fabro ensinavam -com maravilhoso êxito e o nosso Santo dava os Exercícios Espirituais publicamente ao povo, e aos principais personagens em particular, sempre com os mesmos resultados para glória de Deus e bem das almas. O Cardeal Gaspar Contarini escreveu por seu próprio punho, depois deste retiro, o livro do Exercícios Espirituais, e, admirando a grande santidade do seu autor, confiara-lhe a direção da sua alma e dizia:

- Encontrei, enfim, um diretor como há muito tempo desejava!

Recordam-se que os discípulos de Inácio de Loiola, na sua viagem a Roma, no fim da Quaresma de 1537, tinham recebido de alguns espanhóis esmolas consideráveis, a maior parte das quais eram destinadas a facilitar a sua viagem à Palestina? Tendo sido abandonado este projecto pela força das circunstâncias, e tendo-se a pequena Companhia, desligado deste voto, posto à disposição do Papa, que aceitara os seus serviços, Inácio apressou-se a entregar a todos, mesmo ao Sumo Pontífice, a quantia que os seus discípulos tinham recebido e que ficara intacta. Chegou mesmo a enviar para Espanha, Valência, quatro escudos de ouro, que um habitante daquela cidade lhes havia dado.

D. Pedro Ortiz, enviado de Carlos V junto da Santa Sé, tinha, como se sabe, ensinado teologia com brilhantismo na Universidade de Paris, e fora, naquela cidade, um dos mais ardentes adversários do nosso Santo. Mais tarde, compreendendo o heroísmo das suas virtudes, mostrou-se um dos mais simpáticos à causa de Inácio de Loiola, e vimos o cuidado alue mostrou em apresentá-lo ao Papa Paulo III.

Ortiz, vendo os prodigiosos frutos que alguns sábios importantes personagens tiravam dos Exercícios Espirituais, pediu ao nosso Santo que lhos desse, e o acompanhasse para isso ao mosteiro do Monte Cassino, onde podia fazer este retiro com maior liberdade. O nosso Santo anuiu aos seus desejos.

Sendo ainda pouco conhecido o livro da Imitação de Cristo, nosso Santo, que se deliciava nele, levou alguns exemplares consigo e deu um aos religiosos daquela abadia.

Durante a sua permanência no Monte Cassino, o santo I fundador da Companhia de Jesus soube que um dos seus discípulos, o Padre Diogo de Hoces, estava doente. Deus fez- lhe conhecer que esta doença era mortal, e pouco depois, quando orava por esse querido doente, viu a sua alma subir ao céu, rodeada de glória e levada pelos anjos. A impressão foi tão doce e tão consoladora que não podia falar nisso sem verter lágrimas de alegria.

Outro dia, assistia Inácio à santa missa e no momento em que o Padre pronunciava estas palavras do Confiteor: Et omnibus sanctis, viu uma multidão de bem-aventurados, no meio dos quais distinguiu o Padre Hoces, que lhe apareceu mais brilhante que os outros. Narrando esta visão aos seus filhos espirituais, o Santo acrescentava:

- Deus mostrou-mo mais brilhante que os outros não para que eu pense que ele era mais santo, mas para me dar a. certeza da sua felicidade.

O Padre Hoces pregava numa praça pública em Pádua e explicava estas palavras do Evangelho: Vigiai e orai, porque não sabeis nem o dia nem a hora. Ao terminar, assaltou-o um violento acesso de febre: levaram-no ao hospital, e, pressentindo que o dia e a hora haviam chegado para ele, dispôs-se para a morte com tanta alegria que os seus amigos agradeceram a Deus tê-los feito testemunhas de tal morte. Diogo de Hoces era muito trigueiro e os seus traços irregulares desagradavam à primeira vista... Apenas entregou a alma a Deus, o seu rosto tornou-se tão branco e tão belo que o Padre Lejay que o não tinha abandonado, não podia crer nos seus olhos e a custo o reconhecia.

Ao sair do retiro, Pedro Ortiz apressou-se a proclamar que a teologia

que acabava de aprender no Monte Cassino em quarenta dias, valia mil vezes mais do que a que ele tinha ensinado em Paris durante alguns anos

- Há grande diferença - dizia ele - entre a gente estudar para instruir os outros e estudar para se aperfeiçoara si; estudando para os outros, procura-se ser sábio; estudando para si, procura-se ser santo. Uma só luz na solidão vale incomparavelmente mais que todas as ciências humanas.

Desde este momento, a Companhia de Jesus não teve amigo mais zeloso e mais calorosamente dedicado do que Pedro Ortiz.

Voltando a Roma, Inácio encontrou um jovem espanhol,. Francisco Estrada, que ia a Nápoles com intenção de entrar na carreira militar, esperando encontrar nela menos decepções que noutra qualquer. Naturalmente expansivo, abriu o coração a Inácio de Loiola, a quem conhecia há muito tempo, e queixou-se amargamente do mau resultado de tudo o que tinha empreendido até então, confessando que experimentava a. carreira das armas mais por necessidade do que por gosto e por vocação.

- Por que se queixa do inundo, meu querido Francisco ? - lhe disse o Santo. Se ele iludiu as suas esperanças, não deve amá-lo, pois bem sabe que só Deus é fiel às suas promessas. O mundo tem sempre iludido aqueles que têm tido a fraqueza de se deixar seduzir pelo seu prestígio, e o meu amigo deve agradecer-lhe o ter-lhe ele deixado ver tão cedo a maneira, como trata os seus escravos. Se o mundo tivesse começado por acariciá-lo e tratá-lo bem, talvez o meu querido Francisco só conhecesse o seu inimigo no momento da morte. Agradeça a Deus Nosso Senhor que assim o permitiu para o forçar a procurar um senhor ao serviço do qual nem se perdem as fadigas nem os trabalhos. O meu querido Francisco abandona a corte pelo exército; sai duma cidade para percorrer outra e cruza-se na estrada com desgraçados que fazem o inverso: abandonam o exército para tentar fortuna na corte; saem de Nápoles, para onde o meu amigo vai, para correr a Roma, donde o meu Francisco sai, e tudo na esperança de melhorar de situação. Se quer que lhe fale como amigo, dir-lhe-ei que não foi feito para o mundo e que o mundo não se fez para si. A paz da alma só se encontra em Deus. Por toda a parte, o meu querido Francisco só encontra perturbação e decepções.. Creia-me, Francisco, renuncie a Nápoles, venha a Roma comigo e encontrará a felicidade.

Francisco não lhe resistiu. Santo Inácio deu-lhe os Exercícios Espirituais; e, completamente transformado depois deste retiro, só aspirou ao momento de entrar na santa Companhia de Jesus de que se tornou um dos mais distintos membros pelos seus trabalhos apostólicos em Itália, em Espanha e em Portugal.

Entretanto Inácio de Loiola, sempre ocupado em constituir regularmente a sua Companhia, julgou chegado o momento de reunir os membros dispersos. Escreveu aos seus discípulos, deu-lhes parte dos triunfos obtidos pelo seu ministério e pelo dos Padres Fabro e Laynez, e ordenou-lhes que se pusessem a caminho e viessem juntar-se-lhe em Roma por ocasião das festas da Páscoa, a fim de resolverem acerca da organização definitiva da Sociedade cujo desenvolvimento Inácio tão ardentemente desejava.

Os filhos espirituais do nosso Santo acudiram todos ao chamamento do seu muito amado pai, e, deixando no luto as populações que acabavam de regenerar pela unção da sua palavra, tomaram o caminho de Roma, onde Deus os chamava para sua glória e para consolação da Igreja.

XI. UMA NOVA ORDEM

Sendo a casa das Vinhas,-assim se chamava a de Quirino Garzónio, onde se hospedara o nosso Santo-insuficiente para conter os Padres esperados, o santo fundador mudou de residência, e a pequena Companhia teve por segunda residência em Roma, uma casa junto da torre dei Melangolo, pertencente a Antônio Frangipani e situada perto de Santa Catarina dei Funari, ao foro Morgana [50].

Os sete Padres chegaram a Roma nos últimos dias da Quaresma do ano de 1538, e, tendo-os Inácio reunido pouco depois, disse-lhes:

"Meus irmãos, a Providência, reunindo homens de países tão diversos, unindo-os pelo laço de uma tão íntima caridade, impondo-lhes, depois de muitos estudos, tão dolorosas viagens, tão fatigantes trabalhos, quereria deixar a cada um deles a liberdade de empregar o seu zelo segundo as suas idéias, de ficarem com os seus irmãos ou de voltarem ao que abandonaram, de continuarem a obra de Deus ou de a abandonarem?"

Não o creio. Deus Nosso Senhor quer que entremos para sempre ao serviço da sua Divina Majestade e que deixemos após nós, imitadores. O céu recusou-nos a entrada na Palestina, e entretanto, posso dizê-lo para glória de Nosso Senhor, o nosso zelo aumentou de dia para dia. Não deveremos concluir que somos chamados a ganhar para Deus não somente um país, não somente uma nação; mas todos os povos do mundo?

"Somos insuficientes, porque somos poucos; mas vir-nos-á reforço; todos os dias se apresentam homens de mérito que desejam associar-se à nossa vida e esperam o momento da sua admissão na nossa pequena Companhia. Mas em que os poderemos empregar, se eles conservarem a sua independência? E nós mesmos podemos empreender alguma coisa de grande para glória de Deus, se a nossa Companhia se não tornar uma ordem religiosa, que se possa multiplicar, espalhar-se por toda a parte, e perpetuar-se até ao fim dos séculos?"

"Este desígnio será combatido pelo mundo e pelo inferno, bem o sei; não é a contradição um dos caracteres das obras de Deus? Mas o mundo e o inferno não podem nada contra a ordem da Sabedoria

divina. Jesus Cristo disse-nos: "Ser-vos-ei favorável". Desta promessa podemos esperar tudo e nada temos que recear contando com o seu auxílio.

"Penso pois, meus irmãos, que devemos esperar alguns dias para consultar a Deus, pedir-lhe que nos faça conhecer a sua santíssima vontade e nos conceda a graça de a executarmos fielmente".

Todos os discípulos do Santo compartilharam dos seus sentimentos e todos se apressaram a obedecer-lhe, pedindo a Deus que manifestasse a sua vontade, esclarecesse as suas almas e lhes desse todas as graças necessárias para a realização da obra cujo pensamento Ele inspirara ao seu muito amado pai.

Alguns dias depois, numa nova reunião, todos foram de parecer que se dirigisse ao Sumo Pontífice o pedido de erigir a sua Companhia em ordem religiosa; mas, sabendo que o Papa estava pouco disposto a aprovar novos institutos, decidiram que se tomassem prontas medidas para o dispor a acolher favoravelmente o pedido.

Enquanto o santo fundador se ocupava deste grave negócio e procurava interessar nele as pessoas mais influentes, o Papa Paulo III dirigia-se a Nice a fim de assistir à entrevista de Carlos V e de Francisco I. Inácio, aflito com a demora ocasionada por esta ausência, procurou e encontrou a consolação nos trabalhos apostólicos. Tendo-lhe o Cardeal Vicente Caraffa dado, para ele e para os seus discípulos, autorização de exercerem o santo ministério nas diversas igrejas da cidade, escolheu para si a de Nossa Senhora de Monserrate, em recordação da capela onde fizera a vigília das armas, e se despojara de todo o seu passado para viver uma vida completamente nova. Designou a cada um dos Padres a igreja em que devia pregar, confessar, instruir as crianças, e indicou-lhes bairros diferentes a fim de estender a todos o bem que podiam fazer: este foi prodigioso. Em pouco tempo a reforma dos costumes foi geral e a frequência dos sacramentos restabelecida; os novos apóstolos eram amados, procurados pelos grandes e pelos pequenos, pela unção da sua palavra e santidade dá sua vida.

Todos os ouvintes do nosso Santo eram espanhóis. D. Pedro Ortiz assegurava não ter faltado a uma só das suas prédicas e acrescentou:

- O que mais admira, ao ouvi-lo, é o espirito que faia pelos seus lábios; sente-se que fala nele o espirito de Deus.

Absorvendo estes trabalhos todo o dia, a pequena Companhia só tinha as noites para tratar da constituição que devia assegurar o seu futuro. Esquecendo as fadigas do dia, os Padres realizavam as suas conferências nas horas destinadas ao descanso, querendo estar prontos a submeter o resultado ao Papa apenas se apresentasse ocasião. Nestas reuniões, todas as propostas de Inácio foram adoptadas por unanimidade e sem a menor reclamação, tão dispostos estavam pela graça os espíritos e os corações a reconhecer a voz de Deus na do santo fundador. Inácio sabia que nada propunha aos seus irmãos que não fosse uma ordem do céu; mas a sua profunda humildade levava-o a consultá-los sempre. Talvez Deus assim o permitisse, para que este acordo fosse uma prova mais da sua inspiração quanto às primeiras bases da Companhia de Jesus.

Foi decidido nessas conferências que aos votos de pobreza e de castidade, se juntasse o de obediência perpétua a um superior como titulo de Geral, o qual seria eleito por toda a vida e teria uma autoridade absoluta; que a estes votos se juntasse ainda, para os professos, o de irem aonde o Sumo Pontífice julgasse conveniente enviá-los para trabalhar na salvação das almas, e irem sem outra provisão mais do que a caridade pública, a pé e pedindo esmola. Que não possuiriam nada, nem de comum, nem de particular: só os colégios podiam ter rendimentos suficientes para a sustentação daqueles que freqüentassem os estudos.

Tais foram as bases das Constituições.

Pressentia-se já a organização militar que o intrépido defensor das conquistas do seu soberano, o ilustre guerreiro Inácio de Loiola, ia dar ao valente exército que preparou para a defesa da Igreja, incessantemente atacada pelas falanges inimigas.

Mas, enquanto o santo fundador trabalha para o acabamento da obra de misericórdia e de amor de que é o mais precioso instrumento na mão divina, o inferno, alarmado, solta, ao longe, novos rugidos e prepara nas trevas as suas flechas envenenadas.

- Sinto, -disse um dia Santo Inácio aos seus discípulos - que vai cair

sobre nós violenta tempestade, e vejo todas as saídas tomadas; mas tenhamos confiança em Jesus. Cristo, porque Ele prometeu ser-nos favorável.

- Anterior
- Índice
- Posterior

XII. ADVERSÁRIOS VENCIDOS

Frei Agostinho do Piemonte, da Ordem das Eremita de Santo Agostinho, cuja reputação de eloqüência era célebre em toda a Itália, pregava em Roma, no ano de 1558. Ali, como em toda a parte, a multidão acotovelava-se junto dele, ávida da sua palavra brilhante e rica, sempre sedutora e persuasiva, mas - coisa estranha! -sempre estéril.. Depois de o ter ouvido com admiração, ninguém sentia desejo de reformar a vida, ninguém experimentava necessidade de sacrificar a consciência, todos se limitavam aos sentimentos eu admiração e via-se que essa eloqüência tão encarecida não produzia fruto nas almas.

Por outra parte, viam-se os maravilhosos resultados operados pelas prédicas simplesmente evangélicas de Inácio de Loiola e dos seus discípulos, e alguns espíritos sérios, impelidos a reflectir nestas diferenças de maneira e de triunfos, começaram a observar os sermões de Frei Agostinho não na sua linguagem encantadora, mas no fundo da sua doutrina. julgaram então reconhecer no eremita um propagador das heresias de Lutero e preveniram disso o nosso Santo. Inácio e alguns dos seus foram ouvir esse pregador e ficaram sabendo o que pensar dele. Frei Agostinho insinuou naquele dia a inutilidade das indulgências. A corte pontifícia estava ausente e Roma era governada por um Legado, o Cardeal Caraffa: parecera azada a ocasião ao luterano mascarado sob o burel e aproveitava-a para levantar uma parte do véu que cobria o veneno do seu pensamento. Depois de o ter ouvido algumas vazes, e não sendo possível a dúvida sobre as suas intenções, Inácio advertiu-o do perigo a que expunha a fé dos seus ouvintes; o nosso Santo fez-lhe esta advertência com todos os requisitos da mais afetuosa caridade. Frei Agostinho não vê, não ouve, nem compreende senão uma coisa: que está desmascarado. Não perdoará a Inácio o serviço que ele lhe quis prestar.

- Em tudo isso - disse ele ao santo apóstolo - não reconheço senão a sua ignorância e má fé. Como! os senhores a quem eu não aceitaria para meus alunos, ousam arvorar-se em doutores perante mim? Quem são os senhores? Creiam-me, fariam melhor se estudassem e se calassem do que ousarem censurar o que toda a cidade de Roma aplaude. Se o orgulho dos senhores não pode ver sem dor a admiração que eu excito, trabalhem, se podem, para merecer igual

reputação; é preferível isso a procurar prejudicar-me, acusando de errônea a santa doutrina que eu prego. Assista ao meu primeiro sermão para que possa julgar qual a importância que eu dou às suas advertências; os aplausos que eu hei-de receber, ensinar-lhe-ão a prática da humildade, de que o senhor tem grande necessidade.

Frei Agostinho não via, sem dúvida, que não pregava com o exemplo a virtude que tão orgulhosamente recomendava na prática.

Os nossos apóstolos tinham apenas um meio para afastar o perigo que ameaçava a fé dos Romanos: era defender, nas suas instruções todos os pontos de doutrina atacados pelos luteranos. Agostinho irritou-se, mas não desanimou. O que já tinha ensinado, com o fim de dispor os espíritos a receberem o erro, é suficiente para pôr de sobreaviso aqueles que ouvem as prédicas dos nossos apóstolos; se os deixar seguir a marcha que adoptaram, ele ficará dentro em pouco sem auditório, será denunciado como propagador do erro e não terá a glória de ter dado um golpe no catolicismo no próprio centro da catolicidade.

O herege Agostinho viu tudo isto e quis vingar-se de Inácio e dos seus companheiros forçando-os a abandonar a praça; não tem um instante a perder, mete mãos à obra, começa a trabalhar na sombra, e, tendo-o o inferno ajudado, vê que pode ferir em pleno dia.

Sobe ao púlpito, ataca violentamente as novas heresias, faz sentir ao seu auditório a necessidade de se conservar fiel, mais que nunca, à antiga religião da Igreja e exclama com acento frenético:

"-Todos, meus irmãos, se devem acautelar do lobo vestido com a pele do cordeiro; que digo! contra o lobo que toma a máscara do pastor; contra um homem, ainda há pouco simples leigo, que percorreu algumas universidades da Europa deixando em todas deploráveis traços da sua passagem. Apoiado por alguns outros que se lhe assemelham, que vivem como ele e são animados do mesmo espírito, veio a Roma trazer o escândalo da sua heresia, e, com receio de ser condenado, começa por acusar os outros de semearem o veneno do erro. As seitas mais terríveis são as que tomam as aparências de santidade. Roma deverá mostrar-se menos zelosa da pureza da sua fé do que Paris, Alcalá e Veneza, de onde Inácio fugiu para se subtrair ao castigo que mereceu? Na própria Roma, homens do seu país, e de fé inalterável, o abandonaram. Um

deles, seduzido a princípio pela sua doce linguagem, e atraído por suas falsas virtudes, afastou-se dele com horror, ao -ver o perigo de que estava ameaçada a sua alma".

No dia seguinte, toda a cidade de Roma sabia o que dissera o pregador, todos sabiam ou julgavam saber que Inácio de Loiola fora algumas vezes condenado por heresia e todos receavam aproximar-se dele ou dos seus discípulos com medo de tornar suspeita a ortodoxia da sua fé. Os nossos apóstolos eram apontados a dedo nas ruas, fugiam deles à sua aproximação, olhavam-nos como agentes do inferno que mereciam a fogueira.

Não nos admiremos: Miguel Navarro estava em Roma.

Aturdido a princípio pelo poder maravilhoso que o tinha aterrado em Paris no momento em que ia erguer mão homicida sobre o nosso herói, Miguel arrependeu-se e pediu a D, Inácio que o aceitasse no número dos seus discípulos. Mas depois, atemorizado com; a perfeição que era necessário atingir para ser admitido na pequena Companhia do nosso Santo, retirou-se e recaiu nos seus hábitos de pecado. Mais tarde juntou-se a Inácio em Veneza e pediu-lhe que o recebesse de novo entre os seus discípulos. Inácio conhecia muito bem Miguel para renovar a prova: recusou, e este último, sempre odiento, sempre vingativo, jurara perder o santo fundador. Depois de o ter denunciado em Veneza, foi a Roma e encontrou-se com Pedro de Castilho, Francisco Mudarra e Ramon Barrera, todos três em relações com Fr. Agostinho. Miguel apressou-se a apresentar sob o seu ponto de vista satânico as perseguições que o inferno tinha suscitado contra o santo apóstolo, e, posto em relações com o fogoso Agostinho. ofereceu-se-lhe para lhe fornecer provas irrecusáveis dos factos que avançava. Daí, a audaciosa acusação pública de Fr. Agostinho, e os resultados que acabamos de ver sobre o espírito do povo romano. Dai a pouco, não era só na cidade de Roma que a calúnia aumentava de dia para dia: em pouca tempo se espalhou em toda a Itália, e o inferno batia as mãos de contente. O seu triunfo não devia parar aqui.

A questão foi levada perante o Cardeal Legado. Inácio vai ser chamado ao seu tribunal; Pedro de Castilho e Fr. Agostinho têm relações intimas com alguns membros do Sacra Colégio, aos quais lhes será fácil pôr do seu lado. Quanto ao nosso Santo, tem apenas um amigo que lhe se conservou fiel. Um só ! É Quirino Garzónio, em casa do qual encontrou um asilo á chegada a Roma. Mas Nosso

Senhor disse-lhe, na igreja de Storta: "Ser-vos-ei favorável em Roma". Inácio está, pois, tranqüilo e cheio de confiança; eleva ao céu orações com os seus discípulos, lembra-lhes a promessa divina e espera.

Quirino Garzónio vai um dia ver o Cardeal Cupis, seu parente e amigo, decano do Sacro Colégio, e é censurado por ele pela intimidade que tem com Inácio de Loiola:

- Deve apressar-se, - lhe diz o Cardeal - a romper essa intimidade, cujo menor perigo é fazer-lhe perder ã estima das pessoas de bem e destruir a reputação de que tem gozado até agora. Pense que, persistindo em estar em contacto com esse homem, expõe a; sua fé, e portanto a salvação da sua alma. Sei também que os costumes de Inácio não valem mais que a sua doutrina.

- E por que hei-de-replicou, Garzónio - dar mais crédito aos boatos que se espalham, do que aos factos de que sou testemunha diária? Por que hei-de aceitar cegamente narrações inverossímeis, cujos factos se passaram tão longe, e não hei-de aceitar as coisas que se passam aos nossos olhos e que são fáceis de julgar por nós mesmos? E tudo o que vemos, fala mui alto em favor de Inácio de Loiola.

- É um homem que possui a arte de ganhar os espíritos por uma espécie de encanto; - replicou o Cardeal - acautele-se, porque vejo que ele o seduz.

Garzónio comunicou imediatamente ao santo apóstolo a sua conversação com o Cardeal Cupis:

- Visto que o Cardeal me julga culpado, - respondeu Inácio com doçura - tem razão para procurar afastar de mim o meu amigo. Mas Deus Nosso Senhor pode fazer muito mais para me salvar do que todo o mundo para me perder. O meu amigo o verá quando chegar o momento. Quanto ao Senhor Cardeal, é um homem sábio e virtuoso, e, se me fosse concedido falar-lhe, estou certo de que mudaria de sentimentos a meu respeito.

- Pois bem, - exclamou Garzónio - vou pedir-lhe que o receba, e farei tudo para o obter.

Cumpriu a sua palavra. O Cardeal, cansado das suas instâncias, terminou por dizer-lhe:

- Pois que venha, visto que o senhor assim o quer; tratá-lo-ei como ele merecer.

No dia seguinte Inácio, acompanhado do seu amigo, dirigiu-se a casa do decano do Sacro Colégio e foi introduzido no seu gabinete, ao fundo do aposento; Garzónio esperou numa das salas precedentes e orava pelo bom resultado desta conferência, que agora temia tanto como a havia desejado. Que se passou entre Inácio e o Cardeal Cupis? Ninguém o soube. Estavam já em conferência havia duas horas quando Inácio apareceu, conversando com o Cardeal, que o conduziu até à última porta dos seus aposentos com todos os testemunhos da mais alta estima, dizendo-lhe ao deixá-lo:

- Renovo-lhe a promessa de ser o seu mais zeloso defensor nessa questão e em qualquer outra, se mais algumas surgirem.

Voltando-se depois para os seus domésticos disse-lhes

- Todas as semanas levar-se-á à torre Melangolo o pão e o vinho necessários para D. Inácio e para aqueles que com ele vivem.

Depois desta longa audiência, Garzónio foi ter com o Cardeal e perguntou-lhe o que pensava do nosso herói:

- O que penso é que é verdadeiramente um Santo. Experimentei tão grande pesar por ter acreditado nas calúnias espalhadas pelos seus inimigos, que lhe pedi perdão de joelhos.

Desde esse dia, o Cardeal Cupis não deixou nunca de enviar aos Padres, todas as semanas, a quantidade de pão e de vinho proporcionada ao seu número, e isto até à morte.

Inácio de Loiola, sempre cheio de confiança na promessa de Nosso Senhor, não se admirou desta mudança, que ele tinha previsto, e esperava mais ainda; mas queria lançar mão de todos os meios humanos, que a Providência parecia indicar-lhe, para chegar ao fim. A acusação fora levada perante o governador de Roma, Benedetto Conversini, Bispo de Bertinoro; Inácio solicita um julgamento sobre

os factos de que o acusam; pede para ser acareado com os seus caluniadores, porque precisa da sua reputação para o exercício do seu ministério, e está certo de obter justiça. A acareação foi-lhe concedida.

No dia fixado, Inácio de Loiola aparece diante do tribunal do governador, bem como Miguel Navarro, seu denunciante, a quem o juiz faz perguntas; ele persiste nas acusações. Miguel, depois de ter prestado juramento de dizer a verdade, renova as suas infames calúnias e acrescenta:

- Sim, estando eu presente, Inácio foi condenado em Alcalá, em Paris e Veneza pelas suas heresias e por alguns outros crimes; subtraiu-se pela fuga aos castigos que lhe estavam reservados; mas eu, Miguel Navarro, fui testemunha dos factos e afirmo-os sob a fé do juramento!

Inácio, que tinha escutado Miguel até ao fim com a maior tranqüilidade, meteu a mão ao bolso, tirou uma carta, mostrou-a ao seu inimigo e disse-lhe, sem perder a serenidade e sem a menor comoção na voz:

- Conhece esta carta, Miguel?

Naquele momento o inferno não batia palmas, porque pressentia a derrota:

- É minha, respondeu Miguel - admirado da pergunta e da apresentação da carta.

- Pois bem, - replicou o nosso Santo - até agora o senhor falou de mim, não segundo o que viu, mas segundo o que lhe foi sugerido; agora vou fazer conhecido o que o senhor disse noutro tempo, quando falava segundo as suas próprias observações, e o juízo que de mim fazia em toda a liberdade de espirito e de posição.

Inácio leu esta carta. Miguel, escrevendo a um dos seus amigos, falava-lhe de D. Inácio e das suas virtudes, das quais dizia ser testemunha todos os dias, com um elogio que nada podia deixar a desejar e que parecia ter sido permitido e previsto pela Providência para o dia da sua justiça. Miguel, ouvindo esta leitura, empalideceu; o seu rosto tornou-se lívido, procura uma palavra para se justificar,

balbucia, mas a palavra expira-lhe nos lábios trémulos: está aniquilado. A audiência foi levantada.

Não é tudo. Nosso Senhor prometeu à Companhia nascente ser-lhe "favorável em Roma". Inácio não o esquece c não se admira de nenhuma das circunstâncias providenciais que vêm em seu apoio. Apenas acabara de confundir o seu denunciante perante o tribunal do governador, três dos mais importantes personagens para a sua causa chegam a Roma de três pontos diversos, e todos são levados ali por negócios relativos à sua jurisdição.

São precisamente os juízes do nosso Santo nas três cidades designadas por Miguel Navarro: D. João de Figueiroa, substituto do Inquisidor em Alcalá; Mateus Ori, Inquisidor em Paris e Gaspar de Doctis, assessor do Núncio em Veneza. Todos os três se apressam a informar o Bispo D. Conversini em favor da ortodoxia e das virtudes daquele que o inferno não cessa de perseguir com raiva impotente.

Mas isto não é bastante. A inocência do mestre é reconhecida, altamente proclamada, e parece que se inquietam pouco com os discípulos. Ainda não chegou o momento de os atacar de frente; o inimigo de Deus e dos homens vê-se forçado a adiar para tempo mais oportuno a alegria desta vingança. Mas dessa vez será logrado. Foi não só para o mestre, mas também para os discípulos, que a promessa divina se fez; é necessário pois que, não só quanto a ele, mas quanto a eles, a promessa se cumpra.

Todas as cidades da Itália no meio das quais a palavra dos nossos apóstolos se tinha feito ouvir com tanto fruto, se alarmaram com o boato das infames calúnias que os inimigos de Inácio lhe assacavam. Conhece-se que, se a fé e os costumes do mestre são atacados, a fé e os costumes dos discípulos devem também sê-lo. Imediatamente Veneza, Vicência, Pádua, Bolonha, Ferrara, todos os lugares edificados pela vida incomparável dos santos missionários, expedem em seu favor atestados em forma, emanados de todas as autoridades eclesiásticas e dirigidos ao governador de Roma.. Hércules de Este, duque de Ferrara, ordena ao seu embaixador junto da Santa Sé que fale em favor de Lejay e de Rodrigues, e que testemunhe, em seu nome, o seu respeito pela santa vida dos dois apóstolos e empregue toda a autoridade de que está investido para defender a causa dos discípulos de Inácio de Loiola.

Pedro de Castilho, Mudarra e Barreia, aterrados com as conseqüências que podia ter a sua abominável conspiração, confessam-se réus de calúnia, e empenham-se com todos os seus amigos para que se ponha pedra na questão. Pensam que Inácio deve ficai satisfeito com a sua confissão. Tendo Miguel sido condenado a ser banido perpètuamente, deve parecer suficiente a justificação do acusado... Mas Inácio insiste, pede uma sentença jurídica e faz comparecer no tribunal do governador os três cúmplices de Miguel. Estes recusam comparecer, renovam as suas declarações e escondem-se vergonhosamente. O Cardeal Legado e o governador convidam o Santo a não levar as coisas mais longe, porque a sua inocência está reconhecida; todos os seus discípulos são da mesma opinião... A firmeza do santo fundador é inabalável: quer, exige uma sentença autêntica que não possa deixar a mais leve dúvida sobre a pureza da sua fé e da sua vida, bem como da dos seus discípulos.

Esta sentença jurídica, tão desejada e solicitada pelo nosso Santo, foi dada em Roma no dia 18 de Novembro, depois dum rigoroso exame do livro dos Exercícios Espirituais. Por permissão divina, que não passou despercebida a todos os espíritos sérios, a sentença dizia que os mesmos caluniadores de Inácio de Loiola tinham sido reconhecidos e convictos dos crimes de que o haviam acusado.

Francisco Mudarra, condenado como herege, conseguiu evadir-se da prisão e foi queimado em efígie. Pedro de Castilho foi condenado pela mesma causa a prisão perpétua. Fr. Agostinho, que se apressou a transpor a fronteira, despiu m hábito, declarou-se francamente luterano em Genebra e terminou a sua vida pelos suplícios que lhe tinham merecido os seus crimes. Miguel, como se viu, foi banido dos Estados da Igreja; Barrera fugiu. No momento da sua morte declarou que tudo o que tinha ousado dizer contra Inácio de Loiola eram calúnias, das quais se arrependia do fundo da alma.

Pedro de Castilho retratou-se de tudo no fim da vida e foi assistido na morte, na. sua prisão, pelo Padre Aveglianeda, da Companhia de Jesus. Francisco Mudarra, a quem Deus experimentou com grandes desgraças, recorreu à caridade Deus nosso Santo e encontrou nele um benfeitor, um amigo e um pai.

Inácio de Loiola não conhecia outra vingança. E, apressemo-nos em dizê-lo, tinha usado de todos os meios, de toda a sua caridade, de todo o seu zelo para obter o perdão de seus inimigos. O que ele quis

foi um julgamento e não o castigo dos culpados. E qui-lo porque o julgava necessário para o exercício do seu apostolado.

XIII. SOCORRO DOS CORPOS E DAS ALMAS

No pensamento providencial, tudo devia concorrer não somente para a justificação de Inácio de Loiola e dos seus muitos discípulos, mas também para a manifestação brilhante e menos procurada, da eminente santidade e do valor excepcional destes novos campeões da. Igreja de Jesus Cristo. Em Storta, é verdade, Nosso Senhor tinha mostrado a sua cruz à Companhia que o Pai Eterno lhe apresentava para seu serviço e sua glória; mas, mostrando aos apóstolos da sua escolha este sinal da contradição e do sofrimento, o Senhor Jesus tinha-os envolvido num olhar cheio de amor e havia-lhes dito: "Ser-vos-ei propício".

Inácio de Loiola e os seus discípulos hauriram nesta visão e nesta promessa uma força incomparável e viam nelas todo o fruto da sua santa Companhia; porque, se a cruz é o sinal da contradição, é-o também da vitória; se promete humilhações, assegura o triunfo; se traz sofrimentos, garante a glória, que é a recompensa dos sofrimentos.

No fim do ano de 1538, á. cidade de Roma viu-se a braços com a mais terrível fome. Os pobres, morrendo de inanição, arrastavam-se dolorosamente para fora de suas casas e estendiam-se nas ruas para receberem o socorro da caridade ou o da morte. Era um espetáculo aterrador!

O santo fundador da Companhia de Jesus não possuía nada e os seus discípulos estavam nas mesmas circunstâncias; todos viviam de esmolas. Acabavam de ser reabilitados na opinião pública, mas tinham ainda inimigos, principalmente entre o povo, que tinham procurado irritar contra eles com as mais absurdas calúnias. Inácio sabe tudo isso... Não importa! É precisamente porque não vê meio algum de socorrer os pobres, que terá mais confiança na Providência. Todos os Padres metem mãos à obra com ele. Percorrem as ruas, tomam. o r, moribundos nos braços ou aos ombros, transportam-nos sua casa, assaz vasta para ser transformada num pequeno hospital, e recebem deste modo até quatrocentos. Vão mendigar socorros à porta dos ricos, encontram suficientes esmolas para acudir a esta grande necessidade, e, socorrendo o corpo, dando-lhe a vida que lhe fugia, salvam a alma do pobre que a sua caridade recolheu. Mas a casa tem, limites e a

sua caridade não os conhece. Recorrem sempre e sem cessar à generosidade dos grandes e levam a alimentação do corpo com a da alma aos pobres que não podem recolher em casa.

A notícia da admirável caridade de Inácio e dos seus, discípulos atrai muitos curiosos à torre Melangolo; querem ver em ação estes dedicados apóstolos, tão descuidados de si e tão ocupados com os sofrimentos do pobre; esses homens,, reputados tão sábios, alguns dos quais são de nobre linhagem e parecem não saber nem conhecer outra coisa senão a humildade,, a mortificação e a dedicação levadas ao mais sublime grau. E aqueles a quem só impele a curiosidade, comovidos até ao Fundo da alma pelos afetuosos - cuidados prodigalizados pelos heróicos Padres a todos os infelizes, despojavam-se do ouro, da prata, duma parte dos vestidos para contribuírem para esta obra maravilhosa da mais engenhosa caridade.

O número dos pobres socorridos pelos Padres da Companhia de Jesus durante esta fome, elevou-se à cifra de quatro mil, pouco mais ou menos. Estes prodígios de caridade atraíam para o Santo todos os espíritos e todos os corações; na cidade só contava amigos e admiradores. O povo corria para junto dos bons Padres, nas ruas e praças públicas, com as maiores demonstrações de reconhecimento e de respeito. Os ricos e os grandes punham-se à disposição de Inácio para o secundar em todas as suas boas obras. Margarida de Austria, filha de Carlos V, quis entregar-lhe a direção da sua alma. Enfim,. Sumo Pontífice, ufano de possuir tais homens, mostrou desejo de os empregar no serviço da Igreja.

Querendo Inácio de Loiola aproveitar esta favorável disposição para lhe submeter o seu plano de Constituições da Companhia, preparava-o ativamente. Forçado a interromper este longo trabalho durante a calamidade que acabava de afligir a cidade, continuou-o pouco depois, sempre com o concurso dos seus discípulos, à aprovação dos quais submetia artigo por artigo, convidando-os a reflectirem nele diante de Deus e a pedir-Lhe luzes antes de responderem, deixando-lhes liberdade para aceitarem ou discutirem o assunto proposto. Inácio apresentava-lhes as coisas, não como superior, que o não queria ser, mas como irmão mais velho da família. Até então não havia superior reconhecido. Os discípulos obedeciam ao mestre com a docilidade que dá uma confiança cega, e o mestre nunca ordenava, apenas propunha. O nosso Santo, na sua profunda humildade esforçava-se sobretudo por não ser

considerado como fundador; e nisto empregava tanta simplicidade como firmeza. Isto explica-se: a idéia de fundar a Companhia não era dele.

Em Manresa, na sua gruta mil vezes bendita, Inácio de Loiola, cumulado das graças e dos favores do Soberano, ao serviço do qual ele queria viver e morrer, pedira-lhe a graça de empregar, em honra da sua divina Majestade, a força e o ardor que tinha prodigalizado até então para glória e honra dos príncipes da terra. E o Monarca eterno, aceitando a sua dedicação e os seus serviços, tinha-o encarregado duma missão digna do seu mérito e do seu valor.

Escolhera-o para formar uma Companhia, destinada não somente a combater os seus mais temíveis inimigos, mas também a dilatar indefinidamente os limites do seu império: esse corpo privilegiado, no qual só os valentes e os fortes podiam ser admitidos, devia recrutar-se, estender-se e dividir-se sem se desunir, porque "a união faz a força". Devia ter por chefe Jesus Cristo e não reconhecer outra bandeira senão a sua cruz; devia ter um comandante supremo com o título de geral, submetido ao Vigário de Cristo na terra.

Mas Deus, na sua misericórdia e no seu amor, não se limitara a dar a idéia da santa Companhia de Jesus àquele a quem encarregara de a formar; tudo devia ser divino nessa obra de salvação para os homens e de glória para a Igreja; tudo devia ter impresso o selo do seu autor; o próprio Deus quis indicar ao nosso herói os principais pontos da admirável organização que devia assegurar-lhe a força e garantir-lhe a duração.

Qual seria o momento em que o plano das Constituições da santa Companhia de Jesus desceu do céu à terra? Inácio de Loiola não o revelou nunca.

Santo Inácio não se considerava, pois, fundador da Companhia; considerava-se simplesmente como o instrumento que a devia organizar e estabelecer. Havia recebido esta missão em 1522, e, prosseguindo este fim havia dezassete anos, tinha arcado com todos os perigos, vencido as maiores dificuldades, domado obstáculos de todos os gêneros, sofrido todas as privações, suportando as mais duras fadigas, tudo sem se desanimar um só instante. Sabia que a obra não era sua, mas de Deus; daí essa paciência, essa coragem, essa perseverança que não pode assaz

admirar-se, sobretudo recordando a natureza impetuosa do nosso herói e o seu empenho em tomar de assalto tudo o que ousasse resistir-lhe antes da sua conversão.

O santo fundador não tinha escrito todo o plano das Constituições; tinha-o gravado na alma em caracteres indeléveis, e, chegado o momento de o tornar conhecido, quis comunica-lo aos seus discípulos, como se viu, propô-lo às suas meditações, entrega-lo à sua discussão artigo por artigo, e não impor-lho como um pensamento do alto.

Este trabalho exigia tempo, e os Padres tinham muito pouco, absorvidos como estavam pelas funções do apostolado; porque todos procuravam o seu santo ministério com tal empenho que lhes não era possível reunirem-se senão à noite.

Vemos, segundo uma carta do Santo, que nessa época Deus lhe deu a consolação de fazer a conquista do seu querido sobrinho, Antônio de Araoz, que se tornou membro da Companhia de Jesus.

XIV. PLANO DAS CONSTITUIÇÕES

O plano das Constituições estava, enfim, redigido. Eis como foi apresentado pela Bula de Paulo III, que autoriza a Companhia de Jesus. Reproduzimos por inteiro este documento

PAULO, BISPO, SERVO DOS SERVOS DE DEUS.

PARA PERPÉTUA MEMÓRIA.

Proposto, apesar da nossa indignidade, por disposição do Senhor, para o governo da Igreja militante, e compenetrado, para a salvação das almas, de todo o zelo que nos exige o cargo de Pastor, dispensamos todo o favor apostólico aos fiéis, quaisquer que sejam, que abaixo nos expõem os seus desejos, reservando-nos para ordenar depois, segundo o que um maduro exame dos tempos e dos lugares nos façam útil e salutar no Senhor.

Assim, acabamos de saber que os nossos queridos filhos Inácio de Loiola, Pedro Fabro, Diogo Laynez, Cláudio Lejay, Pascásio Broet, Francisco Xavier, Afonso Salmeron, Simão Rodrigues, João Codure e Nicolau Bobadilha, todos sacerdotes das cidades e dioceses respectivas de Pamplona, Genebra, Siguenza, Toledo, Viseu, Embrun, Placência, todos mestres em artes, graduados na Universidade de Paris e exercitados durante alguns anos nos estudos teológicos, soubemos, como dizíamos, que estes homens, impelidos, como piamente se deve crer, pelo sopro do Espírito Santo, se reuniram de diferentes lugares do mundo, e depois de terem renunciado aos prazeres do século, consagraram para sempre a sua vida ao serviço de Nosso Senhor Jesus Cristo, nosso e dos outros Pontífices Romanos, nossos sucessores. Já têm trabalhado duma maneira louvável na vinha do Senhor, pregando publicamente a palavra de Deus, depois de terem obtido a necessária autorização; exortando os fiéis em particular a levarem uma vida santa e meritória da felicidade eterna, e convidando-os a fazer piedosas meditações; servindo nos hospitais, instruindo as crianças e os simples acerca das coisas necessárias para a educação cristã; numa palavra exercendo com ardor digno de todo o elogio, em todos os países que têm percorrido, todos os ofícios da caridade e todas as funções próprias para a consolação das almas.

Enfim, depois de se terem dirigido a esta ilustre cidade, persistindo sempre no laço da caridade, a fim de conservar e cimentar a união da sua Sociedade em Jesus Cristo, formularam um plano de vida conforme aos conselhos evangélicos, às decisões canônicas dos Padres, segundo o que a sua experiência lhes ensinou ser mais útil ao fim que se propõem. Ora, este gênero de vida, expresso na fórmula de que falamos não somente merece os elogios de homens sábios e cheios de zelo pela honra de Deus, mas agradou tanto a alguns deles, que tomaram a resolução de a abraçar.

Eis essa fórmula de vida, tal como foi concebida:

"Qualquer que na nossa Companhia, a qual desejamos que tenha o nome de Jesus, pretenda alistar-se sob o estandarte da cruz, para ser soldado de Cristo e servir somente a Nosso Senhor e à sua Esposa, a Santa Igreja, sob a direção do Romano Pontífice, Vigário de Cristo na terra, persuada-se de que, depois dos três votos solenes de perpétua Castidade, Pobreza e Obediência, fica feito membro desta mesma Companhia. Foi ela principalmente instituída para trabalhar no aperfeiçoamento das almas na vida e doutrina cristã, e na propagação da fé, por prédicas públicas e pelo ministério da palavra de Deus, por exercícios espirituais e obras de caridade, principalmente ensinando o catecismo às crianças e àqueles que não estão instruídos no Cristianismo, e ouvindo as confissões dos fiéis para sua consolação espiritual. Deve também proceder de modo que tenha sempre diante dos olhos em Primeiro lugar a Deus, e em seguida a fórmula deste instituto, que abraçou. É um caminho que a ele conduz, e deve empregar todos os esforços para atingir este fim que o próprio Deus lhe propõe, segundo todavia a medida da graça que recebeu do Espirito Santo, e segundo o grau peculiar da sua vocação, com receio de que algum se deixe arrastar a um-zelo que não seja segundo a ciência. É o geral ou prelado que nós escolhermos que decidirá desse grau peculiar a cada um, assim como dos empregos, os quais estarão todos na sua mão, a fim de que a ordem, tão necessária em qualquer comunidade bem dirigida, seja observada. Este geral terá autoridade de fazer Constituições conformes ao fim do instituto, com o consentimento daqueles que lhe sejam associados e num conselho onde tudo será decidido pela pluralidade dos sufrágios."

"Nas coisas importantes e que devem subsistir no futuro, este conselho será a parte da sociedade que o geral puder reunir comodamente; e, para as coisas ligeiras e momentâneas, todos

aqueles que se encontrarem no lugar da residência do geral. Quanto ao direito de mandar, pertencerá completamente ao geral. Saibam, pois, todos os membros da Companhia e lembrem-se, não -somente nos primeiros tempos da sua profissão, mas todos os dias da sua vida, que toda esta Companhia e todos aqueles que a compõem combatem por Deus sob as ordens do nosso Santo Padre o Papa e dos outros Pontífices Romanos seus sucessores. E, ainda que nós tenhamos sabido pelo Evangelho e pela fé ortodoxa, e que façamos profissão de crer firmemente que todos os fiéis de Jesus estão submetidos ao Pontífice Romano como ao seu chefe e ao vigário de Jesus Cristo; entretanto, a fim de que a humildade da nossa Companhia seja ainda maior, e que o desprendimento de cada um de nós e a abnegação das nossas vontades sejam mais perfeitos, julgamos que seria muito útil, além desse laço comum a todos os fiéis, ligarmo-nos também por um voto particular, de sorte que se alguma. coisa que o Pontífice Romano atual e os seus sucessores nos ordenarem, relativamente ao progresso das almas e à propagação da fé, sejamos obrigados a executá-lo no mesmo instante sem tergiversar nem nos desculparmos, seja qual for o pais a que nos enviem, quer seja aos. Turcos ou outros infiéis, mesmo nas Índias, quer aos heréticos: e cismáticos ou a quaisquer fiéis. Assim pois, aqueles que queiram juntar-se a nós examinem bem, antes de se sobrecarregarem com este fardo, se têm suficientes fundos espirituais para poderem, segundo- o conselho do Senhor, acabar esta torre; isto é, se o Espirito Santo, que os impele, lhes. promete bastantes graças para que possam esperar que hão-de levar, com seu auxilio, o peso desta vocação; e quando, por inspiração do Senhor, se hajam alistado nesta milícia de Jesus Cristo, é necessário que, cingidos os rins dia e noite, estejam, sempre prontos a pagar esta imensa dívida. Mas, a fim de que não possamos nem aspirar a estas missões nos diferentes países, nem recusá-las, todos e cada um se obrigarão a não fazei jamais a este respeito nem direta, nem indiretamente, nenhuma solicitação junto do Papa, mas se abandonarão completamente à vontade de Deus, do Papa como seu vigário e do geral. O próprio geral prometerá, como os outros, nada solicitar do Papa quanto ao destino e missão da sua pessoa, a não ser que sela com consentimento da Companhia."

"Todos farão voto de obedecer ao geral em tudo o que: diga respeito à observação da nossa regra, e o. geral prescreverá as coisas que possam convir ao fim que Deus e a sociedade têm em vista. No exercício do seu cargo, recorde-se sempre o geral da bondade, da doçura e da caridade de Jesus Cristo, assim como das palavras tão

humildes de S. Pedro e de S. Paulo,, e ele e o seu conselho não se afastem nunca desta regra."

"Tenham a peito, sobre todas as coisas, a instrução das crianças e dos ignorantes no conhecimento da doutrina cristã, dos dez mandamentos e outros semelhantes elementos, segundo o que convenha, tendo em consideração as circunstâncias das pessoas, dos lugares e dos tempos. Porque é muito necessário que o geral e o seu conselho vigiem este artigo com muita atenção, quer porque não é possível construir sem fundamento o edifício da fé entre o próximo tanto como é conveniente, quer porque é de recear que suceda entre nós que, à proporção que se sela mais sábio, se recuse a esta função por ser menos bela e menos brilhante, apesar de a não haver mais útil, nem ao próximo para sua edificação, nem a nós mesmos para nos exercitar na caridade e na humildade. Quanto aos inferiores, tanto por causa das grandes vantagens que disso hão-de advir à ordem, como para-a prática assídua da humildade, que é uma virtude que não se pode assaz louvar, serão obrigados a obedecer sempre ao geral em todas as coisas que se refiram ao Instituto; e na sua pessoa deverão ver Jesus Cristo como se ele estivesse presente, e o reverenciarão tanto como é conveniente."

"Mas, como a experiência nos ensina que a vida mais pura, mais agradável e mais edificante para o próximo é aquela que mais afastada está do contágio da avareza, e é mais conforme à pobreza evangélica, e sabendo também que Nosso Senhor Jesus Cristo fornecerá o que for necessário para a vida e vestuário aos seus servos que não procurem senão o reino de Deus, queremos que todos os nossos, e cada um deles, façam voto de pobreza perpétua, declarando que não querem adquirir nem em particular, nem mesmo em comum, para a sustentação ou uso da Companhia, nenhum direito civil a bens imóveis ou a quaisquer rendas, mas devem contentar-se com o que se lhes der para os usos necessários da vida. Todavia, poderão ter nas universidades colégios que possuam rendas, censo e fundos aplicáveis ao uso e necessidades dos estudantes, conservando o geral e a sociedade toda a administração e superintendência sobre os ditos bens e sobre os referidos estudantes, acerca da escolha, recusa, recepção e exclusão dos superiores e dos estudantes, e sobre os regulamentos relativos à instrução, edificação e correção dos ditos estudantes, a maneira de os alimentar e vestir, e qualquer outro objecto de administração e de regime, de modo contudo que nem os estudantes possam abusar dos ditos bens, nem a Sociedade convertê-los em seu uso, mas

somente acudir às necessidades dos estudantes. E os ditos estudantes quando haja certeza dos seus progressos na. piedade e na ciência, c depois duma suficiente prova, poderão ser admitidos na nossa Companhia, na qual todos os membros que tenham ordens sacras, ainda que não tenham benefícios nem rendas eclesiásticas, serão obrigados a dizer o ofício divino segundo o rito da Igreja Romana., cada um separadamente e em particular, e não em comum ou em coro. Tal é a imagem que nos foi possível traçar da nossa profissão sob os auspícios de nosso senhor, Paulo III e da Sé apostólica. O que fizemos com o fim de instruir, por este sumário escrito, aqueles que presentemente se informam do nosso Instituto, e aqueles que nos sucederão no futuro, se acontecer que, por vontade de Deus, tenham imitadores neste gênero de vida. Tem ele grandes e numerosas dificuldades, como sabemos por nossa própria experiência, julgamos por isso conveniente ordenar que ninguém seja admitido nesta Companhia senão depois de ter sido experimentado bastante tempo com muito cuidado. Só quando se tenha feito conhecer como prudente em Jesus Cristo, e se haja distinguido pela doutrina e pela pureza da vida cristã, é que poderá ser recebido na milícia de Jesus Cristo. Apraza ao mesmo Senhor favorecer as nossas pequenas empresas para glória de Deus Pai, ao qual só é devida glória e honra em todos os séculos. Amen."

Ora, não encontrando nesta exposição nada que não seja piedoso e santo, a fim de que esses mesmos associados, que nos fizeram apresentar a esse respeito a sua petição, abracem com tanto mais ardor o seu plano de vida quanto mais se sintam agraciados com o favor da Sé apostólica; Nós, em virtude da autoridade apostólica, pelo teor destas presentes e de ciência certa, aprovamos, confirmamos, abençoamos e garantimos duma perpétua estabilidade a precedente exposição, o seu conjunto e as suas minudências; e quanto aos associados, nós os tomamos sob a nossa proteção e a da Santa Sé apostólica; concedendo-lhes todavia que redijam livremente, e em pleno direito, as Constituições que julguem, conformes ao fim desta Companhia, à glória de Nosso Senhor Jesus Cristo e à edificação do próximo, não obstante as Constituições e ordenações apostólicas do concílio geral e do nosso predecessor de feliz memória, o Papa Gregório X, ou de outros quaisquer que lhes sejam contrários.

Queremos entretanto que as pessoas que desejarem fazer profissão deste gênero de vida, não possam ser admitidas na Sociedade, nem nela serem aceitas, além do número de sessenta.

Ninguém, pois, tenha a temeridade de infringir ou de contradizer nenhum dos pontos aqui expressos de nossa aprovação, de nosso acolhimento, de nossa concessão e de nossa vontade. Se alguém ousar atentá-lo, saiba que incorrerá na indignação de Deus todo-Poderoso e dos bem-aventurados Apóstolos S. Pedro e S. Paulo.

Dado em Roma, em S. Marcos, no ano da Encarnação do Senhor de 1540, quinto das calendas de Outubro, sexto do nosso pontificado.

Redigido e aceito o plano pelos seus discípulos, Inácio, de Loiola fê-lo apresentar e submeter ao Papa pelo Cardeal Gaspar Contarini. Tendo Paulo III acolhido com benevolência a fórmula que lhe foi apresentada, entregou-a a Tomás Badia, dominicano, mestre do sacro palácio, encarregando-o de a examinar. Tomás Badia, depois de a ter em seu poder dois meses, mandou-a, aprovando-a em todos os pontos, ao Cardeal Contarini, a fim de que a entregasse ao Papa, então em Tivoli. O Cardeal dirigiu-se ali no dia seguinte e leu o projecto a Paulo III que, depois de o ter escutado atentamente, pronunciou estas notáveis palavras: "O dedo de Deus está aí". O Cardeal apressou-se a escrever ao nosso Santo a dar-lhe esta boa notícia. Mas esta aprovação verbal do Soberano Pontífice não bastava para fazer redigir e expedir a Bula erigindo a Companhia em ordem religiosa. Havia formalidades a cumprir,, que de ordinário levam muito tempo. O Papa nomeou uma comissão de três Cardeais, reputados como os mais virtuosos, prudentes e sábios e declarou que se conformaria com a sua opinião. Um dos três Cardeais escolhidos devia dirigir este importante negócio e ninguém, mais que ele, era oposto à aceitação duma nova ordem religiosa. Era o Cardeal Bartolomeu Guidiccioni a quem a sua elevada virtude e talento haviam feito julgar digno da Santa Sé, e de quem o Papa Paulo III disse, quando soube a notícia da sua morte: "Acaba de falecer o meu sucessor".

O Cardeal Guidiccioni queria reduzir a quatro as ordens religiosas existentes; tinha muitas vezes exprimido esse desejo e chegou até a fazer essa proposta ao Sumo Pontífice.

E foi ele o escolhido para decidir acerca da autorização apostólica solicitada pela Companhia de Jesus I Não parece que a Providência queria provar de todas as maneiras, que a obra de Inácio de Loiola não era obra de homem, mas realmente obra de Deus?

Ouvindo falar deste projecto, o Cardeal Guidiccioni declarou francamente que se não ocuparia dele:

- É - disse ele - um pensamento condenável por si mesmo, porque é contrário ao bem da Igreja ; pois degenerando uma ordem religiosa com o tempo, termina por ser mais prejudicial do que foi útil no seu princípio.

A opinião dum homem deste valor arrastou a dos outros Cardeais, e o Papa só encontrou oposição numa questão cujo triunfo desejava, e na qual havia reconhecido "o dedo de Deus".

Sabendo desta decisão, Inácio de Loiola disse aos seus discípulos:

- O Cardeal Guidiccioni é-nos oposto, toda a comissão é contra nós, mas Jesus Cristo Nosso Senhor é por nós, e ser-nos-á favorável, porque temos a sua promessa: oremos e esperemos.

- Anterior
- Índice
- Posterior

XV. A APROVAÇÃO DESEJADA

Diogo de Gouveia, reitor do colégio de Santa Bárbara, em Paris, que vimos muito irritado contra o nosso Santo a ponto de o querer submeter a um castigo infamante, e que, depois de o ter ouvido, se havia honro somente humilhado diante dele na presença de todo o colégio, Diogo de Gouveia ficara sendo desde esse dia seu amigo dedicado. Soube dos triunfos da Companhia em todas as cidades onde os Padres se haviam apresentado; tinham-lhe falado da edificação da sua vida, da sua admirável caridade durante a fome de Roma, de todo o bem que resultava para as almas do seu apostolado, sempre abençoado. Diogo de Gouveia era português, o rei de Portugal acabava de aumentar mais ainda assuas possessões na India, e Diogo perguntava-se que bem não fariam, entre essas nações idólatras, apóstolos como aqueles que ele conheceu, formados na escola de Inácio dê Loiola e adestrados já no ministério, de maneira que atraiam a admiração da Itália inteira. Escreveu ao nosso Santo e pediu-lhe autorização para propor ao seu soberano alguns dos seus discípulos a fim de levarem a fé às Índias. Inácio respondeu-lhe:

"Eu e os meus companheiros estamos à disposição do Sumo Pontífice, prontos a partir para qualquer parte do mundo onde lhe aprouver envia -nos para glória de Deus Nosso Senhor. É a Sua Santidade que deverá pedir os nossos serviços e não a nós, que não podemos dispor deles a nosso gosto...".

O reitor de Santa Bárbara escreveu a D. João III, rei de Portugal, enviando-lhe a resposta de Santo Inácio, e mostrou-lhe todas as vantagens que podiam advir, para glória de Deus e bem das almas, do apostolado desses admiráveis missionários, cujas virtudes, ciência e triunfos apostólicos toda a Itália proclamava. D. João III apressou-se a dar ordem a D. Pedro de Mascarenhas, seu embaixador em Roma, para negociar a este respeito com o Papa.

Mas já então os Padres, a pedido de alguns Príncipes e Bispos, tinham sido- enviados pelo Sumo Pontífice a diversos pontos da Itália, e operavam ali maravilhas. Fabro santificava a cidade de Parma, onde, naquele momento, mais de cem eclesiásticos e leigos seguiam, sob a sua direção, os Exercícios Espirituais. Laynez obtinha os mesmos resultados em Placência, e o Cardeal Santo

Angelo, Ennio Filodardi, escrevia freqüentemente ao Papa a felicitar-se por ter levado coxa ele aqueles dois apóstolos à sua legação. Em Siena, Broet e Rodrigues reformavam um convento de religiosas e reanimavam o espirito sacerdotal no clero, pela prática dos Exercícios Espirituais, ao mesmo tempo que despertavam a fé em todas as almas com as suas pregações. Bobadilha pacificava a ilha de Ischia, cujos habitantes andavam em guerra contínua uns com os outros. Cláudio Lejay confundia em Bréscia os pregadores luteranos que se esforçavam por extinguir a fé católica naquela cidade e nos seus arredores.

Paulo III, desejando secundar os desejos do rei de Portugal, e prevendo o que homens animados de tal espirito podiam fazer para a glória de Deus nas Índias, deplorava que o seu número fosse tão pouco proporcionado às imensas necessidades da Igreja e hesitava em dar a D. Pedro de Mascarenhas uma resposta decisiva. O embaixador que queria regressar a Portugal e desejava levar consigo os Padres, continuava a insistir. Não podendo o Sumo Pontífice continuar a sua recusa, submeteu-se à decisão de Inácio de Loiola, a quem D. Pedro pediu sem hesitar, seis dos seus discípulos.

- Se der a V. Ex.a seis para as Índias e para Portugal - lhe respondeu Inácio em tom de inspiração - quantos ficam para as outras partes do mundo? Apenas posso conceder dois.

Concedeu Rodrigues, que chamou de Siena, e Bobadilha, que mandou vir de Nápoles, mas que, sofrendo de ciática, não se curou a tempo de partir e foi substituído por D. Francisco Xavier, o único dos seus primeiros discípulos que o nosso Santo conservou consigo em Roma e a quem amava na proporção do que a sua conversão lhe tinha custado de lágrimas, de paciência e de esforços.

Inácio de Loiola orava sempre para aplanar os obstáculos que se opunham à ereção da Companhia em Ordem religiosa. Não cessava de lembrar a Nosso Senhor a sua promessa de ser favorável a esta nascente Companhia, que usava o seu doce nome, e, orando, vertia abundantes lágrimas. Um dia, enquanto orava, pareceu-lhe que tomava os corações dos seus queridos discípulos, os apresentava apertados ao peito a Nosso Senhor pedindo-lhe que concedesse à petição de todos o que recusava a um só, e fez voto de mandar celebrar, pela Companhia, três mil missas em ação de graças, se obtivesse prontamente o favor, que solicitava em nome de todos os

seus.

Inácio de Loiola, sabia que não trabalhava em obra sua; sabia que, cedo ou tarde, veria a Companhia aprovada como desejava. Tinha plena confiança acerca desse ponto. E contudo ora, suplica, derrama lágrimas diante de Deus para apressar o momento do completo cumprimento das suas promessas...

Era isto o que ele sabia e tinha entrevisto toda a glória que adviria a Jesus Cristo e á sua Igreja dos magníficos trabalhos da santa milícia que tinha missão de formar e organizar! E, como sabemos, o zelo pela glória de Deus devorava a alma de Inácio de Loiola. Todos os seus pensamentos, todas as suas obras, todas as suas orações, todas as suas lágrimas não tinham outro móbil e outro fim senão a glória e a maior glória de Deus.

Acabara apenas de ser feito o voto do nosso Santo, quando o Cardeal Guidiccioni se sentiu impelido a lançar um olhar sobre o plano de que tinha recusado ocupar-se. Leu-o, reconheceu e sentiu nele o espirito de Deus, e diz aos dois Cardeais que havia arrastado a uma opinião contrária

- Este projecto é admirável. Persistindo nas minhas idéias acerca das ordens religiosas, reconheço que se deve fazer uma exceção a favor desta, que é realmente inspirada pelo céu.

Desde este dia, o Cardeal apressou as coisas e o instituto foi aprovado e erigido em Ordem religiosa pela bula do Sumo Pontífice Paulo III, datada de 27 de Setembro de 1540, que já reproduzimos.

Houve algumas dificuldades relativamente ao nome de Jesus, que o santo fundador dava à nova Ordem. Achavam-no ambicioso, objectavam que tendo todas as Ordens existentes sido igualmente fundadas para a glória de Jesus Cristo e da sua Igreja, todas podiam também pretender esta denominação.

Inácio julgou não dever ceder neste ponto. Recusou dar o seu nome à Companhia, como lhe pediam, porque ele era apenas um instrumento da sua fundação e não o seu fundador. Queria dar-lhe o nome de Jesus, porque Jesus era o seu princípio e devia ser a sua vida, porque ela era destinada a servir e a imitar Jesus, porque Jesus devia ser seu chefe e seu modelo. O nosso Santo não dizia

mais nada, mas os seus discípulos sabiam que não podia nem devia dar-lhe outro nome senão o de Jesus, porque fora Jesus que dera o seu nome à Companhia. Este nome, tão doce e tão poderoso ao mesmo tempo, foi aceito com efeito e posto na bula de instituição.

Recordando estas dificuldades, Santo Inácio dizia ao Padre João de Polanco:

- Teria ido contra a vontade de Deus, e ter-me-ia tornado gravemente culpado, se houvesse hesitado um só instante em dar à Companhia o nome de Jesus [51].

Tendo a Companhia de Jesus recebido a sanção apostólica, tratava-se agora de a organizar de maneira que pudesse atravessar os séculos sem que fosse jamais necessário chamá-la à santidade da sua origem. O Cardeal Guidiccioni disse que todas as ordens religiosas degeneravam com o tempo e terminavam por tornar-se grandes chagas na Igreja. A Companhia de Jesus será uma exceção: o seu espirito manter-se-á sempre à altura do seu principio, e ela será sempre para a Igreja uma consolação e um auxílio.

O primeiro cuidado do nosso Santo devia ser o de dar um chefe à Companhia e proceder à eleição do geral. Chamou, pois, a Roma os Padres disseminados em Itália; mas, Bobadilha que estava então no reino de Nápoles, em Bisignano, não pôde vir. Os habitantes daquela cidade, receando perdê-lo' para sempre se o deixassem afastar-se, dirigiram uma súplica ao Sumo Pontífice para obter que ele ficasse. O Papa acedeu. aos seus desejos, e tendo Bobadilha recebido esta ordem muito tarde para enviar o seu voto escrito, não pôde tomar parte na. eleição. Francisco Xavier e Simão Rodrigues tinham escrito e lacrado os seus e haviam-nos deixado nas mãos do Padre Laynez antes de partirem para Portugal. Não podendo Pedro Fabro abandonar a dieta de Worms, à qual assistia por ordem do Papa, enviou o seu voto lacrado. Os outros Padres dirigiram-se a Roma nos primeiros dias da Quaresma de 1541, e imediatamente começaram as conferências relativas à organização da Companhia, da qual era urgente fixar os pontos mais importantes, antes de se proceder à eleição do geral.. Além disso, alguns postulantes suspiravam pelo momento da sua admissão e esperavam que as primeiras regras fossem. assentes. Inácio haura feito um projecto, que foi aceito por todos os seus discípulos, como tinha sido o primeiro plana.. Ocuparam-se em seguida da eleição. Durante três

dias imploraram as luzes do Espírito Santo, sem se comunicarem os. seus desejos ou as impressões recebidas na oração; no quarto dia, cada um escreveu e lacrou o seu voto, que entregou; mais três dias foram consagrados a pedir a Deus que abençoasse a eleição que ia ser conhecida. Enfim, a 7 de Abril, os votos eram abertos e viu-se que todos votavam no santo fundador.

Cada um dos Padres motivava, com o mais sensibilizados elogio ao santo fundador, a escolha que dele fazia para governar a Companhia. Não era uma escolha feita pelo sentimento das conveniências, era a escolha do coração, a da alma e da consciência daqueles que podiam apreciar com justiça todo o, valor do seu pai.

Mas o voto mais notável é o do nosso Santo:

"Em presença de Deus Nosso Senhor, dou o meu voto,, para que se torne nosso superior, aquele que reúna maior número de sufrágios, com exceção de mim. Mas se a Companhia julga mais vantajoso, para glória de Deus Nosso Senhor,, que eu designe qualquer, estou pronto a fazê-lo. - Inácio".

Não se sabe o que mais deva admirar-se, nestas linhas; há nelas tanta humildade, simplicidade, prudência e sabedoria que o espírito fica confundido. Inácio não quer testemunhar mais estima ou preferência por um dos seus discípulos do que por todos os outros; sente, além disso, que a confiança que lhes inspira os levará todos a designá-lo, a escolhê-lo, e está resolvido a repelir para longe de si o fardo do governo.

Pintou-se a alegria em todos os rostos depois da leitura do voto, do último e, tendo-se voltado todos os olhares para o nosso Santo, fácil foi julgar das suas impressões. Era um condenado que acabava de ouvir pronunciar a mais terrível sentença. O Padre Ribadeneira, então postulante e que vivia na casa da Companhia, assistiu a esta sessão e conservou-nos as palavras pronunciadas por Santo Inácio no momento em que se viu proclamado geral:

"Meus irmãos, -disse ele - sou indigno de tal cargo e julgo-me incapaz de o desempenhar. Não sei dirigir-me a mim mesmo; como poderei dirigir os outros? Quando me considero em presença da divina Majestade; quando me lembro da minha vida mundana e das minhas faltas passadas; quando vejo no presente as minhas más

disposições, as minhas misérias, a minha fragilidade, a minha inclinação para o mal, o meu pouco zelo pelo bem, não posso resolver-me a aceitar o fardo que querem impor à minha fraqueza. Peio-lhes, pois, que levem este negócio diante de Deus Nosso Senhor e lhe supliquem, durante três dias, que nos esclareça com o seu divino Espírito, a fim de que a escolha recaia num chefe mais digno do que eu, e que possa governar a Companhia com prudência, sabedoria e autoridade".

A alegria dos bons Padres mudou para uma dolorosa -tristeza. Todos representaram ao seu muito amado Pai a inutilidade duma nova eleição, que daria o mesmo resultado; todos resistiram muito tempo; mas foi mister ceder diante da inquebrantável firmeza de Inácio de Loiola.

A segunda eleição foi semelhante à primeira.

O santo fundador renovou a sua recusa. Então o Padre Laynez levantou-se e disse-lhe com uma espécie de autoridade:

- Meu Padre, ceda à vontade de Deus; se o não fizer, a. Sociedade dissolver-se-á, porque eu estou resolvido, e todos comigo, a não reconhecer outro chefe senão aquele que Deus escolheu.

- Pois bem, - disse o nosso santo - submeter-me-ei à decisão do meu confessor. Far-lhe-ei conhecer os pecados, os crimes que cometi até à idade de trinta anos; confessar-lhei-ei toda a minha indignidade, toda a minha incapacidade, e, quando ele me tiver ouvido, se me aconselhar ou ordenar, em nome de Jesus Cristo Nosso Senhor, que aceite essa temível responsabilidade, obedecerei.

Os Padres reclamaram em vão contra esta nova resistência dizendo-lhe que a vontade de Deus não podia ser mais claramente manifesta e que ele resistia a essa vontade. O Santo não se deixou vencer e os seus discípulos tiveram de ceder. Ele confessava-se ao Padre Teodósio, religioso de S. Francisco, do convento de S. Pietro in Montorio.

Na Sexta-Feira Santa, Inácio abandona os seus discípulos, sai da torre de Melangolo e vai encerrar-se no convento de S. Pedro. Passa ali três dias sem comunicar com ninguém, exceto com o Padre Teodósio; faz-lhe uma confissão geral, dá-lhe conta das duas

eleições em seu favor, assim como dos motivos da sua recusa e pede-lhe que lhe faça conhecer a ordem de Deus. No dia de Páscoa, o Padre Teodósio diz ao nosso Santo:

- Resistindo à escolha de seus irmãos, V. Rev.a resiste ao Espírito Santo.

- Aceito, pois, o cargo; - respondeu Inácio suspirando - mas peço-lhe que escreva a sua decisão e que venha comunicá-la aos seus irmãos.

O Padre Teodósio acedeu aos seus desejos, e Inácio de Loiola foi proclamado geral da Companhia na terça-feira de Páscoa, 19 de Abril de 1541.

- Anterior
- Índice
- Posterior

QUINTA PARTE

GERAL DA COMPANHIA DE JESUS

(1541 - 1556)

I. INÍCIOS DA ATIVIDADE GENERALÍCIA

Deus parecia querer testemunhar que ratificava a eleição Inácio de Loiola.

No dia 15 de Abril, o nosso Santo acabava de abandonar os seus irmãos, e havia-se encerrado durante três dias, como dissemos, no convento dos Franciscanos, em. S. Pedro in Montorio, quando o demônio se apossou de repente de Mateo, jovem Biscainho empregado no serviço da casa. dos Padres. Lançava-o por terra e segurava-o com tal força que eram insuficientes dez homens para o levantar, e provocava-lhe no corpo as mais súbitas e extraordinárias inchações locais. Se um Padre fazia o sinal da cruz sobre alguma dessas inchações, desaparecia no mesmo instante e aparecia noutra parte. Uma das testemunhas destes estranhos factos, não podendo atribuí-los senão ao demônio, disse-lhe:

- O Padre Inácio vai regressar e expulsar-te-á certamente do corpo desse jovem e da casa.

- Não pronuncies sequer o seu nome! exclamou o espírito infernal pela boca da sua vítima, da qual redobrava as convulsões. É o maior e mais terrível dos inimigos que tenho neste mundo

Inácio reentrou em sua casa no dia de Páscoa, soube do estado deplorável de Mateo, foi procurá-lo, tomou-o pela mão, levou-o ao seu quarto, fez-lhe uma breve oração, e livrou-o para sempre dos ataques exteriores do demônio..

Na sexta-feira seguinte, 22 de Abril, todos os Padres foram juntos, de madrugada, visitar as sete igrejas e terminaram esta piedosa peregrinação pela de S. Paulo extramuros. Ali confessaram-se todos uns aos outros, segundo nos diz o Padre Ribadeneira, depois do que

Inácio de Loiola celebrou o Santo Sacrifício no altar da Santíssima Virgem situado então à esquerda do altar-mor, junto do crucifixo miraculoso que falou a Santa Brígida. Antes da comunhão voltou-se para a assistência, tendo numa das mãos a patena, na qual repousava o corpo de Nosso Senhor, e na outra a fórmula dos seus votos, que pronunciou com voz forte e muito distinta. A fórmula era assim concebida:

"Eu, Inácio de Loiola, prometo ao Deus Todo-Poderoso e ao Sumo Pontífice, seu Vigário na terra, em presença da Santíssima Virgem, sua Mãe, de toda a corte celeste e da Companhia, aqui presente, viver na castidade, na pobreza e ria obediência, como o exigem as Constituições da Companhia de Jesus, de que se faz menção na Bula. Prometo também obediência especial ao Sumo Pontífice no que toca às missões, encerrado na mesma Bula. Prometo igualmente dedicar todos os meus cuidados à instrução da juventude, em conformidade com a dita Bula.".

O nosso Santo, voltando-se para o altar, tomou o corpo e o sangue do Salvador; depois, virando-se de novo para os Padres ajoelhados junto do altar, e pegando na patena na qual estavam cinco hóstias, recebeu os votos de todos os seus discípulos, cada um por sua. vez, que pronunciaram a mesma fórmula, com a diferença de que Inácio fizera os seus votos ao Papa e os Padres fizeram os seus ao seu chefe, a Inácio de Loiola, seu geral. Pronunciados os votos, Inácio deu-lhes a comunhão. Depois da ação de graças, fizeram juntos a visita aos altares privilegiados daquela igreja, e terminaram pelo altar-mor, diante do qual todos foram abraçar o geral -e beijar-lhe a mão em sinal de submissão e respeito. Todos, choravam de felicidade, e alguns dos assistentes não puderam conter as lágrimas de enternecimento e de edificação. Os bons Padres estavam tão contentes de ver chegar enfim este dia desejado e tanto tempo esperado, que o Padre Ribadeneira, presente a esta imponente e comovente cerimônia, diz-nos que no regresso, não podendo João Codure dominar a sua alegria, o ouviu exclamar:

- Estou oprimido pelo excesso da felicidade!

Santo Inácio inaugurou o exercício do governo da Companhia duma maneira digna, da sua humildade. Dirigiu-se à cozinha, ajudou aquele que dela estava encarregado, ocupou-se em seguida do serviço da casa, varrendo, lavando, não encontrando nenhum trabalho inferior a si, desempenhando os mais baixos misteres,

transpirando alegria no meio destes humildes trabalhos.

Mas não negligenciava ao mesmo tempo nenhum dos negócios importantes do seu cargo. Depois de algumas semanas consagradas especialmente à organização do serviço, deu quarenta dias seguidos o catecismo às crianças na Igreja de Santa Maria da Estrada, igreja que Pedro Codure, oficial do Papa, e que gozava de muito crédito em Roma, fizera entregar à Companhia. A estas instruções concorriam ainda mais adultos do que crianças. Iam ali pessoas de todas as idades e condições, mesmo Cardeais e príncipes.

O nosso Santo, falando sobretudo com o coração, produzia as mais vivas e salutares impressões sobre os pecadores que o escutavam. Segundo diz o Padre Laynez, freqüentemente chamado para os confessar, eles não podiam confessar-se senão no meio de muitos soluços, tão viva e profunda era a sua dor de haverem ofendido a Deus. O Padre Ribadeneira diz-nos que Santo Inácio falava com tanto calor, que parecia abrasado de amor divino, e que o seu rosto era brilhante, mesmo quando tinha acabado de falar. A explicação da doutrina cristã era sempre seguida de uma calorosa e patética exortação terminada por estas simples palavras, pronunciadas com inefável expressão de amor:

- É necessário amar Deus Nosso Senhor com todo o nosso coração, com toda a nossa alma, com toda a nossa vontade!

Eu era muito jovem então, - acrescenta o autor contemporâneo, Pedro Ribadeneira - e repetia no dia seguinte, no catecismo, o que o Padre Inácio tinha dito na véspera na sua instrução. Receando que os seus pensamentos, tão belos e tão próprios a impelir os homens para a piedade e virtude, fossem muito negligenciados na forma, e obscurecidos algumas vezes pela impropriedade das palavras, convidava-o a polir mais os seus discursos. Escutando então apenas a sua modéstia e a. humildade profunda que nele dominava, respondia-me com a sua candura habitual e sempre tão persuasiva

- Agradeço-lhe a advertência, Pedro; obsequeia-me se continuar a advertir-me das faltas do meu italiano.

Continuei pois, mas o número das faltas era tão considerável que desesperei de poder notá-las todas, tão sobrecarregada era a sua linguagem italiana de locuções espanholas. Dei-lhe parte do meu

embaraço e ele disse-me com doçura:

- Pois bem, que fazer? É um mal sem remédio. Que podemos nós contra Deus?

A partir da sua eleição de geral, eis a ordem que o nosso Santo tinha adoptado para todos os dias.

Começava pela oração, depois da qual celebrava missa.

Se qualquer negócio o chamava fora, saía em seguida. com qualquer companheiro; no caso contrário, recebia aqueles. que tinham necessidade de lhe falar, quer fossem de casa_ quer da cidade. Acolhia a todos com uma doçura e amável benevolência que, cativava os corações e com uma alegria que tranqüilizava os espíritos mais agitados. Sem lhes testemunhar desconfiança, era sempre prudente e reservado com as pessoas do mundo. Depois de jantar, conversava com os seus irmãos acerca dos negócios da Companhia e de assuntos instrutivos e edificantes. Ocupava-se em seguida dos deveres do seu cargo e da correspondência que lia, corrigia e assinava.

A noite, depois da ceia, regulava as ocupações para o dia seguinte, indicava a cada um o que tinha a fazer, segundo o emprego que exercia; depois trabalhava com o seu secretário. Quando este último se retirava, o santo fundador passeava no quarto apoiado no seu bastão, refletindo, meditando ou orando. Não dormia nunca mais de quatro horas.

Dividia a noite em três partes: a primeira para os deveres do seu cargo, como acabamos de dizer; a segunda para o descanso, que não tomava nunca sem ter o terço na mão; a terceira para a oração.

Ordinariamente começava a oração de pé; alguns momentos depois, inclinava-se profundamente como se visse Deus presente; então dobrava o joelho e adorava-o; ficava ajoelhado, se as forças lho permitiam; no caso contrário, tomava uma cadeira muito pequena e ficava numa atitude de humildade e respeito, como se tivesse visto com os olhos do corpo a presença da divina Majestade: as lágrimas corriam sem dar a menor agitação ao rosto, a menor contração às feições; parecia fruir a felicidade do céu.

Gastava pelo menos uma hora na celebração do Santo Sacrifício da Missa, e muitas vezes sucedeu que, apoderando-se das suas faculdades o espírito de Deus, conservava-se no altar mais tempo ainda. Tinha decidido que os Padres não deviam levar mais de meia hora a celebrar missa, e sempre o primeiro a dar exemplo, da mais perfeita observância, não queria infringir esta parte da regra; mas teria podido responder, como respondeu a respeito das suas locuções espanholas: "Que podemos nós contra Deus?" O Padre Nicolau Lannoy, assistindo um dia à sua missa, viu na ocasião do Memento, uma chama sobre a sua cabeça; correu para ele a fim de a apagar, mas parou de repente à vista do belo rosto de Inácio de Loiola reflectindo raios celestes e do seu brilhante olhar, que parecia mergulhado no próprio seio da divindade.

O ardor do seu amor para com Deus devorava-o a ponto que não podia celebrar a missa regularmente todos os dias, tão exausto ficava pelos longos êxtases que o prendiam ao altar. Um dia de Natal, depois de ter celebrado duas missas, achou-se tão fraco que se viram obrigados a levá-lo ao seu quarto, julgando-o moribundo. As palpitações do coração no altar eram visíveis para os assistentes. Tendo um homem do povo um dia presenciado isto, e vendo-o ao mesmo tempo verter muitas lágrimas, aproximou-se cautelosamente de Francisco Estrada, que acabava de acolitar à missa do nosso Santo, e disse-lhe:

- O sacerdote que acaba de dizer a missa é um grande pecador, não é? É de crer que Deus lhe haja perdoado, porque chorou muito!

Depois da missa, Santo Inácio encerrava-se no seu quarto e dedicava duas horas à ação de graças. Não era permitido a ninguém perturbá-lo durante estas duas horas, a não ser que fosse para negócio muito grave e que exigisse pronta solução.

"Quando eu não podia deixar de ir interrompê-lo, - diz o Padre Luís Gonçalves da Câmara, que exercia na casa o cargo de ministro - encontrava-lhe sempre o rosto brilhante e inflamado. Coxas o espírito muito ocupado no negócio que ali me levava, ficava surpreendido ao vê-lo, porque não era somente o recolhimento que lhe estava impresso no rosto, era uma expressão celeste que me atraía, e alguma coisa de sobrenatural, que eu não vi nunca noutros".

O quarto do Padre geral era separado da igreja por um muro; Inácio mandou apear esse muro a fim de gozar sempre a presença de Nosso Senhor. Esta tribuna estava precisamente diante do tabernáculo; era o único luxo do quarto do nosso Santo. A mobília não era mais do que no quarto dos outros religiosos: um leito, uma cadeira, uma mesa, um candieiro. Toda a sua biblioteca: uma Bíblia, um Missal e a Imitação de Cristo, da qual lia um capítulo todos os dias, e algumas linhas, de tempos a tempos, quando abria o livro: chamava-lhe a pérola dos livros.

A mais curta oração, como o Benedicite, o Angelus ou somente o santo nome de Deus ou o de Jesus, bastavam para inflamar a sua alma: era para ele uma faísca elétrica. Era muitas vezes forçado a evitar os entretenimentos espirituais para dissimular a sua disposição; deixar-se-ia arrastar pelo espírito de Deus, e, sabendo que os seus irmãos eram nisso menos favorecidos que ele, a sua humildade esforçava-se por encobrir as graças que recebia. Algumas vezes escapavam-lhe as lágrimas a seu pesar, e vendo que o coração estava prestes a explodir, abandonava os seus irmãos, fugia para o alto dá torre e exclamava: "Oh! como a terra é vil e desprezível, quando se contempla o céu!" Muitas vezes elevava os olhos para o céu; depois, concentrando-se, ficava como absorto.. Conquanto não perdesse nunca a presença da Majestade divina tinha adquirido o hábito de examinar de hora em hora, como tinha passado a hora precedente. Uma tarde perguntou a um Padre quantas vezes tinha já examinado a sua alma durante o dia

- Já a examinei sete vezes, - lhe respondeu.

- Somente sete vezes? - replicou o nosso Santo-; e contudo V. Rev.a teve muitos momentos livres durante o dia.

Estes frequentes exames não lhe bastavam; fazia também um exame da sua alma ao meio-dia e à noite, além do exame particular que recomendava com muita instância. As forças humanas são insuficientes para esta vida de contínua oração ou contenção de espírito e só um milagre permanente podia sustentar o Santo; e ele sabia-o. Por isso um dia deixou escapar estas notáveis palavras

- Se eu não tivesse outras forças senão as da natureza para sustentar a minha existência, certamente que há muito teria morrido.

O que o sustentava era ao mesmo tempo o que o devorava; era a sua ardente sede da glória de Deus. Não podia exigir que todos os membros da Companhia experimentassem um amor semelhante àquele com que era favorecido; mas exigia que dessem ao menos a Deus toda a sua vontade, e que gastassem todas as forças no seu serviço e na sua glória. Vendo um dia que um irmão coadjutor desempenhava coxas frouxidão a tarefa de que estava encarregado naquele momento, Santo Inácio aproxima-se, encara-o por um instante e diz-lhe:

- Ao serviço de quero entrou na Companhia, meu irmão?

- Ao serviço de Deus, reverendo Padre.

- Para quem trabalha neste momento? A quem serve?

- Trabalho para Deus, e é a Ele a quem sirvo.

- Com certeza? Duvidava-o. Se servisse os homens, compreendia eu a sua indolência e pouco zelo; mas, quando se tem a honra de estar empregado no serviço da divina Majestade, diante da qual nunca cumpriremos todos os nossos deveres, apesar dos maiores esforços, como é que não se lhe dá tudo o que se possui de força e de vontade?

Uma das mais agradáveis distrações para o bom Padre geral era ouvir os seus queridos Padres cantarem cânticos. Confessava que era tão grande nele este prazer, que a sua. saúde melhorava, se estava combalida. Sentia talvez um antegosto das harmonias dos anjos. E talvez fosse apenas um gosto natural da música.

Como a todos os espanhóis, a música eletrizava-o, mas nunca a procurava e falava dela com extrema reserva; só o rosto traía as suas impressões quando ouvia uma bela execução de música sacra.

Gostava também muito de flores, e admirava, em todos os pormenores que lhe constituíam o conjunto, a anão divina que as formou. Os Padres gostavam de vê-lo, das suas janelas, só no jardim da casa, colhendo flores, aspirando-lhes o perfume, admirando-lhes a beleza, levantando os olhos ao céu, bendizendo a Deus, louvando-o, agradecendo-lhe e quedando-se algumas vezes muito tempo, numa espécie de êxtase, com a flor nos dedos; as

lágrimas caíam-lhe então uma a uma sem que desse por isso.

Quando recitava o ofício divino, ficava às vezes tão impressionado com o sentido dum versículo, que parava esquecido; perdia-se em Deus com tal abundância de lágrimas que os olhos se lhe enfraqueciam sensivelmente. O Papa, receando que ele perdesse a vista, dispensou-o do breviário e ordenou-lhe que o substituísse por algumas curtas orações.

Para conservar a lembrança dos favores extraordinários com que era tão abundantemente agraciado, o nosso Santo escrevia-os dia-a-dia; infelizmente, a sua humildade destruiu antes da sua morte esses preciosos escritos e apenas escaparam alguns fragmentos cuidadosamente recolhidos e conservados pelos seus discípulos.

Vamos reproduzi-los como se encontram no Padre Bartoli.

- Anterior
- Índice
- Posterior

II. FRAGMENTOS DO DIÁRIO ESPIRITUAL DE SANTO INÁCIO [52]

"As lágrimas que hoje verti pareceram-me diferentes das outras. Eram doces, lentas, sem ruído nem grande comoção, e tão íntimas que não encontro palavras para as explicar. Um entretenimento, ao mesmo tempo interior e exterior, arrastava-me ao amor de Deus e tinha uma harmonia cheia de doçura que me é impossível exprimir.

"Hoje ainda, muitas lágrimas durante e depois da missa; depois, uma profunda felicidade produzida por uma voz do interior, que parecia uma palavra ou uma música descida do céu. A devoção e o enternecimento cresciam em mim à medida que eu observava a inteligência sobrenatural que me era dada...

"Hoje mesmo abundância de lágrimas e uma palavra interior verdadeiramente maravilhosa. Enquanto eu pedia à Santíssima Virgem que me ajudasse junto de Deus, Pai de seu divino Filho, e suplicava também ao Filho que me fosse favorável com sua Mãe Santíssima junto de seu Pai, senti-me como levado à sua presença. Os cabelos eriçaram-se-me na cabeça, experimentei um abalo geral e um ardor candente em todo o corpo; depois redobraram as lágrimas e tive mais ardente devoção e um conhecimento sobrenatural da Santíssima Trindade. Há tanta doura nestas luzes e nestas visões, que a língua humana as não pode exprimir..."

"Sempre a mesma abundância de luzes sobrenaturais, de visões celestes, de consolações indizíveis, de lágrimas inestancáveis... Bastam os nomes de Deus e de Nosso Senhor para me penetrarem dum respeito e duma humildade inexprimíveis... Depois da oração, novos movimentos interiores, completamente desacostumados, lágrimas e soluços, grande amor para com Nosso Senhor Jesus Cristo, ardente desejo de morrer por ele e com ele antes que viver com qualquer outro."

" ...Ao aproximar-me do altar, vindo-me o nome de Jesus ao pensamento, senti-me arrastado para ele, e compreendia que a mais forte razão para nos dedicarmos à extrema pobreza, era precisamente porque temos a Jesus por chefe da Companhia... Recordo-me de que, no momento em que Deus me reuniu a seu Filho, experimentei um ardente desejo de gravar no meu coração o

nome de Jesus, e este desejo era acompanhado de grande cópia de lágrimas..."

"...Quando conversava com a divina Majestade, senti para com ela uma afeição tão viva, que me parecia que ela correspondia ao meu amor; nunca tinha recebido uma visita celeste tão excelente; jamais tinha experimentado amor tão doce, tão sensível... Na capela, novas lágrimas, nova devoção. Paramentado e no altar, foi uma superabundância de lágrimas e de soluços acompanhados de ardente amor para com a Santíssima Trindade. Celebrando missa, as mesmas impressões, os mesmos choros, apesar da dor que sentia num dos olhos; veio-me ao pensamento que o perderia se as lágrimas não parassem. A estas palavras: Placeat tibi, sancta Trinitas, experimentei um aumento nessas inenarráveis comoções... Todas estas delícias espirituais tinham por objecto a Santíssima Trindade, que me atraía a si e ao seu amor."

"Depois da missa, pus-me em oração junto ao altar... sempre lágrimas e soluços causados por esse atrativo para a Santíssima Trindade. Experimentei delícias tão inefáveis que me foi impossível distrair-me durante todo o dia, quer em casa, quer na rua. Estes sentimentos impetuosos e esta disposição para as lágrimas renovaram-se pensando na Santíssima Trindade."

"...Fui dizer uma missa do Espírito Santo; dirigi-me ternamente a esse Mestre divino: então pareceu-me senti-Lo e vê-Lo no meio duma claridade singular, sob a forma duma chama brilhante e duma maneira desacostumada, e isto enquanto se preparava o altar e eu me revestia. Celebrei com grande comoção interior; por momentos perdia a palavra... Senti e vi em seguida que Nossa Senhora me era propícia junto do eterno Pai. Durante as orações dirigidas, quer ao Pai, quer ao Filho, e no momento da consagração, vi que ela era como a porta da fonte das graças; mostrando-me a sagrada carne do seu divino filho, mostrava assim a sua, e eu concebia estas coisas em espírito, com uma inexplicável clareza..."

"...Na minha oração ordinária, tive muitas luzes e muita devoção..."

"...Na igreja e mais tarde fora de casa, vislumbrei a Pátria. celeste e no meio o seu soberano Senhor, como teria podido antever três pessoas distintas, e no Pai, a segunda e a terceira pessoa... "

"Quando entrei na capela para orar, senti, ou para falar com mais exactidão, vi por uma virtude sobrenatural, a Santíssima Trindade e Jesus Cristo Nosso Senhor, que me era. apresentado como meu mediador junto dela, ou como o meio pelo qual esta visão intelectual me era comunicada. Fez-me: verter rios de lágrimas e experimentar uma superabundância. de amor."

"Dizendo a missa com muita devoção, tive um momento esta mesma visão da Santíssima Trindade, e ela aumentou mais. o meu amor para com a divina Majestade."

"Ao Te igitur, sentimento e visão, não obscuros, mas uma percepção claríssima do próprio Ser ou da essência divina.. sob o aspecto dum sol. Dessa essência parecia sair o Pai, e, quando eu disse estas palavras: Te igitur, clementissime Pater, representava-se-me antes a essência divina que o Pai. E, representando-se-me também o ser divino ou a essência da Santíssima Trindade sem distinção das três Pessoas, apoderou-se de mim uma profunda devoção por essa essência divina assim figurada..."

Além disso, enternecimento, lágrimas e sentimento de amor ardente.

"Depois da missa orava no altar quando a mesma essência divina se me mostrou de novo sob uma forma esférica, e eu via, de alguma sorte, as três Pessoas como a primeira, isto é, que o Pai, o Filho e o Espirito Santo pareciam derivados dessa essência divina, sem sair todavia dos limites dessa visão esférica, a qual me levou a novas e brilhantes aspirações e a abundantes lágrimas."

"...Estava na capela e cheio de piedade para com a Santíssima Trindade: não vi, assim como nos dias precedentes, as três Pessoas distintas, mas vi, como numa brilhante claridade, uma essência que me abrasava de amor. No princípio da missa, o ardor dos meus sentimentos impedira-me de pronunciar In nomine Fratris..., e durante todo o Santo Sacrifício senti essa devoção com as suas manifestações habituais. Essas vivas comoções referiam-se à Santíssima Trindade. Por momentos experimentava os mesmos sentimentos para com Nosso Senhor; parecia-me estar sob a sua sombra e sob a sua direção, o que, longe de diminuir a minha união com a divina Majestade, não fizera senão aumentá-la..."

"...Preparava-me para celebrar a missa: de repente apoderou-se de

mim o pensamento de que, para o fazer dignamente, devia ser um anjo, e doces lágrimas correram dos meus olhos... Num outro momento, a visão da Santíssima Trindade representou-se primeiro: após a do Ser, depois a do Pai, indo assim do conjunto a cada uma das Pessoas. Noutros momentos, esta percepção chegava-me doutra maneira e com menos clareza..."

"Durante a missa frequentes interrupções, luzes concedidas pela Santíssima Trindade esclareceram a minha inteligência... Parece-me que os mais longos estudos nunca me poderiam ensinar estas coisas..."

"Durante a missa, lágrimas abundantes detiveram-me a palavra; depois, comunicações espirituais tão claras, que eu cria nada mais ter a compreender a respeito da Santíssima 'Trindade. Durante esta missa, conheci, senti que, falando do Pai, e crendo que Ele era uma das pessoas da Santíssima Trindade, empenhava-me tanto mais em amá-lo, que as outras pessoas estavam encerradas nele. Experimentei um efeito semelhante orando ao Filho e ao Espírito Santo, adorando cada uma das Pessoas divinas, consagrando-me a elas, regozijando-me de pertencer a todas três, o que era para mim uma grande felicidade; não cessava de dizer a mim mesmo: Quem és tu? Que mereces? Por que recebes tantas graças?"

"Ainda uma terna devoção, lágrimas na missa, perda da palavra... Parecia-me, orando ao Pai, que o Salvador Jesus lhe apresentou as minhas orações. Eu via-o e sentia-o duma maneira que me é impossível explicar... Quer em casa, quer fora, Jesus oferece-se de novo a mim... Então as minhas lágrimas corriam de novo e as comoções exteriores faziam-se vivamente sentir... Ouvir, ver Jesus Nosso Senhor abrasava-me de tal amor, que nada no mundo me parecia capaz de me separar dele...".

- Anterior
- Índice
- Posterior

III. EXPANSÃO MARAVILHOSA E INCIDENTES DOMÉSTICOS

O santo fundador da Companhia de Jesus, - pode-se julgar pelos fragmentos que ficam transcritos - vivia entre o céu e a terra, e nunca estava longe de Deus pelo pensamento. Deve surpreender que o inferno o perseguisse com o seu ódio e lhe suscitasse tão frequentes perseguições? Deve surpreender que o céu o cobrisse sempre com a sua proteção e o fizesse triunfar tão gloriosamente dos seus inimigos?

Não havia ainda um ano que a Companhia fora erecta em Ordem religiosa, que, devido à reputação de ciência e de virtude dos seus membros, todos os Estados europeus pediam para possuir alguns deles. Não podendo o rei de Portugal conseguir a conservação em Lisboa dos dois santos apóstolos que lhe tinham sido dados, enviou Francisco Xavier para as Índias, segundo a decisão de Inácio, e conservou Simão Rodrigues, a quem encarregou de fundar um colégio de apóstolos da sua santa Companhia para as necessidades de Portugal e das suas possessões nas Índias, e tomou a seu cargo todas as despesas deste estabelecimento.

D. Pedro Ortiz, que tinha obtido do Papa o favor de levar consigo Pedro Fabro para a dieta de Worms, aonde se dirigia como embaixador de Carlos V, solicitou depois autorização para o levar para a Espanha, onde esperava ver-lhe fazer tanto bem como na Alemanha. Mas Pedro Fabro tinha operado prodígios para a glória de Deus em Worms, em Viena e em Ratisbona; estas duas últimas cidades não consentiram em perdê-lo senão com a condição de que lhe dariam um outro membro da Companhia para o substituir. O Papa concedeu dois à Alemanha: Nicolau Bobadilha, que tirou da ilha de Ischia, e Cláudio Lejay.

A Irlanda fez ver o perigo a que a apostasia de Henrique VIII expunha a fé católica das suas populações, e o Soberano Pontífice pediu ao nosso Santo dois dos seus apóstolos para ali a manterem com o seu zelo e a santidade da sua vida; Inácio designou os Padres Salmeron e Broet. Tinha escolhido a princípio João Codure, mas tendo sido adiada a partida para a Irlanda, o Padre Codure caiu doente e de modo que se receou pela sua vida. A 29 de Agosto desse mesmo ano de 1541, Santo Inácio, acompanhado do Padre Laynez, ia dizer missa pelo seu querido doente, à igreja de S. Pedro in Montorio,

quando, passando pela ponte de Sixto, parou de repente e disse ao Padre Laynez:

- Voltemos a casa, porque o nosso Codure está morto.

Tinha morrido com efeito, no momento em que o nosso Santo teve a revelação. Notou-se que o Padre João Codure, nascido a 24 de junho, festa do nascimento do seu padroeiro, recebeu as sagradas ordens a 24 de junho e faleceu no mesmo dia e na mesma idade que o santo precursor.

Salmeron substituiu-o na missão da Irlanda. O Papa deu-lhe, assim como ao Padre Broet, o título e os poderes de Núncio apostólico, como tinha dado a Francisco Xavier ao partir para o Oriente.

O santo fundador estava, pois, espoliado dos seus primeiros, dos seis mais queridos discípulos; restava-lhe ainda o Padre Laynez; a república de Veneza pediu-o com tanta instância, que lhe foi concedido.

Ë verdade que o número dos noviços era já considerável. É sabido que alguns esperavam apenas uma palavra do Santo para virem submeter-se a tudo o que ele deles exigia. Recebeu-os logo que a Companhia foi aprovada pelo Papa, e o noviciado era tanto mais fácil ao seu fervor, que Santo Inácio os havia preparado de há muito tempo. Encontramos ali o querido sobrinho do Santo, Antônio de Araoz; Francisco Estrada, a quem ele tinha impedido de ir alistar-se no exército de Nápoles; Diogo de Eguia, o amigo que o ajudara nas boas obras de Alcalá, e que encontrou em Veneza e Pedro Ribadeneira. Todos lembravam a Inácio a virtude dos seus primeiros discípulos, todos se amavam com incomparável caridade. A sua vida angélica espalhava ao longe um perfume. que atraia as almas e as fixava junto deles, ou as ligava a Deus para sempre.

Um ardente luterano, que foi a Roma para fazer propaganda herética, empregou meios tais de proselitismo que o prenderam. Era muito jovem e tinha assaz talento para dar esperança de voltar a abraçar a verdade; mas tudo o que se fez para o esclarecer, só conseguiu irritá-lo. Tiveram então a idéia de o meter na casa de Santo Inácio, e de se não ocuparem dele na aparência; não acreditavam que ele resistisse por muito tempo ao espetáculo que teria a todos os instantes diante dos olhos. Inácio acolheu-o com a sua benevolência

e mansidão ordinárias, disse-lhe que seria completamente livre no interior e que se lhe não pedia outra coisa senão que evitasse o barulho, que perturbava o recolhimento, e as conversas fora das horas dos recreios, porque o silêncio era necessário naquela casa.

O jovem herege, satisfeito de respirar um ar tão puro, de viver numa atmosfera tão tranqüila, tão doce, tão embalsamada, acha-se vencido sem dar por isso. Procurou conhecer a mudança da sua disposição e a sua consciência respondeu-lhe que a tranquilidade de espírito, a paz da alma, a alegria do coração não se encontravam senão na verdade. O que ele via, o que admirava, era o Evangelho em ação; o que sentia, o que saboreava com delícia, era o perfume evangélico, era o espirito da verdadeira fé que se aproximava dele pelo efeito das orações e dos méritos da Companhia de Jesus.

Depois da sua conversão, um grande personagem perguntou-lhe como pudera resistir tanto tempo às razões e às provas dos mais sábios doutores

- Porque, - respondeu - a discussão é irritante, ao passo que o exemplo é poderoso. Depois de ver todas as virtudes, toda a santidade do Padre. Inácio e da sua Companhia, pareceu-me impossível que a verdadeira fé se não achasse unida a essa vida tão pura, tão doce, tão mortificada, tão angélica; foi isto somente ó que me comoveu e esclareceu.

E ele tinha sido testemunha das provas a que a virtude dos noviços era submetida. Santo Inácio não admitia senão Santos na sua Companhia de heróis. Se as provas não fortificavam os noviços de maneira a garantir verdadeiros Santos,. recusava promovê-los à profissão...

- Se eu desejasse que a minha vida fosse prolongada, - dizia ele-, seria para redobrar de vigilância na escolha dos nossos súbditos.

Antônio de Araoz, seu sobrinho, entrara no noviciado vestido com uma capa de veludo bordada a ouro, como todos os fidalgos; Inácio quis que ele trouxesse aquele fato, durante o seu noviciado, até cair a pedaços. Antônio, assim vestido, ia pedir esmola nas ruas de Roma, servir os doentes nos hospitais, lavar a louça na cozinha da casa,, fazer. os mais rudes serviços, sempre metido na sua capa de veludo recamada de bordados de ouro! Para o orgulho espanhol era

uma rude prova. Antônio sofreu-a heroicamente durante dois anos, prova que se tornava de dia para dia mais meritória pela deterioração da capa, que era um objecto ridículo.

O santo fundador fez também suportar igual humilhação a D. João de Mendonça, governador do forte Santo Elmo,, em Nápoles, a quem Deus tinha chamado à Companhia. Quanto mais ilustre era, humanamente, o nascimento dos noviços,, tanto mais o fundador queria destruir o orgulho até às mais profundas raízes. Os noviços, realmente chamados, longe de se queixarem destas provas humilhantes, apreciavam-lhe as imensas vantagens e aceitavam-nas com avidez. Os homens mais sábios, os Padres mais distintos pelo seu mérito e virtudes, vinham colocar-se debaixo da bandeira do santo fundador e submeter-se às mesmas provas, de que nenhum noviço era. dispensado.

Inácio vigiava tudo e informava-se com exactidão dos progressos de todos. Ia surpreendê-los algumas vezes nos hospitais onde serviam os doentes, a fim de julgar por si mesmo da maneira como cumpriam este dever. Não deixava nunca impune a mais leve falta, nem conservava aqueles que eram aferrados à própria opinião, se lhes não via uma vontade bem determinada a desapegarem-se dela. Para os levar a este desapego, ordenava-lhes coisas sem utilidade aparente, ou que podiam parecer impossíveis; fazia-lhes abandonar uma ocupação para os empregar noutra. O noviço devia chegar à mais perfeita indiferença de vontade.

Assim, o santo fundador ordenava a um pregador que se ocupasse dos negócios da casa, sem cessar as suas pregações; queria que o professor de teologia ensinasse gramática; enviava o professor de teologia à cozinha. Um Padre preparava-se para celebrar a Santa Missa e estava já revestido dos paramentos; vinham adverti-lo de que o Padre geral lhe queria falar e o Padre devia tirar os paramentos e ir onde a obediência o chamava. Chegado diante do Padre geral, este dizia-lhe simplesmente

- Vá dizer missa.

O noviço, satisfeito por ter de oferecer a Deus este ato de obediência imprevista, agradecia ao superior do fundo do coração, porque sabia que a virtude se fortifica pela prova.

Se sucedia que um noviço adiava a execução duma ordem, pela interpretação que dava à vontade do superior, Inácio mandava-o chamar no momento em que ele menos esperava, e impunha-lhe uma penitência. Foi o que aconteceu um dia a um Padre que confessava e quis acabar a confissão começada : foi punido pela demora. Pedindo-lhe um dia um Padre licença para fazer uma peregrinação, o Santo recusou-lha; o noviço insiste e o Santo pune-o, dizendo-lhe que mereceu a punição, não pelo pedido em si, mas pela sua disposição em preferir a sua própria satisfação à obediência.

O Padre Emerio de Bonis foi empregado na sacristia, durante o primeiro ano do seu noviciado, e era então muito jovem. Todos os dias encontrava à porta da igreja as mais nauseabundas imundícies, e contentava-se de as limpar humildemente. Tendo Inácio adquirido a certeza de que as imundícies eram postas, por maldade, por uma pessoa que morava em frente da igreja e cuja vida era escandalosa, ordenou a Emerio de Bonis que fosse pedir a essa mulher que lançasse as imundícies de sua casa noutra parte. O jovem noviço, um pouco tímido e duma modéstia angélica, não podendo resolver-se a dirigir a palavra a uma mulher daquelas, pediu a um outro que desempenhasse aquela comissão tão pouco agradável. Inácio soube-o, aprovou a modéstia de Emerio, mas censurou-lhe a desobediência e puniu-o: impôs-lhe por penitência que fosse todos os dias, ao refeitório, com uma campainha ao pescoço, e dissesse em voz alta, uma vez em cada refeição, estas palavras: "O quero e não quero não moram nesta casa".

O fervoroso e modesto noviço sofreu esta penitência durante seis meses.

Quando um noviço vinha pôr-se de joelhos diante de Inácio, para lhe pedir perdão e penitência, o Santo concedia um e impunha a outra, e, depois de algumas palavras, terminava dizendo: Levante-se. Se o noviço não se levantava imediatamente, Inácio deixava-o de joelhos e saía, dizendo: "A humildade não tem mérito quando é contrária à obediência".

Um dia o nosso Santo conversava com um fidalgo, quando um Irmão coadjutor, que ele tinha chamado se apresenta. Inácio fez-lhe sinal para se assentar; mas o Irmão, temendo faltar ao respeito ao seu superior e ao visitante, ficou de pé. Santo Inácio ordenou-lhe que pusesse sobre a cabeça o banco em que devia assentar-se e fê-lo

estar assim até que o fidalgo se retirou.

Um Padre flamengo, muito escrupuloso, levava muito tempo a recitar o ofício divino, recomeçando sempre e querendo chegar a dizê-lo sem distração; mas a sua pretensão só lhe fazia perder muito tempo e ter mais escrúpulos. Todos os conselhos que lhe deram não tinham dado resultado satisfatório; Santo Inácio, sabendo que ele era assaz obediente para aceitar todos os remédios que lhe fossem dados, imaginou um, violento é verdade, mas que salvou o doente. Proibiu-lhe que empregasse mais duma hora a recitar o ofício, e, dando-lhe um relógio de areia disse-lhe que havia de acabar apenas o último grão de areia caísse; fosse qual fosse a parte do ofício que lhe restasse, devia renunciar a ele. O pobre flamengo via-se entre dois fogos! Se não terminasse a tempo, era forçado pela obediência a faltar a uma obrigação rigorosa; se cumpria esta obrigação tão importante, como Padre, pecava gravemente contra a obediência, como religioso. Entre estes dois escolhos, tomou a resolução da corrida, e, evitando-os a ambos, acabava sempre antes que o último grão de areia caísse; foi deste modo curado desse gênero de escrúpulos.

Santo Inácio esforçava-se por manter o espírito de união e de perfeita caridade entre os noviços, a fim de que eles o levassem às casas aonde fossem enviados; queria que cada um deles, quando abandonasse os seus irmãos, encontrasse novos irmãos em toda a parte onde vivesse com membros da Companhia. Para obter este espírito de caridade entre os membros de uma família destinada a tão grande aumento, punia severamente a menor palavra pouco favorável dum noviço a respeito doutro. Sabendo um dia que um deles se permitira falar dos singulares efeitos do delírio que a febre dava a um de seus irmãos, Inácio infligiu-lhe uma penitência de alguns dias.

O nosso Santo empregava todos os meios de doçura e de persuasão para levar os noviços a sentir e apreciar as vantagens destas provas; quando via que não podia alcançar o completo desprendimento da sua opinião ou da sua vontade,, despedia-os sem ter em consideração as outras qualidades de que eram dotados, e fossem quais fossem as suas outras virtudes ou as ciências que possuíssem. Não tinha mais contemplações com o nascimento. Expulsou D. Teotónio, filho do duque de Bragança e sobrinho de D. Manuel, rei de Portugal, com receio de que o seu espírito irrequieto semeasse a agitação e a desunião entre os irmãos; despediu

também um primo do duque de Bivona, parente do vice-rei da Sicília, que era seu amigo e benfeitor. Pedro Ribadeneira pediu, suplicou ao Santo que perdoasse a esse jovem, que se oferecia para sofrer os mais severos castigos; as lágrimas e as petições de Ribadeneira não puderam vencer o santo fundador.

- Quando o Padre Inácio decide uma expulsão, - dizia D. Teotónio, que o sabia por experiência - não há nada que o mova a misericórdia.

A sua misericórdia não se deixou vencer também a respeito de Cristóvão Laynez, irmão do Padre Diogo. Cristóvão, depois duma vida dissipada nos prazeres, quis entrar na Companhia, mas Inácio, não lhe reconhecendo vocação alguma, despediu-o, apesar de todas as suas instâncias e as de seus parentes. Ribadeneira pediu-lhe que lhe fornecesse meios para voltar a Espanha, porque ele tinha gasto o seu patrimônio e achava-se na miséria:

- Meu Pedro, - respondeu-lhe o Santo - ainda que eu possuísse todos os tesouros da terra, não daria um óbolo àqueles que se tornam indignos de ficar na Companhia. Eles não podem esperar, quando a abandonam, que ela os reembolse das fadigas que padeceram, como se as não tivessem dado gratuitamente a Deus Nosso Senhor, mas as tivessem apenas emprestado à Companhia; assim como não podem esperar, que, depois de terem recebido todos os dias o necessário, como interesse, tenham direito ainda a exigir a título de dívida, que lhe restituam o capital.

Desde a sua eleição ao generalato, o nosso Santo trabalhava nas Constituições da sua Ordem e dedicava-lhe algumas horas todos os dias. Se durante o dia lhe faltava o tempo, tomava à noite essas horas de trabalho, apesar dos seus sofrimentos e da sua fraqueza. Meditava muito tempo cada constituição, orava muito, escrevia em seguida, e quando terminava uma parte, colocava-a de manhã sobre o altar em que dizia missa, oferecia-a a Nosso Senhor, e pedia-lhe que lhe fizesse conhecer se a aceitava assim, ou se devia ser modificada, acrescentada ou cortada em alguns pontos. João Borelli, que ajudava à missa, foi muitas vezes testemunha disso. Conquanto Santo Inácio tivesse recebido, a respeito das Constituições, as luzes mais certas, a sua profunda humildade fazia-o proceder como se tivesse sido privado de qualquer revelação do alto. Disse um dia ao Padre Laynez:

- Diogo, não crês que Deus haja revelado a todos os fundadores as Constituições próprias da Ordem que haviam de estabelecer?

- Penso que sim, meu Padre, estou intimamente persuadido disso.

- É também o que eu penso, - replicou o nosso Santo [53].

- Anterior
- Índice
- Posterior

IV. OBRAS DE CATEQUESE E REGENERAÇÃO

D. Antônio de Araoz, sobrinho do nosso Santo, acabava de fazer os seus votos. Foi o primeiro que os pronunciou depois dos dez Padres fundadores, e para o coração de Inácio de Loiola, que os recebeu, foi um dia de grande consolação. Diogo de Eguia fez também os seus no mesmo dia, imediatamente aos de Araoz. Ambos foram em seguida enviados para Espanha a fim de trabalharem na santificação das almas na cidade de Barcelona. O Padre Araoz viu correr a multidão ao seu encontro quando chegou àquela cidade. Toda a população queria ver o sobrinho do Santo, queria saber notícias do Santo! O bom Padre era literalmente assediado desde manhã até à noite, e viu-se estimado do povo e dos grandes, que não se cansavam de ver e ouvir o próximo parente do Santo, e de receber os seus conselhos espirituais.

Havia muitos anos que ninguém tinha visto Inácio de Loiola em Barcelona; mas a sua lembrança ficara viva em todos os corações e em todas as almas, e julgavam encontrar o venerado Santo naquele que acabava de ser formado na sua escola, a quem ele falara dos seus queridos barcelonenses, a quem tinha recomendado os seus interesses espirituais duma maneira particular. Amaram, pois, logo o Padre Araoz e amaram-no e veneraram-no pelas suas virtudes, como se amavam e veneravam por toda a parte os Padres da Companhia de Jesus.

Inácio de Loiola não se limitou aos importantes trabalhos do governo da Companhia, sobre os quais tornaremos a falar; ocupou-se também de criar na cidade de Roma obras e instituições de caridade e de zelo, de que só ele teve o primeiro pensamento, de que foi o primeiro instigador, e que ainda hoje são mantidas.

Eram numerosos os judeus na cidade; alguns tinham reconhecido a verdade e abraçado o cristianismo, graças aos esforços do nosso Santo, e grande número doutros haviam-lhe confessado que temiam a pobreza, resultado inevitável da sua conversão. Inácio só viu um meio de conciliar tudo no primeiro momento e empregou-o. Mandou preparar uma parte da sua casa para dar asilo aos catecúmenos e aos neófitos, e pediu esmolas para os sustentar, esperando melhores dias. Aumentando todos os dias o número das conversões, e não sendo suficiente a casa da Companhia, Inácio não

descansou enquanto não obteve das pessoas mais ricas uma casa especial para esta obra, a fim de que os seus queridos israelitas estivessem em casa sua. Foi assim que ele fundou a casa de S. João de Mercato. Depois deste primeiro resultado dos seus esforços e fadigas, pediu ao Soberano Pontífice um decreto que assegurasse aos israelitas convertidos a conservação dos seus bens legítimos, herdados ou adquiridos, e, para os filhos que se tivessem convertido sem terem sido autorizados por seus pais, o direito de herdar, apesar da diferença de religião, os bens legitimamente possuídos, e de destinar ao estabelecimento dos neófitos, de S. João de Mercato os bens mal adquiridos, que se empregavam nestes casos em obras pias. O Papa Paulo III concedeu todos estes favores e designou, a pedido do nosso Santo, um Cardeal que devia ser o protetor desta importante fundação. Durante o primeiro ano, Inácio teve a consolação de baptizar quarenta judeus. De todos os neófitos fazia outros tantos apóstolos que se esforçavam por levar-lhe novas conquistas. Um dia, um dos catecúmenos, não podendo resistir mais às seduções dos seus correligionários, estava prestes a voltar para eles, quando o santo fundador o procurou e lhe disse:

- Isaac, queres abandonar-nos? Não o faças, meu filho, fica conosco.

Estas palavras vibraram profundamente na alma de Isaac, que julgou ouvir a palavra do próprio Deus, e nada foi capaz de o abalar; tornou-se depois um dos mais fervorosos cristãos.

Tendo o catecumenato de S. João de Mercato tomado cm pouco tempo considerável desenvolvimento, e não sendo os Padres jesuítas assaz numerosos em Roma para se conservarem à frente da sua direção, foi-lhe dado para superior um Padre secular, João de Torano, com grande reputação de virtude e de santidade. Mas o inferno não podia sofrer, sem clamar, os prodígios de zelo e de caridade operados para a glória de Deus por Inácio de Loiola e pela sua santa Companhia; não podia ver arrancar-lhe tantas vítimas sem perseguir os heróicos apóstolos e sem fazer explodir sobre eles todo o furor do seu ódio e da sua vingança.

João de Torano deixa-se dominar pelo demônio do orgulho, e chega a servir-lhe de instrumento para tentar a perda de Inácio e dos seus discípulos: "Por que - dizia ele - faz este Inácio de Loiola tanto bem em Roma e os seus discípulos em toda a Europa e até no Oriente? Esta casa, de que sou superior, é, de facto, Inácio que a dirige. O Cardeal protetor, os benfeitores, os administradores consultam-no e

nada fazem sem o ouvir; o próprio Papa faz tudo o que ele deseja, e eu não sou aqui senão um seu subordinado. As coisas não podem continuar assim por muito tempo".

A cabeça do desgraçado Torano exalta-se: espalha o boato de que Inácio e os seus discípulos são hereges, hipócritas e traem o segredo da confissão; faz uma memória repleta destas infames calúnias e dirige-se ao Papa pedindo-lhe um inquérito... Mas Deus lá estava e sabemos que a promessa feita à santa Companhia de Jesus por Nosso Senhor devia ser e será até ao fim cumprida. O inquérito solicitado pelo caluniador volta-se contra ele. João de Toxano foi convicto de heresia pelo Cardeal Monte, encarregado de tratar desta questão, e viu-se privado dos seus benefícios, os bens foram-lhe confiscados e foi-lhe interdito todo o exercício do santo ministério. Devia ser condenado a prisão perpétua, unas Inácio não queria vingar-se dele, e tanto trabalhou, que conseguiu que esta pena fosse comutada na de expulsão do território.

O nosso Santo fundou igualmente em Roma uma obra que também se perpetuou: a das crianças abandonadas. Estabeleceu duas casas, uma para crianças do sexo masculino, outra para as do sexo feminino; escolheu administradores, encontrou benfeitores, deu sólidas bases a esta obra, obteve do Papa que um Cardeal fosse protetor dela, e retirou-se, como já fizera com a casa dos judeus, a fim de não dar lugar à inveja. Mas a lembrança do fundador não se apagou, e ainda em nossos dias, todos os anos, no dia da festa de Santo Inácio os órfãos vêm ajudar a todas as missas que se dizem na igreja de Gesú, em honra daquele cuja caridade lhes fundou o asilo.

Nas suas visitas aos doentes dos hospitais, o Santo viu que alguns não pensavam em se confessar senão nos últimos momentos e que muitos morriam sem receber os sacramentos. Impressionado com a perda de tantas almas, pediu ao Papa que pusesse em vigor a decretai de Inocêncio III, ordenando que o médico não visse outros doentes senão aqueles que começassem por se confessar. Propôs apenas uma modificação: a de permitir duas visitas do médico antes da confissão, mas de proibir a terceira sob pena de incorrer nas penalidades da lei. O Papa seguiu o conselho e o povo submeteu-se a estas condições sem manifestar descontentamento. Este costume conservou-se.

Isto não bastava para o zelo do Santo. Um grande número, de

raparigas arrastadas pela miséria, lançavam-se na desordem moral; Inácio queria preservá-las desta desgraça e fundou para elas o convento de Santa Catarina, onde são formadas na virtude e no trabalho, e de onde não saem senão para se casarem; se forem chamadas à vida religiosa, podem tomar ali o véu. Depois de haver tomado para esta fundação todas as medidas que podiam garantir-lhe o futuro, retirou-se, como sempre.

O santo fundador tinha três amigos, sem os quais não empreendia nenhuma destas obras: eram Tiago de Crescenzi, duma das mais distintas famílias de Roma; Lourenço de Castelo, homem muito estimado e possuidor de considerável fortuna; e Francisco Vennuncci, primeiro capelão de Paulo III. Entendia-se com eles para tudo o que queria empreender neste gênero: os passos a dar, as esmolas a pedir, os administradores a escolher, o Cardeal a solicitar para proteger a obra, e a organização que podia ter: Todas estas medidas de prudência não conseguiam evitar os obstáculos que o inimigo do bem procurava lançar sobre o caminho do nosso Santo; mas Nosso Senhor, depois de ter mostrado esta nova crus ao ilustre fundador, não tardava a ser-lhe favorável.

Não bastou ao santo fundador ter abrigado as raparigas que podiam ficar expostas a perder-se; quis também salvar as mulheres que estavam perdidas, retirá-las do abismo em que tinham caído e colocá-las num lugar de refúgio que pudesse estar sempre aberto ao arrependimento. Queria fundar para estas pobres pecadoras um convento especial; porque o de Santa Madalena não recebia as mulheres casadas, e não admitia das outras senão as que quisessem aceitar o véu; ora nem todas eram chamadas a esse estado. Inácio não encontra para esta obra a simpatia que havia encontrado para as precedentes; mas não desanima. Trabalhava para a glória de Deus e estava certo de que Deus o ajudaria. Pediu, suplicou a algumas pessoas, e obteve enfim que D. Leonor, mulher de D. João da Vega, embaixador de Carlos V junto da Santa Sé, recebesse algumas dessas pobres pecadoras e fizesse recolher outras por algumas senhoras suas amigas, aguardando que houvesse a desejada casa para as recolher a todas.

Contente com esta promessa, impelido pela sua caridade, corre em busca das almas perdidas que quer salvar, e, como se não pudessem resistir à sua palavra, essas mulheres desgraçadas abandonavam tudo à sua voz e seguiam-no. E via-se o santo fundador da Companhia de Jesus atravessar as ruas de Roma,

seguido dessas mulheres, das quais todas as pessoas honradas se afastavam com horror, e chegar assim ao palácio de Espanha, onde as entregava a D. Leonor. Quase todos os dias dava um passeio deste gênero, apesar de todos os negócios que tinha de tratar e apesar dos seus contínuos sofrimentos, às vezes muito intensos. Um dia disseram-lhe que algumas pessoas achavam pouco digno dele percorrer as ruas da cidade seguido dessas pobres pecadoras, e acrescentaram:

- Vossa Reverência entrega-se a muitas fadigas e cuidados para obter pouco resultado; porque essas desgraçadas, que se deixam comovei por um instante, tornam em breve a recair.

- Darei o meu tempo e as minhas fadigas por bem empregadas, - respondeu o Santo - se chegar a evitar um só pecado mortal de cada uma delas.

Entretanto, D. Leonor termina por dizer a Inácio que ela e as suas amigas não podiam continuar a receber tanta mulher, e que a casa destinada a esta obra não permitia que se recebesse mais uma. Foi o momento da Providência. Inácio de Loiola não tem auxilio algum, mas espera contra toda a esperança e crê que é da vontade divina que ele empreenda, só, o que ninguém quer começar. Enquanto pede a Deus o seu apoio e auxílio nesta empresa, o Padre Codacio vem anunciar-lhe que ao cavar na igreja, para fazer reparações, as operários descobriram antigas ruínas e que ali haura pedras de grandes dimensões e de notável beleza:

- Deus seja louvado! - responde o santo fundador venda essas pedras por cem ducados e venda-as imediatamente.

O Padre Codacio vende-as por esse preço. Inácio pega nesse dinheiro, vai procurar alguns cavalheiros que lhe tinham recusado auxílio para a sua grande obra, e diz-lhes:

- Nenhum dos senhores quer começar, mas eu trago a primeira pedra; é necessário que agora dêem a segunda.

Não lhe resistem, o dinheiro chega de toda a parte, Inácio compra o antigo convento de Santa Marta, forma, para o dirigir, uma associação de senhoras piedosas sob o patrocínio de Santa Maria da Graça, entrega-lhes as chaves do convento, que manda reparar, e

no dia 16 de Fevereiro de 1542 as mulheres arrependidas estavam ali instaladas, tendo por o Cardeal Carpi, que era também protetor da Companhia.

Inácio fez uma exceção em favor desta casa, concedendo-lhe um Padre jesuíta para confessor. Em breve tornou-se o fervor tão intenso que o convento de Santa Marta era citado pelos pregadores como um modelo de todas as virtudes. Em poucos anos, o número das mulheres sinceramente convertidas e penitentes tinha-se elevado a trezentas.

O espírito do mal fez todos os esforços para destruir este grande bem. Os homens mais escandalosos da cidade queriam abrir à força as portas do convento, e, não podendo consegui-lo, quebraram os vidros e arremessaram-lhe pedras. Um deles, chamado Matias, não encontrando outro meio para se vingar do zelo dos jesuítas e do seu santo fundador, recorreu àquele já tantas vezes ensaiado sem resultado: espalhou o boato de que o Padre Inácio e os seus eram hereges mascarados e tinham fugido de Paris para evitar os castigos a que a Inquisição os havia condenado. As coisas tinham avançado tanto, que, por consideração ao seu caráter e para honra do ministério sagrado que exerciam, Inácio julgou dever dirigir uma memória ao Papa e pedir-lhe um novo inquérito, instando para que nomeasse juízes. Estando doente o Cardeal-Vigário, o pedido não teve deferimento; logo que ele se restabeleceu, Inácio renovou o pedido e fê-lo apresentar pelo Bispo de Césène, que dirigiu ao Papa uma memória na qual chamava santa à Companhia de Jesus. O Cardeal-Vigário, Filipe Archinti, dirigiu-se duas vezes ao convento de Santa Marta para interrogar as pessoas que o habitavam acerca da doutrina e dos costumes dos jesuítas, e Matias foi intimado a comparecer diante do tribunal no dia 3 de Julho. Mas, em vez de se apresentar, procurou abrandar o nosso Santo; ignorava, sem dúvida, que, em casos semelhantes, Inácio não fraquejava.

Todos os pedidos de Matias nada conseguiram; a sentença dada pelos juízes, que foi mais uma glória para a Companhia de Jesus e para o santo fundador, dizia que Matias perderia o cargo que ocupava e que os seus bens sevam seqüestrados se continuasse a espalhar boatos caluniosos contra aqueles santos religiosos; além disso, foi condenado às despesas do processo e a uma pena que os juízes se reservavam dar-lhe a conhecer. Mas o Santo empregou tantas instâncias em favor do culpado, que obteve a remissão da pena. Sabemos que ele sempre se vingava assim. Matias, cheio de

reconhecimento pela, caridade de Inácio, converteu-se tornou-se amigo dedicado do Santo, e um dos mais zelosos benfeitores da Companhia de Jesus.

Enquanto este processo se instruía, Barberano, frade espanhol, excitado sem dúvida pelo demônio da inveja, voltou-se também contra Inácio, acusou-o de administrar a obra de Santa Marta sem ter recebido autorização do Papa, e de querei, sem missão, reformar todo o mundo. Estas acusações eram ridículas; o povo riu-se de Barberano e não deu importância às suas declamações. O frade, furioso com o acolhimento que lhe faziam, escreveu ao nosso Santo todas as injúrias que pôde imaginar e terminou a sua carta dizendo-lhe: "O meu desejo era ver queimar todos os jesuítas, desde Perpignan até Sevilha".

Inácio de Loiola recebeu esta carta por um mensageiro; ordenou-lhe que esperasse e ditou imediatamente estas linhas ao seu secretário, João de Polanco:

"Jesus. - Senhor, dizei ao Padre Frei Berberano: - Dizeis que, se de vós dependesse, faríeis queimar todos os nossos desde Perpignan até Sevilha. E eu digo-vos: Desejo que vós, os vossos amigos e todos os vossos, não somente de Perpignan a Sevilha, mas em todo o universo, sejais inflamados, consumidos pelo fogo do Espírito Santo, de tal sorte que todos, tendo atingido o fastígio da perfeição, aumenteis assim o brilho da glória divina. Dizeis também que o governador e o Vigário de Sua Santidade estão fazendo um inquérito a nosso respeito e que brevemente será dada a sentença. Se há razões de queixa contra mim, apresentem-lhas diretamente, juntando as provas, a fim de que eu seja o única punido, se for culpado; porque me seria muito agradável ser castigado no meu corpo para evitar a todos os nossos que, de Perpignan a Sevilha, sejam queimados sem o terem merecido".

Barberano deu-se por satisfeito com esta resposta e não insistiu nas suas ridículas acusações.

-
-
- Posterior

V. CRITÉRIO SINGULAR DE GOVERNO

Jerónimo Nadal, que deixámos em Paris, recusando ceder às instâncias de Inácio de Loiola, tinha-se retirado para a sua família, em Maiorca, e procurava conhecer a vontade de Deus a seu respeito, porque se sentia chamado ao apostolado, unas ignorava em que gênero de vida o devia exercer. Tinha, por momentos, desejos de se associar a alguns homens de virtude e de talento para trabalhar com eles na santificação das almas; depois rejeitava este projecto para voltar a alimentá-lo. Um dia deram-lhe a ler a cópia duma carta de Francisco Xavier dando conta à Companhia de Jesus do seu apostolado nas Índias. Jerónimo, maravilhado com os magníficos trabalhos do jovem professor que tanto admirara em Paris, exclamou: "Ah! é realmente uma grande obra!" Recorda-se de todos os esforços de Inácio para o determinara entrar na Sociedade, que ele formara então; recorda-se deque, parecendo-lhe muito perfeita essa vida, respondeu: "O Evangelho me basta", e que fugiu para se subtrair a novas instâncias daquele a quem acusava de o perseguir. Depois de alguns dias de viva agitação interior, Jerónimo, muito resolvido a não entrar na Companhia de Jesus, peio único motivo de que ela exigia dos seus membros uma grande perfeição, quis todavia consultar Inácio de Loiola e ouvir os seus conselhos espirituais. Partiu para Roma; o Padre Laynez acabava de chegar à Cidade Eterna, e Nadal encontrou também, no número dos Padres, um dos seus antigos amigos, Jerónimo Domenec. Ambos o convidaram a fazer com eles os Exercícios Espirituais. Nadal, furioso com a proposta, corre a queixar-se ao bom Padre Geral:

- Meu reverendo Padre, - lhe diz - Diogo Laynez. e Jerónimo Domenec querem armar-me laços para, contra minha vontade, me alistarem na Companhia de Jesus! Vossa Reverência sabe que não tenho talentos nem virtudes necessárias para isso.

- Não se inquiete, - respondeu-lhe Inácio - os Exercícios Espirituais não trazem nenhum compromisso e só lhe podem fazer bem à alma. Faça-os, sem se ocupar com o pensa mento de se juntar a nós. Este pensamento só deve vir de Deus, e se ele lho der, saberá bem em que deve empregá-lo para sua glória. Deixe Deus obrar. Nadal seguiu este conselho; fez o retiro dirigido pelo Padre Laynez, e não cessou de lutar consigo mesmo à medida que conhecia o chamamento de Deus. Enfim, chegado à meditação das Duas

Bandeiras, confessou-se subjugado; está vencido, e contudo quer lutar ainda. Mas a sua agitação é muito violenta e não pode resistir mais; levanta-se no meio da noite e escreve estas linhas:

"Reconheço agora que as razões com que tanto combati contra mim mesmo e que me impediam de ligar-me ao serviço do Senhor, não merecem sequer que eu procure refutá-las. Ao contrário, tudo o que até aqui me afastava dele, atrai-me agora e consola-me, porque, depois de um rigoroso exame, compreendi que o amor de mim mesmo e a revolta da natureza foram os únicos agentes que me fizeram combater e duvidar. Vejo tanto mais a vontade de Deus na minha presente determinação, quanto é certo que aos sentidos, bem como ao mundo, repugna essa determinação: nenhum deles pode compreender ou gostar o espírito de Deus e o seu reino nas nossas almas. É por isso que nem as perturbações que tenho até hoje sentido, nem as mais rudes provas de que um homem possa ser cumulado, nem nenhum sofrimento inventado pelos próprios demônios poderão afastar-me da resolução, que tomei em nome da Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, de praticar os conselhos evangélicos e de fazer os votos e tomar os compromissos da Companhia de Jesus. Estou pronto a fazer tudo o que de mim se exija, em conformidade com esses votos,. que eu pronuncio aqui com fervor e respeito, mas com uma. grande confiança na misericórdia de Deus, de quem tenho, recebido tantos benefícios. É de toda a minha alma, de toda a minha vontade que faço estes votos: para glória de Deus ! Assim seja. - Aos 23 de Novembro, décimo oitavo dos Exercícios".

Nadal, fiel às suas promessas, entrou no noviciado logo depois do retiro e foi um dos membros mais úteis e mais distintos da Companhia de Jesus.

Entretanto o santo fundador via desenvolver-se a sua. obra cada vez mais. Francisco Xavier fundara um colégio nas cidade de Goa, metrópole das colônias portuguesas nas. Índias; Simão Rodrigues estabeleceu em Portugal, por ordem. e a expensas do rei D. João III, que obteve que o colégio de Coimbra tivesse um noviciado da Companhia. Em Valência, Alcalá, Gandia e Barcelona pediam também colégios e noviciados. Da Alemanha, da Bélgica, de toda a parte, enfim, eram dirigidas as mesmas súplicas ao nosso Santo, cuja reputação, assim como a da Companhia, era universal. Os aspirantes afluíram a Roma de todas as partes da Europa; por isso, querendo conservar o espírito de união e de caridade entre homens

de nações diversas e algumas vezes inimigas, Inácio obrigava-os a falar italiano e fazia-os estudar esta língua logo que entravam na casa. Queria que cada um deles, depois da sua profissão estudasse a língua do país para onde era enviado, de maneira que a pudesse falar sempre sem se preocupar com a sua língua nacional. O Jesuíta devia ser o apóstolo do mundo e não duma cidade ou dum país.

A obstinação nas idéias era um dos principais motivos de exclusão ou de expulsão para o santo fundador. Um espanhol de grande capacidade, duma ciência pouco comum e duma virtude reconhecida, entrou na Companhia e exercia o cargo de ministro [54] na casa professa de Roma. Desempenhava o cargo com habilidade; mas quando se lhe metia uma idéia na cabeça, não lhe saía mais. Inácio tirou-lhe o cargo, julgando inapto para mandar aquele que não sabia obedecer. Obrigou-o a fazer os Exercícios Espirituais, e Marino, assim se chamava esse Padre, prometeu emendar-se. Inácio restabeleceu-o então no cargo, mas daí a pouco o Padre Marino esforçava-se por lhe provar que ele entendia muito pouco das coisas temporais, o que fazia dizer ao Padre Nadal.

- Marino fará perder o bom nome aos Exercícios Espirituais! Acaba de os fazer e não é um homem novo.

Com efeito, Marino parecia tão aferrado à sua opinião como nunca. Uma noite, já tarde, Inácio soube que ele acabava de dar uma nova prova da sua teimosia; no mesmo instante envia-lhe ordem de abandonar a casa sem esperar para o dia seguinte.

- Será um exemplo para os outros; - acrescentou sabe-se porque o tenho dito muitas vezes, que não quero passar a noite sob o mesmo tecto com homens cujo espírito de obstinação é incorrigível.

Outro espanhol, também chamado Marino, doutor da Universidade de Paris, ensinava filosofia no colégio de Roma. Observava com algum desagrado algumas regras da Companhia, dizia-o abertamente e mostrava com toda a franqueza a sua opinião acerca das mudanças que deviam fazer-se. Inácio chamou-o em particular algumas vezes e esforçou-se por provar-lhe que Aristóteles não podia razoavelmente pretender -reformar o Evangelho; mas, não conseguindo convencer nem esclarecer o professor, despediu-o. Naquele momento o colégio de Roma tinha poucos professores e não era possível substituir Marino

- Ah! meu reverendo Padre, - disse Luís Gonçalves ao santo fundador - lamento, no interesse do colégio, que Vossa Reverência despedisse Marino; talvez ele se corrigisse!

- Pois bem; - respondeu-lhe Inácio sorrindo-se - vá o meu querido Luís procurar convertê-lo.

Um alemão teve a singular pretensão de possuir o espírito =de S. Paulo. Não tinha outro defeito; mas este era mais que suficiente. Inácio, vendo a impossibilidade de lho tirar, despediu o noviço.

Sordevila, Padre catalão, e excelente teólogo, tinha imaginado um método de oração, por meio do qual se obtinham à vontade, segundo ele dizia, êxtases, visões, arroubamentos sem igual. Procurava fazer adoptar o seu método aos noviços mais jovens, e tinha ganho alguns, cujo espírito perturbado chegava por vezes ao delírio. Inácio, advertido deste facto, censurou o Padre catalão em pleno refeitório e mandou-o provocar visões e arroubamentos a outra parte que não nos noviciados da Companhia.

Dois Padres espanhóis: Francisco Onéfrio e André de Oviedo, ardendo em desejos de viverem, na Companhia, uma vida puramente contemplativa, escreveram neste sentido ao Padre geral. Este respondeu-lhes que não era esse o fim da Companhia, e que, se preferiam a vida do deserto, deviam abandoná-la. Mas os dois Padres, primeiro que tudo obedientes, compreenderam por esta resposta que o seu desejo era uma tentação, e renunciaram logo a ele.

O nosso Santo, como já dissemos, era igualmente inflexível para as faltas que podiam perturbar a caridade entre os membros da sua numerosa família. Uma noite, pelas i z horas, vieram dizer-lhe:

- Meu reverendo Padre, Francisco Zapata viu pregar o Padre Nadal nas ruas e zombou dele publicamente, tratando de charlatanismo, o que todos nós fizemos, segundo o uso da Companhia em Itália. E não quis atender a razões a este respeito.

Inácio não respondeu, deixou afastar-se aquele que o veio advertir, orou bastante tempo, foi em seguida procurar Francisco Zapata, que dormia, acordou-o, fê-lo levantar, ordenou-lhe que abandonasse a casa antes de romper o dia e entrou depois no seu quarto.

De ordinário, Inácio não dava uma ordem de expulsão sem ter conferenciado com os seus conselheiros; nesta causa decidiu só e todos o souberam de manhã. Quando Inácio propunha uma expulsão, e os Padres defendiam o culpado o Santo dizia-lhes:

- Agora Vossas Reverências pedem por ele; mas se o tivessem conhecido melhor, tê-lo-iam admitido? Não, certamente. Pois bem, despeçamo-lo agora, porque a prova que se segue à admissão não tem outro fim senão assegurarmo-nos sobre se ele convém ou não à Companhia. Deixo a Vossas Reverências a admissão, deixem-me a expulsão.

Quando um estrangeiro vinha ver a casa, Inácio, despedindo-o, dizia-lhe:

- Viu a nossa prisão; esta dispensa-nos qualquer outra.

Compreende-se isto facilmente, porque ele não queria senão Santos, ou pelo menos aqueles que prometessem tornar-se tais. Um dia de Pentecostes despediu doze noviços ao mesmo tempo, e nunca o seu rosto apareceu mais tranqüilo, mais doce, mais sereno do que depois desta despedida. Inácio exigia dos superiores a mesma severidade não só para com os noviços, mas também para os que tinham já votos; porque julgava que a Companhia não podia ter força e duração senão pela virtude dos seus membros. Tendo sabido que não era rigorosamente observada a obediência numa casa de Portugal, escreveu imediatamente ao provincial censurando-o e mandando-lhe, em virtude da obediência que lhe prometera, que trabalhasse sem demora na repressão deste abuso, e que expulsasse da Companhia, fosse qual fosse a classe a que pertencessem, todos os que se mostrassem insubordinados.

O Padre Leonardo Clesélio, reitor do Colégio de Colônia, tinha apenas quinze súbditos; um dia despediu oito. Mas, depois da despedida, receou ter sido demasiado severo, e escreveu imediatamente ao Padre geral acusando-sedo que fizera, expondo-lhe as coisas como se tinham passado e pedindo-lhe que lhe infligisse a penitência que reconhecia merecer, qualquer que ela fosse, e à qual se submetia antecipadamente com toda a humildade; pedia ao mesmo tempo ao seu bom Pai que lhe perdoasse. Inácio apressou-se a responder-lhe que só lhe dava elogios e a sua

bênção, com a ordem positiva de renovar, no caso de necessidade, o que acabava de fazei com tanta prudência.

Compreende-se a admiração que em toda a parte excitavam homens tão dignos, tão sábios, tão enérgicos, grande número dos quais pertenciam às mais opulentas e ilustres famílias, e que, tendo abandonado tudo para viverem de pobreza, humildade e obediência, conservavam no meio dos grandes trabalhos e dos triunfos do apostolado, uma submissão de crianças a todas as vontades dos seus superiores.

O Padre Araoz operava em Barcelona um bem prodigioso; toda a cidade caia a seus pés, todas as classes da sociedade o amavam e ele não podia ser indiferente por aqueles que tanto lhe queriam. Santo Inácio ordenou-lhe que abandonasse Barcelona e se dirigisse a outra província de Espanha. O Padre Antônio de Araoz respondeu-lhe logo com estas linhas tão comoventes pela sua simplicidade

"Quanto à ordem que Vossa Reverência me dá para me dirigir a outra parte, no princípio de Setembro, obedecer-lhe-ei, pela graça do nosso bom Mestre, com grande alegria de coração, ainda que aqui não agrade por causa do bem que se ia fazendo; estou convencido de que a voz de Vossa Reverência é para mim a de Jesus Cristo, voz que compreendem sempre aqueles que pertencem ao rebanho. É certo que tenho tanto em que ocupar-me aqui, que, querendo atender a tudo, não me sobra tempo para me ocupar de mim, e sou obrigado a trabalhar pela noite dentro, por não ter liberdade alguma durante o dia. Ouvir confissões, a maior parte das quais gerais, dar os Exercícios Espirituais, trabalhar em reconciliações importantes entre certos nobres, tudo isto me ocupa de tal modo, que muitas vezes (e digo-o para que Vossa Reverência tenha compaixão da minha pobre alma) não me sobra tempo para celebrar a santa missa".

Tal é o espírito de obediência e de humildade que sempre se tem conservado na santa Companhia de Jesus.

Era bem o espirito divino que inspirava Santo Inácio no governo da Companhia, porque vemos S. Francisco Xavier empregar, ao mesmo tempo, os mesmos meios nas Índias, e governar do mesmo modo. Xavier é tão difícil como Inácio na escolha e na admissão dos súbditos; tão firme, tão rigoroso nas virtudes que deles exige; tão

pronto e tão inflexível nas expulsões que julga necessárias. S. Francisco Xavier não conhecia, quando partiu de Roma para Portugal e para as Índias, das Constituições da Companhia senão o plano apresentado ao Papa; não cessava de pedir a Santo Inácio, em todas as suas cartas, que o ajudasse com os seus conselhos, a fim de que as casas que ele fundasse no Oriente não diferissem em nada das da Europa. E, contudo, Xavier segue o mesmo caminho que o santo fundador, dá o mesmo espírito, imprime a mesma direção aos diversos colégios, às diversas missões e residências, que criou numa extensão de três mil léguas, antes de ter recebido os conselhos e a direção que pediu ao seu Padre Geral. Santo Inácio admira nisto a obra de Deus, e no fundo do seu coração promete chamar um dia a Roma aquele a quem o Espírito Santo tão maravilhosamente esclarece para bem da sua querida Companhia e abandonar-lhe as rédeas do governo.

Enquanto formava numerosos operários apostólicos, Francisco Xavier pedia-os à Europa. Suplicava a Santo Inácio, ao rei de Portugal e a Simão Rodrigues, provincial em Portugal, que lhe enviasse o maior número possível. E quando estes Padres chegavam às residências da Índia, julgavam estar nas da Europa, quanto ao interior e ao seu espírito; por que a organização, a administração temporal ou espiritual tudo era igual; nada tinham a mudar senão relativamente aos usos e às exigências do país, que deviam evangelizar.

- Anterior
- Índice
- Posterior

VI. OS DISCÍPULOS PELO MUNDO

Era necessário que Santo Inácio, na extensão e profundeza das suas vistas, julgasse muito necessária a severidade de que usava na admissão dos noviços à profissão; porque estava longe de poder satisfazer os pedidos, que de toda a parte lhe chegavam. Tinha chamado o Padre Laynez de Veneza, Afonso Salmeron estava de volta da sua missão na Irlanda, e ambos eram de muita utilidade ao nosso Santo. Mas, pouco depois, o Papa Paulo III pede dois teólogos da Companhia para assistirem, como legados seus, ao Concílio de Trento, e Inácio designa dois dos seus primeiros e tão queridos discípulos: os Padres Laynez e Salmeron, que os mais sábios teólogos de Roma costumavam consultar como mestres, apesar de serem ainda novos. O nosso Santo, temeroso pela humildade dos seus queridos discípulos vendo-os honrados com o titulo de teólogos do Papa, numa assembléia como a dum concilio ecumênico, julgou dever dar-lhes por escrito os seguintes conselhos, cujo desenvolvimento omitimos

"Assim como quando se trata com grande número de pessoas para o bem espiritual e a salvação das almas avança muito a glória de Deus; se Nosso Senhor nos é propicio, assim também, se não vigiamos por nós, e se Deus nos não ajuda, perdemos muito e podemos prejudicar aqueles com quem tratamos. Mas como, em virtude do gênero de vida a que nos dedicamos, não é permitido abster-nos destas relações, o fruto que dai resultará será tanto mais pronto, tanto mais seguro quanto melhor nos hajamos preparado e premunido antecipadamente, e fizermos uma regra de vida mais claramente traçada. É por isso que vos darei alguns conselhos, que podem ser úteis no Senhor, quer conservando-os tais quais são, quer reduzindo-os ou acrescentando-lhes outros semelhantes.

Desejo ardentemente, para falar em geral, que no exercício da nova missão, não percais nunca de vista três pontos principais:

1º. No Concílio a maior glória de Deus e o bem da Igreja universal;

2º. Fora do Concílio, a vossa antiga regra e o vosso método de ajudar as almas, fim que principalmente me propus atingir com a vossa partida.

3º. O cuidado particular da vossa alma, a fim de que não vos descuideis nem abandoneis a vós mesmos; mas, que ao contrário, vos esforceis, por uma aplicação é atenção assíduas, a tornardes-vos de dia para dia mais dignos da missão que vos foi confiada...".

Abriu o Concílio de Trento. O nosso Santo agradecia a Deus e orava ardentemente para que ele correspondesse às esperanças da Igreja, quando rebentou uma ruptura de relações do rei de Portugal com o Sumo Pontífice.

D. Miguel da Silva, muito tempo embaixador de Portugal em Roma, foi chamado pelo seu soberano, nomeado secretário de Estado e promovido ao bispado de Viseu. Pouco depois, o Cardeal Alexandre Farnese, seu parente e amigo, fê-lo elevar ao cardinalato. Não tendo sido consultado para isto o rei de Portugal e não querendo permitir que os seus súbditos fossem devedores a outrem, que não a ele, dos favores com que eram honrados, recusou ao Bispo de Viseu autorização para aceitar a púrpura romana. D. Miguel, atemorizado com este facto; partiu secretamente de Portugal e dirigiu-se a Roma, onde foi revestido publicamente das insígnias cardinalícias e recebeu as maiores honras. O rei D. João III, irritado com a fuga de D. Miguel e com o acolhimento que recebeu em Roma, seqüestrou as rendas do bispado de Viseu e proibiu a todos os portugueses que mantivessem relações com o Prelado. Ao mesmo tempo morria o Cardeal Contarini na sua legação de Espanha, e Paulo III enviara Miguel da Silva a substituí-lo junto de Carlos V, na qualidade de legado apostólico. D. João III queixou-se à corte de Roma. O Papa queixa-se a Santo Inácio e pergunta-lhe se ele está convencido de que o rei de Portugal é realmente o príncipe mais religioso da cristandade.

Esta divisão causou sensação na Europa. Santo Inácio, vendo com dor que ela podia comprometer os interesses da religião, empreendeu a pacificação dos espíritos. O negócio era difícil e delicado. Inácio devia grandes favores a D. João III, o mais zeloso protetor da Companhia; mas devia-os ainda maiores ao Sumo Pontífice. Para tratar este negócio segundo as vistas de Deus, pediu orações, jejuns, mortificações e santos sacrifícios aos seus discípulos; ele mesmo orou durante alguns dias, como costumava orar; depois propõe ao Papa dar o bispado de Viseu ao Cardeal Alexandre Farnese, com a condição deste dar os rendimentos ao Cardeal Silva. O Papa aprova a idéia e encarrega Inácio da negociação com o rei de Portugal. O nosso Santo escreve então a

Simão Rodrigues, provincial em Portugal e muito estimado do soberano, e ordena-lhe que faça conhecer a sua carta ao rei. Esta admirável carta, modelo de sabedoria, de prudência, de delicadeza e de habilidade produziu o efeito desejado.

D. João III venerava profundamente Santo Inácio, considerava-o como inspirado do céu e tinha como um dever obrar em conformidade com os seus conselhos. Tinha o costume de dizer que a voz do Padre Inácio devia ser considerada como a do próprio Deus. Viu que Inácio era de opinião que o Papa não fizesse as primeiras negociações e esperasse as do rei; soube ao mesmo tempo, sem dúvida pelo Padre Rodrigues, o acordo proposto ao Papa pelo nosso Santo acerca das rendas do bispado de Viseu, e não hesitou mais em submeter-se. Mandou dizer ao Papa por Inácio de Loiola que consentia no que se fizesse em favor de D. Miguel da Silva e levantava o seqüestro às rendas do seu bispado. Em compensação, Paulo III concedeu alguns privilégios ao rei de Portugal, e a paz foi restabelecida, com grande consolação daquele que a tinha negociado com tanta delicadeza e habilidade.

Entretanto Inácio recebia as mais consoladoras noticias do Concilio. O Cardeal de Trento escolhera o Padre Cláudio Lejay para o seu conselho e consultava-o nas questões mais difíceis. O Padre Salmeron pronunciara, naquela imponente assembléia, um discurso em latim que mereceu unânimes aplausos não só pela ciência como pela eloqüência do jovem teólogo. O Padre Laynez excitava geral admiração todas as vezes que falava. Os legados do Papa haviam encarregado os três jesuítas de fazerem, duma parte, a coleção de todas as heresias antigas e modernas; de outra, a das passagens da Escritura, dos Padres da Igreja, dos concílios e dos doutores que podiam ser-lhes opostas.

O nosso Santo soube com muita alegria que os três Padres, depois de terem brilhado na assembléia, não se envergonhavam de pedir esmola nas ruas da cidade, não somente para eles, mas ainda para pobres soldados alemães, católicos, a quem os hereges tinham obrigado a abandonar o serviço e a pátria, pelo único motivo de quererem continuar fiéis à sua fé.

Os legados, vendo os três jesuítas muito pobremente vestidos, mandaram-lhes fazer sotainas novas; os religiosos vestiam-nas por deferência quando se dirigiam às sessões; mas quando saiam, despiam-nas e vestiam as outras. Davam conta ao seu Padre Geral

de tudo o que faziam e contavam fazer e, pediam-lhe sempre os seus conselhos, que seguiam cegamente.

Tendo sido interrompida indefinidamente a sessão, Inácio de Loiola reclamou o Padre Laynez, do qual tinha necessidade em Roma, e a quem Florença, por outra parte, reclamava com empenho. Mas o Cardeal de Santa Cruz aduziu tão poderosos motivos para o deixar em Trento, que o nosso Santo teve que ceder.

Ao mesmo tempo, o Bispo de Trieste passava a melhor vida, e Fernando, rei dos Romanos, sob o poder do qual estava aquela diocese, depois da recusa do Padre Bobadilha, então em Ingolstadt, lançou as suas vistas para outro membro da Companhia de Jesus e pediu o Padre Cláudio Lejay, já conhecidos apreciado e venerado nos seus Estados. O Padre Lejay estava em Trento; o rei Fernando escreveu-lhe e exprimiu-lhe o desejo de que aceitasse a sé de Trieste, para a qual. acabava de o nomear. O humilde religioso ao ler essa carta. ficou como assombrado por um raio:

"As dignidades não podem convir aos membros da Companhia de Jesus; - respondeu logo a Fernando - a outras ordens é que se deve dirigir para encontrar Bispos; além de que um tal fardo seria muito superior às minhas forças".

Escreveu em seguida ao seu muito amado Padre Inácio, queixando-se-lhe com o terror e a simplicidade duma criança, mas com a humildade e desprendimento dum Santo. Pedia-lhe que procedesse energicamente junto do Papa, a fim de afastar este golpe da Companhia, e acrescentava:

"Declaro-lhe, meu reverendo Padre, que se a obediência me não detivesse em Trento, afastar-me-ia a toda a pressa e ocultar-me-ia de modo que fosse impossível encontrarem-me".

Os legados apostólicos enviam o Padre Lejay a Veneza. O rei Fernando, julgando-o tanto mais digno do episcopado quanto mais ele procura afastar-se dele, manda a Veneza o seu confessor, o Bispo de Laubach, e recomenda-lhe que empregue todos os esforços para convencer o Padre Lejay a aceitar o bispado de Trieste. O Bispo de Laubach fala a uma pedra: Lejay é inflexível. D. Fernando pede ao Papa que ordene a Lejay que aceite o bispado; o embaixador, Tiago Lasso, recebe ordens para tratar esta questão

com toda a atividade. O Papa envia a Inácio a carta de D. Fernando; o nosso Santo corre a toda a pressa a casa do embaixador, que lhe faz conhecer as ordens do seu soberano, escritas por seu próprio punho, e lhe diz que, depois duma vontade tão energicamente expressa por um príncipe, não é possível responder com uma recusa. Inácio persiste na sua oposição. Tiago Lasso declara-lhe que não se encarrega de a comunicar ao rei. Inácio dirige-se ao Sumo Pontífice e exprime-lhe a sua grande dor. É expor a Companhia a perder a humildade, que deve fazer a sua força e a sua glória, - afirma o Santo abrir-lhe a porta às dignidades e às honras.

Mas Paulo III tinha decidido esta nomeação, havia prometido interpor a sua autoridade; pensava também que o Padre Lejay era tanto mais digno do episcopado, quanto mais o recusava com energia. Respondeu, pois, ao nosso santo:

"O coração dos reis está nas mãos do Senhor". Pensamos que o rei D. Fernando foi dirigido pelo Espírito de Deus neste negócio. Todavia consultaremos a vontade divina e convidamos-vos a fazer o mesmo".

Inácio retirou-se desconsolado com a disposição do Papa e procurou em seguida os Cardeais, que sabia serem dedicados à Companhia. O Cardeal Carpi escreveu a D. Fernando e nada conseguiu; mas Inácio de Loiola não desanimou. Sempre enérgico por natureza, sempre inflexível em tudo o que tocava à glória de Deus ou ao espírito da Companhia, cujo único fim era o aumento desta glória, o nosso Santo não podia dar-se por vencido diante de todas estas dificuldades. Margarida de Áustria tinha-se posto sob a sua direção, depois da morte do Padre Codure; recorre à sua intervenção, diz-lhe que vai escrever ao rei D. Fernando e pede-lhe que obtenha do Papa que a nomeação do Padre Lejay fique suspensa até que D. Fernando lhe responda. 0 -Papa concede a demora pedida pelo príncipe, e Inácio escreve ao rei:

"Conhecemos, grande Príncipe, o afeto de Vossa Alteza à nossa Companhia, e o zelo que anima Vossa Alteza pela salvação dos povos confiados à sua guarda. Damos graças a Deus por isso e suplicamos à Bondade divina que inspire a Vossa Alteza os meios de realizar com êxito tudo o que a piedade de Vossa Alteza lhe faça empreender. Mas, ousamos dizê-lo, o maior benefício, o maior favor com que a bondade de Vossa Alteza nos pode honrar, é ajudar-nos a caminhar com fidelidade e sinceridade nas vias da nossa vocação.

Estamos persuadidos de que as honras e dignidades lhe são opostas; afirmamos até, e é nossa profunda convicção, que nada há mais eficaz para alterar e destruir o espírito do nosso Instituto do que forçar-nos a aceitar bispados. Aqueles que formaram esta Companhia tiveram por fim ir a todos os cantos do mundo ao primeiro sinal do Sumo Pontífice. O espírito da nossa Companhia é ir, com toda a humildade e simplicidade, duma cidade a outra, duma província a outra trabalhando na santificação das almas para maior glória de Deus, mas não limitando os seus trabalhos a um só país. A Sé apostólica confirmou este ponto das nossas regras; Deus tem provado que lhe era agradável com o aumento de piedade resultante dos trabalhos de alguns dos nossos, trabalhos que aprouve à bondade e à clemência infinitas abençoar e fecundar. Ora as sociedades religiosas não podem viver senão pela manutenção do seu primitivo espírito, que é a sua alma. Se o nosso for conservado, a Companhia viverá; se o perdermos, breve será destruída. Fácil é imaginar o flagelo que pesaria sobre nós, se se nos impusesse a aceitação de bispados. Somos apenas nove professos e já foram propostas sés episcopais, a quatro ou cinco as quais todos tem energicamente recusado: se um só aceitasse os outros julgariam ser-lhes lícito imitá-lo, e esta Companhia não somente degeneraria do seu primitivo espirito mas não tardaria a dissolver-se por causa da dispersão dos seus membros. Esta Ordem, a menor de todas, tem já feito bem pelo exemplo da santa humildade e da pobreza. Se os povos nos vissem entrar nas honras e nas riquezas, a alta opinião, que têm de nós, mudar-se-ia em opinião contrária, e, com grande escândalo de muitos, o caminho da santificação das almas fechar-se-ia para nós.

É inútil acumular razões. Imploramos a clemência e a sabedoria de Vossa Alteza; pomo-nos com confiança sob a sua proteção, e, como estamos certíssimos de que Vossa Alteza não quer a ruína da nossa Sociedade, pedimos, exoramos a Vossa Alteza, pelo sangue de Jesus Cristo, que siga a inspiração da sua consciência e o impulso da sua bondade, preservando-nos de tal perigo, e considerando como seu este pequeno rebanho que acaba de nascer, suplicando-lhe que o conserve para glória da eterna Majestade.

Faço votos porque Vossa piedosa Alteza seja para sempre adornado e cumulado de todos os dons e de todas as graças celestes."

D. Fernando não pôde resistir ao pedido do santo fundador; o seu embaixador recebeu ordem de desistir; o Papa, não tendo motivo

para constranger Inácio, não insistiu mais, e o nosso Santo, satisfeitíssimo com este resultado fez cantar um Te Deum e pediu missas de acção de graças a toda a Companhia.

Era muito favorável a ocasião para a deixar perder. Inácio de Loiola não deixava escapar nenhuma, e aproveitou esta para tratar com o Sumo Pontífice uma questão que, para ele era a vida ou a morte da sua querida Companhia. Procurou Paulo III, e, depois de lhe agradecer o ter suspendido a sua decisão suprema até à resposta de D. Fernando, acrescentou:

- A nossa pequena Sociedade é apenas composta de duzentos membros aproximadamente e de nove professos. Se lhe tiram os seus homens de méritos, em que se tornará ela? A elevação dum só prejudica a todos: introduziria o espirito de ambição, que é o mais oposto ao ela Companhia. Estou longe de censurar as Ordens religiosas que aceitam as dignidades e desempenham os cargos para edificação das almas e glória de Deus; mas a nossa pequena Companhia difere dessas Ordens, que pela sua antiguidade, adquiriram a força necessária para poderem arcar com tão pesados fardos. A nossa acaba de nascer e está muito fraca... Santíssimo Padre, considero as antigas Ordens religiosas, na Igreja militante, como esquadrões de soldados destinados a permanecer no posto que lhes foi destinado, conservando a sua posição, fazendo face ao inimigo, sempre em ordem de batalha, não tendo outra maneira de combater, porque é assim o corpo de que fazem parte e todo o exército deve ter corpos deste gênero. Mas nós somos um corpo de cavalaria ligeira, sempre prontos ao tempo de alarme, vigiando as surpresas atacando, ou defendendo segundo as circunstâncias, e, como esquadrões volantes, fazemos fogo de todos os lados e escaramuçamos sempre.

O Papa compreendeu as razões do santo fundador e aprovou-as em todos os pontos.

-

-

- Posterior

VII. DESENVOLVIMENTO DA COMPANHIA

A Companhia de Jesus desenvolvia-se rapidamente em Portugal e na Espanha. Os aspirantes surgiam, com pactos, à voz do Padre Fabro e à do Padre Araoz, cuja eloqüência electrizava os espanhóis. Diz-se que, percorrendo as diversas províncias da sua pátria, com Pedro Fabro, era obrigado a pregar ao ar livre para satisfazer a multidão, que se acotovelava junto dele. Colocavam um púlpito na praça, a multidão reunia-se em volta dele, as janelas das casas guarneciam-se de gente, chegavam a subir aos telhados para ouvir a sua poderosa palavra e as lágrimas da mais viva contrição corriam de todos os olhos. Os Exercícios Espirituais, dados pelos dois Padres, levaram a reforma a todos os conventos, cuja disciplina se havia relaxado; acenderam no clero o espirito sacerdotal, muito enfraquecido em grande número de sacerdotes e sobretudo entre os párocos das freguesias rurais; enfim, determinaram numerosas vocações religiosas e produziram em toda a parte frutos maravilhosos.

Pedro Fabro acabava de fundar um colégio em Valhadolid, e o rei de Portugal nomeara-o Patriarca da Etiópia, apesar da sua saúde, gasta por tantas fadigas, causar grande inquietação aqueles que o amavam. Recebeu entretanto ordem de abandonar a Espanha e de se dirigir a Roma, para ir em seguida ao Concilio de Trento, aonde o Papa queria enviá-lo, com o mesmo título e para o mesmo fim que Laynez e Salmeron. Sabendo esta notícia, os seus amigos, consternados, convidam-no a demorar-se algum tempo a fim de se restabelecer.

- Empreender essa viagem, - disseram-lhe - no estado de saúde em que se encontra, é correr à morte.

- Não é necessário viver; - respondeu o Santo - mas é necessário obedecer.

Partiu no mês de Maio de 1546; passando em Gandia, coloca, a primeira pedra dum colégio fundado a expensas do duque Francisco de Bórgia. Em Barcelona, aonde chegou no mês de junho, apesar da febre que o devorava e do calor sufocante da atmosfera, prega e converte. Enfim, chegando a Roma, morre no dia i de Agosto de 1546, nos braços do seu muito amado Pai espiritual, que o cobre de

bênçãos e de lágrimas; todos os Padres choram também com grande dor:

- Foi de muita utilidade; - diziam os Padres ao Padre Geral-fez tanto bem ! Trabalhou tanto para glória de Deus ! fez brilhar tanto a Companhia! Terá um sucessor digno?

- Terá, sim, - respondeu Inácio em tom de inspirado. Não nos aflijamos com esta grande perda, que Deus breve reparará para a Companhia dando-lhe um personagem que contribuirá maravilhosamente para a difundir e ilustrar pelas suas eminentes virtudes, seu raro talento, sua grande capacidade e seu zelo verdadeiramente apostólico.

Este personagem era o duque de Gandia, Francisco de Bórgia. Havia muito tempo que Deus dera a conhecer ao nosso Santo que um fidalgo de Espanha entraria na Companhia e seria uma das suas mais belas glórias, um dos seus maiores santos. Naquele mesmo ano de 1546, tendo o duque de Gandia perdido sua esposa, apressou-se a corresponder ao chamamento divino consagrando-se à vida religiosa. O duque amava ternamente sua esposa, D. Leonor de Castro, de quem tinha oito filhos; mas sentia-se impelido a uma vida mais perfeita e havia prometido a Deus abandonar tudo para seguir a sua voz, se a duquesa falecesse antes dele. Deus chamou a si D. Leonor no dia 27 de Maio de 15 46, e, alguns meses depois o duque de Gandia escrevia a Inácio de Loiola a pedir-lhe que o recebesse no número dos seus noviços.

D. João da Vega, que vimos embaixador de Carlos V em Roma, fora nomeado vice-rei da Sicília, e, apenas estabelecido no seu governo, sentiu necessidade de. chamar os jesuítas para reformar os costumes, fazer reviver a fé, educar a juventude e fazer descer as bênçãos do céu sobre a Sicília. Depois de ter tomado as suas medidas, escreveu ao santo fundador da Companhia de Jesus, expôs-lhe as necessidades espirituais do país que lhe foi confiado, disse-lhe que o material de dois colégios estava pronto e só esperava os Padres, e suplicou-lhe que lhos enviasse para a cidade de Messina e para a de Palermo, já preparadas para os receber.

O Santo reuniu os seus Padres de Roma, participou-lhes o pedido de D. João da Vega e acrescentou:

"Orem durante três dias por esta intenção, pedindo a Deus Nosso Senhor que nos faça conhecer a sua santíssima vontade, que me inspire na escolha daqueles que devem ir e que disponha os que quer que vão para esse destino. No quarto dia, cada um me responderá por escrito a estes três pontos: 1º É-lhes indiferente ir à Sicília ou permanecer em Roma, e a resolução do Superior, que ocupa junto de nós o lugar de Deus, ser-lhes-á preferível a tudo? 2º Se forem enviados à Sicília, estarão dispostos a ensinar, a desempenhar as funções que exigem a ciência e o trabalho da inteligência, ou a exercer os empregos domésticos? 3º Se forem ocupados no ensino ou no estudo, estarão dispostos a estudar as disciplinas ou a reger a classe que lhes for designada pelo superior? Enfim, julgarão que tudo o que lhes for mandado pela obediência será o melhor para as suas pessoas e o mais útil para sua salvação?

Havia perto de quarenta Padres naquele momento nas casas de Roma; todos, sem exceção, enviaram, no quarto dia, a Santo Inácio, a resposta por escrito declarando estarem prontos a partir, não somente para a Sicília, mas para as Índias e para qualquer parte do mundo, e que aceitariam os ministérios mais elevados ou mais humildes, ao primeiro sinal do seu muito amado Padre, do seu venerado mestre em Jesus Cristo.

O santo geral da Companhia escolheu então doze Padres para os colégios de Messina e de Paterno, todos pertencentes a nações diferentes, à exceção de dois, que pertenciam ao mesmo país. Todo o espirito, porém, de rivalidade nacional se perdia no noviciado; a Companhia não contava senão irmãos nas suas falanges de heróis.

Por essa época, o Sumo Pontífice pediu ao nosso Santo que empregasse a sua caridade e influência na pacificação dos habitantes de Tivoli e de S. Ângelo, que estavam sempre de armas na mão. Ávidos do sangue uns dos outros, só respiravam vingança; e, não tendo produzido resultado as medidas tomadas pela autoridade, o Papa só tinha esperança na intervenção de Inácio de Loiola.

O Santo dirigiu-se a Tivoli, a casa de Luís de Mendonça, que o acolheu com alegria e veneração; viu Margarida de Áustria, duquesa de Parma, da qual dependia a Senhoria de S. Angelo; entende-se com os magistrados de Tivoli e de S. Ângelo, fala com os habitantes, e consegue acalmá-los e fazer-lhes, aceitar a arbitragem do Cardeal La Cueva. Luís de Mendonça, contente com esta pronta pacificação,

oferece uma casa, um jardim e uma igreja a Inácio para um estabelecimento da Companhia e o santo fundador toma posse dele no dia 8 -de Setembro, festa da Natividade da Santíssima Virgem, a quem a igreja era dedicada.

Numerosos cristãos estavam cativos havia muito tempo nos reinos de Fez e de Marrocos. O rei de Portugal, compadecido dos seus sofrimentos, pede a Inácio de Loiola a heróica dedicação dos seus discípulos para levarem a esses desgraçados a consolação e a esperança. Inácio envia os Padres João Nunes e Luís Gonçalves da Câmara a trabalhar na libertação e no sustento espiritual daqueles infelizes escravos.

O pirata Dragut, chamado Barba-roxa, espalhava o terror no Mediterrâneo. Carlos V envia uma frota contra ele e o Padre Laynez acompanha a expedição e prodigaliza os cuidados do seu ministério ao exército imperial.

Pouco depois, D. João III abre ao zelo da Companhia os vastos campos da América meridional; são conhecidos os prodígios que ela ali operou.

O Concílio de Trento foi de novo e indefinidamente adiado; os espíritos de parte a parte exasperados, hostilizavam-se incessantemente; tomaram-se armas, os protestantes tinham sofrido uma derrota, e o imperador Carlos V, querendo acalmar a agitação sempre crescente dos alemães, publicou uma fórmula de fé obrigatória para os seus súbditos, esperando que a Igreja decidisse pela voz do Concílio. Esta fórmula, chamada o Interior continha artigos contrários à fé e à disciplina da Igreja e foi atacada pelos teólogos.

O Padre Bobadilha, então na corte de Carlos V, e amado dos senhores que rodeavam o poderoso monarca, foi um dos mais ardentes em atacar a doutrina heterodoxa do soberano, e deixou-se arrastar pelo seu zelo, mesmo em presença de Carlos V, até esquecer o respeito devido a uma cabeça coroada. Não contente de combater a doutrina do Interior, deixou escapar algumas palavras amargas para o seu imperial autor, censurando-lhe a condescendência para com os hereges e acrescentando: "Nada é mais de molde a sustentar divisões do que uma falsa paz".

Carlos V, magoado coxas a liberdade do Padre Bobadilha, mandou-lhe intimar ordem de sair dos seus estados. O Jesuíta, satisfeito com receber esta humilhação pela defesa da verdade, parte, abandona a Alemanha e dirige-se a Roma, onde o Interior era apreciado como merecia. Inácio de Loiola recusa, no primeiro momento, a entrada na casa professa a Bobadilha:

"Não posso receber, - disse-lhe - numa casa da Companhia um homem assaz imprudente que esquece o que deve à majestade imperial quando defende a doutrina da Igreja".

O Papa aprova o Padre Bobadilha em segredo, a corte romana aprova-o igualmente; rasas Inácio censura-o publicamente, e, depois de ter dado deste modo uma reparação a Carlos V, recebe Bobadilha de todo o coração. O geral tinha punido e censurado; o pai perdoava e abençoava.

Os acontecimentos não tardaram a justificar o procedimento do nosso Santo para coxas a imprudência do excessivamente zeloso jesuíta. A cólera do imperador deu coragem aos protestantes e teve um lamentável eco em Espanha, onde a Companhia obtinha muitos e importantes triunfos por não ter inimigos.

A temeridade do Padre Bobadilha, a medida rigorosa de Carlos V, o triunfo dos hereges, tudo isto foi explorado pelo espírito malévolo de Melchior Cano, dominicano, doutor da Universidade de Salamanca e grande pregador. Atacou os jesuítas nos seus escritos, nos sermões, de todos os modos: os jesuítas eram os precursores do Anticristo, eram inimigos da Igreja e do Papa, hereges, cismáticos, hipócritas... O povo fica espantado com esta descoberta; pergunta a si mesma como pôde deixar-se iludir pelas aparências de santidade dos Padres jesuítas a ponto de os venerar mais profundamente do que venerava os religiosos doutras Ordens. Mas todos os dominicanos de Salamanca estão longe de partilhar as opiniões de Melchior Cano. Um deles, João Pena, responde aos seus ataques contra os jesuítas com a mais completa apologia Defende-os nos seus sermões e nos seus escritos, assim como na sua Cadeira da Universidade. Melchior Cano acusa-os de não serem autorizados pela Igreja, e Pena opõe-lhe a bula de Paulo III, que os reconheceu e exigiu a Companhia em Ordem. religiosa. Condena os Exercícios Espirituais, que acusa de encerrar todas as espécies de segredos culpáveis, e opõe-lhe a bula dada pelo Papa, alguns meses antes, para aprovar e recomendar ao mundo o livro desses

Exercícios e a sua prática. Enfim, o superior geral dos Dominicanos, sabendo o procedimento de Cano, declara-se abertamente amigo e admirador da Companhia de Jesus; todos os esforços do malévolo religioso só conseguem fazer-lhe perder a estima e a confiança de que gozava e lançar novo brilho sobre a Companhia, que ele se esforçava por esmagar e desonrar.

Apesar das fadigas que lhe causavam estas lutas constantes, o santo fundador não negligenciava o seu governo.

Estava ao corrente de tudo o que interessava cada uma. das casas da Ordem, e levava a sua atenção até a informar-se dos progressos dos alunos de todos os colégios da Companhia. Os professores da Sicília davam-lhe conta do seu trabalho, todas as semanas. Os dos colégios de Espanha enviavam-lhe todas as teses de filosofia e de teologia, assim como as composições em prosa ou em verso, que ele queria receber tais quais saíam das mãos dos jovens, antes de terem sofrido a menor correção. Lia tudo e fazia em seguida examinar esses escritos por outros, na sua presença. Não cessava de recomendar aos estudantes que não tivessem em vista senão a Deus, nos seus estudos, e que se persuadissem bem de que este trabalho, empreendido e sustentado para a maior glória do mesmo Deus, lhes era mais útil do que longas orações.

Quem se admira com razão de ver um só homem atender a tão grandes e tão pequenas ocupações, pergunta se ele podia, sem milagre, dar a Deus tempo tão considerável e governar e dirigir a sua casa de Roma, de modo que aproveitasse as menores disposições de cada um daqueles que a compunham, corresponder-se com todos os superiores das casas espalhadas no mundo; ocupar-se dos colégios, que acabamos de indicar; tratar os negócios da Igreja com o Papa e os Cardeais que o consultavam; sustentar correspondência com alguns soberanos da Europa; dirigir todos os dias novas fundações distantes; enfim, continuar, na Cidade Eterna, as suas obras de caridade e misericórdia, de que sempre dava exemplo aos seus numerosos discípulos.

Inácio já não era novo, e a sua saúde, fraquíssima, era muitas vezes violentamente abalada por doenças inquietadoras. É, pois, permitido pensar que Deus multiplicava os prodígios em favor do Santo para honra e glória da nova Companhia e para admiração do mundo.

VIII. O CORAÇÃO DO SANTO

Já falamos das solicitudes que Santo Inácio dedicava à direção espiritual da casa de Roma, e da perfeição que exigia de todos aqueles que Deus chamava à honra de o servir na Companhia de Jesus; mas far-se-ia uma fraca idéia da sua competência e do seu espírito de discernimento se nos limitássemos aos traços já citados. Demais, temos falado principalmente da sua serenidade e da sua firmeza; devemos falar também dos tesouros de indulgência, da bondade, da doce e compassiva caridade que constituíam o fundo do seu grande coração. Para isso, entraremos em minudências, pois é por elas que o homem se dá a conhecer.

Conta-se que, quando Santo Inácio decidia uma coisa, mesmo pouco importante na aparência, adiava sempre a execução para a pôr nas mãos de Deus, apesar de o ter já consultado antes de submeter a sua opinião aos Padres que compunham o seu conselho. "Convém dormir ainda sobre o caso", dizia-lhes ele com a maior tranquilidade.

Quando se conhece a impetuosidade da sua ardente natureza, não se pode deixar de admirar a completa transformação nele operada. Era senhor de si mesmo e de todas as suas impressões, a ponto de não as deixar nunca transparecer no rosto senão na medida da sua vontade e em harmonia com o bem que tinha em vista. O seu rosto era calmo e sereno, 0 olhar doce e límpido; mas, se acontecia que um noviço ou outro qualquer membro da Companhia caísse numa falta que o geral julgasse dever punir severamente os seus olhos brilhavam, o rosto parecia transformado, a voz era severa. Desde que o culpado se afastava, Inácio readquiria a doce serenidade e ninguém se apercebia, se o visitasse, do que acabara de passar-se. O Padre Olivier Manare mostrava-lhe um dia o desejo de abandonar o colégio de que era superior, porque, desde que ocupava este cargo, experimentava a violência de caráter que julgava completamente extinta.

- Não se trata, - lhe responde o Santo - senão de governar esta disposição de maneira tal que, sem dominar, o superior mantenha os inferiores no dever; mas não deve servir-se dela com severidade senão nos casos graves e para as almas fortes. Aquelas cuja virtude é tímida, exigem mais deferência.

Era assim que ele procedia. Quanto mais os seus religiosos eram perfeitos, tanto menos os poupava, querendo aperfeiçoá-los ainda pelos exercícios duma humildade maior. Era duma extrema severidade para os Padres Nadal e Polanco a quem amava ternamente, e duma extrema indulgência para Pedro Ribadeneira, cuja ligeireza de caráter parecia a alguns merecer maior severidade. Mas Santo Inácio via muito longe e conhecia muito bem os homens para não prever o grau de mérito a que podia chegar aquele que ele tratava com tão doce paciência e tão amável bondade. Usava da mesma indulgência para um noviço japonês chamado Bernardo, enviado à casa de Roma por Francisco Xavier. Deu-lhe durante muito tempo os encargos mais suaves, recomendando-lhe que o prevenisse quando estivesse fatigado.

Um noviço italiano não tinha podido moderar ainda o seu olhar muito vivo e muito aberto. Inácio disse-lhe um dia com a mais insinuante voz:

- Irmão João Domênico, por que não procura fazer ler nos seus olhos a modéstia com que a Deus aprouve adornar-lhe a alma?

João Domênico corrigiu-se um pouco devido a estas poucas palavras. O nosso Santo foi mais severo para o Padre Olivier Manare, que o amava e venerava de todo o coração. Partindo para o colégio de Loreto, de que fora nomeado reitor, foi pedir a bênção do seu bom Padre Inácio, e não pôde afastar a vista do venerável rosto do santo fundador, que temia não tornar a ver. Santo Inácio pareceu não dar por isso; mas no momento em que o Padre Manare saía de casa, o Padre Polanco foi-lhe ao encontro e disse-lhe:

- O nosso bom Padre não ficou contente com a maneira com que Vossa Reverência o fixou, e encarrega-me de lhe dizer que deve trabalhar para se corrigir desta falta, e fazer todos os dias um exame sobre isso, recitar três orações e dar-lhe conta todas as semanas destas penitências.

Ao mesmo tempo, o Padre Polanco dava-lhe por escrito este aviso e a designação das orações vocais que devia recitar todos os dias. Por esta falta, que contudo não era mais que uma ternura do coração, o Padre Manare fez durante quinze meses a penitência que lhe foi imposta.

Não se sabe, realmente, qual dos dois se deve mais admirar, se aquele que a impôs, se aquele que se submeteu a ela.

Um noviço, ao entrar na Companhia, tinha trazido um crucifixo, junto do qual havia uma pequena imagem da Santíssima Virgem. Este grupo era um objecto de arte, que o jovem muito estimava. O Padre Geral fechou os olhos e deixou-o gozar do seu tesouro; mas, quando viu o noviço assaz avançado no caminho do desprendimento, disse:

- Agora, que este irmão tem o crucifixo no coração, bem impresso, é tempo de lho tirar das mãos.

E mandou-lho tirar, sem que o noviço desse sinais do menor pesar. Ia mais longe. Sabia, por experiência, quanto custa aos grandes da terra sacrificar os títulos e as honras de que gozam no mundo. Quando se apresentavam aspirantes duma virtude medíocre, mas realmente chamados e desejosos de serem todos de Deus e de se dedicarem ao seu serviço, tinha todas as deferências para com eles e conservava-lhes até os seus títulos: era senhor duque ou senhor marquês, e, no caso de necessidade, Vossa Excelência. Os recém-vindos, lisonjeados a princípio com a distinção, achavam-se daí a pouco embaraçados, porque os seus iguais no mundo, que viviam com eles no noviciado, não se preocupando com o que tinham calcado aos pés, eram para eles uma como censura muda, mas eloqüente, do seu resto de vaidade. Corriam então, a lançar-se aos pés do boxe Padre Geral e suplicavam-lhe permitisse que os tratassem como irmãos e não como mundanos. Quando chegavam ao ponto de virtude necessária para suportar fortes provas, Inácio humilhava-os até que tivessem esquecido completamente a sua origem Procedia do mesmo modo para com aqueles que se tinham ilustrado no mundo pela ciência ou talento; queria uma completa transformação: "É necessário, - dizia muitas vezes - sabermos acomodar-nos aos negócios que não podem acomodar-se a nós. É necessário sabermos entrar pela porta de certas pessoas, a fim de as fazer sair pela nossa".

É o que ele sabia aplicar maravilhosamente à direção das almas. Tendo Gaspar Loarte, pregador de grande celebridade em Espanha, ido a Roma, entrou na Companhia de Jesus. Inácio de Loiola sabia que Deus abençoava ordinariamente os trabalhos apostólicos em proporção da santidade dos apóstolos; viu, pois, logo o bem que faria um talento como o de Gaspar Loarte, se a sua alma chegasse a

um grande grau de perfeição, e traçou o seu plano de maneira a assegurar esta conquista à Companhia. Quis submeter este noviço às mais rigorosas provas e adoptou ao mesmo tempo os meios necessários para o premunir contra o desânimo. Era necessária toda a habilidade do nosso herói para levar á realização este plano com o êxito desejado. O processo que empregou é interessante; ei-lo tal como está consignado nas Memórias do Padre Luís Gonçalves da Câmara, então ministro na casa de Roma; e a quem o Padre Geral tinha encarregado de experimentar este noviço.

Foi combinado que Inácio se reservava o trabalho de sustentar a coragem e a virtude de Gaspar, enquanto o Padre Luís Gonçalves se ocuparia de as exercitar; porque se fosse o contrário, o noviço não teria certamente perseverado. Era necessário que a consolação e a animação lhe viessem do mais alto possível, e que encontrasse o coração do superior sempre aberto para ele; tanto mais que Santo Inácio aproveitava todas as ocasiões para pôr em realce o mérito do Padre ministro na prova dos noviços e a vantagem que advinha para estes últimos de serem formados na vida espiritual por um homem de tão alta virtude e de tão grande experiência. Havia já muito tempo que Gaspar Loarte estava submetido a este regime, quando o Padre ministro lhe perguntou um dia:

- Que pensa da santidade do nosso Padre Inácio?

- O que penso é que esse bom Padre é realmente uma fonte de óleo; é todo unção.

- E de mim?

- Ah! Vossa Reverência é uma fonte de vinagre!

Tendo o Padre Gonçalves feito conhecer essa resposta ao nosso Santo, ficou Inácio muito satisfeito com a franqueza do Padre Gaspar, e convidou o Padre Gonçalves a moderar o rigor das provas, tão bem suportadas até então. É verdade que as lágrimas corriam algumas vezes dos olhos do Padre Gaspar, mas concluía dai que lhe restava ainda muito caminho a percorrer para chegar ao grau de humildade em que Deus o queria; e corria a lançar-se nos braços do Padre Inácio,, confessava-lhe a sua fraqueza, vertia muitas lágrimas e confessava que tinha necessidade de força e de consolação. O bom Padre Geral dava-lhe ambas as coisas e o Padre

Gaspar voltava à sua vida de prova com ardente desejo de atingir a perfeição, à qual era chamado. Pouco depois, julgando-o Santo Inácio assaz avançado para dirigir os outros, nomeou-o reitor do colégio de Génova.

Era para o nosso herói uma alegria incomparável ver o bom resultado dos seus esforços em casos semelhantes. Nunca teve maior felicidade do que no dia em que, tendo perguntado a Jerónimo Nadal, que tanto pesar lhe causara com as suas primeiras resistências, qual das três residências designadas preferia, este lhe respondeu com toda a simplicidade:

- Padre, a minha única inclinação é não ter nenhuma.

Fazendo-lhe a mesma pergunta, o Padre Manare respondeu também com simplicidade

Estou pronto a tudo, mesmo a morrer, se a morte for conseqüência da obediência.

Tais eram os homens formados na escola de Inácio de Loiola.

A mais dolorosa prova para eles era afastarem-se da; casa de Roma, onde lhes era dado verem o seu muito amado Padre Geral, admirarem a sua maravilhosa santidade, gozarem a sua ternura paternal. Eram tão ternamente amados por ele, que cada um podia julgar-se o filho preferido do seu coração. Quando chegava o momento de se separarem dele, Inácio informava-se minuciosamente do pequeno viático que levavam, querendo que todos tivessem o indispensável para viajar pobremente. A sua solicitude seguia-os, acompanhava-os na viagem, e era uma festa para o seu coração de pai quando vinha a notícia de que tinham chegado ao termo do seu destino.

Nada era comparável à terna caridade e à solicitude da nosso Santo para com seus filhos doentes. Não somente os ia ver, abraçá-los, consolá-los e prodigalizar-lhes os seus cuidados; mas, não podendo ficar por muito tempo com eles, em razão das suas imensas ocupações, queria que lhe levassem notícias deles algumas vezes durante o dia. Se a doença necessitava dum tratamento assíduo, informava-se da exactidão dos enfermeiros em observá-lo escrupulosamente; a negligência neste gênero, por ligeira que fosse,

era severamente punida.

Num momento em que o número dos doentes era assaz considerável, dois noviços, recentemente entrados, foram atacados da doença reinante; não havendo lugares, estando alguns quartos já transformados em enfermarias e sendo então os recursos pecuniários muito limitados, propôs-se ao Padre Geral que fizesse transportar os dois recém-vindos ao hospital:

- Ah! isso nunca! - respondeu. Aquele que abandonou o mundo para servir a Deus, não encontrará um asilo nesta casa? Dê-se-lhes já o mais necessário; Deus nos enviará o que nos falta.

Noutra circunstância, tendo o médico ordenado que se desse a um convalescente um alimento bastante caro, o ecônomo queixou-se ao Padre Geral e disse-lhe:

- Padre, tenho apenas uma quantia diminuta, que mal chega para acudir às necessidades urgentes de hoje.

- Pois bem, - respondeu o bom padre - gaste-se tudo com o doente; nós, que estamos bons de saúde, podemos contentar-nos com pão. Estamos bons de saúde! Sabe-se qual o estado de sofrimento em que sempre estava o seu estômago; mas isso pouco lhe importava.

Quando os seus queridos Padres doentes estavam tristes, mandava para junto deles os mais jovens noviços músicos e pedia-lhes que lhes cantassem cânticos para os distrair. Pensava Inácio que estas jovens e frescas vozes seriam um calmante para os seus nervos abalados. Ia ver os seus doentes no meio da noite, para se assegurar dos cuidados do enfermeiro e ver se tudo se fazia com exactidão, segundo as prescrições do médico. Algumas vezes se levantou de noite para ver se um Padre que tinha sido sangrado, tirara, ao dormir, as tiras do braço.

Compreende-se que esta bondade tão comovedora lhe cativasse os corações de seus filhos, e que, para eles, ninguém substituísse o seu querido Padre. Por isso o santo geral encontrava da parte deles mais pressa do que resistência em aceitar as humilhações que julgava dever impor-lhes para fortificar e aumentar a virtude dos seus religiosos.

O Padre Bobadilha pediu-lhe um dia para mudar de quarto; o que ocupava era muito pequeno, muito incômodo, e preferia outro que designou.

- Isso seria um mau precedente; - respondeu o nosso Santo-outros, a exemplo de Vossa Reverência, quereriam também fugir aos inconvenientes da santa pobreza. Não somente não mudará de quarto, mas irá arranjar tudo, naquele que ocupa, de modo a alojar nele dois companheiros que para lá mandarei.

O Padre Bobadilha obedeceu imediatamente, sem a mais ligeira hesitação.

Um noviço declara um dia ao Padre Geral que desespera de atingir o ponto de perfeição a que todos os seus irmãos lhe parecem chegados, que quer renunciar a uma vida para a qual se reconhece indigno e voltar ao mundo. Inácio conversa com ele durante grande parte da noite, chega a persuadir-lhe que aquele desânimo é obra do demônio e vê-o cair a seus pés, banhado em lágrimas, pedir-lhe uma penitência proporcionada à sua culpa:

- A penitência que lhe dou, - disse-lhe o Santo levantando-o e abraçando-o - é que nunca se arrependa de ter querido servir a Deus. Eu oferecerei uma outra por si, se Nosso Senhor não me julgar indigno disso, todas as vezes que as dores de estômago me apoquentarem.

Pedro Ribadeneira, como já dissemos, era leviano como uma criança; alguns Padres tinham pedido a Inácio que o despedisse, dizendo que ele nunca poderia ocupar um lugar entre os homens graves de que a Companhia era composta. Inácio, que pensava . de modo diferente, queria conservar o jovem brincalhão, e fechava os olhos às suas infantilidades. Mas o espírito do mal, que os tinha muito abertos, conhecendo que o jovem Pedro se conservava ali pela terna veneração que tinha a Inácio de Loiola, soube mudar-lhe de repente este sentimento a tal ponto que aquele amor e veneração se transformaram em desgosto e antipatia. Inácio não mudou as suas maneiras, não deu a perceber que notava que Pedro lhe fugia; contentou-se em orar por ele e em pedir a Deus que lhe indicasse o meio de vencer no coração do jovem um sentimento tão oposto àquele que até então o havia conservado no noviciado. Inácio tinha pedido algumas vezes a Pedro que fizesse os Exercícios Espirituais;

mas Pedro respondia sempre que preferia abandonar a casa e a Companhia. Um dia, o nosso Santo conheceu que a sua prece era ouvida e que podia falar a Pedro com bom resultado. Mandou-o chamar imediatamente. Pedro apresentou-se disposto como de ordinário, prometendo repelir qualquer proposta de retiro e aproveitar a ocasião para acabar com a questão, declarando que quer abandonar a Companhia.

- Pedro, - diz-lhe Inácio estendendo-lhe os braços meu Pedro, meu caro filho !...

Pedro não o deixa continuar; cai a seus pés, o seu coração rebenta em soluços e exclama:

-Meu Pai! meu Pai! Fá-los-ei, quero fazê-los! sim, meu Pai !

Inácio não tinha ainda pronunciado a palavra retiro e não havia falado dos Exercícios; mas Pedro bem sabia que o inimigo da sua alma era quem o havia impedido de os fazer até então, e ele sentia-se, naquele momento, tão subjugado pela santidade do seu bom Pai, sentia tal necessidade de recuperar o passado, que o seu primeiro grito foi a pedir o que mais havia temido. Lançando-se em seguida nos braços e sobre o coração daquele querido Pai, pelo qual tinha agora a sua primeira veneração, suplicou-lhe que o dirigisse nos Exercícios e que o ouvisse de confissão geral. Inácio concede-lhe. tudo. Depois de o ter ouvido de confissão geral, disse-lhe: apenas estas simples palavras

"Pedro, peço-lhe que não seja ingrato para com aquele de quem tem recebido tão preciosos dons".

Ribadeneira, que nos deixou todas estas informações, acrescenta: "A estas palavras, pareceu-me que um véu caía dos meus olhos. O meu coração ficou tão fortalecido, que, desde esse momento, há cinquenta e dois anos, até hoje, na meu espírito não se levantou nunca a mais ligeira tentação.

Beaudoin Angelo apenas acabou de entrar no noviciado de Roma, arrependeu-se amargamente e quis retirar-se. Tinha deixado no mundo um sobrinho a quem amava, e do qual o seu espirito e o seu coração não podia afastar-se. Não tendo pai aquele jovem, era uma ação pouco digna abandoná-lo, dizia; e queria voltar para ele. O bom

Padre Inácio sabe isto, pede a Deus que lhe fada conhecer a sua vontade; e depois, seguro da luz que recebeu, manda chamar Beaudoin, fá-lo sentar junto dele e diz-lhe no tom mais afetuoso e mais simples

- Quero contar-lhe uma coisa que me é pessoal e que se assemelha muito ao que o senhor experimenta agora pelo seu querido sobrinho. Quando comecei a servir a Deus, e andava, como o senhor, muito ocupado no seu servido, tive que sustentar um rude ataque. O meu querido Beaudoin vai ver como o demônio obrou para me tentar e como Deus Nosso Senhor me ensinou a maneira como devia repelir a seu ataque.

Recitava eu todos os dias o ofício de Nossa Senhora num livro adornado de imagens, no número das quais havia uma muito parecida com minha cunhada. Todas as vezes que esta imagem se me apresentava à vista, recordações da aninha vida do mundo e da corte me vinham ao espírito e o meu coração experimentava a mais viva ternura pelos seus parentes. Querendo desembaraçar-me de recordações importunas, que reconhecia serem muito prejudiciais ao servido da divina Majestade, não achei expediente mais eficaz do que renunciar à prática da devoção, que era para mim uma ocasião desses impulsos para o mundo. Mas compreendi logo que, perdendo o mérito duma obra de piedade, e de muito livre vontade, cedia terreno ao inimigo. Vi que o demônio, no fundo e na forma, me tratava como trataria uma criança. Pois bem, - disse eu - livremo-nos das suas importunidades com a simplicidade duma criança. E cobri a imagem com uma folha de papel. A tentação desapareceu com a ocasião que eu lhe tinha dado".

Depois destas palavras, o santo fundador levantou-se, abraçou ternamente Beaudoin e deixou-o cheio da mais terna alegria.

"De repente, - conta este último - o meu rosto foi inundado de lágrimas e experimentei no fundo do coração um tal sentimento de doçura e de suavidade, que todo o meu amor para com meus parentes se voltou para Deus, e desde esse momento, o pensamento de meu sobrinho nunca foi para mim objecto de perturbação nem de pesar".

Vê-se por isto a grada que Deus concedia à palavra do nosso Santo e a virtude que dava a tudo o que dele vinha.

Lourenço Maggi reunia tudo o que promete o homem superior. Entrado no noviciado, tem daí a pouco um tal desejo de o abandonar, que vem ao encontro do Padre Geral e declara-lhe bruscamente a sua resolução. Inácio não ficou surpreendido e disse-lhe:

- Não vejo nisso dificuldade, visto que assim o deseja; pelo-lhe, porém, que me prometa uma coisa.

- Sim, Padre, tudo o que quiser, exceto continuar na Companhia, demasiado perfeita para mim.

- Não é isso o que lhe peço. O que desejo é o seguinte: - Esta noite, a qualquer hora, mas ao primeiro despertar, coloque-se no seu leito como um homem que está na agonia e só espera o derradeiro momento. Represente-se que vai, em alguns momentos, dar contas da sua vida ao tribunal de Deus Nosso Senhor e ouvir a sua sentença. Represente-se tudo isto o mais vivamente possível. Diga em seguida: "Se eu estivesse neste estado, a quem quisera ter obedecido, a Deus, que me chama ao seu serviço, ou ao demônio, que me quer afastar dele?" Escute a resposta da sua consciência, e pergunte-se, depois disto, se não tem a certeza de chegar um dia a esse derradeiro momento da sua vida. Depois de ter seguido este conselho, abandone a Companhia quando quiser.

No dia seguinte de manhã, Lourenço veio ter com Inácio.

- Então, Lourenço, - lhe disse o Santo - vem dizer-me adeus?

- Padre! se eu não estivesse já no noviciado, suplicar-lhe-ia que me abrisse a porta, apesar da minha indignidade. Nunca conheci tão bem o chamamento de Deus como esta noite.

E o noviço estava de joelhos diante do bom Padre Inácio, pedindo-lhe que esquecesse que ele esteve tão perto de sucumbir à tentação. Esta tentação não se lhe renovou nunca mais.

IX. RENÚNCIA AO GENERALATO

Os protestantes da Alemanha, a quem a partida precipitada de Bobadilha tinha dado coragem, redobraram de ardor e de audácia para propagar as suas funestas doutrinas. O clero alemão, desprovido da ciência necessária para lutar contra a heresia, deixava-lhe ganhar terreno de maneira a fazer recear que trasbordaria breve por todos os lados.

Atemorizado com os seus progressos sempre crescentes, o duque de Baviera escreveu a Inácio de Loiola e pediu-lhe defensores da fé da Igreja, escolhidos entre os mais aguerridos do seu exército. O santo fundador enviou-lhe Salmeron e Canísio, a quem o príncipe confiou as primeiras cadeiras de teologia da Universidade de Ingolstadt. Fizeram ali tais prodígios que, um ano depois, o rei Fernando pedia a Inácio que lhe enviasse uma pequena colônia de jesuítas para estabelecer um colégio em Viena; os príncipes desejariam ter em todas as suas cidades alguns dos valentes soldados da Companhia de Jesus; mas, por numerosos que fossem já, era impossível responder favoravelmente a todos os soberanos.

O rei Fernando pedia Lejay; o duque de Ferrara possuía-o e queria conservá-lo; Inácio julgava a sua presença importante na Alemanha; foi mister empenhar o Cardeal Farnese para levar o duque de Ferrara a fazer o sacrifício do Padre Lejay em favor do rei, e sobretudo dos católicos dos seus Estados.

Entretanto morria o Papa Paulo III e Júlio III substituiu-o na cadeira de S. Pedro. Acabava de conceder ao mundo um jubileu, e Inácio, aproveitando esta circunstância, chamou para junto de si todos os principais religiosos da sua Ordem espalhados na Europa. Simão Rodrigues foi o único dos mais antigos que faltou a esta reunião: tendo o rei de Portugal suplicado ao santo fundador que permitisse que Simão ficasse junto dele, Inácio não recusou este favor a um príncipe que foi o primeiro que se declarou caloroso protetor da Companhia e tinha ajudado muito ao seu desenvolvimento.

Quando todos estes Padres estavam reunidos em Roma, Inácio submeteu-lhes as Constituições, das quais só conheciam a prática. Todos, formados na escola do santo fundador ou na dos seus primeiros discípulos, seguiam a regra estabelecida na casa a que

chegavam, e levavam-na depois às que iam fundar. A regra estava viva por toda a parte, sem estar escrita em nenhuma. Além disso, é sabido com que exactidão e cuidado o nosso Santo dirigia por cartas todas as residências e todos os colégios da Companhia. Mas era necessário havei Constituições escritas e aprovadas para o futuro, e já vimos como, auxiliado pelas luzes divinas, Santo Inácio trabalhava nelas. Todavia, exprimiu o desejo de as não submeter à aprovação da Santa Sé senão depois de terem sido aprovadas pela Companhia [55]. Todos os Padres as aceitaram, artigo por artigo, com tanto respeito como se tivessem vindo do céu, à medida que se iam lendo.

Inácio teve um outro fim guando chamou a Roma os mais distintos membros da sua Ordem; mas ninguém então o suspeitava. Acabado o exame das Constituições, tendo-as aprovado todos os Padres, e estando regulados os negócios da Companhia nas suas assembléias, esperavam receber ordem de partida, quando um dia Santo Inácio lhes marca uma reunião para o dia seguinte. Obedeceram. A hora indicada, todos estavam presentes: esperavam o seu Padre Geral para saber dele o motivo da reunião; mas não é o muito amado Padre que se apresenta, é uma carta sua, dirigida à Congregação; com ordem de se ler imediatamente. Reproduzimos esta carta como se encontra em Bartoli:

"Aos meus caríssimos irmãos em Nosso Senhor, membros da Companhia de Jesus."

"JESUS !"

" Depois de ter reflectido maduramente, e sem que nenhuma perturbação exterior ou interior tenha podido influenciar-me na minha determinação, venho agora, sob as vistas de Deus, que me julgará para a eternidade, expor-vos o que sinto, a fim de procurar a sua glória e o seu serviço. Tendo considerado atenta e humildemente a multidão dos meus pecados e as minhas inumeráveis imperfeições, tanto da alma como do corpo, reconheci que estou bem longe de possuir as qualidades necessárias para governar a Companhia, o que ainda agora faço para obedecer à ordem que ela me deu. Peço, pois, a todos, em presença do Senhor, e após graves reflexões, que escolham outro chefe que possa governá-los melhor que eu; e por motivos que me parecem sólidos, peço que o cargo que me foi imposto seja confiado doravante a

outro, ainda que ele devesse desempenhá-lo mediocremente, conquanto melhor que eu."

"É pois, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, um só Deus em três pessoas, que eu o ponho em vossas mãos; e peço do fundo da minha alma ao Senhor e aos Padres reunidos para este fim que aceitem a minha demissão motivada diante da divina Majestade. Se entre aqueles a quem pertence julgar e pronunciar, houver diversidade de sentimentos, peço-lhes, pelo amor e respeito que devemos a Deus nosso Senhor, que se reúnam comigo para Lhe suplicar que fada conhecer a sua divina vontade, a fim de que ela se cumpra para a sua maior glória e bem geral das almas e da Companhia".

A leitura desta carta consternou a assembléia; mas imediatamente se levantou uma oposição unânime contra o desejo do santo fundador. Louvavam, admiravam-lhe a humildade, mas recusavam aceitar a demissão do cargo que exercia com tanta habilidade e que reconheciam ter-lhe sido imposto pelo próprio Deus. Quem poderia dirigir, governar a Companhia tão bem como aquele que a havia fundado à custa de tantas fadigas, de sofrimentos, de perseguições de todo o gênero? Todavia procedeu-se à votação: um só foi favorável à aceitação da demissão; era o bom Padre Oviedo.

O Padre André Oviedo tinha tanta simplicidade como ciência e talento; eia a candura em pessoa, e esta simplicidade primitiva do boro Padre era proverbial na Companhia. Quando lhe chegou a vez, respondeu energicamente:

- Sou de opinião que se aceite.

- Que se aceite? - exclamaram os Padres, não acreditando no que ouviam. E por que? Qual o motivo por que pensa assim Vossa Reverência?

- Parece-me que se não deve, em caso algum, resistir ao reverendo - Padre Inácio.

- No que ele ordena, sim, tem Vossa Reverência toda a razão; mas, no caso presente, por que aceitar o que da sua parte é apenas um ato da sua humildade, e não da sua vontade para bem da Companhia?

- Por que ele tem luzes que nós não temos.

- É também verdade, mas o nosso Padre é um Santo, e os Santos não fazem justiça a si mesmos; crêem-se sempre desprovidos das virtudes necessárias para o cargo que ocupam. Vossa Reverência acredita na incapacidade do nosso Padre Inácio?

Foi um raio de luz para o Padre Oviedo. Convenceu-se sem replicar, e, pela vez primeira na sua vida, consentiu em. não ser da mesma opinião que o seu venerado Padre Inácio..

O santo fundador recebeu a resposta dos seus queridos filhos com verdadeira dor, correndo-lhe as lágrimas; mas submeteu-se à vontade de todos como à do próprio Deus, e resignou-se a levar até ao fim o pesado fardo do governo. Deus provou em breve que tinha dirigido os espíritos e os corações na decisão dos Padres reunidos.

Francisco de Bórgia, duque de Gandia, tinha feito os seus votos como membro da Companhia de Jesus, como já dissemos; mas por conselho do santo fundador, ficou no inundo; praticando a regra tanto quanto possível, e esperando o momento mais favorável para declarar a sua vocação a Carlos V e pedir-lhe consentimento. No ano precedente, chamando Inácio de Loiola a Roma os Padres que ali estavam reunidos, convidara Francisco de Bórgia a vir também com os de Espanha e de Portugal. Sendo este convite uma ordem para ele, o duque de Gandia dirigiu-se a Roma e permaneceu na casa dos jesuítas, mas num aposento separado no corpo do edifício por eles ocupado. Podia assim conversar todos os dias com o santo fundador, ouvir os seus conselhos espirituais, fortificar a sua vocação e tratar dos interesses e aumento da Companhia, que ele apoiava coro todo o seu crédito e fortuna.

Falando-lhe um dia Inácio do bem que resultava dos colégios já estabelecidos, Francisco de Bórgia concebeu no mesmo instante o projecto de fundar um na Cidade Eterna, e ofereceu seis mil escudos de ouro para a primeira pedra. Havia muito tempo que o nosso Santo desejava esta fundação, mas parecendo-lhe invencíveis as dificuldades, tinha adiado a execução e esperava a hora da Providência. Esta hora acabava de soar. E meteu- ombros à empresa.

- O fundador do colégio romano será Vossa Reverência, Padre

Francisco,-disse o nosso Santo ao duque de Gandia.

- Peço a Vossa Reverência,- respondeu o príncipe que me não considere como tal e que reserve essa honra para aquele que um dia fizer uma fundação digna da capital do mundo católico.

Era uma palavra profética. Mais tarde, Gregório XIII mandou construir para o Colégio Romano o edifício que hoje se admira.

As condições de admissão neste colégio eram muito simples. Recebiam-se todos os alunos, ricos ou pobres, sem retribuição nas classes. Admitiam-se apenas aqueles que fossem apresentados pelos prefeitos, depois de se lhes ter perguntado se estavam resolvidos a obedecer, a portar-se convenientemente e a abster-se de palavras repreensíveis. Os seus nomes eram inscritos num livro e consideravam-se como filhos da casa se o seu procedimento se mantinha bom. Assistiam à missa todos os dias, ao sermão no dia de prédica, ao catecismo aos domingos e dias de festa e confessavam-se todos os meses. Aqueles que se não podiam corrigir, eram despedidos.

Esta gratuidade de ensino atraiu logo grande número de alunos; os professores das classes pagantes indignaram-se; alguns chegaram a ir às classes dos jesuítas para insultar os professores na presença dos alunos; não duvidavam até acusar de ignorância esses religiosos, cuja reputação de ciência era universal.

Inácio de Loiola aproveitou bem esta ocasião para dar aos seus queridos filhos uma admirável lição de humildade. Persuadido de que o que sucedia em Roma podia acontecer noutro colégio de Itália, porque o ensino era gratuito em todos os da Companhia, escreveu aos reitores a recomendar-lhes, no caso que os taxassem de ignorância, que respondessem simplesmente, com a maior doçura com toda a humildade

"Sabemos, é certo, muito menos do que quiséramos saber; mas o pouco que sabemos, damo-lo de bom grado a Deus e ao próximo".

O Colégio Romano tomou em pouco tempo considerável desenvolvimento; o edifício era insuficiente para o número de estudantes internos que acudiam de toda a parte, e as famílias atemorizavam-se com o empenho dos jovens em procurar o ensino

dos Jesuítas de preferência a qualquer outro, e sobretudo com a sua simpatia pelo Colégio de Roma. Inácio não se incomodava com esta disposição das famílias, mas pedia a Deus que protegesse o Colégio Romano, sobre o qual tinha tão belas esperanças no futuro, e que o esclarecesse sobre as medidas a tomar para acabar com as queixas que vinham de alguns pontos da Itália. Uma circunstância imprevista veio em seu auxílio.

Octávio César, filho do secretário do duque de Monte-Leone, entrara na Companhia de Jesus em Messina, e só obteve o consentimento de seu pai depois da sua admissão.

Concedido este consentimento, as coisas corriam às mil maravilhas para o jovem noviço, quando o Padre Geral o chama a Roma. Octávio obedece a esta ordem; mas seu pai corre, diz que não consentiu na entrada de seu filho na Companhia e queixa-se ao Papa. Júlio III encarrega o Cardeal Caraffa de proceder a um inquérito.

A mãe de Octávio chega a Roma, exige seu filho, acusa Inácio de lho ter tirado, chora, grita, lamenta-se, corre duma casa a outra, põe a cidade em alvoroço e faz tal barulho que o Cardeal Caraffa, apesar do inquérito estar apenas começado, ordena a Inácio de Loiola, sob pena de suspensão, que entregue o jovem noviço a seus pais. Antes de obedecer, o santo fundador vai expor a questão ao Papa, que manda o contrário do que mandou o Cardeal Caraffa, e declara que a admissão de Octávio César na Companhia de Jesus se fez com a necessária regularidade.

Depois desta decisão, Inácio dirigiu uma circular a todos os reitores da sua Ordem proibindo-lhes absolutamente que convidassem os estudantes a entrar na Companhia, e que recebessem, sem autorização formal de seus pais, os que a ela fossem chamados pela voz de Deus.

Esta resolução produziu sensação. As famílias, tranqüilas, não mais temeram o colégio dos jesuítas; o número dos estudantes aumentou consideravelmente em todos os da Itália, no de Roma principalmente, e Inácio teve a consolação de ver todos os esforços do inimigo tornar-se em glória de Deus e honra da Companhia de Jesus.

Não era bastante para o zelo do nosso Santo ter fundado o Colégio Romano. Via com dor a ignorância e a incúria do clero da Alemanha, e havia muito tempo desejava fundar, na capital do mundo cristão, uma casa de estudos especialmente dedicada aos jovens Alemães. Nela hauririam a ciência e a piedade: as vocações eclesiásticas desenvolver-se-iam, e o clero dos Estados da Alemanha, recrutando-se nesse seminário, seria um dia capaz de resistir à heresia, de lutar vantajosamente contra ela, e de conservar a fé da Igreja naquele desgraçado país.

Este projecto era belo, era grande, era digno de Inácio de Loiola; mas demandava, para ser executado, despesas imensas, que ele não podia fazer, e um concurso de, vontades que seria difícil obter. O nosso Santo limitava-se, pois, a orar e a esperar o momento da Providência; para o Colégio Romano já soara; soaria também para o Colégio Germânico. Inácio não o duvidava.

Um dia, era em 1552, o Cardeal Moroni, que fora Núncio apostólico na Alemanha, disse ao nosso Santo:

- Meu Padre, Vossa Reverência devia trazer a Roma certo número de estudantes alemães para os formar na ciência teológica e nas virtudes sacerdotais.

- Se Vossa Eminência quiser arranjar os meios, - respondeu ele - fá-lo-ei da melhor vontade, pois Deus inspirou-me esse desejo há muito tempo e espero que da realização dele Lhe advirá muita glória. Mas para isso é necessário a aprovação de Sua Santidade, o seu concurso e o de todas as pessoas que estejam nas condições de nos secundarem.

O Cardeal ocupou-se sem demora deste- importante negócio, que mandou propor ao Papa pelo Cardeal Santa Cruz. O Sacro Colégio, reunido para este efeito por Júlio III, aprovou o projecto, todos os membros se apressaram a oferecer o seu concurso, o Papa prometeu quinhentos escudos de oiro todos os anos, decidiu-se que cinco Cardeais seriam protetores do Colégio Germânico, que os jesuítas o dirigiriam e que Inácio de Loiola elaboraria os estatutos.

Esta decisão foi comunicada ao nosso Santo, que, apressando-se a obedecer à ordem do Soberano Pontífice, tratou imediatamente de redigir os estatutos, cujo plano estava há muito tempo no seu

pensamento. Enviou-os depois ao Cardeal Carpi, que os apresentou e submeteu ao exame do Papa; foram aprovados e o Colégio Germânico fundado. A bula de ereção autoriza que nele haja cursos de filosofia e de teologia e dá ao reitor o direito de conferir graus, mesmo o de doutor, naquelas duas faculdades.

Inácio de Loiola escreveu aos seus religiosos que estavam na Alemanha e ordenou-lhes que anunciassem aos- Bispos a fundação deste seminário, convidando-os a enviar a ele estudantes. Estabeleceu o colégio nos dois edifícios juntos ao da casa professa, nomeou reitor o Padre Fruste, francês, cuja ciência e virtude nada deixavam a desejar, e inaugurou 28 de Outubro, festa dos Apóstolos S. Simão e S. Judas. Foi o Padre Ribadeneira que pronunciou, em presença de alguns Cardeais e de numerosos Bispos, o discurso de abertura, indicando o fim da fundação, as vantagens que a Igreja dela podia esperar e a necessidade de a sustentar. Os cursos só começaram a 22 de Novembro. Na véspera, festa da Apresentação, os jovens estudantes, em número de vinte[56], comprometeram-se solenemente, por escrito, a permanecer fiéis à fé católica.

Assim foi fundado na Igreja o primeiro seminário. O Padre Laynez, que tinha o coração e o pensamento de Inácio de Loiola, havia já, proposto aos Bispos reunidos no Concílio de Trento que estabelecessem, nas suas dioceses, escolas deste gênero. Mas, aproveitando a idéia, os Prelados acharam a realização difícil e não lhe deram execução. Só mais tarde, vendo o Cardeal Moroni os maravilhosos progressos do Colégio Germânico, insistiu sobre a utilidade das escolas sacerdotais, e conseguiu fazer criar algumas segundo o modelo da de Roma. É, pois, também a Inácio de Loiola que se deve a primeira idéia e a criação dos-seminários, que hoje estão espalhados por todo o mundo. Entretanto, os protestantes alemães, furiosos com aquela instituição, não se limitaram a publicar pelos seus escritos e pregações, que os jesuítas estavam vendidos ao Papa e aos Cardeais e que Companhia de Jesus era "o flagelo da Alemanha e da reforma evangélica"; sabendo que com isso nada mais conseguiriam do que excitar o zelo desses santos religiosos, julgaram mais expedito e mais seguro tentar a sua conversão. Se tivessem podido tornar herege a Companhia de Jesus, seria para eles um brilhante triunfo. Empregaram, pois, os esforços.

Um Calabrês, de nome Miguel, apresentou-se na casa dos jesuítas em Roma e pediu para entrar no noviciado. Os seus olhos baixos, a

sua modéstia, a sua palavra doce, a sua fisionomia inteligente, tudo nele seduzia e predispunha em seu favor. Inácio de Loiola recebeu-o e deu-lhe o Padre Olivier Manare por companheiro. Havia já passado algum tempo na santa casa, que não cessava de edificar, quando, ocupando-se um dia do refeitório, que tinha sido encarregado de preparar, perguntou ao Padre Olivier

- Por que estão aqui estas imagens?

- Para nos inspirar bons e santos pensamentos pela vista dos assuntos que representam ou para nos lembraras virtudes dos Santos cujas imagens vemos.

- Ah! como as opiniões diferem! - replicou Miguel. Conheci na Alemanha homens de muita ciência, doutores, que censuram as honras prestadas às imagens e dizem até que essas honras são condenáveis. Apóiam-se nestas palavras de S. João: Acautelai-vos dos simulacros.

- Esses doutores são menos instruídos do que Miguel pensa, ou são hereges, porque essas palavras de S. João só se aplicam às imagens dos falsos deuses e não às de Nosso Senhor Jesus Cristo ou dos Santos.

Miguel pareceu humildemente convencido e não prolongou a conversa. Alguns dias depois, disse ao Padre Olivier:

- Pode Vossa Reverência explicar o que S. Pedro entendia quando escrevia: Os irmãos que então em Babilônia vos saúdam? Que Babilônia era esta?

- O apóstolo falava de Roma, - respondeu o Padre-, porque então havia nela uma tal confusão de religiões que merecia ser assim chamada.

- Os teólogos da Alemanha, - replicou Miguel - explicam-na também assim, com a diferença de que asseguram que S. Pedro falava assim de Roma porque o Anticristo devia um dia ali reinar sobre a sede que David chama a cadeira de pestilência.

O Padre Manare está suficientemente edificado acerca das doutrinas do noviço; mas queria falar delas com documentos que o

apoiassem. Depois de ter notado algumas das suas proposições, fingiu-se abalado nas suas crenças e convidou-o a fazer julgar pelo Padre Mercuriano três pontos de doutrina de que ele duvidava, pedindo-lhe para os escrever. Miguel aceita e formula por escrito as suas proposições.

O Padre Olivier Manare leva ao Padre Inácio este escrito e as notas que tinha tomado e conta-lhe tudo o que se passou. entre ele e Miguel. Santo Inácio ouviu o Cardeal Caraffa, depois do que ordenou que ao herege fosse tirado o hábito religioso e despediu-o.

Algum tempo depois, uma pessoa desconhecida enviava de Veneza, a título de esmola, uma caixa de livros para a biblioteca dos jesuítas de Roma. Abre-se a caixa: vêem-se obras ortodoxas e todos se regozijam, porque, então, os livros eram raros e custosos; mas, depois de se tirarem os primeiros, só se encontram autores luteranos. O nosso Santo mandou-os queimar imediatamente.

Estas duas tentativas parecem suficientes aos hereges alemães.

- Anterior
- Índice
- Posterior

X. RENÚNCIA AS DIGNIDADES E INCIDENTES DOMÉSTICOS

A Companhia de Jesus, por toda a parte tão florescente e tão amada, tão procurada e tão admirada, estava longe de obter em França o êxito desejado. O Parlamento temia-a e fazia com que o rei a temesse; a Universidade não a queria. O espírito de independência destes dois corpos para com Roma explica a sua animadversão para com uma Ordem completamente dedicada à Santa Sé.

Uma Ordem religiosa só se podia estabelecer em França com autorização do Parlamento. Tendo esta autorização sido recusada à Companhia de Jesus, Inácio de Loiola tinha encontrado apenas um meio para ali introduzir o gérmen dum colégio: haura enviado a Paris, para trabalhar na santificação dos estudantes, alguns professores espanhóis, membros da Companhia. No número destes professores, encontramos Emiliano de Loiola, sobrinho. do nosso Santo, que lhe tinha dado a consolação de fazer os Exercícios Espirituais sob a sua direção com o maior fruto.

Guilherme Duprat, Bispo de Clermont, e amigo de Santo Inácio, esforçava-se em vão para obter o estabelecimento dum colégio. Queria fundá-lo a expensas suas e oferecia para este fim a sua casa, chamada então a casa de Clermont, cujo edifício é hoje ocupado pelo colégio Luís o Grande; mas os jesuítas não podiam tornar-se possuidores dele senão por cartas de registo, cuja concessão foi recusada. Em Paris renovavam-se mil acusações que a calúnia se esforçava por espalhar; temiam-se, como um flagelo, estes santos apóstolos, que levavam a luz ao meio das mais espessas trevas e reformavam todos os lugares por onde passavam.

Os amigos do santo fundador convidaram-no a desmentir categòricamente os caluniadores, como já tinha feito noutras circunstâncias; mas ele contentou-se com responder:

- Jesus Cristo, quando abandonou a terra, disse aos seus discípulos: Dou-vos a minha paz, deixo-vos a minha paz. Tomemos nesta ocasião como dirigidas a nós estas palavras. Algumas vezes é mais conveniente calar do que falar. Esperemos que a verdade brilhe e se defenda a si mesma.

É, que a Companhia, apesar de jovem, já não estava no seu começo.

Tinha feito obras admiráveis, tinha conquistado a estima e veneração do mundo; bastava-lhe seguir o seu caminho sem se inquietar com os obstáculos que lhe levantava de longe a longe o inimigo de todo o bem.

Os jesuítas que o nosso Santo havia enviado a Paris, ocuparam o colégios dos Lombardos, esperando que a Providência lhes permitisse formar um estabelecimento, e oravam com ardor, cheios de confiança no futuro, quando uma circunstância providencial veio secundar os seus desejos.

O rei de França, Henrique II, enviou o Cardeal Guise a Roma, com a missão de convidar o Papa e o duque de Ferrara a entrarem numa liga contra o imperador da Alemanha. Inácio vê-o, explica-lhe o seu Instituto, diz-lhe que o seu fim principal é combater a heresia e procurar a glória de Deus pela santificação das almas. Acrescenta que um dos meios mais eficazes para chegar a este duplo fim é a educação cristã da juventude e que para isso são necessários colégios cristãos.

O Cardeal simpatiza com a idéia do santo fundador, e obtém, apenas regressa a Paris, cartas patentes do rei autorizando o estabelecimento da Companhia de Jesus em França. Mas estas cartas deviam ser sancionadas pelo Parlamento e as dificuldades renovaram-se. Não havia professo algum entre os jesuítas de Paris; Inácio envia a fórmula ao Padre João Baptista Viole e ordena-lhe que faça os seus votos nas mãos do Bispo de Clermont; o Bispo, doente naquele momento, pede ao abade de Santa Genoveva que os receba. Não podendo ainda Guilherme Duprat presentear com a sua casa a Companhia, e não querendo deixar um professo no colégio dos Lombardos, empresta a casa aos jesuítas e instala-os ali.

Assim começou o primeiro colégio da Companhia de Jesus na província de França; mas não pôde desenvolver-se tão rapidamente como noutras partes por causa da oposição persistente da Universidade e do Parlamento, oposição que não cedeu, alguns anos mais tarde, senão perante a autoridade da vontade real.

Entretanto Fernando, rei dos Romanos, renovava as suas solicitações junto de Inácio de Loiola, a fim de obter o Padre Canísio para o bispado de Viena. O santo fundador, inabalável na sua vontade de afastar todas as dignidades da sua querida Companhia,

pediu ao Papa que não cedesse, se não queria a destruição duma Ordem que tinha a sua força e vida na humildade, e que não decidisse nada sem lho dizer; o Papa prometeu-lho. O embaixador de Fernando, desanimado com respeito a Inácio a quem não pode vencer, suplica ao Papa que ordene ao Padre Canísio que aceite o bispado de Viena, apesar da oposição do santo fundador.

- Oh ! isso nunca! - respondeu Júlio III - nós temos necessidade dos jesuítas!

Quando o embaixador se retirou, o Papa, dirigindo-se ao Cardeal Santa Cruz, disse-lhe:

- Uma Ordem tão útil à Igreja seria imediatamente destruída se nela entrassem as dignidades, porque estas abririam a porta à ambição; e a Companhia, perdendo então 0 seu espírito próprio, não seria mais a Companhia.

D. Fernando foi ainda desta vez obrigado a ceder diante da inflexibilidade de Inácio. O Cardeal Carpi dizia, a propósito desta tão enérgica firmeza do nosso Santo: - "Quando o prego está cravado, nada o pode arrancar"! Inácio também não cedeu quando o Papa desejou elevar Francisco de Bórgia à dignidade de Cardeal. O santo jesuíta, que já empregara todos os esforços para fugir a esta honra, soube que continuavam a querer-lha conferir, pediu para se afastar de Roma, e partiu furtivamente, deixando o seu Padre Inácio, repelir o chapéu, que contra sua vontade, lhe queriam dar.

O mau estado de saúde de Inácio de Loiola e os muitos e importantes negócios da Companhia não impediam de se ocupar duma multidão de . coisas relativas ao interior dos colégios, que havia criado em Roma, ou do noviciado, que vigiava sempre. O seu admirável gênio chegava para tudo e nunca encontrava nada pequeno para ocupar a sua atenção.

Estava-se construindo, na casa que se havia aumentado, um muro de vedação na via pública, e o nosso Santo ordena que fossem trabalhar nele os noviços. Estes jovens, alguns dos quais pertenciam às mais nobres famílias, eram objecto de edificação para a cidade. Vinham admirá-los neste trabalho tão humilde, às horas em que se sabia que a ele se entregavam sob a vigilância dos Padres, e todos ficavam assombrados da doçura dos seus movimentos, da

modéstia de seu porte, da expressão serena dos seus rostos.

Um dia o Padre Geral veio ver os trabalhos e viu um dos jovens noviços com as costas voltadas pata o público, trabalhando com um ar preocupado e esforçando-se por evitar os olhares dos curiosos. A sua família era uma das principais de Roma. Era evidente para Inácio que este noviço tinha receio de ser reconhecido; o orgulho apoderara-se-lhe do coração, e, porque não era combatido, ia tornar-se o mais forte e pôr a sua vítima em oposição direta com a vontade de Deus, apesar da sua vocação ser certa. Inácio de Loiola viu isto tudo num relance de olhos.

Mandou chamar o Padre Bernardo Olivieri e disse-lhe, designando aquele noviço:

- Vossa Reverência não vê que aquele jovem Irmão está tentado? A vergonha está estampada no seu rosto e o orgulho no seu coração. Espera que ele sucumba para o socorrer? Não se atemoriza Vossa Reverência por deixá-lo perder por tão fútil motivo?

- Meu Padre, - balbuciou o Padre Olivieri - Vossa Reverência ordenou-me que empregasse . os noviços neste trabalho.

- Quando lhe dei essa ordem, - replicou o nosso Santo - não lhe ordenei que pusesse de parte o espirito de discrição e de caridade.

E indo em seguida para junto do noviço, sem mostrar que lhe tinha descoberto o segredo, disse-lhe cora a mais doce expressão de brandura:

- Como? pois também está aqui a trabalhar? É demasiado pesado para si; entre em casa; esse rude trabalho não é para as suas forças.

Mais tarde, esse noviço agradecia ao nosso Santo:

- Meu Padre, - lhe dizia - quanto agradeço a Vossa Reverência ter aproveitado então a fraqueza do meu corpo para curar a da minha alma ! Eu queria abandonar a Companhia, e é á doce compaixão de Vossa Reverência que devo a felicidade de ter permanecido nela.

É certo que o santo fundador não tinha sempre semelhantes contemplações; dependia isso das almas com que tratava. Mas

quando empregava a severidade, tinha de ordinário um tacto particular para não deixar nunca uma impressão má ou lamentável àquele que recebia a correção. O que fazia dizer ao Padre Millon:

"O nosso Padre Inácio tem o talento de curar as feridas, que faz, de modo a não deixar cicatrizes".

Atravessando um dia o nosso Santo um corredor, viu dois Irmãos coadjutores conversando despreocupadamente, parecendo que não tinham nada que fazer. Encarou-os, mostrou-lhes com o dedo um-montão de pedras e ordenou-lhes que as içassem ao tecto. O outro dia surpreendeu-os igualmente desocupados e entretendo-se com coisas fúteis; encarou-os como da primeira vez, mostrou-lhes as pedras que estavam no tecto e ordenou-lhes que as fossem buscar e as pusessem no corredor. Os Irmãos compreenderam então a lição e não se entregaram mais à ociosidade.

Para aqueles que trabalhavam corajosamente em aperfeiçoar-se, o bom Padre Geral tinha palavras que os faziam redobrar de ardor. e pareciam dar-lhe asas.

Um Irmão coadjutor, a quem a natureza violenta arrebatava algumas vezes, era apenas ocupado em vigiar e conter a expressão dos seus pensamentos

- Coragem, Irmão, - dizia-lhe freqüentemente o nosso Santo-, continue a vigiar e a vencer-se e adquirirá mais merecimentos do que aqueles cuja doçura natural não exige combate.

Outro Irmão, dum natural igualmente impetuoso, afastava-se dos outros o mais possível para evitar as ocasiões de impaciência. Inácio, a quem nada escapava, vê-o um dia, durante o recreio, no isolamento que ele se criara. Aproxima-se dele, e com a sua voz o mais ternamente paternal, pergunta-lhe porque está só.

- Meu reverendo Padre, sou tão arrebatado que tenho receio de pecar por impaciência, se estiver com os meus irmãos.

- Engana-se procedendo assim, meu irmão, - disse-lhe o Santo. Não é pela fuga que se triunfa do inimigo, é pelo combate. A solidão não destrói a impaciência, apenas a dissimula. Alguns momentos de império sobre si mesmo, no meio das ocasiões que o atemorizam,

fará com que o meu irmão avance mais do que com um ano de solidão.

E o bom Irmão, julgando ouvir a doce voz de Nosso Senhor, apressou-se a seguir o conselho do seu Padre Geral, e reconheceu daí a pouco toda a utilidade dele.

Inácio de Loiola dizia moitas vezes que, no caminho da perfeição, era necessário haver toda a cautela em não pôr a oração no lugar da virtude. Por isso, instando com ele um dia o Padre Nadal para que prolongasse o tempo prescrito aos religiosos para a oração, respondeu:

- Padre Jerónimo, as longas meditações são necessárias para aprender a dominar as paixões; mas quando, pela oração e pela reflexão, se obteve este resultado, unimo-nos mais facilmente a Deus num quarto de hora de recolhimento do que um homem não mortificado durante algumas horas de oração. O maior obstáculo para a união da alma com Deus é o apego a si mesma; é isso o que lhe impede o vôo.

Explicou-se mais brevemente, mas não menos inteligivelmente na seguinte ocasião.

O Irmão Lourenço Tristano era exemplar a todos os respeitos; contudo uma vez expôs-se a receber uma liçãozinha que nunca mais esqueceu. Trabalhava ativamente em reparar o muro de um terraço; Inácio apresenta-se, observa-o com atenção e prazer, e, no mesmo momento, um movimento do Irmão faz-lhe cair uma maçã do bolso. O bom Padre Geral, viu, mas fingiu que não deu por isso. Lourenço, muito embaraçado, parece ignorar a dificuldade da posição e evita voltar-se para não ser forçado a ver a comprometedora maçã. Inácio, a quem nada escapava, aproveita o momento em que o Irmão se aproxima do corpo do delito, e, com a ponta da bengala, faz rolar a maçã sob os olhos do delinqüente. O Irmão cora, não ousa olhar para o bom Padre Geral e muito menos pronunciar uma só palavra e continua tristemente a sua tarefa. Santo Inácio renova algumas vezes a sua pequena manobra s retira-se certo de que foi compreendido.

Um irmão dizia a outro:

- Estou muito persuadido de que não há em todo 0 mundo tão grande Santo como o nosso Padre Inácio.

No mesmo instante, esse santo Padre Inácio, que aparecia muitas vezes à hora e em sítio onde menos o esperavam, exclama com essa voz possante que fazia vibrar tudo em redor dele, quando queria aterrorizar um culpado:

- Desde quando lhe foi permitido aviltar a santidade a ponto de a atribuir a um pecador como eu? Essas palavras equivalem a uma blasfêmia! Há-de expiá-las, comendo durante quinze dias nos lugares mais vis da casa.

O bom Irmão submeteu-se humildemente a esta estranha penitência, achando muito simples a santa indignação do seu venerável Pai.

Francisco Cartero, jovem noviço, dum caráter muito alegre, ria francamente e a propósito de tudo. A sua fisionomia aberta, a sua aparência sempre satisfeita, davam-lhe o ar de rir interiormente das suas próprias idéias. Mas esta franca alegria não prejudicava nada o seu fervor e a regularidade da sua vida religiosa. Inácio encontra-o um dia, sempre sorrindo, e diz-lhe

- Francisco, diz-se que o Irmão está sempre a rir?

Francisco baixa os olhos e espera uma severa repreensão.

- Está bem, - acrescentou o Santo-, ria e regozije-se no Senhor, meu filho; um bom religioso não tem razões nenhumas para estar triste, e tem muitas para estar alegre e contente. Seja alegre, e sê-lo-á sempre se for humilde e obediente. Recomendo-lhe sobretudo estes dois pontos, porque conheço cm si faculdades que, no futuro, o poderão tornar apto para negócios importantes; se então lhe derem esses empregos, afligir-se-á se for humilde. Julgo reconhecer que os ares de Roma lhe não convêm; talvez deseje ir para Flandres, quando a minha intenção é enviá-lo à Sicília. Veja, pois, que, se tiver apego aos lugares e aos empregos, se expõe à tristeza e ao pesar, porque a obediência o porá muitas vezes em oposição com os seus gostos e desejos. A fim de ser sempre alegre, como hoje está, seja sempre humilde e sempre obediente.

Francisco, perfeitamente tranqüilo, e contentíssimo com a bondade

paternal com que o seu venerável Geral lhe falara, mostrou-se mais satisfeito e mais alegre que nunca quando o deixou.

O Irmão João Baptista, cozinheiro da casa professa, encontrava assunto de meditação nas coisas mais insignificantes do seu emprego; era uma alma simples e duma grande virtude. O fogo da cozinha lembrava-lhe muitas vezes as chamas eternas ou as do purgatório e inspirava-lhe um grande horror ao pecado; recordava-se então das faltas da sua juventude e queria sofrer mil mortes para as expiar. Um dia o bom Irmão, dominado por essa viva contração, e julgando talvez evitar assim o fogo do purgatório, meteu a mão no fogo e deixou-a queimar. O odor que dela exala espalha-se imediatamente na casa; o Padre ministro corre, informa-se, e o pobre Irmão, a quem a dor arrancava abundantes lágrimas, mostrava-lhe a mão e lança-se-lhe aos pés implorando perdão, porque compreende a sua temeridade. O Padre ministro adverte o Padre Geral, e diz-lhe que, na sua opinião, este imprudente deve ser despedido da casa; os outros Padres são do mesmo parecer. Inácio julga o culpado de modo diferente:

- Este bom Irmão, - diz ele - merece mais compaixão. Sejamos indulgentes, porque a sua falta foi cometida por simplicidade.

O nosso Santo põe-se em oração, pede toda a noite a cura do bom Irmão, e no dia seguinte o Irmão João Baptista, que tinha dormido muito bem enquanto o seu Padre Geral velava por ele, encontra-se perfeitamente curado: a sua mão não tinha o menor sinal da horrível queimadura da véspera.

Compreende-se a veneração que o santo fundador inspirava a todos os seus religiosos, quando se vê que Deus parecia comprazer-se em justificá-la. Os bons Padres recolhiam tudo o que podiam apanhar ao seu santo Geral. Dividiam os cabelos: que cortava, os restos dos papéis nos quais tinha escrito uma ordem já inútil por ter sido executada, tudo o que lhe pertencia e lhe dizia respeito. Inácio tinha conservado o saca que usava em Manresa; mas não o pôde guardar intacto, porque lho descobriram e não tiveram escrúpulo de tirar-lhe alguns bocados; felizmente para os piedosos culpados, o Santo ignorou-os sempre.

O Padre Nadal foi menos feliz. Santo Inácio sofria muito dum dente e resolveu-se a mandá-lo arrancar. Nadal, presente á operação,

apoderou-se furtivamente do dente e queria conservá-lo como uma relíquia; mas o nosso Santo, que tinha excelente ouvido, escutou algumas palavras, suficientes para traírem o segredo; censura severamente o seu querido Padre Nadal, a quem amava com terna afeição, obriga-o a apresentar o corpo de delito e fá-lo desaparecer para sempre.

- Anterior
- Índice
- Posterior

XI. O DOMÍNIO DE SI MESMO

Existia na Companhia, desde os primeiros Padres da fundação, uma graciosa e poética crença que aumentava a terna veneração que o santo fundador inspirava a todos os seus filhos. Esta opinião era apoiada, segundo se dizia, numa revelação feita a um dos primeiros Padres; mas o mistério que rodeava a sua origem deixa muito a desejar.

O Padre Laynez, autorizando-se da sua antiga intimidade com Inácio, e da confiança que ele sempre lhe testemunhara, quis saber dele a verdade, e disse-lhe um dia:

- Padre, todos nós estamos persuadidos, e alguns motivos há para o crermos, que a querida alma de Vossa Reverência está confiada à guarda dum arcanjo. É verdade?

Inácio de Loiola baixou os olhos, corou como um criminoso, não respondeu e ficou no mais doloroso embaraço. O Padre Laynez não insistiu, porque sabia o bastante; mudou de conversa e Inácio recobrou a sua liberdade de espirito, que só a humildade pôde perturbar por um instante.

O nosso Santo tinha tal império sobre si mesmo, que nada podia alterar a tranqüila expressão da sua angélica fisionomia. A sua natureza violenta e impetuosa estava a tal ponto transformada que os médicos julgavam o temperamento de Inácio melancólico e fleumático, e persuadiam-se que o admirável Santo nunca tivera paixões a combater. Era esta a opinião de todas as pessoas que raras vezes o viam e não podiam julgar o seu enorme valor. Para conhecer o homem e apreciar o Santo, é mister lançar um olhar sobre o seu passado, e depois sobre o conjunto de tudo o que ele tinha realizado em alguns anos; é necessário ver os heróis que ele formara, as grandes coisas que eles haviam feito, os brilhantes serviços que tinham prestado à Igreja e ao mundo. Somente então se conhecia Inácio de Loiola.

Já dissemos que não havia nada que abalasse o nosso Santo; bastarão alguns factos para o provar.

Foi mister aplicar-lhe um aparelho no pescoço para curar um tumor.

O Irmão enfermeiro, encarregado deste serviço, querendo fazê-lo conscienciosamente, depois de ter apertado a tira de pano, que fez passar sobre a cabeça, entendeu que devia cosê-la para evitar que saísse do seu lugar. Quando se entregava a esta operarão, Santo Inácio disse-lhe com a maior tranquilidade.

- Irmão João Paulo, creio que também me está cosendo a orelha.

Com efeito, a orelha estava cosida; a agulha tinha-a atravessado e o fio ia entrando sem que o paciente tivesse feito o mais ligeiro movimento nem soltado a menor queixa.

Esperou, um dia, catorze horas seguidas para falar a um Cardeal, e não mostrou fadiga após este longo exercício de paciência nem deu a entender que outros negócios reclamavam a sua presença noutros lugares. É verdade que se tratava da glória de Deus na audiência que ele esperava, e Inácio, como sabemos, sacrificava tudo a esta glória. Citaremos, a propósito disto, a resposta que deu ao Padre Polanco, quando, tendo de dirigir-se a Alvito, no reino de Nápoles, e caindo a chuva a torrentes no momento da partida, o Padre Polanco o convidou a adiá-la para o dia seguinte:

- Padre Polanco, - respondeu-lhe o Santo-, há trinta anos que nada há que me tenha feito adiar por um instante aquilo que julgo dever fazer para o serviço e a glória de Deus Nosso Senhor.

E partiu, sem parecer contrariado pela chuva forte e pelo vento impetuoso que aumentava a imprudência da partida.

Tendo-o o seu zelo e a sua caridade conduzido a uma casa, aparece-lhe um Irmão pouco depois e pede para lhe falar acerca dum negócio importante e urgente. Mandam-no entrar; diz algumas palavras em voz baixa ao santo fundador, que o despede dizendo-lhe

- Está bem, basta.

O Irmão retira-se; Inácio continua a conversa, e, quando terminou, despede-se daqueles a quem foi visitar. Um deles diz-lhe no momento em que saía

- Padre, o Irmão que aqui veio há pouco parecia muito agitado; trouxe a Vossa Reverência alguma má notícia?

- Não; - respondeu-lhe o nosso Santo - veio dizer-me que os oficiais de justiça se tinham apresentado para nos levar os móveis, porque devemos alguns escudos, que ainda não pudemos pagar. Trata-se dum empréstimo, que fomos forçados a contrair. Se nos levarem as camas, dormiremos perfeitamente no chão. Pedi somente que nos deixem os manuscritos; mas se no-los quiserem levar, não me oporei a isso.

No dia seguinte, Jerónimo Astali, fidalgo romano, responsabilizava-se pela divida, e uma esmola de duzentos escudos que chegava ao mesmo tempo, pagava aos credores e restabelecia os negócios do nosso Santo.

A casa professa teve, durante nove anos, um vizinho que, querendo forçar os Padres a comprar-lhe a casa, imaginava mil maneiras de os incomodar. Não podendo o refeitório receber luz senão do muro que dava para o pátio deste mau vizinho, não se pôde conseguir que ele deixasse abrir as janelas e, durante nove anos, viram-se obrigados a acender luz em pleno dia naquela parte da casa. Este vizinho encheu o pátio dos mais incômodos animais. Enfim, as coisas chegaram a ponto que Santo Inácio querendo alargar a casa, em conseqüência do aumento sempre crescente dos religiosos, terminou por dar àquele homem o elevado preço que ele exigia pela sua casa. Tinha suportado até então, sem se queixar, todos os inconvenientes daquela má vizinhança. Estava combinado o preço pela casa e suas dependências, tais como estavam; mas o vizinho, antes de a entregar a Inácio, mandou tirar portas, janelas, grades, obra de talha, ferragens e até algumas pedras. Qualquer outro teria intentado um processo àquele miserável; o nosso Santo pareceu não ter dado por essa injustiça. Tomou posse desses muros arruinados com tanta satisfação aparente como se lhe tivessem prestado um grande serviço com aquela deterioração. Não teve uma só palavra de censura para aquele que o tinha assim espoliado, nem manifestou nenhum pesar!

Tendo um dia o Padre ministro de lhe falar dum negócio importante, procurou-o, soube que tinha saído e retirou-se. O Santo voltou tarde a casa; vinha de esperar muito tempo e inutilmente uma audiência do Papa. O Padre ministro, supondo o seu superior muito fatigado para se ocupar de negócios, esperou para o dia seguinte. Inácio censurou-o por esse adiamento:

- Onde estagiamos nós, - lhe diz ele-, se perdêssemos a liberdade de espírito e de apreciação por termos praticado a paciência segundo a vontade de Deus Nosso Senhor, e não segundo a nossa vontade?

O nosso Santo podia falar assim, porque em todas as ocasiões o encontravam disposto a escutar o que se lhe queria dizer, e a responder com a mesma segurança de vistas, sabedoria de conselho e desinteresse de opinião. A doença, a perseguição, a fadiga e o trabalho, o excesso dos negócios, nada tinha influência sobre os conselhos e decisões que se lhe pediam; e fosse qual fosse a importunidade daqueles que recorriam às suas luzes, deixava-os penetrados sempre de reconhecimento pelo seu amável acolhimento e pela sua muita bondade. Mas se homens do mundo se apresentavam, sem outro fim senão o de o verem e conversarem acerca de coisas inúteis, apressava-se a mudar de conversa, e falava-lhes das grandes verdades cristãs: a morte, o juízo, o inferno e o paraíso.

- É - dizia ele - um ganho certo, quer para eles, quer para mim. Para eles, se isso os levar a descer ao fundo da sua consciência e a pô-la em regra diante de Deus. Para mim, porque se retiram mais depressa se estas verdades os não comovem, e me deixam assim um tempo precioso, que sem 'isso me roubariam.

Alguns homens do mundo vinham pedir-lhe a sua proteção, junto dos soberanos; queriam um emprego na corte do imperador Carlos V, do rei de Portugal ou de outro. A resposta de Inácio era a mesma para todos os pretendentes

- Não lhes posso ser útil, -dizia ele-, senão junto do monarca soberano do céu e da terra. Se conhecem uma corte mais brilhante e onde o favor seja mais duradoiro, trabalhem, e, logo que entrem, pedir-lhes-ei que me procurem a mesma felicidade. Entretanto, como a minha ambição é fazer-lhes o que sei de melhor, ofereço-lhes os meus serviços e ficarei muito satisfeito com ensinar-lhes o caminho da verdadeira glória e da verdadeira grandeza.

A sua reputação de santidade era tão grande na Companhia que o Padre Leonardo Kessel, reitor do Colégio de Colônia, que o não conhecia, lhe escreveu a suplicar-lhe que lhe concedesse a permissão de ir a Roma, a fim de ter a consolação de o conhecer e de receber a sua bênção. O Padre Kessel era muito idoso, duma

saúde fraquíssima, e fazia tanto bem dm Colônia, que Inácio hesitava em satisfazê-lo. Custava todavia ao seu coração recusar esta consolação ao bom velho e consultou Deus para saber o que devia decidia. Depois de ter orado, escreveu ao Padre Kessel:

- "Não é necessário empreender tão longa viagem para ver o vosso Padre Geral, porque é provável que Deus arranje as comas de modo que Vossa Reverência me vela em Colônia".

Ora, sucedeu que um dia em que o Padre Leonardo Kessel estava só no seu quarto, muito ocupado nos negócios que estavam a seu cargo, viu o Padre Inácio diante de si, olhando-o com uma bondade toda paternal, sem lhe falar, e quando o Padre Kessel o tinha contemplado bem, desapareceu, deixando o bom reitor inundado da mais doce alegria.

O santo fundador tinha escrito regras sobre á modéstia, prescrevendo a posição exterior até às suas menores minudências. Dizia que estas doze regras lhe tinham custado muitas lágrimas; que havia consultado Deus durante muito tempo, nas suas longas orações, a fim de conhecei a sua vontade acerca de cada uma delas duma maneira certa, antes de impor a sua prática aos seus religiosos. Desejando pôr em vigor, estas regras o mais cedo possível, Inácio aproveitou-se, para as fazer conhecer, da presença de alguns professos vindos a Roma de diversos pontos da Europa, os quais deviam partir em breve. O Padre Laynez foi encarregado de as promulgar e de fazer uma exortação sobre a necessidade da sua observância. Inácio fixou o dia e ordenou a todos os Padres que se reunissem na sala das conferências, à hora em que de ordinário se juntavam no terraço.

Este terraço, à altura do primeiro andar, dava para a jardim, e era uma espécie de galeria coberta. Todos os dias depois de jantar, os Padres passeavam naquele terraço, ao abrigo do sol, do vento e da chuva.

No dia designado, dirigindo-se todos à sala das conferências, o Padre Laynez leu as novas regras e acompanhou a leitura dum discurso. No momento em que exortava os seus irmãos a não negligenciarem as menores observâncias delas porque todas eram destinadas a concorrer para o seu progresso espiritual, ouviu-se um estalido espantoso, seguido dum abalo que se sentiu em toda a

casa. Ninguém se mexeu. Laynez continuou o seu discurso e todos pareciam muito tranqüilos. Mas logo que a sessão terminou, saíram para conhecer a causa de tal barulho e abalo e viram que o terraço tinha aluído. Se os Padres não tivessem sido forçados, pela obediência, a estar na sala das conferências naquele momento, alguns teriam infalivelmente perigado, esmagados por aquela massa. Todos , ergueram as mãos ao céu agradecendo à Providência e venda neste acontecimento a manifestação da aprovação divina em favor das regras que acabavam de ser promulgadas.

- Sim, meus irmãos, - disse o nosso Santo - Deus testemunhou-nos por este facto que estas regras lhe são agradáveis; esforcemo-nos por que elas sejam observadas com exactidão.

Esta observância deu ensejo, dai a pouco, a algumas críticas dos mundanos, inimigos dos jesuítas; diziam que a Padre Inácio queria fazer dos seus religiosos outros tantos hipócritas. Estas críticas foram repetidas ao santo fundador:

- Deus queira, - respondeu ele - que esta hipocrisia aumente de dia para dia entre nós ! Quanto a mim, não conheço em toda a Companhia, senão estes dois hipócritas.

E designava os Padres Bobadilha e Salmeron, que considerava como modelos, e que sabia que eram interiormente. muito mais perfeitos ainda do que pareciam.

- Anterior
- Índice
- Posterior

XII. CONFIANÇA NA PROVIDENCIA

Pedro de Zarate e Bermeo, comendador da ordem dos cavaleiros do Santo Sepulcro, de Jerusalém, via com profunda dor o estado de degradação em que os povos sírios tinham caído. Todas as heresias, todas as seitas pareciam ter-se reunido naquele desgraçado país aos muçulmanos; os judeus afluíam ah e só os católicos pareciam estar excluídos.

O cavaleiro Zarate veio a Roma e solicitou do Papa o estabelecimento de três colégios da Companhia de Jesus:o primeiro em Jerusalém, onde todos os hereges e cismáticos iam freqüentemente em peregrinação; o segundo em Constantinopla, para a conversão dos muçulmanos senhores da Síria; o terceiro para a ilha de Chipre, centro do cisma grego. Júlio III concede imediatamente tudo o que lhe é pedido para a glória de Deus. A bula que autorizava os três colégios erige uma arquiconfraria do Santo Sepulcro em Jerusalém.

Inácio de Loiola não havia abandonado o projecto que tão vivamente enchera o seu coração no começo da sua conversão. Sabia que, se a Providência lhe tinha fechado aquele caminho, depois de lho ter mostrado, um dia viria em que se abriria para a sua Companhia. Sabia que os obstáculos se aplanariam cedo ou tarde, e que os seus filhos penetrariam, no momento indicado pelo dedo de Deus, nesse solo tão abundantemente abençoado e tão indignamente profanado !... Não se poupou a esforços para secundar o zelo do cavaleiro Zarate; escreveu aos soberanos, aos príncipes, a alguns fidalgos ricos e poderosos; pediu o auxilio de todos para a obra de que a sua grande alma apreciava todo o alcance, mas não obteve os resultados que esperava. O negócio correu morosamente, os conselheiros dos soberanos eram de opinião que o dinheiro fosse gasto em multiplicar os estabelecimentos dos jesuítas nos seus próprios Estados, para bem espiritual dos seus súbditos, de que eram responsáveis, e os mesmos príncipes compreendiam pouco a grandeza e a necessidade duma obra cujo teatro estava tão distante.

Entretanto, tendo uma pessoa rica e zelosa confiança numa empresa tão desejada por Inácio de Loiola, deixou, no testamento, quinhentos ducados para a fundação do colégio de Jerusalém. Mas logo se levantou a oposição duma ordem religiosa que estando já

estabelecida em Jerusalém, receou que faltassem os recursos necessários para viver se outros religiosos os fossem diminuir, partilhando as esmolas que a sustentavam. Quis pois obter de Inácio uma renúncia jurídica ao direito, que lhe conferia a bula de Júlio III, de fundar um colégio em Jerusalém. O nosso Santo recusou-se energicamente a fazer esta renúncia. Escreveu ao comendador Zarate, então junto de Filipe II, nos Países Baixos

"Ninguém sabe o que quer fazer o Senhor Nosso Deus pelos inúteis instrumentos da nossa mínima Companhia. Não me parece, pois, conforme à razão e ao espirito de Deus Nosso Senhor fechar a porta da Terra Santa a um colégio da nossa Sociedade. E quando eu renunciasse a isso pessoalmente, não -vejo que este ato fosse válido para o future e pudesse ligar a Companhia. Além disso, não creio poder, em consciência, prestar-me a tal renúncia. É verdade que não vejo as coisas dispostas de maneira a prever que possa ser fundado um colégio ali durante a minha vida, mas é mais fácil nunca fundar o colégio do que ligar a Companhia para o futuro".

O nosso Santo não viu, com efeito, a Companhia penetrar na Palestina, e os seus sucessores não foram mais felizes. Deus reservava esta obra de salvação para o nosso século. Somente hoje é que a Companhia de Jesus viu abrir-se para ela uma porta da Síria; a de Jerusalém está-lhe ainda fechada, mas misericórdia de Deus é infinita e acabará a obra começada. Não está talvez longe o dia em que Santo Inácio de Loiola se regozije no céu de ver os filhos da sua grande família realizarem os projetos da sua juventude e cumprirem o primeiro voto que ele fez na sua Vigília das armas em Monserrate, que renovou tantas vezes na sua gruta de Manresa e de que não cessou de falar aos seus primeiros discípulos durante alguns. anos.

Os colégios de Constantinopla e de Chipre, autorizados pela mesma bula, em 15 5 q., ficaram igualmente em projecto. A Companhia só se podia dar a si mesma; não tendo outros recursos senão as esmolas, estava na impossibilidade de fundar e não podia senão aceitar as fundações que lhe propunham. Teve que renunciar por então à Grécia e à Turquia, como tinha renunciado à Palestina, e esperar a hora da Providência. O Padre Laynez, aflito com este insucesso, disse ao nosso Santo:

- Agora que toda a esperança para a Terra Santa está perdida, dar-me-ia por feliz em ir às Índias trabalhar na conversão dos infiéis.

- Quanto a mim, - disse Inácio - não tenho esse desejo, e, se o tivesse, repeli-lo-ia.

- Porquê, meu Padre? - perguntou-lhe o seu amigo surpreendido.

- Não estamos comprometidos por voto, - acrescentou o Santo - a irmos aonde apraza ao Soberano Pontífice mandar-nos? Devo, pois, estar disposto a ir para qualquer parte, e o Oriente não me deve atrair mais que o Ocidente. Se eu tivesse, como Vossa Reverência, qualquer preferência, combatê-la-ia, e trataria de me pôr numa perfeita indiferença a respeito de tudo o que possa ser-me ordenado. Asseguro que, velho e enfermo, como estou, não hesitaria, ao primeiro sinal de Sua Santidade, em partir a pé, de bordão na mão, para me dirigir a Espanha ou a outra qualquer parte, ou embarcar, sem a menor provisão, num navio qualquer, mesmo sem velas e sem governo. Neste estado de obediência, não terei nenhuma repugnância que vencer; julgar-me-ia até muito feliz.

- Mas, Padre, - lhe disse um dos seus religiosos - que faria Vossa Reverência então da sua prudência?

- A prudência, - replicou o nosso Santo - não é a virtude que obedece; é a virtude daquele que manda. A prudência daquele que obedece é sacrificar a prudência à obediência.

Numa doença grave, em 1550, foi tratado por um jovem médico que, atribuindo os seus sofrimentos a um resfriado; o fez calafetar no quarto de maneira a não deixar penetrar nele o ar exterior, receitou-lhe tisanas a ferver, mandou-o cobrir de cobertores, isto durante os mais fortes calores do verão. O Santo, devorado pela febre, sentiu que este tratamento lhe era nocivo, mas obedeceu, e dando-se por feliz por encontrar uma ocasião de obedecer, mesmo com perigo de vida, submeteu-se sem se queixar e sem dar mostras de desejai o menor alívio.

Entretanto, os religiosos aterrorizavam-se com os progressos da doença, com a incessante transpiração que esgotava as forças do doente, com os frequentes desmaios, que lhes faziam recear que o não pudessem chamar à vida, com tudo isso, enfim, que parecia anunciar-lhes o fim próximo daquele que amavam. Chamaram o dr. Alexandre Petrônio, um dos mais célebres médicos de Roma, muito dedicado ao santo doente. Petrônio indignou-se contra um

tratamento tão oposto àquele que se devia ter prescrito, mandou arejar o quarto, tirar os cobertores e refrescar o paciente.

Receando os Padres as conseqüências desta brusca mudança, disseram a Inácio que pedisse a Deus a sua cura:

- É inútil, - respondeu ele.

- Mas, Padre, peça-a, não por si nem por nós, mas somente no interesse da Companhia.

- É inútil, - replicou o santo fundador. Pela graça de Deus Nosso Senhor, os nossos primeiros Padres são bons, os segundos serão melhores, e, a estes, sucederão outros melhores ainda, porque aos trabalhos interiores, juntarão a disciplina interior, sendo então observadas todas as partes dela.

O dr. Petrônio recomendou-lhe que pusesse de parte qualquer preocupação que o pudesse comover, porque a sua fraqueza era tal que se não podia ainda responder pela sua cura. Inácio, desejando obedecer em tudo, reflecte, procura, pergunta-se o que poderia comovê-lo e não encontra nada. Alguns momentos depois:

- Encontrei; - disse ele - o que me poderia comover era a destruição da Companhia; mas se a culpa não fosse minha, vê-la-ia dissolver como um grão de sal num copo de água, e bastar-me-ia um quarto de hora passado aos pés de Nosso Senhor para reconquistar toda a minha tranquilidade e liberdade de espirito.

Os colégios de Roma tinham muita necessidade de socorros; porque Inácio, confiando sempre na terna solicitude da Providência, não cessava de aumentar o número dos alunos, e por conseqüência o dos Padres. Ainda que não houvesse cinco réis na casa professa ou nos colégios, o santo fundador não rejeitava um noviço ou um aluno

- Aquele que quer fazer grandes coisas por Deus, - dizia ele - não deve consultar só a sua cabeça e os seus braços; a sua inteligência é fraca e o seu poder limitado.

- Meu Padre, - dizia-lhe um dos seus religiosos, aterrorizado com o aumento do Colégio Romano - como é que Vossa Reverência, com a

prudência que o caracteriza em todas as coisas, recebe tantos súbditos? É um aumento de despesa que nos pode ser fatal?

- Quando se trabalha pela maior glória de Deus, - respondeu o santo fundador - é mister lutar contra ventos e marés, e, quando a situação parece mais desesperada, confiar mais ainda em Deus.

Via-se que os presentes e as esmolas eram sempre em proporção das necessidades. A confiança de Inácio foi constantemente justificada, muitas vezes miraculosa, sempre providencial. O Padre Bobadilha perguntou-lhe um dia, em que haviam chegado alguns Padres, chamados pelo seu Geral, onde contava ir buscar o preciso para alimentar tanta gente. O Santo enumera as esmolas habituais que recebe.

- Isso não chega para acudir a metade das despesas indispensáveis, - replicou Bobadilha.

Inácio encara-o surpreendido e responde-lhe:

- Pois não devemos nós ter confiança na Providência? Não teremos confiança em Deus, que tanto como a piedosa liberalidade dos fiéis, nos tem sempre animado? Quanto a mim, tenho a certeza de encontrar na mão do Pai celeste o que me faltasse na dos fiéis, e quando mesmo essa mão divina me não fornecesse nada, estaria ainda certo de encontrar nela o necessário.

O Colégio Romano continha vinte e oito religiosos; querendo o santo fundador elevar este número até cem, e não contando com os recursos habituais ou prováveis, mas somente com os fundos da Providência, ordenou ao Padre Olivier Manare, reitor do Colégio, que arranjasse as coisas convenientemente para este aumento.

Uma ordem de Inácio era uma ordem do céu para todos os seus religiosos. O Padre Olivier, que dá estas informações nas memórias que deixou, não respondeu que não havia dinheiro; que na casa professa e no Colégio havia apenas cinco ducados; que o Padre João de Polanco la contraíra um empréstimo para a construção destinada ao aumento do Colégio; enfim, que não tendo o preciso para acudir às necessidades actuais, não vê onde possa ir buscar o necessário para mais setenta e dois religiosos. Bastou ao Padre reitor que o seu santo Padre Geral tivesse ordenado, para que ele se

preparasse para obedecer. Procurou o Padre Polanco que lhe entregou os cinco ducados, único recurso no momento

- Não os quero, - lhe disse Olivier - guarde-os Vossa Reverência para os seus operários.

- Procurarei esmolas, - respondeu João de Polanco e contrairei novo empréstimo, que por certo a Providência se encarregará de pagar, porque o nosso Padre Inácio ordenou que gastássemos. Tenhamos confiança.

Convencionado isto os dois religiosos procederam em conformidade com a vontade do seu superior. Um dia, Inácio foi ver os aposentos destinados a alojar todos os Padres, que breve chegariam. O Padre Polanco e o reitor do Colégio acompanham-no. Mostra-se satisfeito, mas, chegando ao último andar, abrem-lhe as portas das águas-furtadas, onde vê camas, cadeiras, mesas para escrever, e dizem-lhe:

- Eis os quartos dos nossos Padres.

- Oh ! - diz o Santo ao Padre Polanco - aqui é que hão-de dormir os nossos irmãos? É aqui que eles hão-de viver? Mas o inverno aproxima-se! Onde está o tecto de estuque? Os nossos irmãos hão-de habitar sob estas telhas, a contemplarem constantemente os astros?

- Padre, não temos mais dinheiro nem há a quem pedi-lo emprestado.

- É preciso estucar o tecto, Padre Polanco; -respondeu tranqüilamente o Santo - não devemos deixar os nossos irmãos dormir aqui; Deus fará o resto. A pobreza é um muro e apoio duma Ordem religiosa; Deus quer, pois, que os seus servos vivam de pobreza, mas não exige deles a miséria a que Vossa Reverência os condena.

O Padre Polanco saiu no dia seguinte para arranjar dinheiro emprestado; porque o Padre Geral dera uma ordem e era necessário executá-la, apesar de todas as impossibilidades aparentes. O santo religioso encontrou a alguns passos de casa, um Navarro, o Arcediago Mondragone.

- Padre Polanco - lhe diz ele - faça o favor de me guardar cinquenta escudos de ouro; estarão mais seguros na sua mão do que na minha; pedir-lhos-ei à medida que me forem necessários, e se Vossa Reverência tiver necessidade deles, pode gastá-los e restituir-mos mais tarde.

No mesmo dia, um português deu-lhe a guardar uma soma ainda mais considerável, e com a mesma faculdade de se servir dela. Pouco depois vendo os benfeitores da Companhia os trabalhos que se faziam, e sabendo que o santo fundador era muito sábio e muito prudente para os ter empreendido sem necessidade, enviaram esmolas em tal abundância, que chegaram para pagar as dívidas e para prover às exigências do momento.

O Colégio Germânico achou-se, por seu turno, tão desprovido, que o reitor, Guido Roilitz, procurou o Padre Geral e disse-lhe que lhe faltava o necessário. Inácio ouviu-o, pareceu compartilhar do seu embaraço, e disse-lhe, sorrindo:

- Padre Guido, que acepipes tenciona Vossa Reverência dar aos alunos durante as festas do Natal?

- Oh! meu Padre, - respondeu o reitor - nem sequer têm pão, porque o padeiro não quer fiar mais.

- Então, - respondeu o Santo - Deus lho dará; tenha confiança. Entretanto, compre alguns cabritos e qualquer outra coisa para recrear esses jovens e deixe a Deus Nosso Senhor o cuidado do resto.

No dia seguinte, o Papa Júlio III enviava quinhentos ducados a Santo Inácio. O bom Padre Geral dividiu imediatamente aquela quantia entre os dois colégios. Pouco depois, Júlio III passava a melhor vida.

Inácio tinha calculado que, compondo-se o Colégio Romano de duzentas pessoas, religiosos e alunos, era bom ter facilidade de fazer tomar o ar e o repouso do campo àqueles que tivessem necessidade disso, e havia comprado, para este fim, no ano precedente, um terreno junto de Santa Balbina, no local dos banhos de Antonino. Não hesitou, apesar da carência de recursos motivada pelos flagelos que assolavam os Estados romanos, em prosseguir a

empresa começada. Fez construir uma casa assaz vasta e muito bem dividida para ser habitada por todos os enfermos das casas de Roma e receber os jovens que quisessem ali enviar a tomar um pouco de descanso. Alguns Padres disseram-lhe a propósito disto

- Como é que Vossa Reverência, dispende tanto dinheiro em construções, quando o que temos mal nos chega para viver? Não seria melhor reservar alguns recursos para a ocasião em que o necessário possa faltar?

- Prefiro a saúde do menor dos nossos irmãos, - respondeu ele - a todos os tesouros da -terra.

Alguns dias depois, o Padre Polanco vinha dizer-lhe que era necessário pagar aos operários do Colégio Romano e que só tinha uns poucos de vinténs:

- Vou falar nisso a Nosso Senhor, - disse-lhe o Santo.

E encerrou-se para ficar só com Deus. Quando acabou a sua oração, mandou chamar os Padres Laynez, Cristóvão de Madrid, e João de Polanco e olhando-os com a expressão duma doce alegria:

- Não sou profeta nem filho de profeta, - lhes disse mas posso assegurar-lhes uma coisa: é que Nosso Senhor nos não abandonará. Padre Polanco, faça subsistir o Colégio somente mais seis meses, que eu cuidarei dele depois.

No mesmo instante, dois ricos personagens enviaram uma soma considerável de dinheiro; nos dias seguintes vieram novas esmolas.

- É realmente um milagre de cada dia, - dizia o Padre Gonçalves da Câmara, então em Roma. Num tempo em que todos são forçados a restringir-se, é um milagre da Providência a existência das nossas casas vivendo unicamente dos recursos da caridade.

- O contrário é que seria um milagre, - respondeu o Padre Inácio. Sim, se Deus deixasse sem socorros aqueles que só nele confiam, seria um milagre. Chegou Vossa Reverência até hoje, Padre Gonçalves, sem notar que os nossos recursos são sempre proporcionados às nossas necessidades?

Sirvamos Nosso Senhor, e Ele nos proverá do necessário. Quanto a mim, receberia tão facilmente mil novos discípulos como recebi cem ultimamente, porque ao Senhor Nosso Deus não é mais difícil fazer viver mil do que cem.

Algumas vezes sucedeu que, no momento em que se tocava para a refeição, não havia um só pedaço de pão em casa. Dirigiam-se todavia ao refeitório, e todas as vezes, no último momento, apareciam abundantes provisões.

Um dia encontrou-se a casa desprovida ao mesmo tempo de pão, de vinho, de lenha e de dinheiro. Nesse mesmo dia, uma pessoa piedosa enviou um carro de lenha. O porteiro manda entrar o carro, e fecha a porta: volta-se para entrar... e vê no corredor alguns sacos de arroz e algumas pipas de vinho! Por onde tinham entrado aquelas provisões? Quem as tinha mandado? Nunca se soube... O santo fundador conhecia talvez o segredo, mas a sua humildade soube guardá-lo.

Num momento, em que os socorros com que ele podia contar lhe faltaram totalmente, apresentaram-se-lhe alguns alunos e grande número de noviços. A prudência humana aconselhava que lhes fechasse a porca; mas a confiança de Inácio ordenou que a abrissem. No dia seguinte, à noite o Irmão João Croce, ecônomo da casa, voltava de S. João de Latrão, quando, perto do Coliseu, um desconhecido se aproxima, mete-lhe um rolo na mão e desaparece. Este rolo continha cem escudos de ouro. Alguns dias depois, o mesmo Irmão sai ao romper do dia para ir fazer as compras; aproxima-se-lhe um homem, e, sem lhe dizer uma só palavra, mete-lhe uma bolsa na pião e afasta-se. O irmão sente que a bolsa é pesada; não teve tempo de ver o desconhecido, e, mesmo que tivesse, não lhe veria os traços fisionômicos, porque mal se via ainda. "Se fosse um mau espírito"? disse consigo o Irmão. O bom Irmão perturba-se com este pensamento, treme de medo, e diz que aquele mau espírito esteve a zombar dele e lhe deu talvez dinheiro falso para o comprometer. A dois passos está uma igreja aberta, e o Irmão entra para se tranqüilizar pela oração. Pede a Deus que primeiro o acalme, porque lhe parece ter ainda junto de si o espírito maligno encarregado de o perder pelo dinheiro falso e depois pede-lhe que não permita tal desgraça. Acabada a oração, quis examinai o conteúdo da bolsa antes de sair da igreja e vê que são peças de ouro, que julga serem de boa lei! Não se enganava. Quanto ao doador ficou desconhecido, como o do Coliseu e como tantos

outros.

O Padre Polanco, procurando um dia papéis numa grande mala que deixava sempre aberta, encontra um rolo que não suspeitava estaria lá e cujo peso o admira; sente que é dinheiro, que precisamente naquele momento lhe faltava. Abre o rolo e vê que continha escudos de ouro tão brilhantes como se acabassem de ser cunhados. O Padre leva-os ao nosso Santo, que agradece à Providência, e diz em seguida ao bom Padre

- Padre Polanco, nunca se deve desconfiar daquele a quem é tão fácil executar como querer.

Por isso João Polanco dizia muitas vezes aos seus irmãos:

- Não me inquieto nunca de saber se tenho dinheiro, mas somente se o Padre Inácio ordena, porque a sua palavra é de ouro.

O Padre Martinho Olave escrevia a Ribadeneira, então em Flandres

"Para estar convencido da eminente santidade do nosso Padre Inácio, não tenho necessidade de ver doentes curados ou mortos ressuscitados por ele; o que se passa diariamente em Roma em favor das nossas casas, desde que eu aqui estou, é mais que suficiente para me provar que ele é um Santo".

- Anterior
-

- Posterior

XIII. A MORTE DO JUSTO

Dois Padres da casa do Loreto tinham ido em missão a Macerata, e deviam encontrar-se ali durante os três dias que precediam a quaresma daquele ano, 1555. Preveniram-nos de que alguns jovens se preparavam para dar ao povo, durante estes três dias, a representação de peças de teatro, que se assegurava serem muito imorais. Os dois jesuítas, em reparação dum mal que não podiam impedir, anunciam no púlpito que o Santíssimo Sacramento estará exposto durante aqueles dias, e convidaram os fiéis a virem adorá-lo. A multidão corre à igreja. Os jesuítas pregam, obtêm algumas conversões e participam este resultado ao bom Padre Geral, que quer saber tudo.

Inácio chora de alegria ao receber esta notícia; tem um pensamento que o seduz e cuja fecundidade pressente. Ordena imediatamente a todas as casas da Companhia que exponham o Santíssimo Sacramento durante os três dias, que precedem a quaresma, em reparação dos crimes que se cometem durante estes dias de prazer; depois falou deste pensamento de reparação ao Papa e aos Cardeais; daí, a instituição do exercício das Quarenta Horas.

Fica-se como aturdido lançando um olhar sobre todas as instituições criadas por Inácio de Loiola, ou das que ele teve o primeiro pensamento. É a ele que se deve a criarão dos orfanatos, das casas de refúgio, dos asilos para os judeus convertidos, dos seminários, do Colégio Romano, do Colégio Germânico, e enfim a instituição das quarenta Horas. O pensamento duma associação de orações para a conversão da Inglaterra não é novo: Santo Inácio havia estabelecido essa associação na sua Companhia, que a conservou. Juntem-se agora a todas estas obras, tão importantes, os magníficos trabalhos da santa Companhia de Jesus desde a sua fundação até os nossos dias e compreender-se-á tudo o que a Igreja e o mundo devem a Inácio de Loiola..

As forças do nosso Santo declinavam de novo. Decidiu-se a chamar o Padre Nadal e confiou-lhe o governo, assim como aos Padres Polanco e Cristóvão de Madrid. Já no mês de Março, Inácio tinha encarregado de todo o temporal o Padre Pezano, o que lhe era de grande alívio; mas a sua fraqueza aumentava de dia para dia; sentia o próximo fim e desejava-o. Quando ouvia um dos seus religiosos

falar do que tencionava fazer para a glória de Deus no ano seguinte, dizia-lhe:

- Como tem Vossa Reverência a coragem de pensar que viverá até então? Visto que a incerteza lhe permite a esperança de ir gozar a Deus muito mais cedo, não compreendo que suporte um pensamento que não pode ser senão uma ilusão e que devia causar-lhe grande dor.

Todavia, teria aceitado com alegria a prolongação do exílio para o serviço e a glória de Deus. Num momento em que conversava com os Padres Ribadeneira, Laynez e Oviedo, disse ao segundo:

- Padre Laynez, se Nosso Senhor se apresentasse diante de Vossa Reverência neste momento e lhe dissesse: "Queres morrer agora? Dar-te-ei a glória eterna, mas se preferes viver ainda sobre a terra, deixar-te-ei sem te garantir a salvação; julgar-te-ei segundo o estado em que estiveres na hora da tua morte". Se Nosso Senhor lhe falasse assim, e lhe desse ao mesmo tempo o pensamento de que, permanecendo neste mundo, Vossa Reverência podia prestar alguns serviços à divina Majestade, que escolheria?

- Confesso-lhe, meu Padre, - respondeu Laynez -, que tomaria o partido mais seguro e certamente sem hesitação.

- Pois eu, - replicou o venerável Santo - não o faria. Se julgasse que podia aumentar a glória de Deus em alguma coisa, suplicar-lhe-ia que me deixasse viver. Parece-me que no fim de contas, nada arriscava; porque, se um rei oferece uma recompensa magnífica a um dos seus súbditos, e este a recusa para ficar em condições de continuar a servir o seu soberano, o príncipe não se julgaria obrigado, não só a conservar-lhe esta recompensa, mas a aumentá-la em proporção dos seus serviços prestados? E se os monarcas da terra ordinariamente ingratos, procedem assim, que não devemos esperar do Rei dos reis, que nos enche da sua graça e de quem recebemos tudo o que temos e somos? Como poderíamos recear ser condenados por termos sacrificado os nossos interesses à glória e ao serviço do nosso Mestre? Pensem outros o que quiserem; mas eu nunca pensarei de tal modo dum Deus, tão bom, tão magnífico, tão fiel !

Era evidente para todos que o pensamento da morte não

abandonava o santo fundador e para convencer os seus queridos filhos de que, chegado o momento, a sua morte não seria uma perda para a Companhia, respondia a todos os pesares exprimidos pelos superiores a quem tirava súbditos de grande merecimento, e que eram mais úteis que outros na sua residência

- Que faria Vossa Reverência se ele tivesse morrido?

Durante muito tempo os seus religiosos tinham instado com ele para que deixasse memórias da vida; o Santo havia-se recusado, dizendo que os primeiros Padres sabiam tudo; mas, a novas instâncias, tinha terminado por fazer, por diversas vezes, ao Padre Gonçalves da Câmara, a simples narração dos factos desde o momento da sua conversão até ao ano de 1543. Acabando este trabalho, o Santo acrescentou:

- Relativamente ao resto, pergunte-o Vossa Reverência ao Padre Nadal.

Os Padres Laynez e Eguia podiam dizer muito mais, porque tinham tido toda a sua confiança; mas a sua humildade não lhe permitiu que os designasse.

Com receio de afligir os seus filhos, o venerável patriarca evitava falar-lhes francamente do pressentimento da sua morte próxima; mas preparava-os para isso. Assim, disse-lhes um dia:

- Desejei três coisas, e graças a Deus vejo-as realizadas. Estas três coisas eram ver a Companhia autorizada, o livro dos Exercícios Espirituais aprovado pela Santa Sé, e as Constituições acabadas e observadas por toda a Companhia. Nosso Senhor dignou-se conceder-me tudo isso.

Os religiosos presentes compreenderam que o Santo acrescentava interiormente: "Só me resta morrei". Escreveu, poucos dias depois, a D. Leonor de Mascarenhas, que havia sido aia do rei Filipe II, e dizia-lhe que aquela carta era a última que lhe escrevia e que não tardaria a ir orar por ela no céu. A fim de se preparar com mais tranquilidade para aparecer diante de Deus, desejou ir para a casa de campo que mandara construir para os doentes. Os Padres, temendo os grandes calores dos arredores de Roma, consultaram o dr. Petrônio, que os tranqüilizou. O nosso Santo retirou-se, pois,

para ali no meado de junho; ruas experimentou tão frequentes desfalecimentos, ocasionados pelo calor, que foram obrigados a trazê-lo para Roma. Os médicos prescreveram-lhe apenas repouso absoluto, não o julgando mais doente do que estava já há muito tempo. Sobreveio em seguida uma ligeira febre, à qual não ligaram importância. Havia naquele momento alguns doentes na casa; e, conquanto o Padre Geral fosse aquele a quem mais estimavam, era o de que se ocupavam menos, porque estavam tranqüilos acerca do seu estado. Inácio de Loiola sabia entretanto que a sua hora chegara; mas, humilde e desapegado de si mesmo até ao fim, queria que só se ocupasse dele Deus e não procurava persuadir o que todos ao redor dele se recusavam a crer. Continuou com as ocupações a que se limitava desde que a sua extrema fraqueza o obrigara a diminuir o trabalho; dava conselhos, informava-se dos negócios e pedia notícias dos doentes algumas vezes ao dia, com tanta tranquilidade como de costume. Os Padres Laynez e Mendonça estavam gravemente doentes naquele momento, principalmente o primeiro, que os médicos tinham declarado em perigo. Inácio não devia ter a consolação de morrer nos braços desse amigo. O único dos seus primeiros discípulos presentes em Roma estava moribundo; Hocez, Codure, Fabro e Xavier já estavam no céu; os outros, dispersos na Companhia.

No dia 30 de julho, Inácio de Loiola, depois de ter comungado e dado ação de graças por longo tempo, chama o Padre Polanco; este apresenta-se, e o santo doente, tendo mandado sair o enfermeiro, diz ao Padre:

- Chegou o momento de mandar dizer a Sua Santidade que eu estou prestes a morrer, que não creio que a minha vida se prolongue muito e que lhe peço humildemente a sua bênção para mim e para um dos nossos Padres, que não tardará a falecer [57]. Diga também a Sua Santidade que, depois de ter orado muito por ele neste mundo, continuarei no céu a fazê-lo, se a divina Bondade se dignai de receber-me lá.

- Padre, - lhe respondeu Polanco - os médicos estão longe de julgar Vossa Reverência tão mal como pensa, e asseguraram-me que não há nenhum sintoma alarmante no estado de Vossa Reverência. Espero que a misericórdia divina nos conservará o nosso Pai muito tempo ainda.

- Padre Polanco, - replicou o Santo - sinto-me tão fraco que só me resta soltar o derradeiro suspiro.

- Para lhe obedecer, - disse Polanco - irei falar ao Papa; mas tenho algumas cartas que expedir esta tarde para Espanha; poderei adiar a incumbência para amanhã?

- Faça como quiser, - respondeu o humilde doente abandono-me à sua vontade.

Que abnegação, que humildade, que espirito de obediência nestas doces e simples palavras do grande Loiola! E que admiração excita quando essas palavras se aproximam das grandes coisas que ilustram tão bela vida!

O Padre Polanco, sempre cheio de esperanças, tinha adiado a visita ao Papa para o dia seguinte. Algumas horas depois, falou ao dr. Petrônio acerca dos pressentimentos do santo fundador e pediu-lhe o seu parecer:

- Até agora, - respondeu-lhe o. doutor - nada vejo de inquietador; virei vê-lo amanhã de manhã, e direi a Vossa Reverência a minha opinião, se achar mudança.

À noite, os Padres Madrid e Polanco foram para junto do nosso Santo, assistiram à sua frugal ceia, não o acharam pior e trataram com ele alguns assuntos relativos aos colégios. Inácio ouviu-os, examinou as coisas, deu a sua opinião com a liberdade de espírito, perfeito juízo, calma, capacidade ordinárias. Os Padres retiraram-se, convencidos de que o teriam ali por muito tempo e que o seu estado não era perigoso.

No dia seguinte, sexta-feira, antes do nascer do sol, os mesmos Padres entram no quarto do venerável patriarca... Inácio estava agonizante!... E não chamara ninguém! Passara a noite só e deixava-se morrer sem testemunhas; havia-se abandonado à vontade de um dos seus religiosos, que não queria acreditar na sua morte, e Inácio não falava dela senão a Deus.

O Padre Polanco corre ao palácio do Papa, apesar da hora matutina. Os Padres Madrid e Frúsio, pensando que a fraqueza é a causa única do estado em que vêm o seu muito amado Geral, pedem-lhe que

tome um caldo; Inácio recusa-o com doçura e diz:

- Não é necessário.

O Sumo Pontífice mostrou viva dor quando soube a notícia que lhe levou o Padre Polanco e concedeu a sua bênção ao santo moribundo. O Padre voltou a toda a pressa e deu a bênção apostólica ao nosso Santo. Duas horas depois, Inácio de Loiola junta as descoradas mãos, ergue os belos olhos para o céu, pronuncia o doce e santo nome de Jesus e evola-se para o seio de Deus!

Foi no dia 31 de julho de 1556, dia aniversário da aprovação, pela Santa Sé, do livro dos Exercícios Espirituais.

Inácio de Loiola tinha sessenta e cinco anos. Havia trinta e cinco que se havia dado a Deus; vinte e dois anos que tinha consagrado os seus primeiros discípulos na capela subterrânea de Montmartre, em Paris, e dezasseis anos que a Companhia de Jesus estava constituída em Ordem religiosa e que, autorizada pelo Sumo Pontífice, se podia desenvolver livremente.

Nestes dezasseis anos, Inácio vira-a aumentar e desenvolver maravilhosamente. Deixava-a com doze provincial, mais de cem colégios e tendo tido a glória de enviar ao céu três mártires, saídos do seu seio: os Padres Antônio Criminale nas índias orientais, Pedro Correia e João de Sousa no Brasil.

O corpo do grande Loiola ficou no quarto donde a sua alma voara ao céu. Toda a cidade de Roma foi ali vê-lo com a mais terna veneração. Este movimento foi compreendido pelo Padre Laynez, a quem tinham ocultado a morte do seu amigo. Os outros Padres sucediam-se junto dele, a fim de vigiar para que a triste verdade não fosse sabida por ele, porque Laynez estava em grande perigo. Algumas vezes por dia, pedia noticias do seu querido Pai e o movimento desusado daquele dia, a tristeza involuntária que se lia no rosto de seus irmãos, tudo concorria para o esclarecer.

- O nosso Pai morreu? - perguntou ele.

Ninguém lhe respondeu. Então, erguendo os olhos e juntando as mãos, ofereceu a Deus o seu sacrifício interiormente; depois,

levantando a voz tanto quanto lho permitia a sua fraqueza, disse:

"Eterno Pai, eu, que sou apenas uma miserável criatura, ouso suplicar-vos, a vós que nos destes por mestre, por pai e por chefe o vosso servo Inácio, e que tirastes hoje deste mundo a sua alma puríssima, que liberteis a minha dos laços que a prendem ao corpo! Peço-vos, pelos seus méritos e por suas santas orações, que me chameis breve a vós, para que eu vá, apesar da minha indignidade, juntar-me ao meu muito amado Pai, é gozar com ele da vossa divina e eterna presença!"

O Padre Ribadeneira, que nos dá estas informações, acrescenta que o Padre Laynez foi curado, e não ouvido, o que não surpreendeu ninguém, porque, alguns anos antes, Santo Inácio tinha-lhe dito: "Será Vossa Reverência, Padre Laynez que me sucederá no generalato".

Entretanto a multidão aumentava e acotovelava-se junto do despojo venerado, a ponto que um dos Cardeais lutou com grandes dificuldades para conseguir beijar a mão do santo fundador. No dia seguinte de manhã, as portas ficaram fechadas, a fim de se proceder ao embalsamamento; nesta operação descobriram que o estômago estava contraído, as entranhas dessecadas, o fígado endurecido e com três pedras. Os médicos declararam que ele não podia ter vivido tanto tempo sem milagre, e atribuíram o estado de dessecamento dos órgãos a jejuns muito prolongados. Um autor já muito citado, o Padre Ribadeneira, diz que o Santo passava algumas vezes sete dias inteiros sem tomar o menor alimento.

Depois de embalsamado, a porta abriu-se de novo aos fiéis. O concurso foi imenso, como na véspera. O corpo havia sido posto num caixão de madeira, que ficou descoberto e foi assim levado, depois de vésperas, para a igreja de Santa Maria da Estrada, pertencente aos jesuítas. Depois da cerimônia fúnebre, o caixão foi coberto e descido ao ,modesto túmulo preparado para o receber, à direita do altar-mor.

A Companhia de Jesus não pôde chorar Inácio de Loiola, porque sabia que, se perdia um pai na terra, ganhava um poderoso protetor no céu.

XIV. A GLORIFICAÇÃO

No 1º. de Agosto, enquanto se celebrava o ofício fúnebre para a inumação dos venerados restos de Inácio de Loiola, na igreja dos jesuítas, Bernardina de Nurecci, dama romana, tentava em vão aproximar-se do caixão. A multidão era tão compacta, que o jovem Fabrício de Massini não pôde chegar até lá; foi necessário colocar guardas ao redor do santo corpo para impedir que o despojassem dos pobres vestidos que o cobriam, porque todos pediam um fragmento. Bernardina de Nurecci tinha levado consigo a filha, de catorze anos de idade, cujo rosto, desfigurado por um tumor escrofuloso, causava repugnância. Quatro dos mais célebres médicos tinham-na declarado incurável, e a pobre mãe, tendo só esperança em Deus, persuadia-se de que sua filha recobraria a saúde se a pudesse aproximar do cadáver do Padre Inácio. Não podendo conseguir tão desejado fim, mandou participar o seu pesar a um dos Padres e pedir-lhe que pusesse em sua filha um objecto que tivesse tocado o santo corpo. O Padre Cornélio Vichafon tocou a jovem com um pedaço de pano duma sotaina do Santo, e no mesmo instante, em presença daquela imensa multidão, as chagas desapareceram a menina ficou curada e os assistentes deram ações de graças a Deus por esta brilhante maravilha.

Inácio de Loiola, quando abandonou Barcelona, havia predito a João Pascoal uma série de provações que, por graça de Deus, se tornaram em proveito da sua alma.

João Pascoal casara-se, efetivamente; sua esposa era das mais virtuosas; teve sete filhos, três filhos e quatro filhas. O seu filho mais velho era surdo-mudo de nascença, o segundo estava louco, o terceiro morreu subitamente depois de ter causado os maiores desgostos a seu pai pela sua má vida. Das quatro filhas, uma só se casara, porque Pascoal tinha perdido toda a fortuna e estava reduzido à maior miséria.

Todas estas provações, anunciadas pelo nosso Santo, tornaram-se, como ele havia predito, em maior . glória de Deus e santificação de João. Este suportava-as com perfeita resignação e dizia muitas vezes: "É necessário que a profecia do Santo se cumpra; só peço a Deus paciência". Inácio de Loiola tinha-o sustentado pelas suas cartas durante a vida e não o abandonou ao entrar no céu. Apareceu

um dia ao seu antigo amigo na igreja catedral, perto do túmulo de Santa Eulália, às quatro horas da manhã, quando João o invocava com fervor; esperando que o cabido viesse cantar matinas. Esta aparição foi uma consolarão e uma fonte de coragem para o resto da sua vida.

Tiago Tírio, jovem Escocês, entrara cheio de zelo e de fervor na Companhia de Jesus, em 1564, e depois das primeiras provas do noviciado, passou ao Colégio Romano. O gosto do estudo fez-lhe em breve perder o da piedade. A sua vontade conservava-se inteira, só o seu gosto ia de dia para dia enfraquecendo, e Tiago não dava por isso. Destinava ao estudo o tempo que devia consagrar a exercícios de piedade, persuadido de que, sendo o seu trabalho destinado a torná-lo mais apto para exercer o santo ministério, devia ser tão agradável a Deus como a oração, as leituras piedosas e o exame da consciência. Vendo o demônio o noviço desarmado, atacou-o com violentas tentações; Tiago quer defender-se e resistir-lhe... Somente então conhece que não pode, porque perdeu os meios, e, muito admirado da sua fraqueza, chama Deus em seu auxílio com tanta força e confiança, que Deus tem piedade dele. Num momento em que Tiago não ousava quase esperar o auxílio que havia pedido, Santo Inácio aparece diante dele, olha-o com a mais comovente expressão de bondade, e diz-lhe:

- Tiago, porque procurou aperfeiçoar-se mais nas letras do que na virtude? Quando Nosso Senhor o retirou do mundo e o chamou à Companhia, era para que desse este resultado? Tiago, menos ciência e mais piedade!

O santo fundador desapareceu ao pronunciar estas últimas palavras e deixou Tiago Tírio livre de tentações e cheio de confiança ria misericórdia infinita de Deus. Tiago foi um dos membros mais distintos e mais exemplares da Companhia, e morreu, em 1597, sendo assistente na Alemanha.

Apesar das multiplicadas maravilhas, que atestavam em toda a parte a santidade de Inácio de Loiola e a glória de que ele gozava no céu, não era permitido a ninguém, mesmo aos jesuítas, dar-lhe o menor testemunho exterior de veneração. O Padre Aquaviva era inflexível neste ponto. Um dia encontraram-se sete lâmpadas a arder no túmulo do Santo; o Padre Geral foi prevenido e deu ordem para que se retirassem imediatamente. Perante este obstáculo às suas manifestações, o reconhecimento dos fiéis queixava-se altamente.

No decorrer do ano de 1594, Guilherme Guardford, sacerdote inglês, foi a Roma, apresentou-se em casa dos Jesuítas e pediu para entrar na Companhia. No dia seguinte, uma febre ardente, uma prostração geral e alguns acidentes alarmantes puseram a sua vida em perigo. O Padre compreende-o, sente morrer antes de ter feito os votos, e, erguendo-se, fixa os olhos num ponto do quarto, sem se aperceber porquê; invoca Santo Inácio, pede-lhe que não permita que ele morra sem ser membro da santa Companhia de Jesus e que deixe tempo de gozar a felicidade, que veio procurar de tão longe. Na noite seguinte o doente vê, no mesmo sitio do quarto para onde tinha lanceado os olhos, Santo Inácio, acompanhado dalguns outros Padres. Estava vestido como durante a vida e apoiava-se a um bordão. Aproxima-se do leito, faz, com o bordão, alguns movimentos que parecem afastar um objecto invisível e retira-se olhando o doente com uma ternura paternal.

Um dos Padres que acompanhavam o Santo, veio em seguida junto de Guilherme, e este pergunta-lhe se ele e os que com ele estão podem fazer tais milagres, porque se sente curado. O Padre faz-lhe sinal para que durma e a visão desaparece: Guilherme Guardford dorme logo um longo e benéfico sono e acorda de perfeita saúde. Mas, apesar de habitar na casa, não lhe foi permitido testemunhar exteriormente ao santo fundador o reconhecimento que lhe enchia o coração.

Deus encarregou-se daí a pouco de afastar todas as dificuldades à piedade pública.

O Cardeal Belarmino, que Clemente VIII arrancara à Companhia de Jesus, obrigando-o, sob pena de pecado, a aceitar o cardinalato, tinha deixado o coração e todos os seus afetos na Ordem onde nunca havia cessado de querer viver, a fim de ter a felicidade de nela morrer. Em 1599, pediu para fazer o sermão costumado por ocasião do aniversário da morte de Inácio de Loiola, na igreja de Gesú, o Cardeal Barónio quis assistir.

No sermão, Belarmino provou claramente que as eminentes virtudes do santo fundador durante a sua vida, e os numerosos milagres que não cessava de operar depois da morte, eram mais que suficientes para pedir a sua canonização.

Depois do sermão, o Cardeal Barónio foi prostrar-se no túmulo de Inácio; beijou por várias vezes a pedra que o cobria, e, erguendo-se, dirigiu-se ao orador e disse-lhe:

- As palavras de Vossa Eminência foram para mim semelhantes à água de um rio que, batendo nas pesadas e imóveis rodas de um moinho, lhe imprimem um movimento a que não podem subtrair-se. Eu vim para ouvir, e sou arrastado a falar.

E fez o panegírico do santo fundador.

Depois, dirigindo-se aos Padres, disse-lhes

- Qual a razão porque não está aqui a imagem do vosso Pai? Só posso atribuí-lo à vossa modéstia e à vossa humildade, pois que não pode ser efeito de indiferença. Ponha-se, pois, aqui um retrato do vosso ilustre fundador.

O retrato foi apresentado ao Cardeal Barónio, que o colocou por suas próprias mãos sobre o túmulo, juntando-lhe ex-votos, que alguns fiéis solicitaram a permissão de oferecer ao Santo. Os dois Cardeais prostraram-se em seguida diante da veneranda imagem, e os Padres da Companhia foram, depois deles, render a mesma homenagem ao seu santo fundador; as lágrimas de alegria corriam de todos os olhos.

Os fiéis, autorizados desde então a dar livre curso á sua piedade, afluíam ao túmulo de Santo Inácio e expunham as suas ofertas. Dai a pouco, viam-se por toda a parte imagens suas, e por toda a parte operavam alguns prodígios, principalmente em Espanha.

No fim desse mesmo ano de 1599, uma piedosa jovem da vila de Cazorla, na diocese de Toledo, orava, todos os dias, diante duma imagem do nosso Santo, que invocava com filial confiança. Um dia procura em vão a chave dum cofrezinho em que tinha guardado o dinheiro, e pede-a com toda a simplicidade a Santo Inácio. Acabada a oração, procura-a de novo e não a encontra. Não estava acostumada a ver recusar o que pedia ao seu protetor e o seu coração entristece-se; mas era preciso submeter-se, e assim fez. Resolve mandar arrombar o cofre no dia seguinte e deita-se.

Durante a noite, foi desertada por uma voz que a chama pelo seu

nome; abre os olhos e vê Santo Inácio, que lhe aponta com o dedo o sítio onde encontrará a chave. E encontrou-a, com efeito.

Três anos depois, a pobre menina ficou surda a ponto de não ouvir nada, por forte que fosse a voz que lhe falasse. Afligia-se com isso por causa dos seus interesses espirituais porque não ouvia o seu confessor e não aproveitava os seus conselhos. Vendo que o seu estado não melhorava, toma a imagem de Santo Inácio, diz-lhe que aceita de todo o coração todas as enfermidades que apraza a Deus enviar-lhe, mas pede-lhe que lhe obtenha somente a faculdade de ouvir o preciso para bem da sua alma. Depois desta prece, aplica a imagem a cada um dos ouvidos e dirige-se à igreja. Ao entrar ouve os cânticos do Oficio; o pregador sobe ao púlpito e ela ouve distintamente todas as suas palavras; depois do Ofício, confessa-se e ouve o que lhe diz o Padre em voz baixa. Saindo da igreja, perde o ouvido! No dia imediato e nos seguintes, o mesmo prodígio: readquiria o ouvido na igreja e perdia-o quando saia. Esta maravilha renovava-se todos os dias havia um ano quando foi certificada em Roma, em 1603

Santo Inácio aprazia-se em testemunhar à sua pátria a lembrança que dela tinha no céu; os milagres eram ali tão numerosos, e multiplicavam-se igualmente em Roma de tal sorte, que o Papa Paulo V resolveu-se a ordenar que se fizessem as informações jurídicas para a canonização; começaram em 1605 e terminaram em 1609 Então, por solicitação de alguns soberanos, Paulo V declarou Inácio de Loiola bem-aventurado e permitiu que se celebrasse a Missa e o Ofício em sua honra. Continuando sempre os milagres e renovando os soberanos as suas instâncias, Gregório XV celebrava a festa da canonização no dia 12 de Março de 1622, e Urbano VIII, seu sucessor, publicou a 6 de Agosto de 1623 a bula que declara o bem-aventurado fundador da Companhia de Jesus no número dos Santos. Esta bula menciona duzentos milagres; citaremos apenas dois que nos parecem graciosos como uma e que por certo serão lidos com interesse.

Era em 1618, no bairro de Loano, no Piemonte. Maria Nateri dizia a sua mãe alguns dias antes da festa de Pentecostes:

- Mãe, sonhei a noite passada que tinha caído ao mar e que a Senhora do Carmo e o bem-aventurado Inácio de Loiola me tiraram das águas e me salvaram a vida.

- Isso é muito natural, minha filha; recebeste há dias o hábito de Nossa Senhora do Carmo e ouves falar muitas vezes dos milagres do bem-aventurado Padre Inácio; é muito natural que tenhas sonhado. Estavas preocupada com a peregrinação que devemos fazer na segunda-feira.

- Não dou nenhuma importância a isso, minha mãe; contei-lhe o sonho, porque me apraz recordar-me dessas duas figuras que me encheram de consolação nele. Além disso, acredito pouco neste sonho porque estou persuadida, como sabe, que a Santíssima Virgem me não protege na proporção da minha devoção por ela. E sinto grande pesar.

- Já te tenho dito, minha filha, que fazes mal em pensar assim.

- Que quer, minha boa mãe? É um pensamento que, contra minha vontade, me vem.

Na segunda-feira de Pentescostes, a mãe e a filha partiram a pé para a peregrinação projectada; iam a um santuário da vila de Arassio, dedicado a Nossa Senhora do Carmo, e muito venerado no país. Arassio é afastado de Loano doze milhas aproximadamente. Quando chegaram, o tempo mudou bruscamente, a chuva caiu a torrentes e durou todo o dia e toda a noite seguinte; quarta-feira de manhã, tendo reaparecido o sol, as peregrinas puseram-se em marcha para regressar a casa; mas enterravam-se na lama, a estrada estava intransitável e era prudente voltar atrás, seguir a praia do mar e costeá-lo até ao fim. As viajantes tomaram este caminho.

A pouca distância de Loano, Maria caminhava só, adiante de sua mãe, e, ou por distração, ou por preocupação, não se afastou o bastante ao aproximar-se duma pequena torrente que se passava de ordinário sem dificuldade, quando o leito estava calmo. A Sra. Nateri achava-se naquele momento a vinte passos distante de sua filha e tremeu vendo-a caminhar para diante como cega:

- Maria ! - exclamou ela - não avances ! A torrente trasbordou, Maria !

O ruído das vagas impede Maria de ouvir a voz de sua mãe, e, antes que esta tenha podido aproximar-se dela, Maria cai na água; a torrente arrasta-a, e ei-la em pleno mar! A mãe e a filha invocam ao mesmo tempo Nossa Senhora do Carmo. A primeira chamava-a em

grandes gritos, quando vê sua filha aparecer à superfície do mar, estendida na água como uma prancha, os olhos abertos, o olhar elevado para o céu e os pés juntos como se estivessem ligados. Vendo-a assim tranqüila e sobrenadando, mas podendo ser submergida dum momento para outro, corre loucamente em busca de socorros, soltando altos gritos. Aparece gente dos arredores, mas não se encontra nadador que se exponha num tal momento, porque o mar está agitado, perigoso...

A jovem continuava na mesma posição. Uma das testemunhas, Pedro Torre de Albenga, exclama:

- Aquela menina está rodeada de luz! Vejo brilhantes estrelas sobre ela!... Deus quer certamente salvá-la, porque ela devia ter morrido no primeiro momento. Tomasco, -acrescenta, dirigindo-se a um jovem que estava a alguns passos de distância-, vai buscar Rinaldi !

Rinaldi era o mais intrépido nadador daqueles sítios, mas estava a duas milhas de distância e era mister esperar muito tempo naquela cruel ansiedade. O número dos espectadores continuava a aumentar.

Enfim, Tomás Moreno volta com Rinaldi. Este lança-se ao mar e deita a mão a Maria... Ambos desaparecem! Maria volta à tona de água, na mesma posição que antes, e o nadador aparece em seguida; mas achando pouco natural que ela sobrenadasse sempre assim, abandona o seu sistema de salvamento e limita-se a empurrá-la diante dele, até à margem, como se fora uma prancha.

Apenas a jovem chegou à margem, lança-se de joelhos e pede a todos os assistentes que agradeçam com ela à doce Virgem do Monte Carmelo e ao bem-aventurado Padre Inácio, a quem deve a vida. Levanta-se depois, perguntam-lhe a significação da luz e das estrelas que apareceram sobre ela; Maria não responde e procura sua mãe. Dizem-lhe que ela se retirou à igreja dos Padres de S. Francisco de Paulo para implorar a misericórdia divina. Maria dirige-se imediatamente para ali. Havia mais de quatro horas que ela tinha caído ao mar!

Julgue-se da comoção de sua mãe vendo-a aparecer sã e salva.

- Mãe, - diz-lhe Maria - recorda-se do meu sonho? Pois bem, realizou-

se: devo a vida a Nossa Senhora do Carmo e ao bom Padre Inácio.

As duas estavam a certa distância da sua habitação. Apenas entraram em casa, a mãe interroga a filha acerca do prodígio que a salvou:

- Vou dizer-lhe tudo, minha boa mãe; mas há coisas que quero conservar secretas; não as comunique a ninguém. Basta que se saiba que é a Nossa Senhora do Carmo e ao bom Padre Inácio que devo a vida.

A feliz mãe prometeu segredo e Maria narrou:

- Quando caí ao mar e me senti, no mesmo instante, arrebatada pelas vagas, chamei em meu auxilio a Mãe do Carmelo e pedi-lhe perdão de ter dito que ela me não protegia na. proporção da minha devoção; depois invoquei o- bem-aventurado Padre Inácio e disse-lhe: "Meu Padre, tenho os meus dois irmãos na vossa Companhia; são vossos filhos, vinde em meu auxílio, salvai-me." Conheci então que estava a mais duma milha da margem; e, no mesmo instante, perdi os sentidos, não vendo o mar nem a terra, não ouvindo O ruído das vagas, não me sentindo sobre a água, tudo tinha desaparecido, e via-me numa nuvem branca e luminosa, que me parecia elevar-se até ao céu. Esta nuvem formava uma. espécie de círculo, no qual eu via uma multidão de anjos brilhantes de luz, mas dum brilho tão agradável que o encarava sem fadiga. Um deles tinha uma roupagem de cor áurea, outro de cor branca; compreendi que a primeira era a do Carmelo, que eu tinha recebido alguns dias antes. No alto da nuvem vi uma senhora que me parecia mui bela; mas saía-lhe do coração uma luz tão viva e tão abundante, que me ocultava o seu rosto. Pedi então ao bem-aventurado Inácio que me obtivesse o favor de ver aquela a quem as torrentes de luz me ocultavam o rosto. No mesmo instante, vi o bem-aventurado Padre por sobre os anjos vir até mim, olhando-me sem me falar e deixando-me o tempo suficiente para distinguir todos os seus traços. Naquele momento, a minha consciência censurou-me uma falta e exclamei: "Ó bem-aventurado Padre Inácio, perdoai-mel Recordo-me de ter duvidado da vossa santidade e de haver censurado meu irmão Antônio por entrar numa Ordem cujo fundador não era canonizado!" Imediatamente ouvi a voz da doce Senhora, que me disse: "Vês agora que ele é Santo e que veio em teu auxílio apenas o invocaste; deves-lhe a salvação". Compreendi que a Senhora falava da salvação da minha alma para a eternidade, e da do meu corpo

naquele momento. Quando Rinaldi me pegou no braço tive medo, julguei que um demônio procurava arrastar-me e a visão desapareceu; senti-me cair no mar, experimentei a frescura da água e invoquei a grandes gritos o bem-aventurado Inácio e a boa Senhora, para que me livrassem das mãos do demônio. Só dei acordo de mim quando me vi na margem.

Tendo os religiosos carmelitas de Loano sabido, pelas. testemunhas do facto, a maneira miraculosa como Maria Nateri havia permanecido sobre as ondas do mar durante. quatro horas, interrogaram-na juridicamente; mas limitou-se a responder que tinha invocado a Santíssima. Virgem e Santa Inácio, e que estava certa de ter sido salva pela sua proteção. Confessou somente a alguns religiosos toda a verdade, pedindo não ousava falar publicamente da -lhes segredo, porque ela visão que tinha tido.

Alguns dias depois, tendo-se Maria levantado no meio da noite para orar, agradecia à Santíssima Virgem e a Santa Inácio o favor que lhe tinham concedido, quando de repente vê diante a Senhora da nuvem; mas o seu olhar é severo e parece lançai sobre ela um castigo do céu.

Maria cai com a face em terra e verte abundantes lágrimas, suplicando à sua divina protetora que lhe faça conhecer a falta que lhe merece tal castigo... A Virgem tinha desaparecido.

Durante mais de três horas, a pobre menina pede a Nosso Senhor a graça de a esclarecer. Enfim, acabrunhada peia fadiga e pela dor, apóia a cabeça nas mãos e pede a Deus que lhe conceda um pouco de repouso. No mesmo instante sente o coração dilatar-se-lhe com inefável doçura e ouve uma voz que lhe diz com infinita bondade: "Minha filha, conta toda a verdade do que minha Mãe fez por ti e tudo o que viste". Maria compreende então que deve reconhecimento por tão grande favor, e confessa minuciosamente, e sob a fé do juramento, os factos que acabam de ler-se.

Relataremos apenas mais um dos numerosos milagres que encontramos em Bartoli.

No dia 30 de julho de 1629, na cidade de Ferrara, pela tarde, sopra um vento violento anunciando tempestade formidável. Paula Sbarbagli tinha nos braços um menino de sete meses, filho de seu

cunhado João Oltramari. A chuva batia furiosamente nos vidros do rés-do-chão, e Paula, recordando-se de que as janelas do primeiro andar estavam abertas, sobe para fechar as portas, porque está só em casa e já as ouve bater violentamente. Não pode deixar só o menino e leva-o; e julgando prudente fechar as janelas exteriores que podiam ser arrancadas pela tempestade, sobe ao peitoril. Incomodada pelo menino que lhe dificulta os movimentos e pelo vento que agita as janelas à medida que ela as quer fechar, é obrigada a voltar-se fora do peitoril... Neste momento o menino, que apenas estava envolvido num lençol, faz um movimento tão brusco e tão súbito que escapa dos braços da infeliz Paula e cai à rua !

Paula solta um grito, deixa-se cair sobre uma caixa colocada perto da janela e desmaia invocando Santo Inácio, ao qual tinha desde muito tempo grande devoção.

Quando volta a si, o menino está nos seus braços, sorri-lhe, responde às suas caricias... Paula não se admira: quando estava desmaiada, viu Santo Inácio apresentar-lhe o menino e pôr-lho nos braços!

"E como as forças me faltavam, - acrescentou ela na sua declaração -, para o tornar e estreitar ao coração, o bom Santo Inácio sustentou-o nos meus braços até que recobrei os sentidos! Estava vestido como os Padres da Companhia; o seu rosto brilhava, mas não se parecia com nenhum dos retratos dele que vi em Ferrara".

O lençol do menino, que ficou na rua, trouxeram-no os vizinhos, que tinham ouvido o grito, a Paula. Tê-lo-ia o Santo deixado como prova do prodígio?

Em toda a parte a piedade dos fiéis elevava santuários ou monumentos em honra do ilustre fundador da Companhia de Jesus.

Em Manresa, o hospital de Santa Lúcia, onde ele havia estado, foi dado à Companhia de Jesus, que ali estabeleceu um colégio; os doentes foram transferidos para novo local. O quarto, em que Santo Inácio tivera o êxtase que durou oito dias, foi transformado em capela. A gruta, a que se retirava para se entregar às suas longas orações e espantosas austeridades, empedrada e adornada tanto quanto possível sem lhe prejudicar a rusticidade natural. Colocou-se nesta gruta um quadro representando o Santo tal como ele andava

em Manresa: os cabelos compridos e descuidados, o rosto pálido e emagrecido pelas austeridades, o corpo vestido duma túnica. de pano cinzento, os rins cingidos por uma cadeia de ferro, os olhos fixos numa imagem da Santíssima Virgem, com o Menino Jesus nos joelhos; e o Santo, ajoelhado, com a mão direita apoiada numa saliência do rochedo, parecendo escrever sob o ditado de Jesus Menino o livro dos Exercícios Espirituais.

O castelo de Loiola foi comprado pela rainha Ana de Áustria, que o deu à Companhia de Jesus para se estabelecer nele um colégio. O quarto onde Santo Inácio se converteu durante a convalescença transformou-se em capela cujo pavimento é composto de belos mármores; os muros são adornados de belíssimas pinturas. Todos os anos os peregrinos afluem a Loiola para assistir à festa de Santo Inácio, não só no dia 31 de julho, mas durante toda a oitava.

Não terminaremos sem falar dum facto mui recente, que prova o reconhecimento do santo fundador da Companhia de Jesus.

Há pouco tempo, apresentou-se na casa dos jesuítas, numa cidade de Itália, um estrangeiro e pediu para falar ao superior. Depois das primeiras palavras trocadas entre pessoas que se vêem pela vez primeira, o estrangeiro pediu ao superior -que fizesse o favor de lhe dar um dos seus Padres para educador de seu filho.

O superior, admirado do pedido, responde que as constituições da sua Ordem se opõem em absoluto a isso.

- Reverendo Padre, - replica o estrangeiro - tenho grande empenho nisso e peço-lhe que mo conceda.

- Mas, senhor, não posso; é proibido.

- Faça uma exceção para mim.

- É impossível, senhor.

- Vossa Reverência nega-se então em absoluto?

- Nego, porque não posso.

- E se eu o forçar?

- Não julgo que o possa fazer; porque para nós a primeira autoridade é a nossa regra e ela proíbe-nos esse ministério particular.

- Pois bem, reverendo Padre, vamos a ver se tenho algum meio de o fazer mudar de opinião.

- Duvido, senhor.

- Um instante, meu Padre.

E o nobre estrangeiro, que não tinha deixado de sorrir um pouco maliciosamente, meteu a mão no bolso; desse bolso tirou uma carteira; dessa carteira um papel... O Padre superior observava todos os movimentos, perguntando-se como podia sair daquele bolso, daquela carteira e daquele papel um argumento assaz forte para provar que ele podia fazer uma exceção em favor do estrangeiro, qualquer que fosse o seu nascimento.

- Leia, reverendo Padre, disse-lhe tranqüilamente o desconhecido.

O superior tomou o papel, leu e inclinou-se:

- Senhor, confesso-me vencido. Um dos nossos Padres fica à sua disposição para professor de seu filho.

Este estrangeiro era um descendente de D. André de Amigante, em casa de quem Inácio de Loiola, mendigo em Manresa, tinha sido recolhido duas vezes durante duas gravíssimas doenças, e de quem ele havia recebido cuidados tão desvelados e respeitosos, que nunca os esqueceu.

Na sua velhice, quis deixar a esta família um testemunho do seu reconhecimento, que perpetuasse, para os descendentes de D. André, a recordação dos benefícios que dele tinha recebido.

Este testemunho de reconhecimento era um escrito da mão do mesmo Santo Inácio, atestando que concedia, perpetuamente, aos descendentes diretos de D. André de Amigante o favor de terem um Padre da Companhia para a educação de seus filhos, em qualquer lugar que estivessem. O Padre Polanco foi encarregado de fazer uma cópia deste privilégio para ser guardada nos arquivos da casa de

Roma.

Ao terminar este pobre trabalho, que éramos indignos de empreender, e que, todavia, nos foi muito agradável e consolador, ousamos pedir humildemente a Santo Inácio de Loiola abençoe abundantemente estas páginas e faça descer sobre nós todas as bênçãos do céu.

Glória a Deus!

Glória ao santo fundador da Companhia de Jesus!

- Anterior
- Índice
- Posterior

NOTAS

Notas

[1] Ignora-se o dia; o nome imposto no batismo a este menino foi o de Ínigo, nome que mais tarde trocou no de Inácio.

[2] Esta antiga fortaleza, elevada numa altura que domina todos os arredores, é dependente da freguesia de Azpeitia, a doze quilômetros pouco mais ou menos de Tolosa, distrito da província de Guipúzcoa, que outrora fazia parte da de Biscaia. No meio do frontão, acima da porta de entrada. ainda se vêem esculpidas as armas de Loiola, que são dois leões a acometerem-se, e, entre os dois, um vaso preso duma cadeia que cai tia extremidade do escudo. Este vaso, em forma de marmita, encontra-se na maior parte das armas das antigas famílias de Espanha; era sinal da hospitalidade hereditária nessas famílias.

[3] Segundo informações do Padre Artola , Jesuíta espanhol, com residência em Loiola (Janeiro de 1855), vê-se ainda hoje, na igreja paroquia] de Azpeitia a pia batismal cm que o santo recebeu o batismo.

[4] Inácio foi educado no palácio do amigo de seu pai, D. João Velázquez de Cuéllar, contador-mor dos reis católicos. Na sua casa de Arévalo, ou na corte, onde D. João demorava freqüentemente, passou Inácio os anos da adolescência. Não consta, porém, ao certo que chegasse a ser pajem dos reis, embora não ofereça dúvidas a sua permanência na corte.

Só depois da morte do contador-mor D. João Velázquez é que Inácio se alistou no exército do Duque de Nájera, D. Antonio Manrique, vice-rei da Navarra. Retifique-se de harmonia com estes dados o que vai escrito no texto.

[5] Talvez fosse aquela de quem recebia lições de bem viver e de alta cortesia, segundo o uso daquele tempo cavaleiresco. As princesas de sangue real não se desprezavam de dar esses ensinos de urbanidade aos jovens pajens que tinham captado o favor do

soberano.

Narrando ao Padre Gonçalves da Câmara este episódio da sua vida, Inácio não lhe deu outra explicação senão esta- "Ela era mais que duquesa". Ora, não havia então na corte de Espanha senão duas princesas de sangue real : Germana de Foix, - sobrinha de Luis XII e viúva de Fernando o Católico do qual era segunda esposa - e a jovem princesa Catarina do Aragão filha da rainha Joana.

[6] Os historiadores de Santo Inácio acusam os navarros de cobardia. Basta lançar uma vista de olhos para a situação política da Navarra nesta época para justificar o seu procedimento.

[7] Inácio de Loiola narrou este fato ao Padre Gonçalves da Câmara.

[8] Tendo sido destruída esta fortaleza, erigiu-se, no local por ela ocupado um santuário em honra de Santo Inácio de Loiola. Uma inscrição lembra o heroísmo de que ele deu provas naquele lugar antes de ser o herói evangélico a quem a Igreja deve a santa Companhia de Jesus.

[9] Ribadeneira.

[10] Esta cor era reservada aos gentis-homens do rei.

[11] Era este o trajo de rigor dos fidalgos da corte, quando não traziam a pesada armadura de guerra, que não usavam nunca fora do campo de batalha.

[12] Chamava-se juízo de Deus, ao resultado duma prova ou dum combate singular, cujo fim era reconhecer o culpado num negócio duvidoso. Aquele que saía vitorioso sem acidente da prova de fogo, da água ou das armas, era declarado inocente do crime de que o acusavam.

[13] João Chanones era francês e vigário geral do Bispo de Mirepoix, no Languedoc. Tendo tido a devoção de fazer uma peregrinação a Nossa Senhora de Monserrate não pôde resignar-se a abandonar aquele lugar bendito. Enviou a sua demissão ao seu Bispo, abraçou a regra de S. Bento, fez-se sempre notar pela sua eminente piedade e grandes virtudes, e morreu em odor de santidade na idade de

oitenta e oito anos, no convento em que não tinha cessado de dar edificação durante cinquenta e oito anos.

[14] Ribadeneira.

[15] Ribadeneira.

[16] Os antigos cavaleiros tinham uma só espora.

[17] Os candidatos comprometiam-se a defender à ponta da espada as viúvas, os órfãos, os oprimidos e a reparar todos os agravos, por toda a parte e sempre, para com e contra todos, nas longas e numerosas peregrinações que empreendiam.

[18] A espada e o punhal de Santo Inácio foram durante muito tempo religiosamente conservados na santa capela, onde os religiosos com todo o prazer os mostravam aos peregrinos, referindo sem se cansarem as minudências daquela vigília de armas, cuja tradição se conservava preciosamente no seu convento. Mais tarde, a Companhia de Jesus obteve a gloriosa espada do seu santo fundador, e foi concedida ao colégio de Barcelona. Em 1603, o abade de Monserrate mandou gravarem mármore esta inscrição, destinada a perpetuar a recordação desta comovente vigília: "Aqui, Inácio de Loiola misturando as suas lágrimas com as suas orações, consagrou-se a Deus e à Santíssima Virgem. Aqui velou uma noite inteira, vestido com uma túnica como sendo as suas armas espirituais. Daqui partiu, em 1522, para fundar a Companhia de Jesus. Esta pedra foi-lhe erigida pelo abade F. Lourenço Vítor, no ano de 1603".

[19] Crétineau-Joly, História da Companhia de Jesus.

[20] Segundo o Padre Bartoli o Padre Bouhours e o Padre Genelli, o enviado do alcaide perguntou a D. Inácio o seu nome e a terra da sua naturalidade, perguntas a que o Santo recusou responder. O Padre Ribadeneira, contemporâneo de Santo Inácio e que soube do próprio Santo grande parte dos factos que relata, diz: "O oficial não lhe perguntou nem quem era, nem aonde ia, e Inácio não lho disse".

[21] Ribadeneira

[22] Bartoli.

[23] Ribadeneira.

[24] Bartoli.

[25] Ribadeneira.

[26] Em 1553 foi elevado à dignidade de doge, e depois de uma santa vida, morreu em extrema velhice, durante a missa, a que assistia com o maior fervor.

[27] O Padre Genelli crê que Santo Inácio comunicou o seu pensamento íntimo aos religiosos franciscanos, mas confessa não ter prova uma disso.

[28] O Padre Genelli não pode admitir que o navio dos peregrinos se tenha dirigido ao porto da ilha de Chipre em vez de ir diretamente a Veneza. Mas sendo a maior parte dos peregrinos da ilha de Chipre é mais que provável que o navio, no qual tinham tomado passagem, fosse um navio grego que fizesse comércio com Veneza e com as principais cidades marítimas de Itália, o que explica que tivesse tomado passageiros em Veneza, reentrasse nas águas da ilha de Chipre para deixar mercadorias e tomar os passageiros que o esperavam, e que, no regresso, se fizesse a vela nessa direção.

[29] A família Pascoal cedeu-o, em 1606, ao duque de Mont-Leone, vice-rei da Catalunha, que instava com ela havia muito tempo para obter esta preciosa relíquia.

[30] Miguel Rodez teve mais tarde um filho que entrou na Companhia de Jesus, onde se distinguiu.

[31] O grande coração de Inácio de Loiola não esquecia nunca um benefício e era para ele uma felicidade testemunhar o seu reconhecimento. Depois da instituição da Companhia de Jesus, Jerónimo de Arce, irmão ou filho de André, fez uma viagem a Roma e chegou ali muito doente. Inácio, sabendo-o, foi vê-lo, e, temendo que lhe não prodigalizassem todos os cuidados desejáveis, deu-lhe para enfermeiro um irmão coadjutor, sangrou-o por suas próprias mãos e quis que Jerónimo encontrasse uma família na Companhia.

Naquele momento os doentes eram numerosos na casa professa, mas o amigo do santo fundador não pôde suspeitar o incômodo que a sua doença ocasionava, porque todos se julgavam felizes de contribuir para pagar a dívida do Pai comum.

[32] O Padre Genelli dá a data de 6 de Março, e, mais adiante, diz que o Santo saiu da prisão no dia 1 de junho, depois de lá ter estado quarenta e dois dias; ora, há mais de quarenta e dois dias de 6 de Março a 1 de Junho.

[33] O Padre Genelli chama-Ihe Cardena.

[34] Depois Arcebispo de Burgos e Cardeal.

[35] O hospital Saint-Jacques, fundado por Carlos Magno para os peregrinos, estava situado no local das ruas Saint-Jacques de-L'Hôpital e dos Peregrinos, na rua Saint-Denis.

[36] O colégio de Montaigu, situado no ângulo da praça Sainte-Geneviève e da rua dei Sept-Voies, em cujo edifício está hoje a biblioteca Saint-Geneviève.

[37] Pedro Quadrado fundou um colégio da Companhia de Jesus em Medina del Campo, e quis ser ele só a fazer as despesas

[38] Situado na rua Saint-Jean de Beauvais, no local da casa que tem hoje o número 7.

[39] Era uma cláusula inserta por ordem de João III, rei de Navarra no contrato de casamento de D. João de Jasso com D. Maria de Azpilcueta. O último dos seus filhos devia tomar o nome e as armas de Xavier e ser herdeiro deste feudo a fim de o conservar na família e de o perpetuar por um dos seus ramos..

[40] Nome do lugar do seu nascimento, perto de Palência.

[41] Este sobrinho era Antônio de Araoz.

[42] Os historiadores de Santo Inácio dizem que D. João de Equibar o viu "por uma fenda da porta". É mais verosímil que fosse como

nós indicamos, pela entreaberta duma porta mal fechada, como freqüentemente se vê nas vilas de Espanha e dos Pirineus.

[43]O Padre Bartoli diz que eles renovaram os seus votos no dia 24 de junho e só foram ordenados Sacerdotes mais tarde; mas Ribadeneira, Bouhours, Crétineau-Joly e o Padre Genelli são acordes em fixar a data desta ordenação em 24 de junho de 1537.

[44] O Padre Genelli diz que Santo Inácio soube esta notícia em Veneza, mas o Padre Ribadeneria, que colheu estas informações do Padre Laynez, afirma que foi no hospital de Vicência. Bartoli e Bouhours também o afirmam.

[45] Era esta a maneira que o Santo usava quando falava aos seus primeiros companheiros. Chamava-lhes sempre na intimidade: Pedro, Francisco, etc.

[46] Os historiadores modernos demonstram que a tentação de vida eremítica, sofrida por Simão Rodrigues em S. Vito, é uma pura lenda a que deu fundamento um facto semelhante ocorrido algum tempo antes no eremitério de Santo Nicolas-du-Port. Cfr. F. Rodrigues, História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal, tomo I, pág. 74, nota.

[47] Santo Inácio, fixado em Roma depois do estabelecimento da Companhia de Jesus, quando recordava os anos decorridos entre a sua conversão e a sua chegada a Roma, não falava nunca de si senão na terceira pessoa chamando-se o peregrino.

[48] No santo encontramos o guerreiro. A palavra companhia, na língua espanhola, significa uma companhia de homens de armar.

[49] Segundo Crétineau-Joly, foi no mês de Outubro de 1538, mas todos os historiadores do ilustre fundador são acordes em fixar a época desta viagem no ano de 1537. Além disso existe uma carta do Santo, que não deixa dúvidas acerca deste ponto. Nessa carta, dirigida a D. Isabel de Roselo e datada de Roma aos 19 de Dezembro de 1538, Santo Inácio diz-lhe; "Há mais de um ano que estamos em Roma três da Companhia. Mas ha de año, que tres de la Compañia llegamos aqui en Roma. Este testemunho é irrecusável.

[50] Segundo o Padre Bouhours, Santo Inácio foi habitar a casa das Vinhas no momento da chegada dos Padres, para ter alojamentos necessários para os receber. O Padre Bartoli diz, ao contrário, que ele a abandonou naquela ocasião, e, mais tarde falando da torre Melangolo diz: "Foi a nossa residência em Roma". Além disso, o sobrescrito da primeira carta de S. Francisco Xavier a Santo Inácio de Loiola não deixa dúvidas a este respeito. Esta carta datada de Bolonha aos 31 de Março de 1540, é dirigida a D. Inácio de Loiola, em Roma, na torre Melangolo, em cara de D. Antônio Frangipani. Esta torre, foi pois, a segunda residência da Companhia de Jesus em Roma, e a casa das Vinhas, perto dos Mínimos da SS. Trindade do Monte, foi a primeira.

[51] "É para nós evidente, - escrevia o seu secretário João de Polanco-, que Inácio havia conhecido, por algumas revelações do próprio Jesus, o nome que a sua Ordem devia ter; porque, apesar das advertências ou censuras que recebeu sobre a nossa pretendida usurpação deste santo nome, permaneceu sempre firme em conservá-lo. Ouvi-lhe eu dizer que, ainda que todos os homens lhe aconselhassem que tomasse outro nome, jamais a isso se determinaria. Só exceptuava desta hipótese as pessoas às quais devia obediência sob pena de pecado. Ora para quem conhecia a humildade de Inácio e a sua disposição em renunciar à sua própria vontade e a submeter-se à opinião dos outros, tão grande firmeza, e_ melhor ainda, uma tal tenacidade em recusar-se a atender a todas as advertências que recebia a este respeito, davam a convicção de que ele não considerava este negócio como puramente humano. Só procedia assim nos casos em que as luzes de alto tinham fixado a sua determinação."

"Deve observar-se também que nós nos não intitulamos Companhia de Jesus como tendo a presunção de nos crer dignos de ser verdadeiramente seus companheiros, mas somente no sentido militar em que uma. companhia toma o nome daquele que a comanda" (Bartoli).

[52] Escrito em língua espanhola e sem data; ao menos Bartoli não a dá.

[53] No livro Da existência e do instituto dos Jesuítas, do Padre Ravignan, há um capítulo que dá bastantes esclarecimentos sobre estas Constituições. Há tradução portuguesa deste livro, que é

editado pela administração do Novo Mensageiro do Coração de Jesus, de Lisboa.

[54] É o que dirige a administração temporal, sob as ordens do superior..

[55] Esta condição não pôde ser cumprida senão depois da morte de Santo Inácio, sob o generalato do Padre Laynez. Examinadas e aprovadas então pela congregação geral da Ordem, em 1558, foram apresentadas ao exame da autoridade apostólica, que as aprovou sem lhes mudar uma só palavra.

[56] Bartoli eleva o número a vinte e quatro, mas Santo Inácio, na carta em que Relata ao Cardeal Motoni os inícios deste colégio, só fala em vinte.

[57] Era o Padre Martinho Olave, que, então de perfeita saúde, morreu a 6 de Agosto seguinte.

- Anterior
- Índice